

THE NEW YORK TIMES BESTSELLER

FREDRIK BACKMAN

BEAR TOWN



A cidade dos grandes sonhos





© Linnéa Jonasson Bernholm

Fredrik Backman nasceu em 1981, na Suécia, e foi colunista e *blogger* antes de se aventurar como romancista. Os seus livros são *bestsellers* mundiais, com grande sucesso junto do público e da crítica, e várias adaptações ao pequeno e ao grande ecrã. *Beartown* foi adaptado a série televisiva pelo canal de *streaming* HBO.

Beartown – A cidade dos grandes sonhos

Fredrik Backman

Publicado em Portugal por

Porto Editora

Divisão Editorial Literária – Lisboa

Email: dellisboa@portoeditora.pt

Título original:

Björnstad

© Fredrik Backman, 2016

Publicado por acordo com Salomonsson Agency

Tradução: Elsa T. S. Vieira

Design da capa: © Alan Dingman

Imagens da capa: © Shutterstock e Chuck Franklin/Alamy Stock
Photo

1.^a edição em papel: junho de 2021

Rua da Restauração, 365

4099-023 Porto

Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-67471-5

*Para a minha avó, Saga Backman,
que me ensinou a gostar de desporto.
A minha vida teria sido muito enfadonha sem ela.
Espero que o grande bar no Céu sirva dry martinis
feitos como deve ser,
e que passem sempre o torneio de Wimbledon
em ecrã gigante.
Tenho muitas saudades.*

*E para Neda Shafti-Backman, a minha melhor amiga
e a minha amiga mais engraçada,
inteligente e contestatária,
que me levanta do chão quando eu preciso
e me mantém os pés assentes na terra quando eu
mereço.
Asheghetam*

Uma noite, em finais de março, uma adolescente pegou numa caçadeira de canos duplos, entrou na floresta, encostou a arma à testa de outra pessoa e puxou o gatilho.

Esta é a história de como chegámos a esse momento.

Bang-bang-bang-bang-bang.

Em Björnstad¹, é uma sexta-feira em princípios de março e ainda não aconteceu nada. Está toda a gente à espera. Amanhã, a equipa de juniores do Clube de Hóquei no Gelo vai jogar as meias-finais do maior torneio de jovens do país. Que importância poderá ter um evento desses? Na maior parte dos sítios, não muita, claro. Mas Björnstad não é como a maior parte dos sítios.

Bang. Bang. Bang-bang-bang.

A cidade acorda cedo, como acontece todos os dias; as cidades pequenas precisam de um certo avanço se querem ter hipótese de chegar a algum lado neste mundo. Os carros arrumados no parque de estacionamento em frente da fábrica já estão cobertos de neve, enquanto as pessoas avançam em filas silenciosas, de olhos meio abertos e mentes meio fechadas, à espera de que os cartões magnéticos confirmem a sua existência no relógio de ponto eletrónico. Batem com as botas no chão para sacudir a lama, com olhos em piloto automático e vozes de gravador de mensagens, e esperam que a sua droga de eleição – seja cafeína, nicotina ou açúcar – comece a fazer efeito e lhes deixe o corpo pelo menos minimamente funcional até à hora da primeira pausa.

Na estrada, lá fora, outras pessoas seguem caminho para as cidades maiores que ficam para além da floresta. Batem com as mãos enluvadas nas saídas de ar quente dos carros e soltam o tipo de imprecações que uma pessoa só ousa proferir quando está bêbada, moribunda ou sentada num *Peugeot* gelado a esta hora madrugadora.

Se estivessem em silêncio, conseguiriam ouvir à distância: *Bang-bang-bang. Bang. Bang.*

Maya acorda e fica na cama, a tocar guitarra. As paredes do quarto estão cobertas por uma mistura de desenhos a lápis e bilhetes guardados de concertos a que assistiu em cidades longe

daqui. Muito menos dos que gostaria de ter visto, mas bastantes mais do que aqueles que os pais tinham de facto autorizado. Adora tudo na sua guitarra – o peso contra o seu corpo, a forma como a madeira responde quando nela tamborila com as pontas dos dedos, as cordas que lhe vincam a pele dos dedos. As notas simples, os *riffs* suaves – para ela, é tudo um jogo maravilhoso. Tem quinze anos e já se apaixonou muitas vezes, mas a guitarra será sempre o seu primeiro amor. Ajudou-a a tolerar a vida em Björnstad e a lidar com o facto de ser a filha do diretor-geral de uma equipa de hóquei no gelo no meio da floresta.

Maya detesta hóquei, mas compreende o amor do pai pelo desporto: é apenas um instrumento diferente do dela. Às vezes, a mãe segreda-lhe ao ouvido: «Nunca confies numa pessoa que não ame pelo menos uma coisa na vida de forma completamente irracional.»

A mãe ama um homem que ama um sítio que ama um desporto. Esta é uma cidade de hóquei, e há muita coisa que se poderia dizer sobre esse tipo de cidades, mas, pelo menos, são previsíveis. Quem aqui vive sabe o que pode esperar. Dia após dia após dia.

Bang.

Björnstad não fica perto de nada. Até nos mapas parece esquisita. «Como se um gigante embriagado tivesse tentado escrever o nome com mijo na neve», poderão dizer alguns. «Como se homem e natureza estivessem a lutar por espaço», diriam almas mais sensíveis. De qualquer maneira, a cidade está a perder a luta. Há muito tempo que não ganha nada. Todos os anos desaparecem mais empregos e, com os empregos, vão-se as pessoas, e todas as estações a floresta devora mais uma ou duas casas abandonadas. No tempo em que ainda tinham algo de que se vangloriar, a câmara municipal ergueu um cartaz ao lado da estrada, à entrada da cidade, com o tipo de *slogan* que era popular na altura: «Björnstad – ficará com fome de voltar!» O vento e a neve demoraram apenas alguns anos a apagar as palavras «de voltar». Às vezes, toda a comunidade se sente como se fosse uma experiência filosófica: se

uma cidade cai na floresta, mas ninguém a ouve, terá alguma importância?

Para responder a essa pergunta, é preciso caminhar umas centenas de metros, em direção ao lago. O edifício que aí se encontra pode não parecer grande coisa, mas é um ringue de gelo. Construído há quatro gerações por operários fabris, homens que trabalhavam seis dias por semana e precisavam de ter qualquer coisa por que ansiar no sétimo. Todo o amor que esta cidade conseguiu derreter foi passado de geração em geração e parece acabar ainda hoje dedicado ao jogo: gelo e tábuas, linhas vermelhas e azuis, *sticks* e discos, e toda a determinação e força dos corpos jovens que se lançam a toda a velocidade para os cantos do ringue, na perseguição a esses discos. As bancadas enchem-se todos os fins de semana, ano após ano, apesar de as proezas da equipa terem desabado a par da economia da cidade. Talvez até seja esse o motivo – porque toda a gente tem esperança de que a sorte da equipa, quando melhorar outra vez, ajude a reerguer o resto da cidade.

E é por isso que lugares como este têm sempre de depositar as suas esperanças de futuro nos jovens. Eles são os únicos que não se lembram de que as coisas já foram melhores, o que pode ser uma bênção. Assim, treinaram a equipa de juniores com os mesmos valores que os seus antepassados usaram para construir a comunidade: trabalhar arduamente, aguentar as pancadas, não se queixar, manter a boca fechada e mostrar aos filhos da mãe das cidades grandes de onde é que somos. Por aqui, não há muita coisa digna de nota. Mas qualquer pessoa que cá tenha estado sabe que é uma cidade de hóquei.

Bang.

Amat está quase a fazer dezasseis anos. O seu quarto é tão pequeno que, se fosse num apartamento maior, num bairro abastado de uma cidade grande, mal poderia ser considerado uma despensa. As paredes estão repletas de *posters* de jogadores da NHL, com duas exceções. A primeira é uma fotografia de si próprio,

aos sete anos, com umas luvas demasiado grandes e o capacete caído até ao meio da testa, o mais pequeno dos rapazes no rink de gelo. A outra é uma folha de papel branco no qual a mãe escreveu partes de uma oração. Quando Amat nasceu, ela ficou deitada com ele em cima do peito numa cama estreita, num pequeno hospital do outro lado do planeta, como se fossem as duas únicas pessoas à face da Terra. Uma enfermeira murmurou então a oração ao ouvido da mãe – dizia-se que era a oração escrita na parede por cima da cama de Madre Teresa –, na esperança de assim dar alguma força e esperança àquela mulher solitária. Quase dezasseis anos depois, o papel ainda está colado na parede do quarto do filho. As palavras talvez não estejam certas na totalidade, mas ela escreveu-as o melhor que as conseguia recordar:

Se fores honesto, podem enganar-te. Mesmo assim, sê honesto.

Se fores bondoso, podem acusar-te de egoísmo. Mesmo assim, sê bondoso.

Todo o bem que fizeres hoje pode ser esquecido amanhã. Mesmo assim, faz o bem.

Amat dorme com os patins ao lado da cama, todas as noites.

«Deve ter sido complicado para a tua pobre mãe dar-te à luz já de patins calçados», costuma dizer o guarda do rink, para se meter com ele. Já se ofereceu para o deixar guardar os patins num cacifo no armazém da equipa, mas Amat gosta de os levar quando vai para o rink e de os trazer consigo depois. Quer tê-los sempre por perto.

Amat nunca foi tão alto como os outros jogadores, nunca foi tão musculado como eles, nunca disparou o disco com tanta força. Mas ninguém na cidade o consegue apanhar. Ninguém, em nenhuma das equipas com que se cruzou até agora, é tão rápido como ele. Não sabe explicar porquê, mas calcula que é mais ou menos o que acontece quando as pessoas olham para um violino: algumas veem apenas um monte de madeira e parafusos, enquanto outras veem música. Nunca se sentiu limitado pelos patins. Pelo contrário,

quando enfia os pés num par de sapatos normais, sente-se como um marinheiro em terra firme.

As últimas linhas que a mãe escreveu naquela folha de papel na parede do seu quarto dizem o seguinte:

Aquilo que criares pode ser destruído por outros. Mesmo assim, cria.

Porque, no fim, é entre ti e Deus. Nunca foi entre ti e mais ninguém.

Logo por baixo, a lápis vermelho, na caligrafia determinada de um aluno da escola primária, diz:

Dizem que sou muito pequeno para jogar! Mesmo assim, vou ser um bom jogador!

Bang.

Uma vez, há muito, muito tempo, a equipa principal de hóquei no gelo de Björnstad – a que fica acima dos juniores – foi a segunda melhor da primeira divisão nacional. Passaram entretanto mais de duas décadas e a equipa desceu três divisões, mas amanhã Björnstad vai jogar de novo contra os melhores. Então, que importância pode ter afinal um jogo de juniores? Até que ponto pode uma cidade estar interessada nas meias-finais que um bando de adolescentes vai jogar num torneio de uma liga pouco importante? Não muito, é claro. Se não se tratasse deste pontinho específico no mapa.

Uns duzentos metros a sul do cartaz à beira da estrada ficam os Montes, um pequeno aglomerado de casas caras com vista para o lago. As pessoas que vivem nelas são proprietárias de supermercados, diretoras de fábricas ou aquelas que têm empregos melhores em cidades maiores, onde os colegas, nas festas da empresa, perguntam, de olhos muito abertos: «Björnstad?! Como é que consegues viver tão longe, no meio da floresta?» Eles dão uma resposta qualquer sobre caça e pesca, ou mencionam a

proximidade da natureza; porém, hoje em dia, quase todos começam a perguntar-se se conseguirão mesmo continuar a viver ali. Perguntam-se se restará alguma coisa além do valor das propriedades, que parece baixar tão depressa como as temperaturas.

Depois, acordam ao som de um *bang*. E sorriem.

¹ Em sueco, literalmente, «Cidade do Urso». (*N. do E.*)

Há mais de dez anos que os vizinhos se habituaram aos barulhos provenientes do quintal da família Erdahl: *bang-bang-bang-bang-bang*. Depois, uma breve pausa enquanto Kevin recolhe os discos. E de novo *bang-bang-bang-bang-bang*. Kevin tinha dois anos e meio da primeira vez que calçou um par de patins, três anos quando recebeu o seu primeiro *stick*. Aos quatro, era melhor do que os miúdos de cinco, e aos cinco era melhor do que os de sete. No inverno a seguir ao seu sétimo aniversário, sofreu queimaduras de frio tão graves que, se uma pessoa se aproximar o suficiente, ainda consegue ver as pequenas cicatrizes brancas nas maçãs do seu rosto. Tinha disputado nessa tarde o seu primeiro jogo a sério e, nos últimos segundos da partida, falhou um golo com a baliza aberta. Os infantis de Björnstad ganharam por 12-0 e Kevin marcou todos os golos, mas, mesmo assim, ficou inconsolável. Nessa noite, os pais descobriram que ele não estava na cama e, à meia-noite, metade da cidade andava à procura dele na floresta. Na cidade de Björnstad não se brinca às escondidas – uma criança não precisa de se afastar muito para ser engolida pelas trevas, e um corpo tão pequeno não demora muito a morrer de frio quando a temperatura é trinta graus abaixo de zero. Só ao nascer do dia é que alguém percebeu que o menino não estava entre as árvores, mas sim no lago congelado. Tinha arrastado para lá uma rede e cinco discos, bem como todas as lanternas que conseguira encontrar, e passara horas a disparar o disco do mesmo ângulo em que falhara a última jogada da partida. Soluçou desconsolado enquanto o levavam para casa. As cicatrizes brancas nunca desapareceram. Com apenas sete anos, já toda a gente sabia que ele tinha o urso dentro de si. É o tipo de coisa que não se consegue ignorar.

Os pais mandaram construir, do seu próprio bolso, um pequeno rinque só para ele no quintal. Todas as manhãs, Kevin limpava a neve do gelo, e todos os verões os vizinhos exumavam cemitérios de discos dos seus canteiros. Durante gerações, encontrar-se-iam restos de borracha vulcanizada no solo em volta da casa.

Ano após ano, ouviram o rapaz crescer – as pancadas iam-se tornando cada vez mais fortes, cada vez mais rápidas. Ele tem agora dezassete anos, e a cidade não via um jogador com talento semelhante, nem de longe, desde que a equipa esteve na primeira divisão, antes de ele nascer. Tem a estatura, as mãos, a cabeça e o coração de um jogador. Mas, acima de tudo, tem a visão: aquilo que vê no gelo parece acontecer mais devagar aos seus olhos do que aos olhos das outras pessoas. É possível ensinar muita coisa sobre hóquei, mas isto é algo que não se aprende. Ou se nasce com a visão, ou não se nasce.

«O Kevin? É um jogador a sério», diz sempre Peter Andersson, o diretor-geral do clube, e ele sabe do que fala: o último jogador desta categoria que houve em Björnstad foi o próprio Peter, que chegou ao Canadá e à NHL, onde defrontou os melhores do mundo.

Kevin sabe o que é preciso; toda a gente lho diz desde que calçou o primeiro par de patins. O desporto exige que dê tudo o que tem, nem mais nem menos. Assim, todas as manhãs, enquanto os colegas ainda dormem debaixo dos edredões quentes, ele dá uma corrida na floresta e depois vai para o rink do quintal. *Bang-bang-bang-bang-bang-bang*. Apanha os discos. *Bang-bang-bang-bang-bang-bang*. Apanha os discos. Treina com a equipa de juniores todas as tardes e com a equipa principal todas as noites; depois vai para o ginásio, a seguir dá mais uma corrida na floresta, e por fim passa uma última hora aqui, sob a luz dos holofotes montados no telhado da casa para esse fim.

Este desporto só exige uma coisa dele – tudo aquilo que ele tem para dar.

Kevin já recebeu todo o tipo de ofertas para se transferir para as equipas grandes, para frequentar uma escola de hóquei numa cidade maior, mas continua a recusar. É um homem de Björnstad, o seu pai é um homem de Björnstad, e isso pode não significar nada noutros lados, mas aqui significa alguma coisa.

Então, que importância pode ter o jogo das meias-finais de um torneio de juniores? Serem a melhor equipa de juniores faria com que o resto do país se voltasse a lembrar da existência da cidade. E talvez os políticos decidissem gastar algum dinheiro para fundar

uma escola de hóquei aqui, e não em Hed, de modo a que os jovens mais talentosos desta parte do país quisessem mudar-se para Björnstad, e não para as cidades grandes. Para que uma equipa de seniores, repleta de jogadores locais, pudesse chegar novamente à primeira divisão, voltar a atrair os grandes patrocinadores, fazer com que a câmara construísse um rinko novo e estradas melhores para lá chegar, talvez até o centro de conferências e o centro comercial de que se fala há anos. Para que pudessem surgir novos negócios, e mais empregos, para que as pessoas da cidade talvez começassem a pensar em remodelar as suas casas em vez de as vender. Seria importante para a economia da cidade. Para o seu orgulho. Para a sua sobrevivência.

Tão importante que um rapaz de dezassete anos, num quintal particular, aqui se mantém desde que ficou com a cara queimada pelo frio uma noite, há dez anos, e continua a disparar disco após disco com o peso de toda uma comunidade sobre os ombros.

Significa tudo. Só isso.

A norte dos cartazes, à entrada de Björnstad mas do lado oposto aos Montes, fica o Covão. Entre um local e outro, o centro de Björnstad consiste de casas geminadas e pequenas vivendas, numa escala suavemente descendente de classe média; mas aqui, no Covão, não há nada senão prédios de apartamentos arrendados, construídos o mais longe possível dos Montes. Ao princípio, os nomes destes bairros eram apenas descrições pouco imaginativas: o Covão fica mais baixo do que o resto da cidade, no ponto onde começa o declive que termina numa velha pedreira. Os Montes ficam na colina virada para o lago. Mas depois de a situação financeira dos residentes se dividir segundo as mesmas linhas, os nomes começaram a significar também diferenças de classe, e não apenas de zona. Até as crianças sabem que, quanto mais longe uma pessoa viver do Covão, melhor é a sua vida.

Fatima vive num apartamento de três assoalhadas quase no fim do Covão. Arranca o filho da cama com gentileza e força; ele pega nos patins e, pouco depois, estão sozinhos no autocarro, em

silêncio. Amat aperfeiçoou um sistema de mover o corpo sem que a cabeça tenha de acordar realmente. Fatima chama-lhe, com ternura, «Múmia». Quando chegam ao ringue, ela veste o uniforme de empregada de limpeza e ele tenta ajudá-la a apanhar o lixo das bancadas, até ela gritar com ele e o enxotar, altura em que vai à procura do guarda. O rapaz preocupa-se com as costas da mãe, e ela preocupa-se que os outros rapazes o vejam a ajudá-la e gozem com ele. Estão os dois sozinhos no mundo desde que Amat tem memória. Quando era pequeno, costumava recolher as latas de cerveja vazias das bancadas ao fim do mês para receber o depósito. Às vezes, ainda o faz.

Todas as manhãs, ajuda o guarda a abrir portas e a verificar as luzes, a organizar os discos e a conduzir o nivelador de gelo, a preparar o ringue para mais um dia. Os primeiros a aparecer são os patinadores artísticos, nos horários mais antissociais. Depois, todas as equipas de hóquei, uma após outra, por ordem de importância. Os melhores horários são reservados para os juniores e para os seniores. A equipa de juniores agora é tão boa que está quase no topo da hierarquia.

Amat ainda não está nos juniores porque tem apenas quinze anos, mas talvez lá chegue na próxima época. Se fizer tudo aquilo que lhe é exigido. Um dia há de tirar a mãe daqui, tem a certeza disso. Um dia deixará de estar sempre a somar e a subtrair mentalmente o rendimento e as despesas. Há uma diferença óbvia entre as crianças que vivem em casas onde o dinheiro pode acabar, e as outras. Também faz diferença a idade em que se apercebem disso.

Amat sabe que as suas opções são limitadas, por isso, o seu plano é simples; daqui para a equipa de juniores, depois a equipa de seniores, depois jogador profissional. Assim que o primeiro salário cair na sua conta, arrancará aquele carrinho de material de limpeza das mãos da mãe e nunca mais a deixará voltar a pôr-lhe a vista em cima. Deixará que ela descanse os dedos doridos e alivie as costas. Não quer bens materiais. Só quer deitar-se na cama uma noite, uma única noite, sem ter de fazer contas à vida.

O guarda dá uma palmadinha no ombro de Amat quando este termina as suas tarefas e passa-lhe os patins. Amat calça-os, pega no *stick* e desce para o gelo vazio. Foi o acordo que fizeram: o guarda tem ajuda com o trabalho mais pesado – com as portas, com as coisas que se tornam difíceis para ele por causa do reumatismo – e, desde que encha de novo o gelo depois de treinar, Amat pode ter o rink só para si durante uma hora antes de os patinadores artísticos chegarem. São os melhores sessenta minutos do seu dia, todos os dias.

Enfia os auriculares nas orelhas, levanta o volume para o máximo e começa a acelerar. Atravessa o gelo e embate com tanta força nas tábuas do outro lado que o seu capacete ressalta no vidro. Para o outro lado, novamente a toda a velocidade. E outra vez. E outra. E outra.

Fatima ergue por um momento os olhos do carrinho, permite-se parar por um instante para ver o filho lá em baixo. O seu olhar cruza-se com o do guarda e murmura-lhe: «Obrigada.» Ele simplesmente acena com a cabeça e disfarça um sorriso. Fatima lembra-se de como achou estranho quando os treinadores do clube lhe disseram pela primeira vez que Amat tinha um talento excecional. Nessa altura, ela ainda só compreendia algumas palavras da língua e o facto de Amat conseguir patinar quando ainda mal sabia andar era, para ela, um mistério divino. Passaram muitos anos desde então e Fatima ainda não se habituou ao frio em Björnstad, mas aprendeu a amar a cidade por aquilo que é. E nunca encontrará nada mais desconcertante na sua vida do que o facto de o rapaz que deu à luz num sítio que nunca viu neve ter nascido para praticar um desporto sobre o gelo.

Numa das casas mais pequenas no centro da cidade, Peter Andersson, o diretor-geral do Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad, sai do chuveiro, de olhos vermelhos e ofegante. Mal pregou olho nessa noite e a água não ajudou a livrar-se dos nervos. Já vomitou duas vezes. Ouve Kira passar no corredor do outro lado

da porta, para ir acordar os filhos, e sabe exatamente o que ela vai dizer: «Por amor de Deus, Peter, tens mais de quarenta anos! Quando o diretor-geral está mais nervoso do que os próprios jogadores por causa de um jogo de juniores, talvez esteja na altura de tomares um tranquilizante, beberes qualquer coisa e de te acalmares um bocadinho!» A família Andersson vive aqui há mais de uma década, desde que deixaram o Canadá para regressar à cidade natal de Peter, mas ele ainda não conseguiu fazer com que a mulher compreendesse o que o hóquei significa em Björnstad. Kira passou a época inteira a dizer: «A sério? Não achas que estão todos a ficar um bocadinho entusiasmados de mais, para um bando de homens feitos? Os juniores têm dezassete anos, ainda são praticamente crianças!»

Ao princípio, ele não respondeu. Mas uma noite, já tarde, disse-lhe a verdade:

– Eu sei que é só um jogo, Kira. Eu sei. Mas nós somos uma cidade no meio da floresta. Não temos turismo, nem minas, nem indústrias tecnológicas. O que temos é escuridão, frio e desemprego. Se conseguirmos trazer algum entusiasmo de volta a Björnstad, seja por aquilo que for, só pode ser uma coisa boa. Sei que tu não és daqui, meu amor, e que esta não é a tua cidade, mas olha em volta: os empregos estão a desaparecer, a câmara está a cortar no orçamento. As pessoas que aqui vivem são duras, temos o urso dentro de nós, mas há muito tempo que levamos pancada atrás de pancada. Esta cidade precisa de ganhar alguma coisa. Precisamos de sentir, por uma vez que seja, que somos os melhores. Eu sei que é um jogo. Mas não é só um jogo. Nem sempre.

Kira beijou-o na testa quando ele o disse, abraçou-o com força e murmurou-lhe ao ouvido:

– És um idiota.

E ele sabe que é, claro.

Sai da casa de banho e bate à porta do quarto da filha de quinze anos até ouvir a resposta da guitarra. Ela adora guitarra e não desporto. Há dias em que isso o deixa triste, mas na maior parte do tempo fica feliz por ela.

Maya ainda está deitada na cama e toca mais alto quando ouve os pais, do lado de fora do quarto, a bater-lhe à porta. Uma mãe com dois cursos universitários, que consegue citar de memória todo o código penal, mas que seria incapaz de explicar o que é um fora de jogo mesmo que estivesse perante um juiz. Um pai que, pelo contrário, consegue descrever com todos os pormenores cada estratégia do hóquei, mas que não é capaz de ver uma série de televisão com mais de três personagens sem exclamar de cinco em cinco minutos: «O que é que está a acontecer? Quem é aquele? Não me mandes calar! Agora não ouvi o que eles disseram... Podes pôr para trás?»

Maya não consegue conter uma risada e um suspiro quando pensa nestas coisas. Não há ninguém que queira sair de casa mais do que um adolescente de quinze anos. É como a mãe costuma dizer, quando o frio e a escuridão lhe esgotam a paciência e já bebeu três ou quatro copos de vinho: «Nesta cidade não se vive, Maya, sobrevive-se.»

Nenhuma delas faz a mais pequena ideia de como isso é verdade.

Do balneário à sala da direção, os rapazes e os homens do Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad estão unidos por um único lema: «Tetos altos e paredes grossas.» As palavras duras fazem parte do jogo, tanto como as placagens duras, mas o edifício é sólido e espaçoso o suficiente para impedir que quaisquer lutas e discussões extravasem para o exterior. Isso aplica-se tanto ao gelo como fora dele, porque toda a gente tem de perceber que o bem do clube está acima de tudo o resto.

Ainda é de manhã cedo e o resto do rink está mais ou menos deserto, à exceção do guarda, da empregada de limpeza e de um membro solitário da equipa de juvenis a patinar de um lado para o outro no gelo. Porém, de um dos gabinetes no piso superior, as vozes elevadas de homens de fato ecoam nos corredores. Na parede, há uma fotografia de há vinte anos, o ano em que a equipa principal de hóquei no gelo de Björnstad foi a segunda melhor do país. Alguns dos homens presentes na sala estavam lá nesse tempo, outros não, mas todos estão decididos a voltar a essa era. Esta vai deixar de ser uma cidade que definha, esquecida, nas ligas inferiores. Vão regressar à elite, desafiar as maiores equipas.

O presidente do clube está sentado atrás da sua secretária. É o homem mais suado da cidade, sempre preocupado, como uma criança que roubou alguma coisa, e hoje está a suar mais do que nunca. Tem a camisa salpicada de migalhas da sanduíche que está a comer, de forma tão desastrada que mais parece que nunca compreendeu bem tal conceito. É o que faz quando está nervoso. Este é o seu gabinete, mas tem menos poder do que qualquer um dos outros homens aqui presentes.

Vista de fora, a hierarquia de um clube é simples: a direção nomeia um presidente, que é responsável pela gestão diária do clube, e por sua vez o presidente nomeia um diretor-geral, que por sua vez recruta os jogadores para a equipa sénior e contrata treinadores. Os treinadores escolhem as equipas e ninguém mete o nariz no trabalho dos outros. Porém, atrás das portas fechadas é tudo muito diferente, e o presidente do clube tem sempre motivos

para andar coberto de suor. Os homens que o rodeiam são membros da direção e patrocinadores, um deles é um autarca local e, em conjunto, representam os maiores investidores e empregadores do distrito. E, claro, a presença de todos aqui é «não oficial». É o que se diz quando os homens que detêm toda a influência e todo o dinheiro se reúnem por acaso para beber café no mesmo sítio a esta hora da manhã, tão cedo que nem os repórteres locais acordaram ainda.

Uma vez que a máquina de café do Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad precisa de uma grande limpeza, mais ainda do que o presidente do clube, é óbvio que ninguém está aqui por causa do conteúdo das suas chávenas. Cada um dos homens presentes tem os seus próprios interesses, as suas próprias ambições para um clube de sucesso, mas possuem acima de tudo uma coisa em comum: estão de acordo quanto a quem deve ser despedido.

Peter nasceu e foi criado em Björnstad e, aqui, já foi muitas pessoas diferentes: um miúdo nas aulas de patinagem, um juvenil prometedo, o jogador mais novo da equipa sénior, o capitão da equipa que quase foi a melhor do país, a grande estrela que se tornou jogador profissional na NHL e, por fim, o herói que regressou a casa para se tornar diretor-geral da equipa.

E neste preciso momento é um homem que cambaleia ensonado no vestíbulo da sua pequena casa, bate com a cabeça no cabide dos chapéus a cada terceiro balanço e murmura:

– Por amor de Deus... *alguém* viu as chaves do *Volvo*?

Procura em todos os bolsos do casaco pela quarta vez. O filho de doze anos aparece no corredor e saltita agilmente à volta dele sem tirar os olhos do telemóvel.

– Viste as chaves do *Volvo*, Leo?

– Pergunta à mamã.

– Onde está a mamã, então?

– Pergunta à Maya.

Leo desaparece na casa de banho. Peter respira fundo.

– *Querida?*

Ninguém responde. Olha para o telemóvel. Já recebeu quatro mensagens do presidente do clube a dizer-lhe que tem de ir para o escritório. Numa semana normal, Peter passa setenta a oitenta horas no rink e mesmo assim mal tem tempo para ver os treinos do próprio filho. Tem um conjunto de tacos de golfe no carro que usa talvez duas vezes por verão, com sorte. O trabalho de diretor-geral ocupa-lhe todo o tempo que tem: negocia contratos com jogadores, fala com agentes ao telefone, estuda potenciais recrutas na penumbra de salas de visualização de vídeos. Mas como este é um clube pequeno, quando Peter termina o seu trabalho, ajuda o guarda a mudar as lâmpadas fluorescentes e a afiar os patins, reserva autocarros para os jogos fora, encomenda equipamento e faz as vezes de agente de viagens e administrador, e passa tantas horas a trabalhar na manutenção do rink como a construir a equipa. Isso consome-lhe o resto do dia. O hóquei nunca se dá por satisfeito em ser apenas parte da vida de uma pessoa – quer sempre ser a sua vida toda.

Quando Peter aceitou o cargo, passou uma noite inteira a falar ao telefone com Sune, o homem que é o treinador da equipa sénior de Björnstad desde que Peter era rapaz. Foi Sune que o ensinou a patinar, que lhe ofereceu um sítio onde dormir quando a casa de Peter se enchia de álcool e nódoas negras. Tornou-se muito mais um mentor e uma figura paterna do que um treinador, e houve alturas na vida de Peter em que sentiu que o velhote era a única pessoa em quem podia realmente confiar.

«Agora tens de ser o elo de união», explicou Sune ao novo diretor-geral. «Toda a gente tem algum interesse pessoal: os patrocinadores, os políticos, os apoiantes, os treinadores, os jogadores e os pais, todos tentam puxar o clube na direção que mais lhes convém. Tu é que tens de os unir a todos.»

Quando Kira acordou, na manhã seguinte, Peter explicou-lhe o trabalho da maneira mais simples possível: «Toda a gente em Björnstad tem uma paixão ardente por hóquei. O meu trabalho é garantir que ninguém arde mesmo.» Kira beijou-o na testa e disse-lhe que era um idiota.

– QUERIDA, VISTE AS CHAVES DO VOLVO? – grita Peter para a casa toda.

Ninguém responde.

Os homens no escritório decidem o que há a decidir, de forma fria e desapaixonada, como se estivessem a falar em substituir uma peça de mobiliário. Na antiga fotografia de equipa, Peter Andersson está de pé no centro; era capitão de equipa nessa altura, é diretor-geral agora. É a história perfeita de sucesso – os homens aqui presentes sabem como é importante alimentar esse tipo de mitologia, tanto para a imprensa como para os fãs. Ao lado de Peter, na fotografia, está Sune, o treinador dos seniores, que persuadiu Peter a trocar o Canadá pela sua cidade natal, a regressar com a família depois de a sua carreira de jogador profissional ter chegado ao fim. Os dois, juntos, reconstruíram as camadas jovens com a ambição de, um dia, terem a melhor equipa de juniores do país. Na altura todos se riram deles, mas agora ninguém está a rir. Amanhã, esses juniores vão disputar uma meia-final e, para o ano, Kevin Erdahl e mais alguns dos rapazes passarão para a equipa principal, os patrocinadores investirão milhões no clube e o desafio de regressar à elite começará a sério. E nada disso teria acontecido sem Peter, que sempre foi o melhor aluno de Sune.

Um dos patrocinadores olha para o relógio, irritado.

– Ele não devia já estar aqui?

O telefone do presidente escorrega-lhe entre os dedos suados.

– Tenho a certeza de que vem a caminho. Deve ter ido deixar os filhos à escola.

O patrocinador faz um sorriso condescendente.

– A advogada com quem ele casou terá um compromisso mais importante, como de costume? Isto é um emprego ou um passatempo para o Peter?

Um dos membros da direção pigarreia e acrescenta, meio a sério, meio a brincar:

– Precisamos de um diretor-geral com botas de biqueira de aço. Não com chinelos.

O patrocinador sorri e sugere:

– Se calhar devíamos contratar a mulher dele, não? Um diretor-geral de saltos altos também resultaria, não acham?

Os homens na sala riem-se. As gargalhadas ecoam até aos tetos altos.

Peter vai à cozinha em busca da mulher, mas, em vez dela, encontra a melhor amiga da filha, uma rapariga chamada Ana, que está a preparar um batido. Ou, pelo menos, parece estar, porque o balcão está coberto de uma substância peganhenta e cor-de-rosa de aspeto malévolos, que desliza lentamente em direção à beira da bancada como se estivesse a preparar-se para atacar, conquistar e anexar o chão de parquê. Ana tira os auriculares.

– Bom dia! A sua liquidificadora é muito complicada!

Peter respira fundo.

– Olá, Ana. Estás aqui... tão cedo.

– Não, dormi cá – responde ela, descontraída.

– Outra vez? Já são... quatro noites seguidas, não é?

– Não as contei.

– Não. Estou a ver. Obrigado. Mas não achas que está na altura de ires a casa um destes dias e... sei lá... vestir roupa lavada do teu próprio roupeiro, ou coisa do género?

– Não se preocupe com isso. De qualquer maneira, a maior parte das minhas roupas estão aqui.

Peter massaja a nuca e faz um esforço sincero por parecer tão contente com este facto como Ana.

– Isso é... fantástico. Mas o teu pai não terá saudades tuas?

– Não, falamos muitas vezes ao telefone.

– Sim, claro. Mas imagino que terás de ir a casa um dia, dormir na tua própria cama? Talvez?

Ana enfia uma quantidade demasiado grande de frutos vermelhos e pedaços de frutas congeladas não identificadas na liquidificadora e ergue os olhos para ele, surpreendida.

– Está bem. Mas isso vai ser muito complicado agora que as minhas roupas estão todas aqui, não acha?

Peter fica imóvel durante muito tempo, a olhar para ela. Depois, Ana liga a liquidificadora sem colocar a tampa no copo. Peter dá meia-volta e sai para o corredor, onde grita com desespero crescente:

– QUERIDA!

Maya ainda está deitada na cama, a dedilhar lentamente as cordas da guitarra e a deixar as notas ecoarem nas paredes e no teto até se dissolverem em nada, como pequenos e desolados gritos que lhe fazem companhia. Ouve Ana a causar o caos na cozinha, ouve os seus pais frustrados a passarem um pelo outro no corredor, o pai ainda mal desperto e vagamente surpreendido, como se todas as manhãs acordasse num sítio onde nunca esteve antes, e a mãe com a linguagem corporal de um corta-relva de controlo remoto com o sensor de obstáculos avariado.

O seu nome é Kira, mas nunca ouviu ninguém em Björnstad pronunciá-lo como deve ser. Por fim, a mãe desistiu e deixa que a tratem por «Kia». Aqui, as pessoas são tão avaras com as palavras que nem sequer parecem querer desperdiçar consoantes. Ao princípio, Kira costumava responder, a brincar, sempre que alguém lhe perguntava pelo marido: «Refere-se ao Pete?» Mas as pessoas olhavam para ela muito sérias e repetiam: «Não, o Peter!» Tal como tudo o resto, a ironia congela por estes lados. Assim, agora, Kira limita-se a dizer que os filhos têm nomes que revelam uma economia exemplar de consoantes, Leo e Maya, para que ninguém tenha um ataque de nervos no registo civil.

Kira move-se pela pequena casa com movimentos ensaiados, veste-se e bebe café em simultâneo enquanto vai passando pela casa de banho, corredor e cozinha. Apanha uma camisola do chão do quarto da filha ao passar e dobra-a com um movimento fluido sem parar nem por um momento de lhe dizer que está na hora de largar a guitarra e de se levantar da cama.

– Vai tomar banho; pelo cheiro, parece que tu e a Ana pegaram fogo ao quarto e tentaram apagar o incêndio com *Red Bull*. O papá vai levar-vos à escola; saem daqui a vinte minutos.

Maya rebola de baixo do edredão, relutante mas com a resignação de quem aprendeu com a experiência. A mãe não é o tipo de pessoa com quem se pode discutir; é advogada e nunca consegue deixar de o ser na totalidade.

– O papá disse que eras tu que nos ias levar.

– O papá estava enganado. E podes pedir à Ana que limpe a cozinha quando acabar de fazer o batido? Gosto muito dela, sei que é a tua melhor amiga e não me importo que ela durma mais vezes aqui do que na casa dela, mas se quer fazer batidos na nossa cozinha, tem de aprender a pôr a tampa no copo da liquidificadora e tu tens de lhe ensinar pelo menos as funções mais básicas de um pano da loiça. Pode ser?

Maya encosta a guitarra à parede e dirige-se à casa de banho, e quando está de costas revira os olhos de tal maneira que numa radiografia se confundiriam as pupilas com os rins.

– E não me revires os olhos. Eu sei que estás a fazê-lo mesmo quando não consigo ver-te – ralha a mãe.

– Especulação e meros rumores – murmura a filha.

– Já te expliquei que os advogados só falam assim na televisão – riposta a mãe.

Em resposta, a filha fecha a porta da casa de banho com mais força do que seria necessário. Peter está a gritar: «Querida!!!» algures. Kira apanha outra camisola do chão e ouve Ana exclamar: «Oh, merda!» antes de redecorar o teto da cozinha com o batido.

– Eu podia ter feito mais qualquer coisa da minha vida, sabem – resmunga Kira baixinho, sem se dirigir a ninguém em particular, enquanto enfia as chaves do *Volvo* no bolso do casaco.

Os homens no escritório ainda estão a rir da piada dos saltos altos quando ouvem alguém a pigarrear à porta. O presidente do clube manda entrar a empregada de limpeza sem olhar para ela. A mulher pede desculpa a todos, mas a maioria dos homens ignora-a, embora um deles levante os pés de forma prestável quando ela pega no caixote do lixo para o despejar. A empregada agradece-lhe, mas ninguém repara. Fatima não se importa; o seu maior talento é

não incomodar ninguém. Só depois de voltar a sair para o corredor é que leva a mão às costas e solta um leve gemido de dor. Não quer que alguém veja e vá dizer a Amat. O seu querido rapaz já se preocupa mais do que devia.

O suor arde nos olhos de Amat quando trava com uma derrapagem dos patins junto às tábuas que rodeiam o rinque. Tem o *stick* apoiado no gelo, a humidade nas luvas faz com que os dedos escorreguem um pouco, sustém a respiração quando o ácido láctico lhe faz doer as coxas. As bancadas estão vazias, mas ele olha na direção delas de vez em quando. A mãe diz sempre que têm de dar graças, os dois, e Amat compreende o que ela quer dizer. Ninguém é mais grato do que a mãe dele: grata a este país, a esta cidade, a estas pessoas e a este clube, à câmara municipal, aos vizinhos, ao patrão. Grata, grata, grata. É esse o papel das mães. Mas o papel dos filhos é sonhar. Assim, o filho sonha que a mãe conseguirá um dia entrar numa sala sem ter de pedir desculpa ou licença.

Pisca os olhos para afastar o suor, ajeita o capacete e dá impulso com os patins no gelo. Outra vez. Outra vez. Outra vez.

Peter já perdeu quatro chamadas do presidente do clube e olha ansioso para as horas quando Kira entra na cozinha. Com um sorriso, ela vê o desastre peganhento em cima do balcão e no chão, e sabe que Peter deve estar a sufocar gritos histéricos. Têm ideias diferentes de limpeza: Kira não gosta de roupas no chão, mas Peter tem um ódio visceral por tudo o que seja sujidade e porcaria. Quando se conheceram, o apartamento dele parecia ter sido revirado por assaltantes, exceto a cozinha e a casa de banho, tão imaculadas que mais pareciam salas de operações. O apartamento de Kira era precisamente o oposto. Seria seguro dizer que não pareciam feitos um para o outro.

– Aí estás tu! Estou atrasado para a reunião no rinque. Viste as chaves do *Vo/vo*? – balbucia ele.

Tentou vestir um casaco e pôr uma gravata, com resultados duvidosos, como de costume. Já Kira está impecavelmente vestida,

como se o tecido das roupas venerasse o seu corpo. Bebe o café e enfia o casaco com o mesmo gesto fluido, só com um braço.

– Sim.

Ele olha para ela, corado, com o cabelo revoltado, as meias sujas de batido, e pergunta:

– Achas que podes dizer-me onde é que estão?

– Estão no meu bolso.

– O quê? Porquê?

Kira dá-lhe um beijo na testa.

– Que boa pergunta, querido. Suponho que pensei que me fariam falta se quero levar o *Volvo* para ir trabalhar. Já que seria um bocadinho inapropriado que a advogada dos meus clientes aparecesse num carro com uma ligação direta.

Peter coça a cabeça com as duas mãos.

– Mas... o que... podes levar o outro carro, não podes?

– Não, porque tu vais levar o outro carro à oficina. Depois de deixares os miúdos na escola. Nós falámos sobre isto.

– *Não* falámos nada sobre isto.

Por instinto, Peter limpa a base da caneca de café da mulher com um pedaço de papel de cozinha. Ela sorri.

– Querido, está escrito no calendário na porta do frigorífico.

– Mas não podes simplesmente pôr as coisas no calendário sem falar comigo.

Ela ergue uma sobrancelha.

– Mas falámos. Estamos a falar agora. Não fazemos outra coisa senão falar. Já ouvir, por outro lado...

– Por favor, Kira, tenho uma reunião! Se me atrasar...

– Claro, querido. Com certeza. Se eu chegar atrasada ao trabalho, um inocente pode acabar na prisão. Desculpa, interrompiste. Diz lá, o que é que acontece se *tu* chegares atrasado?

Ele respira pelo nariz, o mais calmamente que consegue.

– Amanhã é o maior jogo do ano, querida.

– Eu sei, querido. E amanhã vou fingir que isso é importante. Mas, até lá, tens de contentar-te que seja só o resto da cidade a pensar assim.

Kira não é fácil de impressionar. É simultaneamente a característica que acha mais atraente e mais irritante nela. Tenta encontrar um argumento melhor, mas Kira solta um suspiro teatral, põe as chaves do *Vo/vo* na mesa e levanta a mão fechada.

– Muito bem. Pedra-papel-tesoura.

Peter abana a cabeça e tenta conter o riso.

– A sério? Mas tu tens oito anos?

Kira ergue outra vez a sobrancelha.

– E tu, és algum covarde?

O sorriso de Peter desaparece num instante. Fixa os olhos nela e levanta também a mão fechada. Kira conta até três em voz alta, Peter escolhe papel, Kira espera descaradamente uma fração de segundo mais e depois estica rapidamente os dedos no gesto de tesoura. Peter grita com ela, mas Kira já pegou nas chaves e está a caminho da porta.

– Mas fizeste *batota*!

– Tens de saber perder, querido. Adeus, miúdos, portem-se bem com o papá. Ou, pelo menos, o melhor possível.

Peter fica parado no meio da cozinha, aos gritos:

– Não te atrevas a sair de casa! Batoteira!

Olha para o calendário no frigorífico.

– Nem sequer diz aqui nada sobre levar o carro à...

A porta da frente fecha-se atrás de Kira. O *Vo/vo* começa a trabalhar lá fora. Ana ainda está na cozinha, a sorrir, com um grande bigode de batido no lábio superior.

– Alguma vez conseguiu levar a melhor sobre ela em alguma coisa, Peter?

Peter passa a mão pelo cabelo.

– Importas-te de ir dizer ao meu filho e à minha filha que se vistam e se metam no carro?

Ana acena entusiasmada.

– Claro que sim! Só tenho de limpar isto primeiro!

Peter abana a cabeça com expressão suplicante e pega num rolo de papel de cozinha.

– Não... não, Ana... por favor, deixa estar. Não sei porquê, mas desconfio que isso só vai agravar as coisas.

Depois de os risos morrerem no escritório, um dos patrocinadores olha para o presidente do clube com ar sério, bate com os nós dos dedos na secretária e pergunta:

– Então? Vai haver problemas com o Peter?

O presidente limpa a testa e abana a cabeça.

– O Peter faz o que é melhor para o clube. Sempre. Sabem muito bem.

O patrocinador levanta-se, abotoa o casaco e esvazia a chávena.

– Muito bem. Tenho outra reunião, mas espero que consiga explicar-lhe como as coisas são. Recorde-lhe de onde vem o dinheiro que lhe paga o ordenado. Todos sabemos o que ele sente em relação ao Sune, mas não podemos permitir que haja alguma fuga de informação para a comunicação social sobre os nossos conflitos internos.

O presidente do clube não precisa de responder. Ninguém sabe mais sobre a espessura das paredes do que Peter. Ele porá o clube à frente do resto. Mesmo hoje, quando lhe ordenarem que despeça Sune desse mesmo clube.

Porque é que alguém gosta de hóquei?

Talvez isso dependa daquilo que cada pessoa procura.

Ninguém sabe ao certo que idade tem Sune. É o tipo de homem que parece ter setenta anos há pelo menos vinte, e nem mesmo ele se lembra exatamente de há quantos desses anos é treinador da equipa principal. A idade tornou-o mais baixo, o *stress* e a má alimentação tornaram-no mais largo. Hoje em dia, tem as proporções de um boneco de neve. Hoje, começou a trabalhar mais cedo do que o habitual, mas está escondido na orla da floresta, no exterior do rink, quando o grupo de homens sai pela porta principal. Espera até eles entrarem nos carros e desaparecerem. Não por estar embaraçado, mas para evitar que eles se sintam embaraçados à sua frente. Conhece a maioria destes homens desde sempre; até treinou muitos deles. O facto de o quererem despedir e substituir pelo treinador da equipa de juniores é o segredo mais mal guardado da cidade. Ninguém precisa de dizer a Sune que não deve tornar o assunto numa questão de conflito público; ele nunca faria tal coisa ao clube e sabe que, agora, a questão tem a ver com mais do que com o hóquei propriamente dito.

Björnstad fica numa parte pobre de uma grande floresta, mas ainda há alguns homens ricos por estes lados. Foram eles que salvaram o clube da bancarrota e agora querem ser recompensados: os juniores vão liderar a marcha de regresso ao nível de elite. Amanhã vão vencer a meia-final no torneio de juniores e, no fim de semana seguinte, a final. Quando as autoridades regionais tiverem de decidir o local para a nova escola secundária com programa de hóquei, não poderão ignorar a cidade com a melhor equipa de juniores do país. A equipa será o centro dos planos para o futuro da cidade, e a escola trará consigo um rink novo, e depois um centro de conferências e um centro comercial. O hóquei está a tornar-se mais do que hóquei, está a tornar-se turismo, uma marca, capital. Sobrevivência.

Assim, o clube é mais do que um clube – é um reino no qual está em curso uma luta pelo poder entre os homens mais fortes da floresta, e já não há lugar para Sune nesse reino. Olha para o rinque. Dedicou-lhe toda a sua vida. Não tem família, não tem passatempos, nem sequer tem um cão. Em breve estará desempregado; não sabe do que viverá depois. Não sabe para o que viverá. Mesmo assim, não pode pôr as culpas em ninguém – nem no presidente, nem no treinador dos juniores, e muito menos em Peter. É provável que o pobre Peter ainda nem sequer saiba, mas vão fazer com que seja ele a despedi-lo, vão forçá-lo a brandir o machado e a explicar depois as suas ações ao jornal local. Tudo para garantir que o clube se mantém unido e que as paredes continuam a ser grossas.

Mais cedo ou mais tarde, qualquer equipa desportiva tem de decidir o que quer realmente alcançar, e Björnstad já não se contenta apenas em jogar. Vão substituir Sune pelo treinador da equipa de juniores por uma razão muito simples: quando Sune fala com os jogadores antes dos jogos, faz grandes discursos em que lhes pede que joguem com o coração. Quando o treinador da equipa de juniores se dirige aos jogadores no balneário, diz apenas uma palavra: «Vitória.» E os juniores vencem. Não fazem outra coisa de há dez anos para cá.

O problema é que Sune já não tem tanta certeza de que uma equipa de hóquei deva ser apenas isso: um grupo de rapazes que nunca perde.

O pequeno carro percorre as estradas recentemente limpas de neve. Maya tem a cabeça encostada à janela, como só uma adolescente de quinze anos consegue fazer. Mais a sul, a primavera já chegou, mas Björnstad parece ter apenas duas estações, e o inverno é um facto da vida tão omnipresente por estes lados que o verão parece sempre apanhar toda a gente de surpresa. Ninguém tem tempo para se habituar aos dois ou três meses de sol que lhes são concedidos antes de lhes serem roubados de novo, e durante o resto do ano quase parece, por vezes, que vivem debaixo do chão.

Ana dá um carolo com força na orelha de Maya.

– Mas que raio?!... – exclama Maya, e esfrega esse lado da cara.

– Estou aborrecida! Vamos jogar um jogo – pede Ana.

Maya suspira mas não protesta. Porque adora esta idiota sorvedora de batidos, e porque têm quinze anos e a mãe está sempre a dizer-lhe: «Nunca mais voltamos a ter amigos como os que temos aos quinze anos. Mesmo que eles fiquem nossos amigos para o resto da vida, nunca mais é como era nessa altura.»

– Muito bem, que tal esta: preferias ser cega e uma lutadora extraordinária, ou surda e uma... – começa Ana.

– Cega – responde Maya sem hesitar.

É o jogo preferido de Ana; jogam-no desde que eram pequenas. De certa forma, é reconfortante saber que ainda há algumas coisas para as quais não são demasiado crescidas.

– Nem sequer ouviste a alternativa! – protesta Ana.

– Estou-me a borrifar para a alternativa. Não consigo viver sem música, mas consigo viver sem ver a tua cara estúpida todos os dias.

– Idiota – suspira Ana.

– Parva – responde Maya com um sorriso.

– Está bem; então e esta? Preferias ter sempre macacos no nariz, ou namorar com um tipo que tem sempre macacos no nariz?

– Ter sempre macacos no nariz.

– O facto de teres escolhido essa opção diz muito sobre ti.

Ana tenta dar um soco na coxa de Maya, mas esta desvia-se e dá um soco com força no braço da amiga. Ana grita e desmancham-se as duas a rir uma da outra. E de si próprias.

No banco da frente do carro, possuidor de uma capacidade afinada ao longo de anos de ignorar o comprimento de onda da irmã mais velha e da melhor amiga, e de se isolar com os seus próprios pensamentos, Leo vira-se para o pai e pergunta:

– Vens ver-me treinar hoje?

– Sim... vou tentar... Mas a mamã estará lá! – responde Peter.

– A mamã está sempre lá – diz Leo.

É a constatação de um facto por parte de um rapaz de doze anos, e não uma acusação. Apesar disso, Peter sente-se como se fosse. Olha tantas vezes para o relógio que tem de lhe dar um toque para confirmar se não parou.

– Está preocupado com alguma coisa? – pergunta Ana do banco de trás, naquele tom que faz com que o interlocutor tenha vontade de começar a atirar com coisas se por acaso está mesmo preocupado.

– É só porque tenho uma reunião, Ana. Obrigado por perguntares.

– Com quem? – insiste Ana.

– Com o presidente do clube. Vamos falar sobre o jogo dos juniores amanhã...

– Por favor, ninguém fala de outra coisa senão do jogo dos juniores. Sabem que é só um jogo estúpido, não sabem? Ninguém quer saber!

Ana está a brincar; adora hóquei. Mas Maya apressa-se a sussurrar:

– Não lhe digas uma coisa dessas hoje!

– Ele perde a cabeça! – concorda Leo.

– Qual cabeça? Quem é que vai perder a cabeça? – pergunta Peter. Maya inclina-se para a frente.

– Não precisas de nos levar mesmo até à escola, pai. Podes deixar-nos aqui.

– Não há problema – insiste Peter.

– Não há problema para ti – resmunga Maya.

– O que queres dizer com isso? Tens vergonha de mim?

– Sim! – intervém Ana, prestável.

Leo acrescenta:

– E não quer que ninguém te veja porque senão os colegas todos vão querer vir falar contigo sobre hóquei.

– E que mal é que isso tem? É uma cidade de hóquei! – diz Peter, estupefacto.

– Sim, mas isso não significa que não haja mais nada na vida a não ser hóquei – contrapõe Maya, sem se conseguir conter, e pensa em abrir a porta do carro e saltar em andamento; a neve ainda está

alta e é possível que não parta nada. Parece-lhe que vale a pena correr esse risco.

– Porque é que dizes isso? Porque é que ela está a falar assim, Leo? – pergunta o pai.

– Não podes só parar o carro? Ou abrandar um bocadinho; nem precisas de parar – implora Maya.

Ana dá um toque no ombro de Leo.

– Leo, ouve lá esta: preferias nunca mais jogar hóquei ou nunca mais jogar jogos de computador?

Leo olha de lado para o pai. Solta uma tossidela envergonhada. Desaperta o cinto de segurança e procura o puxador da porta. Peter abana a cabeça, desesperado.

– Não te atrevas a responder, Leo. Nem te atrevas.

Kira está sentada no *Volvo*, à saída de Björnstad. Ouviu Peter a vomitar na casa de banho nessa manhã. Se é isso que o hóquei faz aos homens feitos desta cidade, o que estará a fazer aos rapazes de dezassete anos que vão jogar no dia seguinte?

Há uma piada antiga entre as mulheres de Björnstad: «Quem me dera que o meu marido olhasse para mim como se estivesse a ver uma partida de hóquei.» Kira nunca se riu dessa piada porque a compreende demasiado bem. Sabe o que os homens da cidade dizem sobre ela, e que está muito longe de ser a leal esposa do diretor-geral que esperavam quando contrataram Peter. Eles não pensam no clube como um empregador, mas sim como um exército: os soldados precisam de se apresentar sempre que são chamados e as suas famílias têm de os ver partir com orgulho, enquanto acenam da porta de casa. Quando Kira conheceu o presidente do clube, num torneio de golfe organizado pelos patrocinadores, ele estendeu-lhe o copo vazio enquanto circulavam e bebiam aperitivos antes de jantar. Há tão poucas mulheres no mundo do hóquei que, ao ver uma que não reconhecia, ele partiu do princípio de que era uma empregada. Depois, ao perceber o seu erro, simplesmente riu-se, como se esperasse que Kira também achasse piada à situação. Ao ver que ela não dava sinais disso, o presidente suspirou e disse:

«Não pode levar as coisas tão a sério!» E ao saber que ela estava a planear prosseguir com a sua carreira paralelamente à de Peter, exclamou, surpreendido: «E quem é que vai tomar conta dos miúdos?» Kira tentara mesmo não responder. Bom, talvez não tivesse feito um grande esforço, mas, em retrospectiva, acredita que pelo menos *tentou*. Por fim, virou-se para o presidente e apontou para os seus dedos gordos e engordurados, que seguravam uma sanduíche de camarão, e depois para a sua barriga a esticar os botões da camisa, e declarou: «Pensei que o senhor podia tomar conta deles. Afinal de contas, as suas mamas são maiores do que as minhas.»

No torneio de golfe seguinte, os convites deixaram de incluir os cônjuges. O mundo de hóquei dos homens expandia-se, o das mulheres encolhia, e não havia maior prova do amor de Kira por Peter do que o facto de ela não ter ido nesse dia ao rink dar um soco no nariz de alguém. Kira aprendeu que, em Björnstad, é preciso ter a pele grossa. Ajuda a lidar tanto com os insultos como com o frio.

Tinham entretanto passado dez anos e ela chegara à conclusão de que as coisas parecem sempre muito melhores quando se tem uma boa aparelhagem no carro. Assim, levanta o volume. Põe a tocar a *playlist* «mais alto-mais alto» de Maya e Leo, não por gostar da música, mas porque faz com que se sinta perto deles. Quando os filhos são pequenos, pensamos que aquele sentimento de culpa que nos aperta o estômago quando saímos de casa todas as manhãs vai acabar por passar. Mas nunca passa, só piora. Assim, Kira tem as coleções de música deles no telefone: listas e listas daquelas canções que fazem as crianças gritar: «MAIS ALTO! MAIS ALTO!» quando passam na rádio. O som está tão alto agora que os graves fazem vibrar os painéis da porta, porque às vezes o silêncio da floresta quase dá com ela em doida. O céu vespertino paira logo acima das árvores quase o ano todo, por estes lados, e quando uma pessoa cresceu numa cidade grande, onde a natureza é algo que se usa sobretudo como fundo de ecrã do computador, não é fácil habituar-se a isso.

Claro que toda a gente em Björnstad odeia a capital, e desenvolveu-se um ressentimento permanente pelo facto de a floresta conter todos os recursos naturais mas, apesar disso, o dinheiro ir parar sempre a outro lado qualquer. Às vezes, parece que as pessoas de Björnstad adoram que o clima aqui seja tão inclemente, porque assim nem toda a gente consegue lidar com ele: isso recorda-os da sua própria força e resistência. A primeira expressão local que Peter ensinou a Kira foi: «Os ursos cagam na mata, mas o resto do mundo caga em Björnstad; por isso, as pessoas da floresta aprenderam a tomar conta de si próprias!»

Kira já se habituou a muitas coisas desde que veio para aqui viver, mas há outras tantas que nunca compreenderá. Por exemplo, como é que uma comunidade onde toda a gente pesca tem zero restaurantes de *sushi*. Ou por que razão pessoas duras o suficiente para viver num sítio com um clima que até os animais selvagens têm dificuldade em suportar, nunca conseguem dizer aquilo que realmente pensam. Em Björnstad, o silêncio anda sempre de mão dada com a vergonha. Kira recorda como Peter lho explicou quando lhe perguntou porque é que toda a gente parecia detestar tanto as pessoas das cidades grandes: «As pessoas das cidades grandes não sentem tanta vergonha como deviam.» Ele sempre se preocupou muito com o que as pessoas pensam. Sempre que alguém os convida para jantar, Peter fica aflito se Kira compra uma garrafa de vinho demasiado cara para levar aos anfitriões. É por isso que ele se recusa a viver numa das casas mais caras, nos Montes, apesar de o salário de Kira lhes permitir esse luxo. Continuam a viver naquela pequena casa no meio da cidade apenas por uma questão de delicadeza. Peter não cedeu, nem mesmo quando Kira o tentou seduzir com «mais espaço para a tua coleção de discos».

Dez anos, e Kira ainda não aprendeu a viver com a cidade, apenas a coexistir com ela. E o silêncio ainda lho dá vontade de comprar um tambor e percorrer as ruas a bater nele. Aumenta um pouco mais o volume da música. Tamborila com as mãos no volante. Canta cada canção tão animadamente que quase sai da estrada quando fica com o cabelo preso no espelho retrovisor.

Porque é que Kira gosta de hóquei? Na verdade, não gosta. Mas gosta de uma pessoa que gosta de hóquei. E sonha com um verão – só um – em que o marido possa olhar esta cidade nos olhos sem ter de baixar a cabeça.

O peito de Sune sobe e desce por baixo dos ombros caídos quando começa a caminhar em direção à entrada do rink. Pela primeira vez na vida, sente a idade que tem, o corpo a mover-se flacidamente, como se alguém tivesse tentado vestir um fato de treino a um saco de alforrecas. Mas quando abre a porta ainda se abate sobre ele uma grande calma, como todos os dias. Este é o único lugar no mundo que ele na realidade compreende. Assim, tenta lembrar-se daquilo que o rink lhe deu, em vez de pensar no que estão a planear tirar-lhe. Uma vida ao serviço do desporto, mais do que a maioria das pessoas pode dizer. Foi abençoado por alguns momentos mágicos e viu nascer dois talentos imortais. Aqueles chatos barulhentos das cidades grandes nunca o conseguirão compreender: a sensação de incentivar um jogador verdadeiramente talentoso numa pequena equipa de hóquei. É como ver uma cerejeira em flor num jardim congelado. Uma pessoa pode esperar anos, uma vida inteira, talvez até várias, e, mesmo assim, seria um milagre assistir a isso uma vez que fosse. Duas seria impossível. Noutro lado qualquer, mas não aqui.

A primeira vez fora Peter Andersson. Há mais de quarenta anos. Sune, que na altura tinha acabado de ser nomeado treinador da equipa principal, reparou nele nas aulas de patinagem. Um rapazinho escanzelado, com luvas em segunda mão, filho de um bêbado, cheio de nódoas negras que toda a gente via, mas que ninguém questionava. O hóquei reparou nele quando mais ninguém o fez. Mudou-lhe a vida com uma força colossal. Um dia, aquele rapazinho cresceu e elevou um clube ameaçado pela bancarrota, um clube que toda a gente considerava acabado, a segundo melhor do país, e depois elevou-se a si próprio até à NHL, um caminho impossível, da floresta às estrelas. Antes de o destino lhe roubar tudo isso.

Foi Sune que ligou para Peter no Canadá, depois do funeral, e lhe disse que Björnstad precisava de um diretor-geral. Que ainda havia um clube e uma cidade que precisavam de ser salvos. E Peter precisava de algo para salvar. Foi assim que a família Andersson voltou para casa.

A segunda vez fora há cerca de dez anos. Sune e Peter afastaram-se do grupo que procurava na floresta porque Sune se apercebeu de que estavam à procura de um jogador de hóquei, enquanto todos julgavam andar à procura de um rapazinho normal. Encontraram Kevin no lago, ao nascer do dia, com as bochechas queimadas do frio, a expressão do urso nos olhos. Foi Peter que levou o menino de sete anos ao colo para casa. Sune seguiu-o em silêncio, inalando profundamente pelas narinas. No pino do inverno, a cidade cheirava outra vez a flor de cerejeira.

Nesse ano, quando um taciturno jogador da equipa principal, de vinte e dois anos, desistiu por fim de lutar contra as lesões recorrentes e a falta de talento, foi Sune que o deteve no parque de estacionamento. Foi ele que viu no jovem o potencial de ser um treinador brilhante, quando toda a gente apenas via um jogador falhado. Esse jovem de vinte e dois anos chamava-se David e, atrapalhado, murmurou: «Não tenho jeito para ser treinador», mas Sune deu-lhe um apito e contrapôs: «Quem pensa que tem jeito para treinar alguém, nunca tem.» A primeira equipa de David fora um grupo de miúdos de sete anos, onde um dos jogadores era Kevin. David disse-lhes para trazerem a vitória. E eles venceram. E nunca mais pararam.

Kevin tem agora dezassete anos, David é treinador da equipa de juniores e, na próxima época, estarão ambos na equipa principal. A par de Peter, formam a sagrada trindade do futuro: mãos no gelo, coração no banco, cérebro no escritório. E agora as descobertas de Sune serão a sua desgraça. Peter vai despedi-lo, David ficará com o seu lugar e Kevin provará a toda a gente que essa foi a decisão certa.

Um velho viu o futuro. E agora o futuro ultrapassou-o. Abre a porta do rink, deixa os sons chegarem até ele.

Porque é que gosta tanto de hóquei? Porque a sua vida será silenciosa sem ele.

Porquê? Nunca ninguém fez essa pergunta a Amat. O hóquei dói. Exige sacrifícios desumanos, física, mental e emocionalmente. Parte pés e rasga ligamentos e obriga-o a sair da cama antes do nascer do dia. Consome todo o seu tempo, engole toda a sua energia. Então, porquê? Porque quando era pequeno ouviu alguém dizer uma vez que «não há ex-jogadores de hóquei», e sabe exatamente o que isso significa. Foi numa aula de patinagem, quando tinha cinco anos. O treinador da equipa principal viera ao gelo falar com as crianças. Sune já era um velho gordo, mesmo nessa altura, mas fitou Amat diretamente nos olhos quando disse: «Alguns de vocês nasceram com talento, outros não. Alguns de vocês têm sorte e conseguem tudo com facilidade, outros não têm nada. Mas lembrem-se: quando estão no gelo são todos iguais. E há uma coisa que têm de saber: a vontade vence sempre a sorte.»

É fácil uma criança apaixonar-se por algo quando lhe dizem que pode ser o melhor, desde que o deseje o suficiente. E ninguém o deseja mais do que Amat. O hóquei tornou-se, para ele e para a mãe, uma porta de entrada na sociedade. E ele tenciona transformá-lo em mais do que isso – tenciona que o hóquei seja também a sua saída.

Doem-lhe todas as partes do corpo, todas as células lhe suplicam que se deite e descanse. Mas dá meia-volta, pestaneja para limpar o suor dos olhos, aperta mais o *stick* e impulsiona os patins sobre o gelo. O mais depressa que consegue, com todas as suas forças. Outra vez. Outra vez. Outra vez.

Tudo chega a uma fase em que deixa de nos surpreender. Isso aplica-se até ao hóquei. Na maior parte dos dias, uma pessoa pensa que já não há qualquer ideia original, que já tudo foi pensado, dito e escrito por uma série de treinadores, cada um mais confiante do que o anterior. Mas há outros dias, mais raros – ocasiões invulgares em

que o gelo ainda consegue revelar coisas que desafiam qualquer descrição. Coisas que surpreendem.

O guarda dirige-se às bancadas para pôr parafusos novos num corrimão velho. Vê Sune abrir a porta principal e fica surpreendido, porque Sune nunca chega tão cedo.

– Que madrugador – comenta, com uma risada.

– É antes do apito final que uma pessoa tem de trabalhar mais – responde-lhe Sune com um sorriso cansado.

O guarda acena com tristeza. Como já vimos, o despedimento de Sune é o segredo mais mal guardado da cidade. O homem mais velho está a subir as escadas da bancada, a caminho do seu gabinete, quando estaca de repente. O guarda ergue uma sobrancelha. Sune indica o rapaz no gelo com um gesto da cabeça. Franze os olhos, pois já não vê tão bem como antes.

– Quem é aquele?

– O Amat. Um dos juvenis da equipa dos quinze anos.

– O que é que está a fazer aqui tão cedo?

– Vem todas as manhãs.

O rapaz pôs as luvas, o gorro e o casaco a servirem de marcadores entre as linhas. Patina o mais depressa que consegue até lá chegar, muda de direção, aparentemente sem perder velocidade alguma, depois trava abruptamente e explode. O disco nunca se afasta do *stick*. Para trás e para a frente. Cinco vezes. Dez vezes. Sem qualquer perda de intensidade. Dispara. O disco exatamente no mesmo ponto da rede ao fim de cada aproximação. Outra vez. Outra vez.

– Todas as manhãs? Está a ser castigado? – questiona Sune num murmúrio.

O guarda ri-se.

– Não. Apenas adora hóquei. Lembra-se dessa sensação, meu velho?

Sune não responde; olha para o relógio, resmunga e continua a subir a bancada. Está quase na última fila quando volta a parar. Tenta dar mais um passo, mas o seu coração não o deixa.

Já viu Amat nas aulas de patinagem – vê todos os rapazes nas aulas –, mas aí não era tão evidente. O hóquei é um desporto que

recompensa a repetição: os mesmos exercícios, os mesmos movimentos, até as reações do jogador se tornarem instintivas, gravadas na sua medula. O disco não desliza sempre, às vezes também ressalta, por isso a aceleração é mais importante do que a velocidade máxima, a coordenação entre a mão e os olhos é mais importante do que a força. O gelo julga os jogadores pela sua capacidade de mudarem de direção e de pensarem mais depressa do que os outros – é o que separa os melhores dos restantes.

São muito poucos, esses dias em que o jogo ainda consegue surpreender-nos. Quando tal acontece, é sem aviso; resta-nos confiar que seremos capazes de o reconhecer. Assim, quando o som dos patins a cortar o gelo ecoa entre as bancadas, Sune para e faz uma breve pausa antes de lançar um último olhar por cima do ombro. Vê o jovem de quinze anos virar-se com o *stick* levemente apertado na mão e voltar a arrancar a uma velocidade estonteante, e Sune lembrar-se-á disto como uma das verdadeiras bênçãos da sua vida: ver o impossível acontecer em Björnstad pela terceira vez.

O guarda ergue os olhos dos parafusos no corrimão e vê o velho treinador deixar-se cair num dos bancos na última fila. Ao princípio, parece estar a sentir-se mal. Depois, o guarda percebe que é apenas porque nunca tinha visto o homem mais velho a rir.

Sune está a respirar pelo nariz, com lágrimas nos olhos, e todo o rinko cheira a flores de cerejeira.

Porque é que alguém gosta de hóquei?
Porque conta histórias.

Amat sai do ringue com cada centímetro de tecido das roupas encharcado em suor. Da fila de cima da bancada, Sune vê-o sair. O rapaz tem sorte, não reparou que o treinador da equipa principal estava lá em cima; se o tivesse visto, os nervos tê-lo-iam feito cair de cabeça no gelo.

Sune continua sentado mesmo depois de Amat desaparecer. É velho há muito tempo, mas hoje sente-se mesmo assim. Há duas coisas que nos fazem lembrar a idade que de facto temos com especial eficácia: crianças e desporto. No hóquei, aos vinte e cinco anos um jogador já é experiente, aos trinta é um veterano e aos trinta e cinco, um reformado. Sune tem duas vezes isso. E, com a idade, tornou-se mais baixo e mais largo, tem mais cara para lavar e menos cabelo para pentear, e dá por si a irritar-se com cadeiras estreitas e fechos de correr de má qualidade.

Porém, quando a porta se fecha atrás de Amat, o velho treinador ainda sente nas narinas o aroma de flores de cerejeira. Quinze anos. Com mil raios, que futuro! Sune está envergonhado por só agora ter reparado nele; é óbvio que o rapaz teve um desenvolvimento explosivo nos últimos tempos, enquanto toda a gente estava de olho na equipa de juniores, mas há alguns anos Sune nunca teria deixado passar ao lado um talento assim. Não pode pôr as culpas só nos olhos velhos; o seu coração também está envelhecido.

Sabe que não ficará no clube tempo suficiente para ter oportunidade de treinar o rapaz, mas espera que ninguém o deite abaixo e lhe estrague o talento. Ou que o faça crescer demasiado depressa. Mas também sabe que não vale a pena pensar muito nisso, porque assim que os outros perceberem como o rapaz é bom, começarão a querer arrancar-lhe resultados de imediato. O clube precisa disso, a cidade exige-o. Sune teve esta mesma discussão com a direção vezes sem conta ao longo dos anos, e perdeu sempre.

Seriam precisos dias para dar a explicação mais longa por detrás do despedimento de Sune do Clube de Hóquei no Gelo de

Björnstad. Contudo, a versão mais curta tem apenas duas palavras: Kevin Erdahl. Os patrocinadores, a direção e o presidente do clube exigiram que Sune deixasse o *wunderkind* de apenas dezassete anos jogar pela equipa principal, e Sune recusou. No seu mundo, é preciso mais do que hormonas para transformar rapazes em homens. O hóquei sénior requer maturidade, tanto como talento, e ele viu mais jogadores destruídos por oportunidades oferecidas demasiado cedo do que por oportunidades oferecidas demasiado tarde. Mas já ninguém lhe dá ouvidos.

Em Björnstad, as pessoas orgulham-se de serem más perdedoras. Sune sabe que ele próprio carrega boa parte da culpa por tal facto. Foi ele que incutiu o lema «o clube vem primeiro» na mente de cada jogador e treinador desde o primeiro dia. O bem do clube tem de vir sempre primeiro, nunca o ego seja de quem for. E agora estão a usá-lo contra ele. Podia ter salvado o seu emprego se tivesse deixado Kevin jogar na equipa principal, e gostava muito de estar certo de que tomou a decisão correta. Mas, para ser sincero, já não tem a certeza. Talvez a direção e os patrocinadores tenham razão – talvez ele seja apenas um burro velho e teimoso que perdeu o jeito.

David está em casa, deitado no chão da cozinha. Tem trinta e dois anos e o seu cabelo ruivo é tão rebelde que parece estar a tentar fugir-lhe da cabeça. Quando era pequeno, metiam-se com ele por causa disso; os outros miúdos fingiam queimar-se quando lhe tocavam. Foi então que aprendeu a lutar. Como não tinha amigos, podia dedicar todo o seu tempo ao hóquei. Nunca se deu ao trabalho de adquirir outros interesses, e foi assim que conseguiu tornar-se o melhor.

O suor pinga para o chão enquanto faz flexões debaixo da mesa da cozinha, como um louco. Em cima da mesa tem o computador; passou a noite inteira a ver vídeos de jogos antigos e de sessões de treino. Ser treinador da equipa de juniores do Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad faz com que David seja um homem simples de compreender, mas com quem é impossível viver. Quando a

namorada se zanga com ele, costuma dizer-lhe que é o tipo de homem «capaz de ficar ofendido com uma sala vazia». E talvez seja verdade. Tem sempre no rosto uma expressão de quem caminha contra o vento; sempre lhe disseram que é demasiado sério; e é por isso que o hóquei é o desporto indicado para ele. Ninguém que pertença a uma equipa de hóquei acha que seja possível levar o hóquei demasiado a sério.

O jogo de amanhã é o mais importante da vida de David, da vida da equipa. Um treinador com inclinações mais filosóficas talvez dissesse aos jogadores que podem ser os últimos sessenta minutos que passam no gelo como crianças, porque a maioria fará dezoito anos este ano e depois disso serão homens feitos e seniores. Mas David não tem nada de filosófico; por isso, dir-lhes-á apenas a palavra habitual: «Vitória.»

Não tem os melhores jogadores do país, longe disso. Mas são os mais disciplinados e receberam o melhor treino tático. Toda a vida jogaram juntos. E têm Kevin.

É raro fazerem um jogo bonito. David acredita em estratégias detalhadas e numa defesa sólida, mas, acima de tudo, acredita em resultados, mesmo que a direção e os pais se fartem de falar em «deixar os jogadores à solta» e em tentarem «jogar um hóquei mais agradável». David nem sequer sabe o que isso é. Para ele, só há um tipo de hóquei que não é agradável – aquele onde a equipa adversária marca mais pontos. Nunca deixou que ninguém o influenciasse, nunca deu lugar na equipa ao filho do gestor de *marketing* de um dos grandes patrocinadores, como lhe pediram, nunca fez cedências. Sabe que isso não lhe traz amigos, mas não se importa – se quer que gostem dele, é fácil: tem de chegar ao primeiro lugar do pódio. Assim, David faz o que for preciso para lá chegar. É por isso que não vê a sua equipa como os outros a veem: porque apesar de Kevin ser o melhor jogador, nem sempre é o jogador mais importante.

O computador em cima da mesa da cozinha está a passar um jogo do início da época, em que um jogador da equipa adversária corre atrás de Kevin com a intenção óbvia de o placar por trás, apenas para dar por si caído de costas no gelo poucos instantes

depois. Outro jogador de Björnstad, o número 16, está de pé em cima dele, já sem luvas nem capacete. Uma torrente de socos abate-se sobre o jogador da equipa contrária.

Kevin pode ser a estrela, mas Benjamin Ovich é o coração da equipa. Porque Benji é como David: está preparado para fazer o que for preciso. Assim, desde que ele era pequeno, o treinador incutiu-lhe uma única ideia: «Não lighes ao que as pessoas dizem, Benji. Hão de gostar de nós quando começarmos a ganhar.»

Benjamin Ovich tem dezassete anos e a mãe acorda-o cedo chamando-o pelo primeiro nome completo. É a única pessoa que o trata assim. Todos os outros lhe chamam apenas «Benji». Deixa-se ficar na cama, no quarto mais pequeno da última casa geminada no extremo de Björnstad, mesmo antes de começar o Covão, até ela o vir chamar uma terceira ou quarta vez. Quando a mãe começa a introduzir palavras da sua pátria no chamamento, levanta-se, porque é sinal de que as coisas estão a ficar mais sérias. A mãe e as três irmãs mais velhas de Benji só regressam à velha língua quando querem manifestar grande fúria ou amor eterno, porque o país em que agora vivem pura e simplesmente não tem uma gramática flexível o suficiente para indicar com precisão a Benji que parte anatómica do mais preguiçoso e inútil dos burros ele é, ou que elas o amam tão profundamente como dez mil poços cheios de ouro. E a mãe consegue introduzir ambos os elementos na mesma frase. É uma língua extraordinária, nesse aspeto.

A mãe fica a vê-lo afastar-se na bicicleta. Odeia ter de o obrigar a sair da cama antes de o sol nascer, mas sabe que ele não se levantaria se ela saísse para o trabalho sem o pôr fora de casa primeiro. Está sozinha e tem mais três filhas, mas é o rapaz de dezassete anos que a preocupa mais do que qualquer outra coisa. Um rapaz que olha muito pouco para o futuro e se rala demasiado com o passado: não há nada que deixe uma mãe mais deprimida. O seu pequeno Benjamin, o lutador por quem as raparigas de Björnstad se apaixonam com demasiada facilidade; o rapaz com o rosto mais bonito, os olhos mais tristes e o coração mais selvagem

que elas alguma vez viram. A mãe compreende, porque casou com um homem igual, mas a única coisa que homens como estes têm pela frente é problemas.

David está a fazer café na cozinha. Todas as manhãs faz uma cafeteira a mais e enche uma garrafa-termo – o café no rinque é tão mau que quem o oferecesse a alguém devia poder ser acusado de agressão. O seu computador está a passar um jogo do ano passado, no qual Kevin é perseguido por um defesa furioso até que Benji aparece a toda a velocidade, do nada, e atinge o defesa na nuca com o *stick*, atirando-o de cabeça para cima do banco da equipa adversária. Metade da outra equipa invade o gelo para se vingar de Benji, que fica ali parado à espera deles, sem capacete, de punhos cerrados. Os árbitros demoram dez minutos a acabar com a confusão. Entretanto, Kevin foi sentar-se tranquilamente no banco, incólume e sereno.

Há quem justifique o temperamento de Benji com a sua infância difícil, o facto de o pai ter morrido quando ele era pequeno. David nunca o faz, porque adora o temperamento de Benji. Outros chamam-lhe um «jovem problemático», mas todas as características que o tornam problemático fora do gelo são as que o tornam especial dentro dele. Se o mandarem para o meio de uma confusão de jogadores, Benji pode ter pela frente serpentes, *trolls* e todos os monstros do inferno, mas sai sempre de lá com o disco. Se alguém tentar aproximar-se de Kevin, Benji derrubaria uma parede de betão para o impedir, e isso são coisas que não se podem ensinar. Toda a gente sabe como Kevin é bom – todos os treinadores de juniores de todos os grandes clubes nacionais tentaram recrutá-lo –, o que também significa que todas as equipas contra quem jogam contêm pelo menos um psicopata que quer magoá-lo. Assim, David não aceita quando as pessoas dizem que Benji acaba sempre «metido em lutas» em quase todos os jogos. Ele não está metido em lutas. Está a proteger o investimento mais importante que esta cidade alguma vez viu.

No entanto, David deixou de usar essa palavra específica – «investimento» – em frente da namorada. Porque, como ela diz: «Achas mesmo que é maneira de falar de um rapaz de dezassete anos?» David aprendeu a não tentar explicar-se. É um aspeto do hóquei que ou se compreende, ou não se compreende.

Na estrada que liga a rua de casas geminadas ao resto da cidade, Benji para a bicicleta quando a mãe já não o consegue ver e acende um charro. Deixa o fumo enchê-lo, sentindo a doce calma subir e descer. O seu cabelo comprido e denso esvoaça ao vento, mas o frio nunca o incomodou. Vai para todo o lado de bicicleta, seja qual for a época do ano. Nos treinos, David elogia-o muitas vezes à frente dos outros jogadores pelos músculos da barriga das pernas e pelo seu equilíbrio. Benji nunca responde, porque desconfia que dizer: «É o resultado de andar de bicicleta pelo meio da neve todos os dias com uma moca descomunal» não seja a resposta que o treinador quer ouvir.

No caminho para a casa do seu melhor amigo atravessa Björnstad de um lado a outro: passa pela fábrica que ainda é o maior empregador da cidade, mas que há já três anos seguidos «otimiza a equipa» – uma forma elegante de dizer que despediu trabalhadores. Pelo grande supermercado que arrasou todos os concorrentes de menores dimensões. Pela rua cheia de lojas em estados variados de degradação e a zona industrial cada vez mais silenciosa. Pela loja de desporto, que tem uma secção de caça e pesca e outra de hóquei, mas pouco mais que se veja. Um pouco mais à frente fica o bar, o Urso Pardo, frequentado pelo tipo de homens que tornam o estabelecimento num excelente destino para qualquer turista curioso que queira saber como é levar uma tarefa dos habitantes locais.

Mais perto da floresta, a oeste, há uma oficina de automóveis e, mais escondido no meio das árvores, o canil da mais velha das irmãs de Benji. Ela cria dois tipos de cães: cães de caça e cães de guarda. Por estes lados, já ninguém quer cães como animais de estimação.

Além do hóquei, não há muita coisa de que gostar em Björnstad. Por outro lado, Benji nunca gostou de muito mais na vida. Inala o fumo. Os outros estão sempre a avisá-lo de que será expulso da equipa se David descobrir que ele fuma erva, mas Benji ri-se, seguro na certeza de que isso nunca acontecerá. Não por Benji ser demasiado bom para correrem com ele da equipa, nem pouco mais ou menos, mas porque Kevin é demasiado bom. Kevin é a joia, Benji é a apólice de seguro.

Sune olha mais uma vez para o teto do rink. Para as bandeiras e camisolas da equipa aí penduradas, memórias de homens que, em breve, ninguém será velho o suficiente para recordar. De lado, está pendurado um estandarte com o que costumava ser o lema do clube: «Cultura. Valores. Comunidade.» Sune ajudou a pendurá-lo, mas já não tem a certeza do que significam aquelas palavras. Às vezes, pensa que nem na altura o sabia.

«Cultura» é uma palavra estranha para usar em relação ao hóquei; está na boca de todos, mas ninguém consegue explicar o que significa. Todas as organizações gostam de se vangloriar de estarem a construir uma cultura própria, mas quando chega a hora da verdade, as pessoas só querem saber de uma espécie de cultura: a cultura vencedora. Sune sabe bem que o mesmo se aplica a todo o mundo, mas talvez seja ainda mais notável em comunidades pequenas. Adoramos vencedores, embora raramente sejam pessoas muito simpáticas. São quase sempre obsessivos e egoístas e rudes. Mas não importa. Perdoamos-lhes e continuamos a gostar deles enquanto continuarem a vencer.

O velho treinador levanta-se e dirige-se ao seu gabinete, com as costas a estalar e o coração endurecido. A porta fecha-se atrás de si. Os seus artigos pessoais já estão arrumados numa caixa que guardou debaixo da secretária. Não vai fazer uma cena quando for despedido, não vai falar com a imprensa. Vai simplesmente desaparecer. Foi educado assim, e foi assim que educou os outros. A equipa vem primeiro.

Ninguém sabe bem como é que aqueles dois se tornaram melhores amigos, mas há muito que todos desistiram de os tentar separar. Benji toca à campainha de uma casa que tem mais de metade do tamanho do quarteirão onde ele vive.

A mãe de Kevin abre a porta com o seu sorriso sempre simpático, mas constantemente stressado, de telefone encostado ao ouvido, enquanto, atrás dela, o pai de Kevin passa a falar também alto ao telefone. As paredes do vestíbulo estão decoradas com fotografias de família, mas essas fotos emolduradas são o único sítio onde Benji alguma vez viu os três membros da família Erdahl lado a lado. Na vida real, um deles parece estar sempre na cozinha, o outro no escritório e Kevin no jardim. *Bang-bang-bang-bang-bang*. Uma porta a fechar, um pedido de desculpas para o interlocutor do outro lado da linha.

– Sim, desculpe, é o meu filho. O jogador de hóquei, sim, isso mesmo.

Ninguém levanta a voz nesta casa e também nunca a baixam – as emoções foram amputadas de toda a comunicação. Kevin é simultaneamente o miúdo mais e menos estragado com mimos que Benji já conheceu: o frigorífico está cheio de refeições confeccionadas de acordo com o plano nutricional fornecido pela equipa e entregues de três em três dias por uma empresa de *catering*; a cozinha da casa da família Erdahl pode ter custado três vezes mais do que toda a casa da mãe de Benji, mas nunca ninguém prepara qualquer refeição nela. O quarto de Kevin tem tudo o que um jovem de dezassete anos poderia desejar, incluindo o facto de nenhum adulto – exceto a empregada de limpeza – lá entrar desde que ele tinha três anos. Não há ninguém em Björnstad que tenha gastado mais dinheiro na carreira desportiva do filho, nem ninguém que tenha dado mais à equipa em patrocínios do que a empresa do pai de Kevin; contudo, Benji conseguia contar pelos dedos de uma mão o número de vezes que viu os pais dele entre a multidão de espectadores dos jogos, e ainda lhe sobriariam dois dedos. Uma vez, Benji falou nisso com o amigo. Kevin respondeu: «Os meus pais não se interessam por hóquei.» Quando Benji quis

saber por que é que eles se interessavam, Kevin respondeu: «Sucesso.» Tinham dez anos, na altura.

Quando Kevin tem a melhor nota da turma nos testes de História, o que acontece quase sempre, e chega a casa e diz que acertou 49 em 50 perguntas, o pai limita-se a perguntar, em tom inexpressivo: «Onde é que erraste?» A perfeição não é um objetivo na família Erdahl, é a regra.

A casa dos Erdahl é branca e exata, um modelo de ângulos retos. Assim que tem a certeza de que ninguém o está a ver, Benji afasta a sapateira dois centímetros, toca em uma ou duas fotografias na parede para ficarem um pouco tortas e, ao atravessar o tapete da sala, desalinha as franjas com a ponta do pé. Quando chega à porta do terraço, vê o reflexo da mãe de Kevin no vidro. Está a dar a volta à sala e a pôr tudo no lugar, mecanicamente, sem parar de falar ao telefone.

Benji sai para o jardim, pega numa cadeira e vai sentar-se ao pé de Kevin; depois, fecha os olhos e ouve as pancadas. Kevin faz uma pausa, com a gola da camisola molhada de suor.

– Estás nervoso? – pergunta.

Benji não abre os olhos.

– Lembras-te da primeira vez que vieste à floresta comigo, Kev? Nunca tinhas caçado antes e levavas a espingarda como se tivesses medo de que ela te fosse morder.

Kevin solta um suspiro tão profundo que metade do ar provavelmente se escapa por outra abertura do corpo.

– Será que nunca vais levar nada a sério na vida?

O sorriso aberto de Benji revela uma diferença quase impercetível na cor dos dentes. Se o mandarem para o meio de uma disputa no ringue ele sairá de lá com o disco, mesmo à custa de um dente, quer seja seu ou de outra pessoa qualquer.

– Quase que me deste um tiro nos tomates. Levo isso muito a sério.

– Então não estás mesmo nervoso em relação ao jogo?

– Kev, tu e uma arma nas imediações dos meus testículos deixam-me nervoso. O hóquei não me deixa nervoso.

São interrompidos pelos pais de Kevin, que vêm despedir-se. O pai no mesmo tom que usaria para dispensar um empregado de mesa no restaurante, a mãe com um cuidadoso «querido» acrescentado no final da frase. Como se estivesse mesmo a tentar, mas não conseguisse fazer com que parecesse mais sincero do que uma deixa decorada para uma peça. A porta da frente fecha-se, dois carros começam a trabalhar lá fora. Benji tira outro charro do bolso de dentro do casaco e acende-o.

– E *tu*, estás nervoso, Kev?

– Não. Não, não...

Benji ri-se; o amigo nunca foi capaz de lhe mentir.

– A sério?

– Está bem! Merda, Benji, estou todo borrado! É isso que queres ouvir?

Benji parece ter adormecido.

– Quantos é que já fumaste hoje? – ri-se Kevin.

– Menos do que queria – murmura Benji, e enrosca-se na cadeira como se estivesse a pensar em hibernar para o inverno.

– Sabes que temos de estar na escola dentro de uma hora?

– Mais uma razão.

– Se o David descobre, corre contigo da...

– Não corre nada.

Kevin apoia-se no *stick* e olha para ele em silêncio. De todas as coisas no mundo que uma pessoa pode invejar ao seu melhor amigo, é isto que Kevin mais gostaria de ter: a capacidade que Benji sempre possuiu de se estar a borrifar para tudo e de, mesmo assim, conseguir safar-se. Kevin abana a cabeça e ri-se, resignado.

– Pois não.

Benji adormece. Kevin vira-se para a baliza e os seus olhos escurecem. *Bang, bang, bang, bang, bang.*

Outra vez. Outra vez. Outra vez.

Em casa, na cozinha, David faz as últimas flexões. Depois toma duche, veste-se, arruma a pasta e pega nas chaves do carro para

se dirigir ao ringue e começar a trabalhar. Mas a última coisa que o treinador de trinta e dois anos faz antes de sair de casa é pousar o café na mesinha ao pé da porta e correr para a casa de banho. Aí, tranca a porta e abre as torneiras do lavatório e da banheira para que a namorada não o oiça vomitar.

É só um jogo. Todos os que o jogam ouvem isto de vez em quando. Muitas pessoas tentam dizer a si próprias que é verdade. No entanto, não passa de um perfeito disparate. Ninguém em Björnstad seria o mesmo se o hóquei não existisse.

Kevin vai sempre à casa de banho antes de ele e Benji saírem para a escola. Não gosta de utilizar as casas de banho de lá, não por serem nojentas, mas porque lhe causam *stress*. Fazem-no sentir-se ansioso de uma forma que nunca conseguiu identificar bem. Só consegue relaxar por completo em casa, rodeado por azulejos caros e um lavatório tão exclusivo quanto pouco prático, cuidadosamente selecionado por um decorador de interiores que faturou muito mais horas de trabalho do que os trabalhadores que o montaram. A sua casa é o único sítio no mundo onde aprendeu a estar sozinho. Em todos os outros lugares, no ringue ou na escola, ou mesmo no caminho entre os dois locais, faz sempre parte de um grupo. Está sempre no centro, com a equipa a gravitar à sua volta devido às suas capacidades no gelo, os melhores jogadores mais próximos do que os restantes. Em casa, Kevin aprendeu a estar sozinho desde tão cedo que isso se tornou natural, mas agora não suporta estar sozinho em mais lado nenhum.

Benji espera por ele em frente da casa. Como sempre. Um rapaz com menos controlo dos seus impulsos do que Kevin tê-lo-ia abraçado. Mas Kevin limita-se a acenar com a cabeça e diz:

– Vamos.

Maya afasta-se tão depressa do carro do pai que Ana tem de correr para a acompanhar. Estende-lhe um copo de plástico.

– Queres um bocadinho? Estou a fazer a dieta dos batidos verdes!

Maya abranda o passo e abana a cabeça.

– Porque é que estás sempre a fazer dietas maradas? Odeias assim tanto as tuas papilas gustativas? Que mal é que elas te fizeram?

– Cala-te, isto é mesmo bom! Prova!

Desconfiada, Maya encosta o copo aos lábios. Dá um pequeno gole e cospe.

– Tem *grumos*!

Ana acena com ar satisfeito.

– Manteiga de amendoim.

Enojada, Maya limpa a língua com os dedos, como se estivesse coberta de cabelos invisíveis.

– Tu precisas de ajuda, Ana. Ajuda a sério.

Björnstad já teve mais escolas, porque antes havia muito mais crianças. Agora restam apenas dois edifícios: um para os alunos do primeiro e segundo ciclos, e outro para o terceiro ciclo. Todos almoçam no mesmo refeitório. A cidade já não tem gente suficiente para precisar de mais do que isso.

Amat corre para alcançar Lifa e Zacharias no parque de estacionamento. Os três rapazes sempre estiveram na mesma turma e são melhores amigos desde o pré-escolar, não por serem muito semelhantes entre si, mas porque sempre partilharam o facto de serem diferentes. Em sítios como Björnstad, as crianças mais populares tornam-se líderes desde muito cedo; as equipas são invisivelmente escolhidas desde os recreios. Amat, Lifa e Zacharias eram o tipo de miúdos que ficavam para último. Desde então, estão ligados uns aos outros. Lifa é menos falador do que uma árvore, Zacharias, mais barulhento do que um rádio e Amat apenas aprecia ter companhia. Formam uma boa equipa.

– ... um tiro direto na cabeça! Ele tentou acobardar-se e esconder-se... Mas que merda? Estás a ouvir, Amat?

Zacharias, com as mesmas calças de ganga pretas, a mesma camisola de capuz preta e o mesmo boné preto que parece usar desde os dez anos, interrompe o que está a dizer sobre o seu desempenho da noite passada, ao que parece impressionante, contra um atirador fortemente armado num universo virtual, e dá um encontrão em Amat.

– O quê?

– Ouviste o que eu estava a dizer?

Amat boceja.

– Sim, sim, um tiro na cabeça. Espantoso. Estou cheio de fome.

– Foste treinar esta manhã? – pergunta Zacharias.

– Fui.

– Não bates bem da cabeça, para acordar tão cedo todos os dias.

Amat sorri.

– Então e a que horas foste dormir ontem à noite?

Zacharias encolhe os ombros e massaja os polegares.

– Quatro da manhã... Está bem, talvez já fossem cinco.

Amat acena com a cabeça.

– Passas tanto tempo a jogar como eu a treinar, Zach. Veremos quem chega primeiro a profissional!

Zacharias abre a boca para responder, mas uma palmada com força na nuca projeta-o para a frente. Zacharias, Amat e Lifa sabem que é Bobo mesmo antes de se virarem. O boné de Zacharias cai no chão ao som dos risos dos rapazes mais velhos que os rodearam de repente. Zacharias, Amat e Lifa têm quinze anos e os outros são apenas dois anos mais velhos, mas estão tão desenvolvidos fisicamente que ninguém estranharia se a diferença entre eles fosse de uma década. Bobo é o maior, largo como uma porta e feio como uma noite de tempestade. Empurra Zacharias com força, com o ombro, ao passar, e Zacharias tropeça e cai de joelhos. Bobo finge-se surpreendido, ri-se e os amigos riem-se com ele.

– Bela barba, Zach. Cada dia que passa estás mais parecido com a tua mãe.

Bobo faz um sorriso malicioso e, antes de os risos dos outros se extinguirem, continua:

– E nos tomates, já tens pelos? Ou ainda choras no duche quando vês que é só o algodão das cuecas? Merda, Zach... Agora a sério, tenho andado a pensar numa cena: da primeira vez que tu, o Amat e o Lifa dormiram juntos, como é que decidiram qual dos três ia perder a virgindade primeiro?

O grupo de rapazes mais velhos afasta-se na direção da escola. Dentro de trinta segundos, já não se lembrarão deste momento, mas

para os que eles deixaram para trás, o eco das suas risadas demorará muito mais tempo a desaparecer. Amat vê o ódio silencioso nos olhos de Zacharias quando o ajuda a levantar-se. Esse ódio cresce de dia para dia. Amat teme que, um dia, acabe por explodir.

Há muitas coisas, grandes e pequenas, que podem fazer com que uma pessoa adore fazer parte de uma equipa. Quando Kevin andava na escola primária, foi com o pai ao mercado de Natal em Hed. O pai tinha uma reunião, por isso Kevin andou a passear sozinho no mercado, a ver as montras e as bancas. Perdeu-se e atrasou-se cinco minutos a regressar ao carro. Quando chegou ao parque de estacionamento, o pai já se tinha ido embora. Kevin teve de voltar a pé para Björnstad, sozinho, às escuras. Os bancos de neve à beira da estrada davam-lhe pelas coxas e demorou metade da noite a chegar a casa. Entrou a cambalear, molhado e exausto, na casa silenciosa. Os pais já estavam a dormir. Com aquela atitude, o pai quisera ensinar-lhe a importância de ser pontual.

Seis meses depois, a equipa de hóquei participou num torneio noutra cidade. O rink era o maior que os rapazes alguma vez tinham visto e, no caminho para o autocarro, Kevin perdeu-se. Os irmãos mais velhos de três dos jogadores da equipa que ele humilhara algumas horas antes encontraram-no, arrastaram-no para uma casa de banho e espancaram-no. Kevin nunca esquecerá a expressão de estupefação nos rostos deles quando outro miúdo da primária apareceu e deu conta dos três, num turbilhão de socos e pontapés. Benji e Kevin estavam ambos cobertos de sangue e nódoas negras quando chegaram ao autocarro, mais de três quartos de hora atrasados. David estava ali parado, à espera deles. Dissera ao resto da equipa para ir andando; apanharia o comboio com Benji e Kevin quando eles aparecessem. Mas todos os jogadores da equipa se tinham recusado a entrar no autocarro. Ainda não tinham sequer idade para saber a tabuada, mas sabiam que uma equipa não significa nada se não puderem contar uns com os outros. Essa

é uma coisa simultaneamente grande e pequena: saber que há pessoas que nunca nos abandonarão.

Kevin e Benji estão sozinhos quando entram na escola, mas exercem uma atração magnética à medida que percorrem o corredor. Bobo e os outros rapazes mais velhos reúnem-se de imediato em volta deles e, no tempo que demoram a dar dez passos, são já um grupo de doze. Kevin e Benji não acham isso estranho, o que é normal quando algo sempre assim foi ao longo da vida de uma pessoa. É impossível dizer o que chamou a atenção de Kevin, porque, na véspera de um jogo, geralmente não há nada à face da Terra capaz de o distrair; porém, ao passar por uma fila de cacifos, os seus olhos cruzam-se com os dela. Vai contra Benji e Benji solta uma imprecação, que Kevin não ouve.

Maya acabou de guardar a mala no cacifo e, quando se vira e os seus olhos se cruzam com os de Kevin, fecha a porta do cacifo tão depressa que entala a mão. O momento passa num instante – o corredor enche-se de corpos e Kevin desaparece na multidão. Mas é claro que as amigas que uma pessoa tem aos quinze anos nunca deixariam passar em branco uma coisa assim.

– Então... de repente ficaste interessada em hóquei, foi? – brinca Ana.

Embaraçada, Maya esfrega a mão.

– Cala-te. O que...

Depois, um breve sorriso ilumina-lhe o rosto.

– Lá porque uma pessoa não gosta de manteiga de amendoim, não quer forçosamente dizer que não goste de... amendoins.

Ana ri-se tanto que cospe o batido para dentro do cacifo.

– Pronto, está bem! Mas se chegares a falar com o Kevin, o mínimo que podes fazer é apresentar-me ao Benji, está bem? Ele é... hummm... era capaz de o comer. Como... manteiga.

Maya franze a testa numa expressão enojada, depois tira a chave do cacifo e começa a andar. Ana olha para ela e ergue os braços para o céu.

– O que foi? TU podes dizer coisas dessas e eu não?

– Sabem que não é ele que inventa aquelas piadas, certo? Não tem inteligência para tanto. Tira-as da *internet* – murmura Zacharias, humilhado, enquanto sacode a neve da roupa.

Lifa pega no boné do amigo e sacode-o. Amat estende a mão, numa tentativa de o acalmar.

– Eu sei que odeias o Bobo, mas para o ano nós seremos juniores e... as coisas serão melhores.

Zacharias não responde. Lifa lança-lhe um olhar meio irritado, meio resignado. Lifa deixou de jogar hóquei quando eram mais novos. Estavam sempre a dizer-lhe que tinha de conseguir lidar com as «brincadeiras» no balneário, o que acabou por ser um argumento útil pois, quando Lifa desistiu do jogo, toda a gente pôs as culpas nisso. O problema era ele, não o hóquei. Se os pais de Zacharias não adorassem o jogo como adoravam, ele também não teria continuado a jogar, e se Amat não fosse tão bom, até ele podia não ter conseguido encontrar o entusiasmo necessário para continuar a jogar.

– Será melhor para o ano – repete Amat.

Zacharias não diz nada. Sabe muito bem que não terá lugar na equipa de juniores e que este é o seu último ano como jogador de hóquei. Amat é o único que ainda não percebeu que está prestes a deixar o melhor amigo para trás.

O silêncio não incomoda Amat, que abre a porta e entra na escola. Assim que vira a esquina do corredor e a vê, todos os ruídos se reduzem a um ribombar abafado nos ouvidos. Ela tira-lhe o ar.

– Olá, Maya! – exclama, um pouco alto de mais.

Ela vira-se e repara na presença dele, nada mais do que isso. Aos quinze anos não há olhar que magoe mais do que esse.

– Olá, Amat – responde, distraída, e afasta-se antes mesmo de acabar de dizer o nome dele.

Amat fica ali parado, a tentar não olhar para Zacharias e Lifa, consciente de que eles não estarão a fazer um grande esforço para disfarçar o riso.

– *Olááá, Maaaya...* – imita Zacharias, enquanto Lifa se ri.

– Vai à merda, Zach – resmunga Amat.

– Desculpa, desculpa; mas fazes isto desde a escola primária e eu fui simpático contigo durante os primeiros *oito* anos que estiveste apaixonado por ela, portanto, penso que conquistei o direito de agora gozar contigo.

Amat dirige-se ao seu cacifo, com o coração a afundar-se no peito como chumbo. Gosta mais daquela rapariga do que gosta de patinar.

É só um jogo. Não resolve mais do que coisas pequenas, insignificantes. Quem recebe validação, quem é ouvido. Distribui o poder e traça fronteiras, transforma algumas pessoas em estrelas e outras em espectadores. Mais nada.

David entra no ringue e segue de imediato para o escritório, o gabinete mais pequeno ao fundo do corredor. Fecha a porta, liga o computador e estuda vídeos da equipa adversária de amanhã. É uma equipa brilhante, uma máquina impressionante e, se analisarmos jogador contra jogador, só Kevin está de facto à altura deles. Vai ser preciso um esforço imenso para que a equipa tenha alguma hipótese, mas David sabe que têm pelo menos uma hipótese, e que todos os seus jogadores deixarão couro e cabelo no ringue, se for preciso. Não é isso que o está a deixar agoniado. É aquilo que lhe falta na equipa. Velocidade.

Há vários anos que a linha da frente da equipa é formada por Kevin, Benji e um terceiro jogador chamado William Lyt. Kevin é um génio e Benji é um lutador. Mas William é lento. É grande e forte e não é mau nos passes, por isso David tem conseguido arranjar soluções táticas para disfarçar as suas falhas quando jogam com equipas menos impressionantes, mas aquela que vão enfrentar agora tem qualidade suficiente para anular Kevin, a menos que haja alguém com a velocidade necessária para lhe criar espaços.

David esfrega as têmporas. Olha para o seu reflexo no ecrã do computador, para o cabelo vermelho e os olhos exaustos. Levanta-se, vai à casa de banho e vomita outra vez.

Num gabinete maior, a duas portas dali, Sune está sentado em frente ao computador. Está a ver os mesmos vídeos que David, repetidamente. Em tempos, os dois homens viam sempre os eventos no ringue da mesma maneira, pensavam da mesma forma sobre tudo. Porém, com o passar do tempo, David tornou-se mais velho e mais ambicioso e Sune, velho e teimoso. Quando David afirma que as lutas deviam ser permitidas no gelo porque «haveria

menos lesões se os rapazes soubessem que levavam porrada se jogassem mal», Sune responde: «Isso é como dizer que haveria menos acidentes na estrada se proibíssemos os seguros automóveis, porque as pessoas cuidariam melhor dos carros.» Quando David quer «aumentar a carga» sobre os juniores, Sune fala em «mais qualidade do que quantidade». Se David diz «para cima», Sune grita «para baixo». Quando algumas das outras associações desportivas propuseram, recentemente, que os jogos dos infantis deixassem de registar golos e pontos, e que não houvesse tabelas classificativas até aos doze anos, Sune achou que parecia «sensato», enquanto David se insurgiu por ser «comunismo». David pensa que Sune o devia deixar fazer o seu trabalho, ao passo que Sune acha que David não compreende qual é o seu trabalho. Os dois homens estão enfiados nas suas próprias trincheiras, demasiado fundo para conseguirem sequer ver-se um ao outro.

Sune recosta-se, esfrega os olhos e ouve a cadeira estalar sob o seu peso quando suspira. Gostaria de poder explicar a David com exatidão quão solitário pode ser o trabalho de treinador da equipa principal, como essa responsabilidade pode tornar-se pesada e entorpecedora. Avisá-lo de que é preciso estar preparado para ver o panorama geral, para se adaptar, para mudar. Mas David é jovem, não está disposto a ouvir e a compreender. Sune fecha os olhos e pragueja com os seus botões. Mas não será ele exatamente igual? Uma das coisas mais difíceis de envelhecer é admitir erros quando já é demasiado tarde para os corrigir. A parte pior de ter poder sobre a vida das outras pessoas é que, às vezes, se cometem erros.

Sune sempre se recusou a avançar jogadores mais novos para os grupos mais avançados. O velho treinador acredita no princípio de que os jogadores se devem desenvolver lado a lado com os seus pares, que dar-lhes oportunidades demasiado cedo abafa o talento. Porém, ali sentado no seu gabinete, sozinho, a ver aqueles vídeos, tem de admitir que vê a mesma coisa que David, algo que quase mais ninguém compreende: sem um bocadinho de velocidade, a equipa de juniores morrerá na praia no dia seguinte.

Assim, até Sune dá por si a questionar: de que servem os princípios, se não vencerem?

Björnstad é uma cidade pequena o bastante para que toda a gente reconheça quase toda a gente, mas grande o suficiente para estar cheia de pessoas em quem ninguém realmente repara. Robbie Holts passou dos quarenta há já alguns anos. A sua barba começou a ficar grisalha. Coça-a e cinge mais a gola do velho blusão camuflado ao pescoço. Quando o vento sopra vindo do lago, nesta época do ano, parece que a pele da cara está a ser arrancada por fantasmas. Caminha do outro lado da rua, fingindo que tem coisas importantes para fazer, e convencendo-se a si próprio de que assim ninguém perceberá de que está apenas à espera de que o bar, o Urso Pardo, abra. Dali consegue ver o telhado do rinque. Tal como todas as outras pessoas da cidade, a única coisa de que tem falado noite e dia, desde que os juniores venceram os quartos de final, é no jogo de amanhã. O problema é que já não tem muitas pessoas com quem falar desde que a fábrica o despediu, a ele e a mais nove trabalhadores. É também bastante provável que ninguém estivesse interessado naquilo que ele tinha para dizer antes, mas só agora começou a aperceber-se disso.

Olha para o relógio. Ainda falta uma hora para o bar abrir. Finge que não há problema. Enfia as mãos nos bolsos quando entra no supermercado, para que ninguém veja como tremem. Enche o cesto com artigos de que não precisa e nos quais não devia gastar dinheiro, e põe a cerveja *light* – a única que o supermercado pode vender – em último, como se fosse apenas uma compra impulsiva de última hora. «Isto? Oh, é capaz de dar jeito ter umas cervejas em casa, mais nada.» Na pequena loja de ferragens, pergunta se pode usar a casa de banho. Bebe as cervejas lá dentro. Sai e põe-se à conversa durante um bocado com o vendedor, acabando por comprar uns parafusos muito específicos, fazendo questão de deixar bem claro que lhe fazem falta para uma peça de mobília que não existe. Volta a sair para a rua, vê de novo o telhado do rinque. Em tempos que já lá vão, ele, Robbie Holts, foi o rei do rinque. Em

tempos que já lá vão, teve mais potencial do que Kevin Erdahl hoje em dia. Em tempos que já lá vão, foi até melhor do que Peter Andersson.

Peter dá a volta no parque de estacionamento, regressa à estrada e tamborila com os dedos no volante. Agora que os miúdos saíram do carro, apercebe-se novamente da sua própria pulsação. É só um jogo de juniores. Só um jogo. Um jogo. Vai repetindo este mantra, mas os nervos estão a dar cabo dele. Os pulmões parecem estar a receber o oxigénio através das órbitas. O hóquei é um desporto simples: quando a vontade de vencer é mais forte do que o medo de perder, há uma hipótese. Ninguém vence quando está assustado.

Espera que os juniores sejam demasiado novos para sentirem medo amanhã, demasiado ingénuos para compreenderem o que está em jogo. Porque o público do hóquei não reconhece subtilezas, apenas o Céu ou o Inferno. Visto das bancadas, um jogador ou é um génio ou um perfeito inútil, nunca mais nem menos do que isso. Um fora de jogo nunca levanta dúvidas, cada corte é perfeitamente limpo ou merecedor de suspensão permanente. Quando Peter tinha vinte anos e era capitão de equipa, e regressou a Björnstad depois de quase vencer a final da principal liga nacional, foi recebido pela voz furiosa do pai na cozinha: «Quase? Por amor de Deus, ninguém *quase* entra num barco. Ou estás no barco ou estás na água. E quando os outros imbecis todos também estão dentro de água, ninguém quer saber quem foi o último a ir lá parar.»

Quando Peter conseguiu o contrato com a NHL e estava prestes a mudar-se para o Canadá, o pai disse-lhe, sem deixar margem para dúvidas, que não pensasse que era «alguém especial». É possível que o velhote quisesse ser menos agressivo do que pareceu, que tencionasse dizer que a humildade e o trabalho árduo conseguiriam levar o filho tão longe lá como aqui. É possível que o álcool lhe tenha tornado as palavras mais cortantes. É ainda possível que Peter não quisesse bater com a porta com tanta força como bateu. Mas agora não importa. Um rapaz deixou Björnstad em

silêncio e quando regressou era tarde de mais para palavras. É impossível fitar uma lápide nos olhos e pedir-lhe perdão.

Peter lembra-se de percorrer, sozinho, todas as ruazinhas onde crescera, e de se aperceber de que as pessoas que o conheciam desde sempre olhavam agora para ele de maneira diferente. Lembra-se de como paravam subitamente de falar quando ele entrava numa sala. Foi um alívio quando isso passou, quando deixaram de o ver como uma estrela e começaram a vê-lo como o diretor-geral da equipa. Depois, à medida que o clube ia caindo aos reboões pelas várias divisões, e as pessoas começaram a dizer ao diretor-geral aquilo que realmente pensavam, descobriu que parte dele gostaria que ainda o vissem como uma estrela. Porque o público do hóquei não reconhece subtilezas, apenas o Céu ou o Inferno.

Então, porque continua? Porque nunca pensou noutras alternativas. É difícil para muitas pessoas lembrarem-se dos motivos pelos quais começaram a amar aquilo que amam, mas para Peter é fácil. A principal razão para o seu amor pelo hóquei, desde o primeiro instante em que calçou um par de patins, é o silêncio. Tudo o que havia fora do rinque: o frio e a escuridão e o facto de a sua mãe estar doente e de o pai estar outra vez bêbado quando ele chegava a casa... tudo isso se silenciava dentro da sua cabeça assim que pisava o gelo. Tinha quatro anos dessa primeira vez, mas o hóquei disse-lhe imediatamente que ia exigir a sua dedicação total e absoluta. E Peter amava-o por isso. E ainda o ama.

Um homem da mesma idade de Peter, mas que parece quinze anos mais velho, vê o carro de Peter passar na cidade. Cinge mais o velho blusão camuflado à volta do pescoço e coça a barba. Quando tinham ambos dezassete anos, só havia uma pessoa em toda a cidade de Björnstad que achava Peter mais talentoso do que Robbie no hóquei. «O talento é como soltar dois balões: o mais interessante não é ver qual deles sobe mais depressa, mas sim qual deles tem o fio mais comprido», costumava observar o velho filho da mãe de Sune. E tinha razão, claro. A direção e os patrocinadores

obrigaram-no a mudar Robbie para a equipa principal, apesar de o treinador insistir que o rapaz ainda não estava mentalmente preparado para isso. Robbie começou a ser massacrado com cortes violentos, lesionou-se, ganhou medo e passou o resto da temporada a atirar o disco contra as tábuas para não arriscar meter-se numa escaramuça. Da primeira vez que o público o vaiou, foi para casa e chorou. Da segunda vez, foi para casa e embebedou-se.

Quando fez dezoito anos, era pior jogador do que aos dezassete, enquanto Peter era melhor do que qualquer outro que a cidade alguma vez vira. Quando deram a Peter a oportunidade de avançar para a equipa sénior, ele estava pronto. Robbie começara a duvidar de si próprio de cada vez que pisava o gelo, enquanto Peter não se deixava intimidar por nada. Foi para a NHL no mesmo ano em que Robbie começou a trabalhar na fábrica. Não há «quases» no hóquei. Um jogador alcançou os seus sonhos, enquanto o outro dá por si agora a sacudir a neve dos pés para entrar na porta que finalmente se abriu. Um curto lanço de escadas desce até ao bar, cinco degraus. De lá de baixo não consegue ver o telhado do rink.

Sune ouve David sair do gabinete. Espera até a porta da casa de banho abrir e fechar, depois escreve três palavras num *Post-it* e levanta-se. Entra no gabinete de David e cola o papel no ecrã do computador. Sune não é um homem religioso, mas nesse momento reza a todos os poderes de que se lembra para não estar a cometer um erro. Para que aquelas três palavras não estraguem a vida de outro rapaz.

Por um momento, pensa em esperar que David regressasse, em fitá-lo nos olhos e dizer-lhe a verdade, tal como a vê: «Espero que nunca deixes de discutir, David. Espero que nunca deixes de nos mandar para o inferno. Foi assim que chegaste onde chegaste.» Mas, ao invés, regressa ao seu gabinete e fecha a porta. O desporto cria homens complicados, orgulhosos o bastante para se recusarem a admitir os seus erros, mas humildes o suficiente para porem sempre a equipa em primeiro lugar.

Quando David volta da casa de banho, lê as três palavras no *Post-it* colado ao monitor do computador: «Amat. Juvenis. Veloz!!!»

É apenas um jogo. Tudo o que pode fazer é mudar a vida das pessoas.

Todos os adultos têm dias em que se sentem completamente esgotados. Em que já não sabem bem porque lutaram tanto, em que a realidade e as preocupações quotidianas os esmagam e não sabem durante quanto tempo conseguirão continuar. O que é fantástico é que todos conseguimos aguentar mais dias como esses do que pensamos, sem nos irmos abaixo. O pior é que nunca sabemos exatamente quantos.

Quando os outros membros da família estão a dormir, Kira ainda dá a volta à casa para os contar. A sua mãe sempre fez isso com os filhos, Kira e os cinco irmãos e irmãs, contá-los todas as noites. A mãe dizia que não compreendia como é que alguém podia ter filhos e não fazer o mesmo, como é que alguém podia viver sem o medo de os poder perder a qualquer momento. «Um, dois, três, quatro, cinco, seis», ouvia-a Kira murmurar pela casa, e cada um dos irmãos, ali deitado de olhos fechados, sentia que era visto e reconhecido. É uma das suas memórias mais preciosas da infância.

Kira está a conduzir entre a pequena cidade de Björnstad e a cidade maior do outro lado da floresta. O seu trajeto diário para o trabalho demora mais do que a maioria das pessoas acharia aceitável, mas a Kira parece surpreendentemente rápido, já que tem a sensação de ter atravessado o universo inteiro quando por fim sai do carro. Embora a cidade maior seja muito mais pequena do que a cidade onde nasceu, é um mundo diferente daquele que deixou para trás, entre as árvores. Um mundo maior, com colegas que a incentivam, amigos com quem discute cultura e política, adversários que analisa e enfrenta.

Kira já ouviu dizer muitas vezes que é estranho que uma mulher que não percebe nada de hóquei tenha acabado casada com um jogador de hóquei, mas isso não é justo, na verdade. Ela acha o jogo perfeitamente lógico; a única coisa que não compreende é a intensidade dos treinos. A adrenalina, a fome a raiar o medo, a forma como se lançam da beira do abismo e flutuam ou são

devorados – Kira compreende tudo isso. Vive-o ela própria no tribunal, nas negociações. A lei é um jogo diferente, com um conjunto de regras distinto, mas a competitividade é algo que nasce ou não com cada pessoa. Como costumam dizer em Björnstad: «Há quem tenha o urso dentro de si.»

Talvez seja por isso que Kira, que até aos dezanove anos nunca viveu em sítio nenhum com menos de um milhão de habitantes, conseguiu construir um lar para si entre os habitantes da floresta, apesar de tudo. Compreende o amor pela luta, partilha-o com eles. Sabe que um dos factos mais interessantes da luta pelo sucesso – e Deus sabe que Kira lutou durante toda a sua formação com os filhos das famílias ricas que não tinham de lavar a loiça no restaurante dos pais à noite – é que nunca paramos realmente de lutar. Nunca deixamos de ter medo de cair de lá de cima, porque quando fecha os olhos ela ainda sente a dor de cada um dos degraus que teve de subir para lá chegar.

Peter já tem uma dor no estômago quando entra no gabinete do presidente. É um espaço desarrumado, cheio de fotografias antigas e canecas, com algumas garrafas caras numa mesa ao canto, tacos de golfe e um roupeiro entreaberto que contém um fato extra e algumas camisas lavadas. Vão fazer falta, as camisas – o presidente está sentado à secretária a comer uma sanduíche, como um lobo-d’alsácia a tentar devorar um balão cheio de maionese. Peter tenta conter o impulso de pegar em guardanapos e limpar a secretária e o próprio presidente, e pelo menos consegue conter-se antes de chegar ao presidente.

– Podes fechar a porta? – pede-lhe o presidente com a boca cheia.

Peter respira fundo e sente as entranhas contraírem-se. Sabe que toda a gente na cidade o considera ingénuo, que pensam que ele não compreende o que aí vem. Na verdade, é apenas o tipo de homem que se agarra à esperança com unhas e dentes. Mas agora fecha a porta e abandona toda a esperança.

– Vamos promover o David a treinador da equipa principal – declara o presidente, como se estivesse num vídeo a exemplificar a melhor maneira de não ser diplomático.

Peter acena com a cabeça, abatido. O presidente sacode as migalhas da gravata.

– Toda a gente sabe como tu e o Sune são chegados... – acrescenta, à laia de pedido de desculpa.

Peter não responde. O presidente limpa os dedos às calças.

– Não fiques com essa cara, por amor de Deus, como se eu tivesse roubado os presentes de baixo da árvore de Natal. Temos de pôr o bem do clube em primeiro lugar, Peter!

Peter olha para o chão. É um jogador de equipa – é assim que se descreveria. E a base para isso é compreender sempre o seu papel e as respetivas limitações. Terá de dizer isso a si próprio muitas vezes hoje, obrigar o cérebro a controlar o coração. Foi Sune que o persuadiu a ser diretor-geral, e foi a porta de Sune que esteve sempre aberta para ele quando as coisas eram difíceis.

– Com todo o respeito: sabe que não estou de acordo. Não me parece que o David esteja preparado – murmura.

Não olha diretamente para o presidente e, em vez disso, olha para as paredes do gabinete, como se estivesse à procura de alguma coisa. Só quando a situação é muito desagradável é que Peter evita fitar alguém nos olhos. Kira costuma dizer que ele começa a «disparar contra pombos imaginários» assim que se vê metido nalgum tipo de conflito. Nem sequer consegue dizer à empregada da caixa do supermercado que se enganou no troco sem ter suores frios e vontade de se encolher a um canto. A parede atrás do presidente está decorada com fotografias e galhardetes, e num deles – antigo e desbotado – pode ler-se: «Cultura. Valores. Comunidade.» Peter tem vontade de perguntar ao presidente o que acha que tal frase significa, agora que estão prestes a despedir o homem que construiu tudo aquilo que os rodeia. Mas não diz nada. O presidente levanta as mãos.

– Temos consciência de que o David é exigente, mas consegue resultados. E os patrocinadores fizeram um investimento significativo... Por amor de Deus, Peter, salvaram-nos da

bancarrota. E temos uma oportunidade agora de construir algo grande, usando os produtos da equipa de juniores.

Peter fita-o nos olhos pela primeira vez e responde entre dentes cerrados:

– Não devíamos estar a desenvolver «produtos». Não estamos a fabricar nada. Estamos a desenvolver seres humanos. Estes rapazes são de carne e osso, não são planos de negócios e alvos de investimento. O programa de juniores não é uma fábrica, apesar do que alguns dos nossos patrocinadores parecem pensar.

Morde o lábio com força e cala-se. O presidente coça o queixo, com a barba por fazer. Ambos parecem cansados. Peter baixa de novo os olhos para o chão.

– O Sune acha que o David está a pressionar demasiado os juniores. Estou preocupado com o que pode acontecer se ele tiver razão – acrescenta num murmúrio.

O presidente sorri e encolhe os ombros.

– Sabes o que acontece ao carvão quando é sujeito a grande pressão, Peter? Transforma-se num diamante.

A família Andersson nunca joga ao Monopólio, não porque os pais não queiram, mas porque os filhos se recusam. Da última vez que tentaram, Kira acabou a segurar o tabuleiro em cima das chamas da lareira, ameaçando queimá-lo se Peter não confessasse que estava a fazer batota. Os pais são tão competitivos que Maya e Leo se recusam a jogar. Leo adora hóquei porque adora fazer parte de uma equipa, mas provavelmente seria tão feliz no papel de responsável pelo equipamento como é na posição de central. Maya escolheu a guitarra. Não há competição quando se toca guitarra. A última memória desportiva de Maya é da ocasião em que perdeu um jogo de pingue-pongue, aos seis anos, porque outra rapariga foi contra ela e a fez cair. Lembra-se de como o líder do grupo de jovens que devia distribuir as medalhas se trancou numa despensa para Kira não o encontrar. Maya teve de consolar a mãe o caminho todo até casa. Depois disso, anunciou que queria aprender a tocar um instrumento.

Nada deixou Kira mais orgulhosa ou invejosa do que quando ouviu a filha ligar um amplificador pela primeira vez e tocar David Bowie, na garagem, com o pai na bateria. Odiava e amava Peter porque ele tinha a sensibilidade necessária para aprender. Para assim conseguir estar perto de Maya.

Os quatro membros da família Andersson são todos tão improvavelmente diferentes, e embora Kira nunca os deixe esquecer que Peter acabou por confessar que estava a fazer batota, de vez em quando ela lembra-se desse tabuleiro de Monopólio e sente... vergonha. Não passou um único segundo desde que teve os filhos em que não se tenha sentido uma má mãe. Por tudo. Por não compreender, por ser impaciente, por não saber tudo, por não lhes mandar almoços melhores, por continuar a querer mais da vida do que apenas ser mãe. Ouve as outras mulheres de Björnstad suspirarem nas costas dela: «Sim, mas ela tem um emprego a tempo inteiro, sabes. Imagina!» Por mais que tente deixar que essas palavras lhe entrem por um ouvido e saiam pelo outro, algumas ficam.

Tem vergonha de o admitir a si própria, mas ir trabalhar é libertador. Sabe que é boa naquilo que faz, e nunca se sente assim em relação ao trabalho de mãe. Mesmo nos dias melhores – naqueles momentos fugazes e brilhantes, quando estão de férias e Peter e os miúdos andam a brincar na praia e toda a gente está feliz e risonha –, Kira sente-se uma fraude. Como se não o merecesse, como se quisesse apenas poder mostrar ao resto do mundo uma fotografia retocada da família.

O seu trabalho pode ser exigente e duro, mas é também claro e lógico. E ser mãe nunca é assim. Se fizer tudo bem no trabalho, as coisas geralmente correm como planeado, mas mesmo que faça tudo na perfeição no seu papel de mãe, o pior pode sempre acontecer na mesma.

O peso no peito de Peter parece demasiado opressivo para que ele consiga até levantar-se da cadeira. O presidente tenta soar autoritário:

– A direção quer que comunique a notícia ao Sune e que lides com as entrevistas à comunicação social. É importante que demonstremos que estamos todos unidos nesta decisão.

Peter esfrega as sobancelhas.

– Quando?

– Logo a seguir à final dos juniores.

Peter ergue a cabeça, surpreendido.

– Não quer dizer à meia-final? Amanhã?

O presidente abana a cabeça com calma.

– Não. Se perderem a meia-final, o David não ficará com o cargo. A direção selecionará outra pessoa. Nesse caso, precisaremos de mais uma ou duas semanas.

O mundo de Peter inclina-se no seu eixo.

– Está a brincar? Está mesmo a pensar em despedir o Sune e depois ir buscar outra pessoa *de fora*?

O presidente abre um pacote de batatas fritas, come uma mão-cheia e sacode o sal do casaco.

– Ora, Peter, não sejas ingénuo. Se os juniores vencerem a final, teremos uma quantidade incrível de publicidade. Os patrocinadores, a câmara, toda a gente vai querer participar. Mas a direção não está interessada em «quases»... Olha para nós, olha para o clube...

O presidente levanta as mãos um pouco depressa de mais, mas continua a falar por entre a chuva de migalhas.

– Não sejas hipócrita, Peter. Não dedicaste estas horas todas ao clube para chegar a «quase», não te tornaste diretor-geral para alcançar um «quase». Ninguém quer saber se eles fazem um bom jogo, as pessoas só se lembrarão do resultado. O David é totalmente inexperiente como treinador sénior, mas podemos fechar os olhos a isso se ele ganhar. Se não ganhar... bom, sabes quais são as regras: ou uma equipa ganha, ou vai para o rol dos «outros participantes».

Durante muito tempo olham um para o outro em silêncio, o presidente do clube e o seu diretor-geral. Não dizem mais nada, mas ambos sabem: se Peter não entrar nos eixos e não ficar do lado da direção e dos patrocinadores, também ele pode ser substituído. O clube vem em primeiro lugar. Sempre.

Sai do gabinete do presidente, fecha a porta atrás de si e para no corredor, abatido, com a testa encostada à parede. Uma lição dura que Peter teve de aprender muito depressa quando se tornou diretor-geral, é que toda a gente está sempre descontente com ele. Foi algo difícil de aceitar para quem quer sempre fazer os outros felizes. Foi Sune que o aconselhou a não se deixar afetar, que lhe disse que o seu talento para encontrar o meio-termo o levaria longe. Que ele era capaz de ouvir e tomar decisões difíceis com a cabeça, e não com o coração.

Talvez Sune não estivesse a pensar no seu próprio despedimento quando o disse. Talvez tivesse mudado de ideias ao envelhecer. Talvez o próprio Peter tivesse mudado, não sabe. Mas sabe as regras, toda a gente as sabe: ou são um clube especial, ou são iguais aos outros todos.

No entanto, nada disso faz com que se sinta melhor. Tudo o que sabe é que continua a desiludir as pessoas. Sempre.

A um canto da secretária no gabinete de Kira há uma coleção cada vez maior de fotografias de família. Uma é dela e de Peter, tirada no dia em que se mudaram para o Canadá, quando ele assinou contrato pela NHL. Repara nela por acaso ao pousar a pasta e sorri. Céus, como eram jovens. Ela mal acabara de se tornar advogada, estava grávida, e ele ia ser uma superestrela. Como tudo foi fácil nessa altura, durante algumas semanas mágicas. O seu sorriso apaga-se quando se lembra de como os sorrisos naquela fotografia também se tinham apagado depressa. Peter partira o pé nos treinos de pré-temporada e, quando regressara ao ringue, tivera de lutar para conquistar o seu lugar na equipa. Mal conseguira recomeçar a jogar quando partiu o pé outra vez. Depois de quatro jogos na NHL. A seguir, demorou dois anos a conseguir regressar. Aos seis minutos do seu quinto jogo após o regresso, caiu e não se voltou a levantar. Ela soltou um grito angustiado, apesar de ter jurado enquanto crescia que nunca faria figuras tristes por homem nenhum. Esteve ao lado dele durante nove cirurgias e sabe Deus quantas horas de fisioterapia e especialistas. Todo aquele talento,

todo aquele suor, nunca trouxe mais do que lágrimas e amargura a um homem cujo coração queria tanto mais do que o seu corpo conseguia aguentar. Lembra-se de quando o médico lhe comunicou de que Peter nunca mais conseguiria jogar ao nível da elite, porque ninguém tinha coragem de o dizer diretamente a Peter.

Na altura, tinham um filho pequeno e uma filha a caminho. Kira já decidira que ela se chamaria Maya. Durante vários meses, as crianças tiveram um pai que estava presente sem de facto estar ali. Não há ex-jogadores de hóquei, porque eles nunca atingem bem a mesma temperatura que as outras pessoas. É como tentar reabilitar soldados que regressam da guerra: vagueiam sem objetivo quando percebem que não têm com quem lutar, por que lutar. Toda a vida de Peter fora dividida em horários e calendários, viagens de autocarro e balneários, refeições e treinos, e até horários certos para dormir. Um dos conceitos mais difíceis de ensinar a alguém assim é o de «vida quotidiana». Houve dias em que Kira pensou em desistir e pedir o divórcio. Mas depois lembrava-se de um dos lemas estúpidos escritos em papéis espalhados pelo quarto de Peter enquanto ele crescia: «Só não estou a avançar quando estou a apontar à baliza.»

Peter está sozinho no corredor. A porta do gabinete de Sune está fechada. É a primeira vez em vinte anos que Peter a vê assim, e nunca se sentiu mais grato por isso. Pensa nas palavras na parede do presidente: «Cultura. Valores. Comunidade.» Lembra-se de algo que Sune lhe disse durante os treinos de pré-temporada, há uma vida: «Cultura tem tanto a ver com aquilo que encorajamos, como com aquilo que permitimos.» Para Sune, o treinador, isso aplicava-se a fazê-los correr pela floresta até vomitarem, mas para Sune, o homem, aplicava-se também à vida.

Peter vai buscar café e bebe-o, apesar de saber tão mal que parece que alguma coisa rastejou para dentro da caneca e ali morreu, e depois faz uma pausa em frente da fotografia da equipa na temporada da medalha de prata, o maior triunfo do clube. Há cópias daquela fotografia espalhadas por todo o edifício. Robbie

Holts está ao lado dele na fila do meio. Não trocaram uma única palavra desde que Peter regressou a Björnstad, e quase não passa um dia em que Peter não pense como teria sido a sua vida se os lugares de ambos se tivessem invertido. Se Robbie fosse o mais talentoso, se tivesse sido ele a ir para o Canadá, se Peter tivesse ficado aqui, a trabalhar na fábrica. Como a vida teria sido diferente.

Lembra-se de uma manhã, no Canadá, quando Kira o arrancou da cama antes de as crianças acordarem. Obrigou-o a sentar-se e a olhar para os filhos adormecidos. «São eles a tua equipa agora», murmurou ela, uma e outra vez, até as lágrimas dos olhos dele começarem a deslizar pelas faces dela. Nesse ano, construíram uma vida nova: ficaram no Canadá e travaram todas as batalhas que lhes surgiram pela frente. Kira arranjou emprego num escritório de advogados, Peter trabalhava em *part-time* como vendedor de seguros. Fizeram com que resultasse, instalaram-se e depois – precisamente quando Kira começava a fazer planos para o futuro – vieram as noites em que se aperceberam de que havia algo errado.

Ao longo de toda a infância, os rapazes ouvem as pessoas dizer-lhes que só têm de dar o seu melhor. Que isso será suficiente, desde que deem tudo o que têm. Peter olha para si próprio no centro da fotografia, tão incrivelmente jovem. Conheceu Kira na noite em que perderam esse último jogo na capital. O facto de terem chegado tão longe era um milagre, mas isso não era suficiente para Peter. Para ele, era mais do que um jogo: era uma oportunidade para uma cidadezinha pequena mostrar à cidade grande que nem tudo estava à venda. Os jornais da capital, em tom condescendente, tinham decidido chamar ao jogo «O Grito da Província», e Peter fitara cada um dos companheiros de equipa nos olhos e rugira: «Eles podem ter dinheiro, mas o hóquei é nosso!» Deram tudo o que tinham. E não foi suficiente.

Nessa noite, a equipa saiu para celebrar o segundo lugar, a medalha de prata. Peter passou a noite sentado, sozinho, num pequeno restaurante familiar perto do hotel. Kira estava a trabalhar atrás do balcão. Peter desmanchou-se a chorar em frente dela, não por si próprio, mas porque se sentia incapaz de voltar a olhar nos olhos do resto da cidade. Porque os desiludira a todos. Foi um

primeiro encontro bastante bizarro, mas agora consegue sorrir quando se lembra disso. O que é que ela lhe dissera então? «Já pensaste na possibilidade de deixares de sentir pena de ti próprio?» Aquilo fizera-o rir, e não parou de rir durante vários dias. Desde então, todos os dias se apaixona mais um bocadinho por ela.

E certa vez, muito tempo depois disso, quando Kira tinha estado a beber e estava faladora, como costuma ficar depois de vinho a mais, puxou-o pelas orelhas, com tanta força que ele pensou mesmo que as ia arrancar, e quando Peter inclinou a cabeça para a dela, murmurou: «Meu idiota adorável, não percebes que foi então que me apaixonei por ti? Eras um miúdo perdido da província, mas eu sabia que alguém que, mesmo depois de ser considerado o segundo melhor do país, estava a chorar por receio de desiludir as pessoas que amava, havia de se tornar um bom homem. Seria um bom pai. Protegeria os filhos. Nunca deixaria acontecer nada de mau à sua família.»

Kira lembra-se de cada momento do mergulho para as trevas. O maior terror de todos os pais, acordar e tentar ouvir as respirações dos filhos. E sentir-se todas as noites uma idiota ao fazê-lo, como de costume, por estar a preocupar-se sem motivo. «Como é que me tornei nesta pessoa?», pensamos. Prometemos a nós próprios que vamos relaxar, porque, como é óbvio, sabemos que não vai acontecer nada. Mas na noite seguinte damos por nós acordados, a olhar para o teto e a abanar a cabeça, até que pensamos: «Só mais esta noite». E saímos sorrateiros da cama e encostamos a palma da mão ao peito dos nossos filhos para os sentir subir e descer. E depois, uma noite, um deles desce e não volta a subir com tanta força.

É quando tudo desaba.

Todas aquelas horas na sala de espera do hospital, todas as noites a dormir no chão ao lado da cama do menino, aquela manhã em que o médico contou a verdade a Peter, porque ninguém tinha coragem de a dizer a Kira. Ficaram destruídos. Se não tivessem

Maya, teriam conseguido continuar a viver? Como é que alguém consegue fazê-lo?

Kira ficou tão contente quando se mudaram, nunca imaginara sentir-se tão feliz por regressar. Em Björnstad podiam começar de novo. Ela, Peter e Maya. E, depois, Leo. Eram felizes ou, pelo menos, tão felizes quanto pode ser uma família esmagada por uma dor demasiado grande para ser absorvida pelo tempo.

Mas Kira ainda não sabe bem como lidar com isso.

Peter encosta a mão ao vidro da moldura. Kira nunca deixou de o fazer sentir o coração a palpitar na garganta; ainda a ama como se fosse um adolescente, quando o coração incha no peito e parece que não deixa uma pessoa respirar. Mas ela estava enganada. Ele não conseguira proteger a família. E não passa um único dia sem que pergunte a si próprio o que podia ter feito de maneira diferente. Poderia ter feito um acordo com Deus? Se tivesse sacrificado todo o seu talento? Desistido de todo o sucesso? Da sua própria vida? O que lhe teria Deus dado em troca? Poderia ter trocado de lugar no caixão com o seu primeiro filho?

À noite, Kira ainda percorre a casa, a contar os filhos. Um, dois, três.

Dois nas suas camas. Um no Céu.

Digam o que disserem de Björnstad, a cidade consegue deixar uma pessoa sem ar. Quando o sol se ergue sobre o lago, quando as manhãs são tão frias que o próprio oxigénio cheira a novo, quando as árvores parecem curvar-se de forma respeitosa sobre o gelo para deixar a luz chegar às crianças que brincam nele, nessas alturas é impossível não questionar como é que alguém pode preferir viver em sítios onde só se vê cimento e prédios. Aqui, as crianças de quatro anos brincam na rua, sozinhas, e ainda há pessoas que nunca trancaram a porta de casa. Depois do Canadá, os pais de Maya tornaram-se superprotetores, a um nível que até numa cidade grande pareceria um pouco excessivo e que em Björnstad é declaradamente psicótico. Há qualquer coisa de muito peculiar em crescer à sombra de um irmão mais velho que morreu: as crianças nessa situação ou têm medo de tudo ou não têm medo de nada. Maya pertence à segunda categoria.

Ela e Ana separam-se no corredor com o seu aperto de mão secreto. Andavam no primeiro ano de escola quando Ana o inventou, mas foi Maya que percebeu que a única maneira de o manter secreto era fazê-lo muito depressa para ninguém ter tempo de ver todos os vários elementos: punho para cima, punho para baixo, palma, palma, borboleta, dedo dobrado, pistolas, abanar, minifoguete, explosão, rabo com rabo, adeusinho. Foi Ana que arranjou as descrições. Maya ainda se ri de cada vez que batem com o traseiro uma na outra e Ana lhe vira costas, ergue as mãos no ar e grita: «... e adeusinho da Ana, pessoal!» enquanto se afasta.

Ultimamente, porém, Ana já não grita tão alto, pelo menos quando estão na escola e outras pessoas as conseguem ouvir. Encolhe os braços, baixa a voz, tenta integrar-se. Ao longo da infância, Maya sempre adorou a melhor amiga por ser diferente de todas as raparigas que conhecia, mas a vida de adolescente parece ter tido sobre Ana o efeito de uma lixa. Está a ficar cada vez mais uniforme, cada vez mais pequena.

Às vezes, Maya tem saudades dela.

Kira vê as horas, tira alguns papéis da pasta e corre para uma reunião, da qual sai diretamente para outra. Está atrasada, como de costume, quando regressa ao escritório. Há um rótulo que costumava adorar, mas que agora odeia quando é dito com sotaque de Björnstad: «mulher de carreira». Os amigos de Peter chamam-lhe isso, alguns com admiração e outros com desagrado, mas ninguém diz que Peter é um «homem de carreira». É algo que a incomoda porque reconhece a insinuação: um «emprego» é algo que se tem para poder sustentar a família, mas ter uma «carreira» é egoísta. Quem tem uma carreira, fá-lo por si próprio. Portanto, agora Kira encontra-se suspensa algures entre dois mundos, e sente-se tão culpada quando está no escritório como quando está em casa.

Tudo se tornou uma cedência. Quando era nova, sonhava com julgamentos criminais e confrontos dramáticos no tribunal, mas a realidade agora são acordos, contratos, reuniões e *e-mails*, *e-mails*, e mais *e-mails*.

«Tem demasiadas qualificações para este cargo», confessou-lhe o patrão quando ela conseguiu o emprego, como se Kira tivesse outra opção. As suas qualificações e conhecimentos valer-lhe-iam um salário anual de seis dígitos em muitos sítios do mundo, mas este é o único escritório de advogados de tamanho decente a uma distância razoável de Björnstad. Os seus clientes são empresas silvícolas e sociedades municipais; o trabalho é muitas vezes monótono, raramente estimulante, e sempre stressante. Às vezes, pensa no tempo em que viviam no Canadá e naquilo que todos os treinadores de hóquei estavam sempre a dizer: queriam «o tipo certo» para a equipa. Não apenas alguém capaz de jogar, mas alguém capaz de se integrar no balneário, que não causasse problemas, que fizesse o seu trabalho. Alguém que trabalhasse arduamente e não levantasse a voz. Kira pergunta a si própria o que terá uma mulher de fazer para ser considerada «o tipo certo».

Os seus pensamentos são interrompidos por uma colega – a melhor amiga de Kira no trabalho e o antídoto para a maleita do tédio:

– Nunca estive tão ressacada em toda a minha vida. Tenho a boca a saber a cinzeiro. Viste-me lambar algum cinzeiro ontem à

noite?

– Não estive contigo ontem à noite – lembra Kira com um sorriso.

– Não? Tens a certeza? Fomos beber um copo depois do trabalho. Estavas lá, não estavas? Foi um copo depois do trabalho, não foi? – murmura a colega, deixando-se cair numa cadeira.

Tem mais de um metro e oitenta de altura e orgulha-se de cada centímetro. Em vez de tentar encolher-se quando enfrenta os homens inseguros do escritório, aparece de sapatos vermelhos de salto agulha, afiados como facas, os mais altos que consegue encontrar. É a fantasia de um artista de banda desenhada – ninguém domina uma sala tão bem como ela. Ou uma festa.

– O que estás a fazer? – pergunta.

– A trabalhar. O que é que *tu* estás a fazer? – replica Kira.

A colega agita uma mão e tapa os olhos com a outra, como se fosse um pano molhado.

– Já trabalho um bocadinho daqui a nada.

– Tenho de acabar isto antes do almoço – lamenta-se Kira com um suspiro, e debruça-se sobre os papéis.

A colega estica-se e passa os olhos pelos documentos.

– Uma pessoa normal demoraria um mês para perceber isso tudo. Sabes que és demasiado boa para esta firma, certo?

Está sempre a comentar que tem inveja do cérebro de Kira. Por sua vez, Kira inveja o dedo do meio da colega, que ela utiliza com frequência. Sorri, cansada.

– Como é que tu costumavas dizer?

– Deixa-te de lamúrias, cala-te e manda a fatura – diz a colega com um sorriso.

– Deixa-te de lamúrias, cala-te e manda a fatura – repete Kira.

As duas mulheres debruçam-se sobre a secretária e batem com as mãos abertas uma na outra.

Uma professora está de pé numa sala de aula, a tentar sossegar um grupo de rapazes de dezassete anos. Jeanette está a ter uma daquelas manhãs em que pergunta a si própria por que razão se sujeita a isto – não apenas ao ensino, mas a Björnstad. Levanta a

voz, mas os rapazes ao fundo da sala não estão a ignorá-la de propósito; está convencida de que não repararam mesmo que ela está ali. Há alguns alunos na sala que têm outras ambições, mas esses são invisíveis, inaudíveis. Limitam-se a baixar a cabeça, fecham os olhos com força e esperam que a época de hóquei acabe depressa.

Uma das verdades mais claras, tanto em relação às cidades como aos indivíduos, é que geralmente não se transformam naquilo que lhes dizemos para serem, mas sim naquilo que lhes é dito que são. A professora sempre ouviu dizer que é demasiado nova para aquilo. Demasiado atraente. Que eles não a irão respeitar. Não estes rapazes que sempre ouviram dizer sobre si próprios que são ursos, vencedores, imortais. O hóquei quer que sejam assim. Precisa que sejam assim. O treinador ensina-os a serem duros no combate corpo a corpo no gelo. Ninguém perde muito tempo a pensar em como desligar essa atitude depois de eles deixarem os balneários. É mais fácil pôr as culpas nela: é demasiado jovem. Demasiado atraente. Ofende-se com muita facilidade. Não consegue impor respeito.

Numa última tentativa de obter o controlo da situação, a professora vira-se para o capitão da equipa, que está sentado num canto a mexer no telemóvel. Chama-o pelo nome. Ele não reage.

– Kevin! – repete. Ele ergue uma sobrancelha.

– Sim? Em que posso ajudá-la, minha querida?

Os jovens à volta dele riem-se como se obedecessem a uma ordem.

– Estás a acompanhar o que estou a ensinar? Vai sair no exame – diz ela.

– Já sei tudo – responde Kevin.

Irrita-a solenemente que ele nem sequer esteja a usar um tom provocador ou agressivo. A voz do rapaz é tão neutra como a do apresentador da meteorologia.

– A sério? Já sabes tudo? – repete, com uma risada desdenhosa.

– Eu li o manual. O que está a dizer-nos é o mesmo que lá está escrito. O meu telemóvel podia substituí-la e fazer o seu trabalho.

Os rapazes riem-se tão alto que os vidros das janelas estremeçam, e depois, claro, Bobo – o maior e mais previsível rapaz da escola, sempre preparado para espezinhar uma pessoa depois de ela já estar no chão – vê a sua oportunidade.

– Acalme-se, docinho! – grita.

– O que é que me chamaste? – pergunta ela em tom cortante, e só então percebe que era exatamente essa a reação que ele pretendia.

– É um elogio! Adoro doces.

As gargalhadas submergem-na.

– Senta-te!

– Não se enerve. Eu acho que devia estar orgulhosa.

– Orgulhosa?

– Sim. Daqui a duas semanas poderá dizer a toda a gente que deu aulas à lendária equipa de juniores que trouxe o ouro para Björnstad!

Grande parte da turma irrompe em gritos de aprovação, mãos a bater nas mesas, pés a bater no chão. Ela sabe que é tarde de mais sequer para tentar erguer a voz, sabe que foi derrotada. Bobo salta para cima da mesa e canta:

– *Somos os ursos! Somos os ursos! Somos os ursos, os ursos de BJÖRNSTAD!*

Os outros juniores sobem para as mesas e juntam-se ao coro. Quando a professora sai da sala de aula, estão todos em tronco nu, a gritar: «OS URSOS DE BJÖRNSTAD». Todos exceto Kevin, que continua tranquilo, sentado e a olhar para o telemóvel, tão sereno como se estivesse sozinho numa sala suavemente iluminada.

No escritório de Kira, a colega passa a língua pelos dentes com expressão enojada.

– A sério, parece que comi um capachinho. Achas que acabei por dormir com aquele tipo da contabilidade? Não, pois não? Nem sei bem o que ele faz. Aquele do rabo jeitoso e do cabelo selvagem.

Kira ri-se. A colega é muito solteira, enquanto Kira é uma monógama radical. A loba solitária e a mãe-galinha, condenadas a

invejar-se uma à outra. A colega baixa a voz para perguntar:

– Muito bem, quem é que escolherias do escritório? Se tivesses de escolher alguém?

– Outra vez a mesma conversa?

– Eu sei, eu sei, és uma mulher casada. Mas se o teu marido morresse?

– DESCULPA?

– Credo, não é preciso seres tão sensível. Pronto, se ele estivesse doente. Ou em coma. Melhor? Com quem é que ias para a cama se o teu marido estivesse em coma?

– Com ninguém! – exclama Kira entre dentes.

– Se a sobrevivência da raça humana dependesse disso. O tipo do rabo jeitoso e do cabelo, certo? Com certeza que não escolhias o texugo?

– Recorda-me lá, qual deles é o texugo?

A colega faz o que Kira tem de admitir ser uma imitação impressionante de um homem nomeado há pouco tempo para a gerência e que ostenta uma infeliz semelhança com um texugo. Kira ri-se tanto que quase entorna o café.

– Não sejas má para ele. É muito simpático.

– Os porcos também são simpáticos mas não os deixamos entrar em casa.

A colega odeia o texugo, não enquanto indivíduo, mas por aquilo que representa. Conseguiu uma posição na gerência apesar de toda a gente saber que esse lugar devia ter sido dado a Kira. É um assunto que Kira tenta evitar, uma vez que não consegue forçar-se a dizer a verdade à amiga: eles ofereceram-lhe o lugar e ela recusou-o. Implicaria muitos serões de trabalho, muitas viagens. Não pode fazer uma coisa dessas à família. E agora está aqui sentada, sem coragem de contar à colega porque não quer ver a desilusão nos olhos dela. Desilusão por Kira ter tido a oportunidade e não a ter aproveitado.

A colega puxa uma unha partida com os dentes e cospe-a para o cesto dos papéis.

– Já reparaste como ele olha para as mulheres? O texugo? Com aqueles olhinhos pequeninos. Aposto mil coroas que é o tipo de

homem que gosta que lhe enfiem uma caneta pelo...

– Estou a tentar TRABALHAR! – interrompe-a Kira.

A colega parece genuinamente confusa.

– O que foi? É uma observação objetiva. Tenho uma vasta experiência em canetas e marcadores; mas tudo bem, deixa-te ficar aí cheia de manias, como se fosses moralmente intocável lá porque o teu marido está em coma!

– Ainda estás bêbada, não estás? – pergunta Kira, a rir.

– Ele gosta desse tipo de coisas, o Peter? Canetas?

– NÃO!

A colega pede logo desculpa, com ar aflito.

– Desculpa, é um assunto delicado para ti? Têm discutido por causa disso?

Kira expulsa-a do gabinete. Não tem tempo para mais brincadeira hoje. Tem um calendário a cumprir ou, pelo menos, para tentar cumprir. Um dos patrões aparece entretanto e pergunta-lhe se tem tempo para dar uma «olhadela rápida» a um contrato, o que lhe rouba uma hora. Um cliente liga com um problema urgente que leva mais outra hora. Leo liga e diz-lhe que o treino vai começar meia hora antes porque a equipa de juniores precisa de mais tempo no gelo, portanto, é preciso ir buscá-lo mais cedo esta tarde. Maya liga e pede à mãe que lhe compre cordas novas para a guitarra no caminho para casa. Peter manda-lhe uma mensagem a avisar que vai chegar mais tarde esta noite. O patrão de Kira aparece outra vez e pergunta-lhe se tem tempo para «uma reunião rápida». Ela não tem. Mas vai na mesma.

Está a tentar ser «o tipo certo». Mesmo que seja impossível ser o tipo certo de mãe ao mesmo tempo.

Maya ainda se lembra de quando viu Ana pela primeira vez. Deram as mãos antes de olharem sequer para a cara uma da outra. Maya tinha seis anos e andava a patinar no lago, sozinha, algo que os pais nunca permitiriam se soubessem, mas estavam ambos a trabalhar e a *baby-sitter* adormecera numa poltrona. Assim, Maya pegou nos patins e saiu sem fazer barulho. Talvez andasse à

procura de perigo, talvez confiasse apenas que uma mão adulta a agarraria antes que alguma coisa corresse mal, ou talvez sentisse apenas uma necessidade inata de procurar aventura, como sucede com a maioria das crianças. O crepúsculo caiu mais cedo do que ela esperava, não se apercebeu da mudança de cor do gelo e, quando este se estilhaçou sob os seus pés, a água gelada paralisou-a antes sequer de ter tempo de se sentir assustada. Com apenas seis anos, sem grampos ou tachas, e os braços tão gelados que mal conseguia agarrar-se à beira do buraco no gelo, não tinha qualquer hipótese. Estava condenada. Digam o que disserem de Björnstad, a cidade consegue deixar uma pessoa sem ar. Numa fração de segundo.

Viu a mão de Ana muito antes de a ver propriamente. Maya nunca saberá como é que uma criança de seis anos conseguiu puxar outra da mesma idade, com um fato de neve encharcado e pesado, mas Ana era assim. E, depois de uma coisa dessas, não se consegue afastar duas crianças uma da outra. Ana, uma menina da natureza, que gostava de caça e de pesca, mas não compreendia bem as pessoas, acabou por se tornar a melhor amiga de Maya, que era precisamente o oposto.

Da primeira vez que esteve em casa de Ana e ouviu os pais dela a discutirem, Maya compreendeu que Ana, à sua maneira, também andava sobre gelo fino. Desde então, Ana passara mais noites em casa de Maya do que na sua. Inventaram o aperto de mão secreto para se recordarem uma à outra de que era sempre «amigas primeiro, rapazes em terceiro», o que Ana costumava repetir como se fosse um lema, antes mesmo de saber bem o que significavam as palavras. Aproveitava todas as oportunidades para chatear Maya com a pesca, ou a caça, ou para trepar às árvores. Maya costumava ficar irritada, uma vez que gostava muito mais de estar em casa a tocar guitarra, de preferência ao lado do aquecedor. Mas, céus, como gostava de Ana!

Ana era um tornado. Um bloco irregular de cem arestas numa comunidade onde toda a gente devia encaixar em buracos redondos. Quando tinham dez anos, ensinou Maya a disparar uma espingarda de caça. Maya lembra-se de que o pai de Ana escondia sempre a chave do armário das armas numa caixa em cima de um

armário ao fundo da cave bafienta. Além da chave e de duas garrafas de vodca, a caixa estava também cheia de revistas pornográficas. Da primeira vez que as viu, Maya ficou chocada. Ana reparou e limitou-se a encolher os ombros. «O meu pai não sabe como funciona a *internet*», comentou. Ficaram na floresta até se esgotarem as munições. Depois, Ana, que tinha sempre uma faca consigo, fez espadas para ambas com ramos e esgrimiram entre as árvores até escurecer.

Agora, Maya vê a amiga afastar-se pelo corredor, vê-a baixar os braços como se estivesse embaraçada, sem se atrever sequer a gritar: «ADEUSINHO», porque tudo o que sonha hoje em dia é em ser o mais normal possível. Maya odeia ser adolescente; odeia a lixa que as quer uniformizar, odeia buracos redondos. Tem saudades da rapariga que fingia ser um cavaleiro na floresta. Tornamo-nos aquilo que nos dizem que somos. E Ana tem sempre ouvido dizer que está errada.

Benji deslizou de tal maneira pelo assento no gabinete do diretor que está mais no chão do que na cadeira. Estão a seguir o ritual do costume. O diretor tem de o repreender por ter chegado atrasado muitas vezes naquele período, quando o que quer mesmo é falar sobre hóquei. Como toda a gente. Qualquer ideia sobre expulsão ou outras medidas disciplinares está obviamente posta de lado.

De vez em quando, Benji pensa na irmã mais velha, Adri, a que tem o canil. Quanto mais os juniores avançavam no torneio, mais Benji se apercebia do quanto é parecido com os cães: se for útil, tem direito a uma trela mais comprida.

Ouvem Jeanette muito antes de ela irromper pelo gabinete adentro.

– AQUELES ANIMAIS... AQUELES... NÃO AGUENTO MAIS! – grita ela, antes de entrar.

– Calma, docinho – diz Benji com um sorriso, e está convencido de que ela vai mesmo dar-lhe um soco.

– DIZ ISSO MAIS UMA VEZ! DIZ ISSO OUTRA VEZ E JURO-TE QUE NÃO JOGAS AMANHÃ! – berra ela, com a mão levantada.

O diretor solta um gritinho ansioso e salta da cadeira, pega no braço da professora e puxa-a para o corredor. Talvez agarrar no braço de alguém seja a reação adequada. Mas tanto Benji como a professora sabem que devia ter sido o braço de Benji.

Numa sala de aula mais ao fundo do corredor, Bobo, ainda em tronco nu, escorrega em cima da mesa e cai para o chão a meio do cântico de: «*Os ursos de BJÖRNSTAD...*» Há dois tipos de rapazes de dezassete anos por estes lados: aqueles que adoram hóquei e aqueles que odeiam hóquei. Os que morrem de medo de que Bobo se tenha lesionado e os que desejam que ele esteja magoado a sério.

Uma verdade simples, tão repetida quanto ignorada, é que se dissermos a uma criança que consegue fazer tudo ou que não consegue fazer nada, isso acabará muito provavelmente por ser verdade.

Bengt não tem aquilo a que se pode chamar um estilo de liderança. Limita-se a gritar. Amat teve-o como treinador desde que está na equipa dos juvenis, e poucas coisas o preocupam mais do que David ser promovido a treinador da equipa sénior na próxima temporada, porque isso significa que Bengt acabará a treinar a equipa de juniores precisamente quando Amat lá chegar. Não sabe se aguenta mais dois anos com o homem, nem mesmo pelo hóquei. Bengt não tem a mínima noção de táticas ou técnica; simplesmente, pensa que tudo é uma guerra. O seu único discurso de incentivo é berrar que eles «têm de vencer a batalha pela fortaleza» e que não podem «deixar-se comer». Se os jovens de quinze anos tivessem machados na mão em vez de *sticks* de hóquei, ele diria exatamente o mesmo.

Claro que é muito pior para outros membros da equipa. Quando se é o melhor, é possível escapar a muita coisa, e Amat tornou-se o melhor nesta temporada. Zacharias tem de se sujeitar a uma das habituais chuvas de perdigotos quando Bengt lhe grita na cara: «Estás com comichão nas cicatrizes da mudança de sexo, Zach?» Amat, porém, escapa. Quando pensa em como esteve perto de desistir completamente há um ano, não sabe se há de sentir-se feliz por ter continuado, ou aterrado por ter estado a um passo de não o fazer.

Estava cansado, é tudo o que se lembra. Cansado de lutar, cansado de ter toda a gente a gritar com ele, cansado de lidar com tantas porcarias e maus tratos; cansado do balneário, onde os juniores tinham entrado durante um dos treinos para lhe cortarem os sapatos e atirarem com as roupas para debaixo do chuveiro. Cansado de ter de provar que é mais do que aquilo que dizem dele:

um zero à esquerda do Covão. O filho da sopeira. Demasiado pequeno. Demasiado fraco.

Uma noite, depois do treino, chegou a casa e enfiou-se na cama, de onde não saiu durante quatro dias. A mãe, com muita paciência, deixou-o em paz. Só na quinta manhã é que abriu a porta do quarto dele, já pronta para sair para o trabalho, e disse: «Lá por estares a jogar com ursos, nunca te esqueças de que és um leão.» Quando o beijou na testa e lhe pousou a mão sobre o coração, ele murmurou: «É demasiado difícil, mãe.»

«O teu pai estaria tão orgulhoso, se te visse jogar.»

«O meu pai provavelmente nem sequer sabia o que era o hóquei», murmurou Amat.

«Por isso mesmo!», respondeu ela bem alto, e era uma mulher que se orgulhava muito de nunca levantar a voz.

Nessa manhã, Fatima já limpava as bancadas, o corredor e o escritório, e estava nos balneários quando o guarda passou e bateu ao de leve na ombreira da porta com os nós dos dedos. Quando ela ergueu os olhos, ele fez sinal com a cabeça na direção do gelo e sorriu. Amat tinha colocado as luvas, o gorro e o casaco entre as linhas. Foi a manhã em que o rapaz percebeu que a única maneira de ser melhor do que os ursos era deixar de jogar o jogo à maneira deles.

David está sentado no topo das bancadas. Agora com trinta e dois anos, passou mais tempo da sua vida dentro de riques do que fora. Quando se tornou treinador, Sune obrigou-o a ver todos os jogos da equipa principal, durante uma época inteira, aqui em cima, nos últimos lugares, e agora é um hábito que não consegue perder. O hóquei é diferente visto dali, e a verdade é que Sune e David sempre estiveram de acordo em relação às perguntas; só não concordam nas respostas. Sune queria manter todos os jogadores com os restantes da sua faixa etária o máximo de tempo possível, para que tivessem tempo de trabalhar os pontos fracos e de formar equipas coesas, concentradas, sem falhas. David achava que essa atitude só levava à criação de equipas onde ninguém era

excepcional. Sune acreditava que um jogador a quem era permitido jogar com os mais velhos só jogaria para desenvolver os seus pontos fortes, e David concordava – mas não percebia qual era o problema disso. Não queria um bando de jogadores que fossem todos mais ou menos bons nas mesmas coisas, e sim jogadores que se destacassem nas suas especialidades.

Sune era como Björnstad: um firme defensor do velho credo de que nenhuma árvore devia crescer demasiado, ingenuamente convencido de que o trabalho árduo era suficiente. Era por isso que o clube caíra à mesma velocidade que o desemprego disparava na cidade. Os bons trabalhadores não chegam, por si só; alguém também tem de ter grandes ideias. Os coletivos só funcionam se forem construídos à volta de estrelas.

Há muitos homens no clube que acham que, no hóquei, tudo devia ser «como sempre foi». Sempre que ouve aquilo, David tem vontade de se enrolar numa carpeta e gritar até rebentar as cordas vocais. Como se o hóquei alguma vez tivesse sido constante! Quando o jogo foi inventado, nem sequer se podia passar o disco para a frente, e ainda há duas gerações toda a gente jogava sem capacete. O hóquei é como qualquer outro organismo vivo: tem de se adaptar e evoluir, caso contrário, morre.

David já não se lembra de há quantos anos tem estas discussões com Sune, mas nas noites em que chega a casa no pior dos humores, a namorada costuma meter-se com ele e perguntar-lhe se se zangou outra vez com o «papá». Tinha muita graça, ao princípio. Sune era mais do que um mero treinador quando David se tornou ele próprio treinador; era um exemplo, um modelo. O fim da carreira de um jogador de hóquei é uma série interminável de portas a fecharem-se na sua cara, e David não teria conseguido viver sem uma equipa, sem sentir que fazia parte de alguma coisa. Quando as lesões o obrigaram a sair do gelo com apenas vinte e dois anos, Sune foi a única pessoa que compreendeu isso.

Sune ensinou David a ser um treinador ao mesmo tempo que estava a ensinar Peter a ser diretor-geral. Em muitos aspetos, os dois homens mais novos são o oposto um do outro: David era capaz de discutir com uma porta, e Peter é avesso a conflitos e não faz

mal a uma mosca. Sune esperava que eles se complementassem, mas, em vez disso, os dois homens desenvolveram um ódio mútuo.

Durante anos, a vergonha mais secreta de David foi o facto de nunca ter conseguido ultrapassar os ciúmes que sentia sempre que Sune e Peter entravam no gabinete de Peter sem o convidar também. Por detrás do seu amor pela camaradagem do desporto estava o medo de ser excluído. Assim, acabou por fazer o que todos os alunos ambiciosos fazem aos professores que admiram: rebelou-se.

Tinha vinte e dois anos quando começou a treinar o grupo de rapazes de sete, entre os quais se encontravam Kevin, Benji e Bobo. Há dez anos que os treina, moldando-os numa das melhores equipas de juniores do país, e finalmente percebeu que não pode continuar a ser leal a Sune. Os jogadores são mais importantes, o clube é mais importante. David sabe o que as pessoas da cidade vão dizer quando ele ficar com o lugar de Sune. Muitos não vão ficar nada contentes. Mas ficarão contentes com os resultados.

Bengt apita para indicar o fim do treino, tão perto do ouvido de Zacharias que o rapaz tropeça no próprio *stick*. Bengt abre um sorriso desagradável.

– E o pior no treino de hoje foi, como de costume, a pequena menina Zacharias. Portanto, cabe-te a honra de recolher os discos e arrumar os cones!

Bengt deixa o gelo seguido pelo resto da equipa de juvenis. Alguns riem-se de Zacharias e ele tenta mostrar-lhes o dedo do meio, mas é surpreendentemente difícil fazê-lo com luvas de hóquei. Amat já começou a dar a volta ao gelo para recolher os discos. A amizade dos rapazes sempre foi assim: enquanto Zacharias tiver de ficar no gelo, Amat não se vai embora.

Depois de Bengt desaparecer, Zacharias levanta-se, furioso, e imita o treinador a patinar, com uma inclinação exagerada para a frente, enquanto se coça com força entre as nádegas.

– APANHEM OS DISCOS! DEFENDAM A FORTALEZA! NÃO SE DEIXEM COMER! NINGUÉM É COMIDO NO MEU RINQUE! ESPEREM AÍ... MAS O QUE... O QUE É ISTO? NO MEU RABO?

ESTOU A SER COMIDO? HÁ ALGUÉM A COMER-ME? TIRA-O DAQUI IMEDIATAMENTE, AMAT!

Tenta recuar contra Amat, que se desvia com movimentos ágeis, a rir. Zach colide com o banco da equipa e cai por terra.

– Queres ficar e assistir ao treino dos juniores? – sugere Amat, apesar de saber que Zach nunca o faria de livre vontade.

– Para de dizer «juniores» quando o que queres dizer é «ver o Kevin». Bem sei que ele é o teu ídolo, Amat, mas eu por acaso tenho uma vida fora daqui. *Carpe diem!* Rir e amar!

Amat suspira.

– Está bem, esquece...

– É O KEVIN ERDAHL QUE TE ESTÁ A COMER, AMAT? – grita Zacharias.

Amat bate com o *stick* no gelo, irrequieto.

– Então, queres fazer alguma coisa no fim de semana?

Tenta mesmo perguntar em tom casual, como se na verdade não tivesse estado o dia inteiro a pensar nisso. Zacharias levanta-se do banco com a graciosidade de um elefante bebé atingido por um dardo tranquilizante.

– Tenho dois jogos novos! Mas tens de trazer os teus auscultadores porque estragaste o meu segundo par da última vez.

Amat parece ofendido pela maneira como o amigo recorda o sucedido, tendo em conta que partiu os auscultadores com a testa quando Zacharias os atirou contra ele num acesso de raiva por estar a perder. Pigarreia e apanha os últimos discos.

– Estava a pensar que podíamos... sair.

Zacharias olha para o amigo como se este tivesse sugerido que deitassem veneno nos ouvidos um do outro.

– Sair para onde?

– Só... sair. As pessoas saem. É o que elas fazem.

– Queres dizer a Maya?

– Quero dizer as PESSOAS.

Zacharias põe-se em pé em cima dos patins e começa a dançar sobre as pontas dos pés e a cantar:

– *O Amat gosta da Maya, o Amat quer fazer bebés com a Maya...*

Amat atira um disco com força contra as tábuas ao lado dele, mas não consegue conter o riso.

David e Bengt estão de pé no corredor à porta dos balneários.

– É um erro! – insiste Bengt.

– Por mais improvável que pareça, eu ouvi-te nas primeiras doze vezes. Vai ver se os juniores estão preparados para o treino – responde David com frieza.

Bengt afasta-se e David massaja as têmporas. Bengt não é completamente inútil como treinador assistente. David aguenta sem problemas os gritos e imprecações porque sabe que faz parte da cultura do balneário e, a bem da verdade, alguns dos tipos da equipa precisam mesmo de um tirano nos treinos, alguém que veja se põem os protetores todos nas partes certas do corpo. Às vezes, contudo, David não consegue deixar de pensar em como funcionará a equipa de juniores se Bengt ficar à frente dela. O homem não percebe muito mais de hóquei do que um dos fãs estridentes na bancada, e qualquer pessoa escolhida aleatoriamente no meio da rua saberia tanto como ele.

Amat e Zach estão a rir quando eles se aproximam, mas silenciam-se de repente ao ver David. Os rapazes encostam-se à parede para não lhe bloquearem o caminho. Amat dá um salto, sobressaltado, quando David levanta a mão.

– És o Amat, certo?

Amat faz que sim com a cabeça.

– Nós... ficámos só a recolher os discos... estávamos a brincar... Quer dizer, eu sei que o Zach estava a imitar o treinador Bengt, mas era só a bri...

David fita-o com expressão confusa. Amat engole em seco.

– Bom, na verdade, se não viu nada, então... não foi nada.

David sorri.

– Vejo-te sempre sentado na bancada durante os treinos da equipa de juniores. Há jogadores que não são tão assíduos como tu.

Amat acena, nervoso.

– Eu... desculpe... Só quero aprender.

– Ainda bem. Sei que tens estado a estudar os movimentos do Kevin e ele é um bom exemplo. Devias reparar em como ele olha sempre para os patins do defesa numa situação de um para um: assim que o defesa inclina os patins e desloca o centro de gravidade, o Kevin pega no disco e aproveita esse momento.

Amat acena com a cabeça, aturdido. David está a fitá-lo diretamente nos olhos e o rapaz não está habituado a que os homens adultos façam isso.

– Toda a gente vê que és rápido, mas tens de treinar os remates. Espera que o guarda-redes se mexa e dispara contra o movimento. Achas que consegues aprender a fazer isso?

Amat faz que sim com a cabeça. David dá-lhe uma palmada no ombro.

– Ótimo. Aprende depressa, porque vais treinar com os juniores daqui a quinze minutos. Vai buscar uma camisola da equipa ao balneário.

Amat ergue instintivamente a mão para o ouvido, como se precisasse de o limpar para se certificar de que está a ouvir bem. David já seguiu o seu caminho.

Zacharias espera até o treinador virar a esquina antes de abraçar o amigo. Amat está ofegante. Zacharias pigarreia.

– Agora a sério, Amat... se tivesses de escolher entre ir para a cama com a Maya ou ir para a cama com o Kevin, quem é que escolhias?

– Cala-te! – diz Amat, a rir.

– Só para confirmar. – Zacharias sorri, dá-lhe uma palmada no capacete e ruge: – Acaba com eles, meu amigo! Acaba com eles!

Amat respira fundo, tão fundo como o lago por detrás do rinque, e depois, pela primeira vez, passa pelo balneário da equipa de juvenis e entra no dos juniores. É de imediato recebido por um furacão de vaias e imprecacões por parte dos jogadores mais velhos e um coro de vozes a gritar: «SAI DAQUI, VERME!», mas quando David entra atrás dele instala-se um silêncio tão absoluto que se ouviria cair um alfinete. David acena a Bengt e este, relutante, atira uma camisola a Amat. A camisola tresanda. Amat nunca esteve tão feliz.

Lá fora, no corredor, ficou o seu melhor amigo.
Não há «quases» no hóquei no gelo.

Os casamentos de muitos anos são complicados. Tão complicados, na verdade, que a maioria das pessoas nessa situação pergunta de vez em quando a si própria: «Será que continuo casado por estar apaixonado, ou só porque não estou para me dar ao trabalho de deixar outra pessoa qualquer conhecer-me tão bem como esta?»

Kira sabe que as suas queixas dão com Peter em doido. Que às vezes ele se sente pressionado. Há dias em que ela lhe liga cinco vezes só para verificar se ele fez qualquer coisa que prometeu fazer.

O gabinete de Peter está perfeitamente organizado, a secretária tão limpa que uma pessoa poderia comer nela. As prateleiras estão cheias de LP que não tem coragem de levar para casa porque teme que Kira o obrigue a deitá-los fora ou a comprar uma casa maior. Encomenda-os *online* e manda-os entregar no rinque, utilizando na prática a rececionista como sua traficante. Há pessoas que escondem dos cônjuges o vício de fumar. Peter esconde as suas compras *online*.

Compra discos porque o acalmam. Fazem-lhe lembrar Isak. É algo que nunca contou a Kira.

Kira não se lembra exatamente que idade tinham os filhos na altura da tempestade, mas ainda não viviam em Björnstad há tempo suficiente para estarem acostumados às forças da natureza. Foi perto do Natal: os miúdos estavam de férias, mas dera-se uma crise qualquer no trabalho e Kira tivera de ir assistir a uma reunião importante. Peter foi andar de tobogã com Maya e Leo, e Kira ficou em pé, ao lado do carro, a vê-los desaparecer no meio dos turbilhões de neve. Era muito belo e, ao mesmo tempo, muito ameaçador. Sentiu-se tão só depois de eles desaparecerem que chorou o caminho todo até ao escritório.

Quando Peter se lesionou, no Canadá, e Kira começou a trabalhar, Peter ficava em casa sozinho com Isak. Um dia, o menino teve uma dor de barriga e não parava de chorar. Em pânico, Peter tentou tudo. Embalou-o, foi passear com ele no carrinho para a rua, tentou todas as mezinhas de que se lembrava, mas nada resultou. Até que decidiu pôr um disco. Talvez fosse algo no velho gira-discos – o crepitar nas colunas, as vozes que encheram a sala –, mas Isak calou-se de repente. Depois, sorriu. E a seguir adormeceu nos braços de Peter. Fora a última vez que Peter se lembrava de se sentir realmente um bom pai. A última vez em que conseguira dizer a si próprio que sabia o que estava a fazer. Nunca contou a Kira, nunca contou a ninguém. Mas agora compra discos em segredo porque se agarra à esperança de recuperar essa sensação, nem que seja por um momento.

Depois da reunião, nessa manhã perto do Natal, Kira ligou a Peter. Ele não atendeu. E Peter atendia sempre o telefone. Kira ouviu então no rádio que a tempestade atingira a floresta e que estavam a aconselhar as pessoas a não saírem de casa. Ligou mil vezes e deixou-lhe mensagens aos gritos, sem resposta. Correu para o carro e conduziu prego a fundo, apesar de mal conseguir ver dois metros à frente do para-brisas. Quando chegou, correu para as árvores onde os tinha deixado nessa manhã, aos gritos histéricos, caiu de joelhos e escavou a neve com as mãos em desespero, como se pudesse encontrar os filhos lá debaixo. Ficou com as orelhas e as pontas dos dedos queimadas do frio e, mais tarde, não conseguiu explicar o que acontecera dentro de si. Só anos depois percebeu que tivera um colapso nervoso.

Passados dez minutos, o seu telemóvel tocou. Era Peter, com os filhos, descontraído e calmo, a perguntar onde é que ela estava.

«EU?! ONDE É QUE VOCÊS ESTÃO?», berrou ela.

«Em casa», responderam, com as bocas cheias de gelado e bolos de canela. Quando Kira perguntou porquê, Peter, sem perceber, explicou: «Vinha aí uma tempestade, por isso, voltámos

para casa.» Esquecera-se de pôr o telemóvel a carregar. Estava numa gaveta, no quarto.

Kira nunca contou a Peter, nunca contou a ninguém, mas a verdade é que nunca recuperara completamente dessa tempestade. Daquela sensação, durante a viagem de carro, de que os perdera também a eles. Por isso, agora, às vezes liga ao marido e aos filhos várias vezes por dia só para se queixar de uma qualquer ninharia. Na verdade, para se certificar de que eles ainda ali estão.

Peter põe um disco a tocar, mas hoje nem isso o ajuda. Não consegue parar de pensar em Sune. Os mesmos pensamentos rodopiam-lhe na cabeça durante horas, enquanto olha para o ecrã escuro do computador e atira uma pequena bola de borracha contra a parede, cada vez com mais força.

Quando o telefone toca, a interrupção é tão bem-vinda que até se esquece de ficar chateado com a mulher por partir sempre do princípio de que ele se vai esquecer de tudo o que prometeu fazer.

– Deixaste o carro na oficina? – pergunta ela, apesar de já saber a resposta.

– Sim! Claro que deixei! – diz Peter, com a convicção absoluta que só exhibe quando está a mentir.

– Então, como é que foste para o escritório? – insiste ela.

– Como sabes que estou no escritório?

– Estou a ouvir-te atirar essa bola estúpida contra a parede.

Peter suspira.

– Devias ter ido para advogada, nunca te disseram?

A advogada ri-se.

– Vou pensar nisso, já que não posso ser jogadora profissional de pedra-papel-tesoura.

– És uma batoteira.

– És um mentiroso.

A voz de Peter treme quando murmura, subitamente:

– Amo-te tanto.

Kira ri-se para que ele não a oiça a chorar quando responde:

– Eu também.

Ambos desligam. Kira está a almoçar em frente ao computador, quatro horas depois da hora de almoço, para adiantar trabalho e ainda ter tempo de ir comprar as novas cordas de guitarra para Maya antes de correr para casa para levar Leo ao treino. Peter não está a comer nada – não quer dar desculpas ao corpo para vomitar outra vez.

Os casamentos de muitos anos são complicados.

O balneário dos juniores está mais silencioso do que o habitual. O significado do jogo do dia seguinte começa a pesar sobre eles. William Lyt, que acabou de fazer dezoito anos, mas já tem uma barba tão densa como a pelagem de uma lontra e pesa tanto como um pequeno carro, inclina-se para Kevin e murmura, como se estivesse num filme passado numa prisão, a pedir uma faca feita de uma escova de dentes:

– Tens tabaco de mascar?

Numa ocasião, na temporada passada, David mencionou por acaso a Bengt que lera que uma dose de tabaco de mascar prejudicava mais a saúde de uma pessoa do que uma grade inteira de cervejas. Desde então, os juniores podem ter a certeza de que tanto Bengt como os pais lhes caem em cima sem misericórdia se vislumbrarem sequer a mais leve marca redonda da típica latinha de tabaco no bolso das calças.

– Não – responde Kevin.

Lyt agradece com um aceno, de qualquer maneira, e começa a dar a volta ao balneário na esperança de ter mais sorte com outro dos companheiros de equipa. Jogam na linha da frente juntos mas, por maior e mais forte que Lyt seja, Kevin sempre foi o líder óbvio. Benji, de quem poderá talvez dizer-se que tem certos problemas com figuras de autoridade, está deitado no chão, meio a dormir, mas pega num *stick* e espeta-o na barriga de Kevin.

– Mas que raio? – resmunga Kevin.

– Dá-me um pedaço de tabaco – pede Benji.

– És surdo? Acabei de dizer que já não tenho.

Benji continua calmamente deitado no chão, a olhar para Kevin. A espetar-lhe o *stick* na barriga até que Kevin lho tira, enfia a mão no bolso do casaco e tira uma lata de tabaco de mascar quase cheia.

– Quando é que vais aprender que não és capaz de me mentir?
– pergunta Benji com um sorriso.

– Provavelmente na mesma altura em que começares a comprar o teu próprio tabaco? – riposta Kevin.

Lyt volta, sem tabaco, e acena a Kevin com uma expressão animada.

– Os teus pais vêm ver o jogo amanhã? A minha mãe comprou bilhetes para a família toda!

Kevin não responde e começa a enrolar fita adesiva ao *stick*. Benji vê pelo canto do olho e percebe logo o que tal gesto significa; por isso, vira-se para Lyt e diz, com um sorriso:

– Desculpa desiludir-te, Lyt, mas a tua família só vem aos jogos para ver o KEVIN jogar.

O balneário enche-se de risos trocistas e, assim, Kevin é poupado ao embaraço de ter de responder se os pais vêm ou não ao jogo. Apesar de Benji nunca ter tabaco, seria difícil encontrar um amigo melhor do que ele.

Amat está sentado a um canto, a tentar com todas as suas forças fazer de conta que é invisível. Uma vez que é o mais novo no balneário, o verme, tem bons motivos para morrer de medo de chamar a atenção. Mantém os olhos fixos no teto, para evitar contacto visual direto com os outros, mas ter tempo de reagir se alguém lhe atirar alguma coisa. As paredes do balneário estão cobertas de cartazes com *slogans*: «Treinos duros, vitórias fáceis.» «A equipa à frente do indivíduo.» «Jogamos pelo urso na frente da camisola, não pelo nome nas costas.» Um dos mais recentes diz, em letras extra grandes: «Somos maus perdedores porque não estamos habituados a perder!»

Amat distrai-se por um momento e, tarde de mais, vê Bobo aproximar-se. Quando o defesa dos juniores inclina para ele o corpo

substancial, Amat desaparece na sua sombra e espera que Bobo lhe bata, mas, em vez disso, o outro rapaz sorri. O que é muito pior.

– Tens de dar o desconto aos rapazes. Não têm modos nenhuns, sabes.

Amat pestaneja, sem saber bem como responder. É evidente que Bobo está a gostar daquilo, e vira-se com ar solene para os restantes jogadores, que estão agora silenciosos, à espera. Bobo aponta para os pedaços de fita adesiva espalhados no chão.

– Olhem para esta porcaria! Então? Açam que isto está como deve ser? Açam que as vossas mães trabalham aqui, ou quê?

Os juniores sorriem. Bobo percorre o balneário e apanha os pedaços de fita com gestos teatrais até ter as mãos cheias. Depois, ergue-as para o teto como se segurasse um recém-nascido e proclama:

– Rapazes, não se esqueçam de que a mãe do Amat trabalha aqui.

Olha para o recém-chegado, sorri e reitera:

– É a mãe do *Amat* que trabalha aqui, pessoal.

Os pedaços de fita parecem ficar suspensos no ar um instante antes de caírem como chuva sobre o rapaz sentado no canto. Sente o hálito quente de Bobo no ouvido quando ele lhe ordena:

– Importas-te de chamar a tua mãe, verme? Este balneário está um nojo.

O balneário esvazia-se em dez segundos quando Bengt grita:

– ESTÁ NA HORA!

Kevin deixa-se ficar para trás. Passa por Amat, que está de joelhos no chão a apanhar as fitas.

– É na brincadeira – diz-lhe, sem qualquer sinal de simpatia.

– Claro, na brincadeira – repete Amat baixinho.

– Já agora, conheces aquele rapariga... a Maya... não conheces? – pergunta Kevin à porta, como se só naquele momento lhe tivesse ocorrido.

Amat ergue os olhos. Assistiu a todos os treinos da equipa de juniores esta época. Sabe muito bem que nada ocorre de repente a

Kevin. Tudo o que ele faz é pensado e planeado com cuidado.

– Sim – murmura.

– Ela tem namorado?

A resposta demora a surgir. Kevin bate com o *stick* no chão, impaciente. Amat olha para as mãos durante muito tempo antes de finalmente, e com grande relutância, abanar a cabeça de forma quase impercetível. Kevin acena, satisfeito, e dirige-se ao gelo. Amat fica onde está, a morder o lábio inferior e a respirar pelo nariz, até que atira os pedaços de fita para o lixo e ajusta as proteções. A última coisa que vê antes de sair são as palavras escritas a lápis, quase apagadas, num papel amarrotado e amarelecido: «Espera-se sempre muito daqueles a quem muito foi dado.»

Junta-se aos juniores no círculo central. No meio está a imagem de um urso grande e ameaçador. É o emblema do clube: representa força, tamanho, medo. Amat é a pessoa mais pequena em cima do gelo; sempre foi. Desde os oito anos que toda a gente lhe diz que não conseguirá aguentar o próximo nível, que não é duro o suficiente, forte o suficiente, grande o suficiente. Mas agora olha em volta. Amanhã, esta equipa vai disputar o jogo da meia-final – é uma das quatro melhores equipas de juniores do país inteiro. E ele está aqui. Olha para Lyt e Bobo, para Bengt e David, para Benji e Kevin, e pondera mostrar-lhes que sabe jogar. Nem que isso o mate.

Não há quase nada que faça Peter sentir-se tão mal como o hóquei. E, de forma absurda, não há praticamente nada que o faça sentir-se tão bem. Continua a pensar na sua situação, de modo obsessivo, até que parece não haver ar no gabinete. Quando a frustração e a náusea se tornam insustentáveis, levanta-se, sai e vai sentar-se na bancada. Regra geral, é onde consegue pensar melhor; por isso senta-se, a bater com a bola no chão de cimento, tão distraído que nem repara que a equipa de juniores já iniciou o treino lá em baixo no gelo.

Sune sai do seu gabinete para ir buscar café e, no regresso, vê Peter sentado na bancada, sozinho. Sune sabe que o diretor-geral

já é um homem feito, mas o velho treinador tem dificuldade em deixar de pensar nos seus rapazes como miúdos.

Sune nunca disse a Peter que gosta muito dele. É algo que pode ser tão difícil de dizer por uma figura paternal, como por um pai verdadeiro. Mas sabe que Peter teme desapontar as pessoas. Todos os homens têm medos diferentes que os motivam, e o maior medo de Peter é não ser suficientemente bom. Não ser bom como pai, como homem, como diretor-geral. Perdeu os pais e o primeiro filho, e todas as manhãs morre de medo de vir a perder Kira, Maya e Leo. Não suportaria perder também o clube.

Sune vê-o levantar a cabeça, por fim, e olhar para os juniores no gelo. Primeiro, sem grande atenção – está tão habituado a seguir a equipa que os conta sem pensar nisso. Sune fica onde está, nas sombras, só para ver a cara de Peter quando se aperceber da diferença.

Há dez anos que Peter ajuda a moldar este grupo de rapazes. Sabe os nomes de todos, os nomes dos pais deles. Risca mentalmente os nomes um a um, para ver se falta alguém, se haverá algum lesionado, mas parecem estar todos presentes. Na verdade, há um a mais. Conta de novo. Não percebe o que se passa. Até que vê Amat. O mais baixo e magro de todos, ainda com um equipamento que parece um pouco grande de mais, tal e qual como nas suas primeiras aulas de patinagem. Peter olha para ele. Depois, começa a rir alto.

Tantas vezes lhe disseram que o rapaz devia deixar de jogar, que não tem qualquer hipótese, e agora ali está ele, no gelo. Ninguém lutou mais por esta oportunidade e David decidiu dar-lha hoje, logo hoje. É um pequeno sonho, apenas isso, e Peter estava mesmo a precisar de um sonho hoje.

Sune acena com a cabeça, ao mesmo tempo alegre e triste, ao ver a reação de Peter. Regressa ao seu gabinete e fecha a porta. Nessa noite, fará um dos últimos treinos com a equipa principal e, quando a época acabar, irá para casa, onde – do fundo do coração – desejará aquilo que todos desejamos quando deixamos alguma coisa: que fracasse. Que nada funcione sem nós. Que nos

revelemos indispensáveis. Mas não acontecerá nada: o ringue continuará de pé, o clube sobreviverá.

Amat ajeita o capacete e patina em direção a um adversário, é travado, cai e levanta-se imediatamente. É atingido e cai, mas levanta-se imediatamente. Peter recosta-se na bancada, a sorrir, como Kira diz que ele só sorri quando adormece depois de duas tostas de queijo e meio copo de vinho tinto. Fica quinze minutos na bancada e, por fim, regressa ao escritório, com o coração muito mais leve.

Fatima está na casa de banho a esticar as costas, devagar e com cuidado, para que ninguém a oiça gemer de dores. Às vezes, tem literalmente de rebolar para fora do sofá-cama de manhã, porque os músculos se recusam a deixar que ela se levante. Disfarça o melhor que pode, deixa sempre o filho ficar sentado no lado do corredor no autocarro, para que esteja de costas para ela quando se levantam, para não ver a expressão no rosto da mãe. Discretamente, deixa os sacos do lixo nos caixotes dos escritórios levantados para não ter de se baixar tanto para lhes pegar quando é preciso retirá-los. Todos os dias arranja maneiras novas de compensar.

Pede licença ao entrar no gabinete de Peter. Caso contrário, ele nem a ouviria. Peter ergue os olhos dos papéis, vê as horas e parece surpreendido.

– Mas, Fatima, o que está a fazer aqui agora?

Horrorizada, ela recua dois passos.

– Desculpe! Não queria incomodar. Vinha só tirar o lixo e regar as plantas. Eu volto depois de o senhor sair!

Peter esfrega a testa e ri-se.

– Ninguém lhe disse?

– Ninguém me disse o quê?

– Sobre o Amat.

Peter percebe, tarde de mais, que não se pode falar assim com uma mãe. Ela parte logo do princípio de que o filho esteve envolvido

num acidente terrível ou foi preso. Não há nada de neutro quando se diz: «Não sabe o que aconteceu ao seu filho?» a uma mãe ou a um pai.

Peter tem de lhe segurar gentilmente nos ombros e de a conduzir pelo corredor, até às bancadas. Ela demora trinta segundos a perceber o que está a ver. Depois, leva as mãos ao rosto e chora. Um rapaz a treinar com a equipa de juniores, uns bons trinta centímetros mais baixo do que todos os outros. O seu rapaz.

As costas de Fatima nunca estiveram tão direitas. Sente-se capaz de correr uma maratona.

Os juniores estão a levar as coisas com calma; foi-lhes pedido que treinassem a setenta e cinco por cento, ninguém quer lesões na véspera do jogo. Amat não pode dar-se a esse luxo. Lança-se de cabeça em todas as situações, faz tanta força nos patins que mais parece querer cortar cimento. Não lhe serve de nada. Os jogadores mais velhos travam-no e passam-lhe rasteiras, empurram-no contra as tábuas, tentam atingir-lhe os pulsos com os *sticks* e aproveitam todas as mínimas fraquezas de cada peça de equipamento para o magoar. É empurrado por trás, cai de gatas, vê os patins de Lyt guinarem e não tem tempo de fechar os olhos antes de a chuva de gelo lhe acertar na cara. Não ouve uma única palavra da boca de David. Ao fim de três quartos de hora, Amat está tão suado e exausto e furioso que só com um esforço épico consegue conter-se para não gritar: «Porque é que estou aqui? Porque é que me trouxe para aqui se não me vai deixar jogar?» Ouve os outros rirem-se nas suas costas. Sabe que, se falasse, se ririam ainda mais alto.

– Eu bem disse. Ele é demasiado fraco – comenta Bengt num tom desdenhoso, enquanto Amat se levanta do gelo pela milionésima vez.

David olha para o relógio.

– Vamos jogar um para um. O Amat contra o Bobo – declara.

– Estás a brincar? O Amat fez dois treinos seguidos, está a dar as últimas!

– Prepara-os – responde David impassível.

Bengt encolhe os ombros e apita. David fica junto às tábuas. Sabe que as suas opiniões sobre o hóquei são algo controversas, sabe que tem de continuar a vencer para que o clube continue a deixá-lo treinar à sua maneira. Mas o hóquei é também a única coisa que ama de verdade. E não há vencedores sem derrotados: as estrelas não nascem sem que outros no coletivo sejam sacrificados.

O treino de um para um de David é simples: uma fila de cones é disposta no gelo, de uma ponta à outra, a formar uma espécie de corredor entre os cones e as tábuas. Um defesa e um avançado

enfrentam-se. Se o disco sair do corredor, o defesa vence, portanto, o exercício obriga o avançado a encontrar maneira de passar por um espaço muito apertado.

Bengt está a pôr a linha de cones a sete ou oito metros das tábuas, mas David indica-lhe que estreite ainda mais o corredor. Bengt parece surpreendido, mas faz o que ele diz, e depois David gesticula para lhe indicar que quer ainda menos espaço. Um ou dois jogadores agitam-se, pouco à vontade, mas não dizem nada. Por fim, o corredor não tem mais do que uns dois metros de largura, tão estreito que Amat não tem qualquer hipótese de usar a sua velocidade contra Bobo; não tem por onde escapar, tem de o enfrentar, corpo a corpo. Amat, que pesa menos uns quarenta quilos do que Bobo, também está consciente disso. Tem as coxas a arder com o ácido láctico quando arranca com o disco. O exercício pressupõe uma certa distância entre avançado e defesa, por uma questão de espírito desportivo, mas Bobo não lhe dá distância alguma. Avança sobre ele e atinge-o com todo o seu peso. Amat aterra no gelo como uma saca de farinha. Risos sonoros no banco de jogadores. David faz um pequeno gesto para os mandar repetir.

– Levanta-te, como um homem! – grita Bengt.

Amat ajeita o capacete. Tenta respirar normalmente. Bobo aproxima-se ainda mais depressa, desta vez. Amat vê tudo negro por um instante e, quando volta a abrir os olhos junto às tábuas, não sabe bem como ali foi parar. Já não ouve os risos do banco, apenas um eco abafado nos ouvidos. Levanta-se e pega no disco. Bobo atinge-o no peito com o *stick*. É como ir contra um poste a toda a velocidade.

– Levanta-te! – ruge Bengt.

Amat põe-se de joelhos, com esforço. O sangue pinga-lhe da boca. Apercebe-se de que deve ter mordido o lábio ou a língua, ou as duas coisas. Bobo está inclinado sobre ele, mas agora sem crueldade. Quase preocupado, desta vez. Com uma centelha de simpatia nos olhos. Ou, pelo menos, de humanidade.

– Que raio, Amat... Deixa-te ficar no chão. Não percebes que é isto que o David quer? Que é por isso que estás aqui?

Amat olha de relance para o banco. David está de pé, com os braços cruzados, calmamente à espera. Até Bengt parece agora preocupado. E é então que Amat percebe o que Bobo quer dizer. A única coisa que interessa a David é vencer, e só equipas com autoconfiança vencem jogos importantes. Então, o que fazer na véspera do jogo mais importante de sempre? Deixá-los arrasar algo mais fraco. Amat não está aqui como jogador – está como sacrifício.

– Deixa-te ficar no chão – repete Bobo.

Amat não obedece.

– Outra vez – murmura, com as coxas a tremer.

Quando Bobo não responde, Amat bate com o *stick* no gelo e berra:

– OUTRA VEZ!

Não o devia ter feito. Todo o banco o ouve. Não dá escolha a Bobo. Uma sombra passa pelos olhos do defesa.

– Está bem. Tu é que sabes. Idiota.

Amat arranca, Bobo espera perto do centro, forçando-o a encostar-se às tábuas e, quando Amat passa, Bobo ignora por completo o disco e procura apenas o corpo do rapaz mais novo. Amat bate com a cabeça nas tábuas, cai no gelo e demora dez segundos a conseguir sequer soerguer-se nos joelhos.

– Outra vez? – rosna Bobo entre os dentes cerrados.

Amat não responde. Deixa um pequeno rasto de sangue atrás de si quando se dirige à linha azul mais distante, pega no disco e se endireita. Vê o corpo de Bobo ficar tenso, enquanto contorna ameaçadoramente o urso no círculo central e se dirige ao corredor de cones disposto a acabar com isto de uma vez por todas. «Como um homem», pensa Amat. «Como um homem.»

Não devia ter energia para arrancar como arranca. Devia recusar-se a patinar em direção a Bobo depois da tarefa que já levou. Mas há momentos na vida em que uma pessoa só pode nadar ou afogar-se, e Amat não tem nada a perder. Que mais podem fazer-lhe agora, depois disto? Que vão todos à merda. Bobo avança para ele a toda a velocidade, mas, no último instante, Amat não se endireita como um homem, dobra-se ao meio. Quando vê os

patins de Bobo mudarem de ângulo, passa o disco entre as pernas dele e gira agilmente o corpo para escapar à placagem.

Com um movimento, passa por Bobo, ao segundo passo apanha de novo o disco e ao terceiro está dentro da zona ofensiva. Ouve Bobo colidir com as tábuas atrás dele, mas agora só tem olhos para o guarda-redes. Puxa o disco para a direita, para a esquerda, para a direita, e espera que o guarda-redes se mexa para o lado, espera, espera, espera, e quando por fim vê os patins do guarda-redes inclinarem-se meio centímetro, dispara a meio do passo para o canto oposto. Contra o movimento.

Um leão entre ursos.

Bobo avança numa fúria cega, vindo do lado oposto do ringue. É um dos piores patinadores da equipa, mas quando chega junto de Amat com o *stick* levantado ainda tem velocidade suficiente e a vantagem do peso para colocar o outro rapaz no hospital. No entanto, como não ouve o som de patins a aproximarem-se rapidamente por trás de si, a dor no maxilar quando é atingido por um ombro deixa-o desconcertado.

Amat deixa-se cair, exausto, a alguma distância, incólume. Bobo está deitado de costas no gelo, a piscar os olhos sob as luzes, quando o rosto de Benji surge sobre ele.

– Já chega, Bobo – diz.

Bobo acena. Benji ajuda-o a levantar-se e esfrega o ombro com uma careta.

O som do disco a bater nas redes pode ser o som mais maravilhoso do mundo aos quinze anos. E aos trinta e dois também.

– Inscreve-o para amanhã – diz David ao sair do banco.

Quando os juniores saem para o balneário, Amat ainda está deitado no gelo. A voz de Benji chega até ele no meio de uma neblina:

– Recolhe os discos e os cones. Geralmente aviso os rapazes de que o sexo está proibido na véspera de um jogo, mas, no teu caso, isso seria impossível de qualquer maneira. Ainda assim, não abuses da mãozinha, porque vais jogar amanhã.

O rapaz demora meia hora a chegar ao balneário, meio de gatas, meio a cambalear. Encontra-o vazio. O aquecimento já foi desligado.

Os seus sapatos estão desfeitos e as roupas encontram-se no chão do chuveiro, ensopadas. É o melhor dia da sua vida.

É sábado, e tudo vai acontecer hoje. O melhor de tudo e o pior de tudo.

São seis menos um quarto da manhã e Maya anda a remexer nos armários da cozinha, à procura de analgésicos. Volta para a cama, febril e com o nariz entupido, e enrosca-se ao lado de Ana. Está quase a dormir quando Ana lhe dá um pontapé e murmura, em voz ensonada:

- Toca para mim.
- Está sossegada.
- Toca para mim!

Maya geme.

– Está bem, mas tenho uma pergunta: preferias que eu tocasse guitarra para ti sempre que me pedes, ou preferias que eu não te MATASSE COM ELA?

Ana fica calada muito tempo, amuada. Depois, toca ao de leve na perna de Maya com o pé que está sempre gelado.

– Por favor?

Assim, Maya desiste e começa a tocar. Porque Ana adora adormecer ao som da guitarra, e porque Maya adora Ana. A última coisa em que pensa, antes de também ela adormecer, cheia de dor de cabeça e tosse, é que se calhar devia passar o dia na cama.

O pátio está mergulhado na escuridão quando Peter estaciona o pequeno carro em frente à oficina, ao lado do último edifício antes de a cidade acabar e a floresta começar, a oeste. Dormiu três horas de sono agitado e acordou cansado.

O Javali, um amigo de infância, está dentro da oficina mal iluminada, debruçado sobre o motor de um *Ford* tão antigo que parece precisar mais de magia do que de uma chave-inglesa. Sempre foi conhecido como Javali, porque jogava como um javali selvagem. É tão alto como Peter, mas aparenta o dobro da largura. Talvez a barriga esteja um pouco mais mole do que era nos seus

anos de jogador de hóquei, mas os braços e ombros ainda parecem feitos de aço. Está de *t-shirt*, apesar de ter a porta da oficina aberta, e aperta a mão a Peter sem se preocupar por Peter não ter onde limpar a mistura peganhenta de óleo e terra que lhe deixa na pele. O Javali sabe perfeitamente que a sujidade dá com o amigo em doido.

– Pensei que a Kira me tinha dito que o vinhas trazer ontem – diz, e olha para o carro com um sorriso.

– E era para ter vindo – admite Peter, esforçando-se por não pensar na sujidade nos dedos.

O Javali solta uma gargalhada seca, estende-lhe um trapo para se limpar e coça a barba, que é tão densa e desgrenhada que começa já a parecer uma máscara de esqui felpuda.

– Ficou chateada?

– Bom, não ficou propriamente encantada – confessa Peter.

– Queres café?

– É fresco?

O Javali ri-se baixinho.

– Café fresco. Estás armado em fino? Tenho café instantâneo e uma chaleira para aquecer água ali ao canto.

– Deixa estar.

O Javali dá-lhe uma palmadinha intencional na mão ao passar e Peter limpa-a com um sorriso irritado. São amigos há quarenta anos e a piada continua a ser a mesma. O Javali pega numa lanterna e sai para o pátio, e Peter fica ao lado dele, a tremer, dominado por aquele sentimento de insuficiência que só afeta os homens de certa geração quando veem outro homem da mesma geração a arranjar o carro da sua mulher. O Javali endireita-se e poupa Peter à conversa técnica.

– Que monte de sucata. O Bobo trata dele quando acordar. Podes vir buscá-lo às nove.

Volta a entrar na oficina e pega distraidamente num dos pesados pneus do *Ford*, com a facilidade com que Peter pega num papel para pôr no lixo. Infelizmente, Bobo herdou não só a força bruta do pai, mas também as suas fracas capacidades como patinador. O Javali era um defesa aterrorizador no seu tempo, mas Sune

costumava comentar, com um suspiro: «Aquele rapaz até consegue tropeçar nas linhas pintadas no chão.»

Agora, é Peter que sugere:

– Se calhar podias deixar o Bobo descansar hoje, não? Tem um jogo importante logo à tarde.

O Javali ergue uma sobancelha sem levantar a cabeça, depois passa a mão pela cara para limpar o suor e fica com a barba a brilhar por causa do óleo.

– O teu carro não demora mais de duas horas a despachar. Se o vieres buscar às nove, o Bobo só terá de pegar nele às sete. É descanso mais do que suficiente.

Peter abre a boca, mas acaba por não dizer nada. Um jogo de hóquei é um jogo de hóquei, mas no dia seguinte esta família terá de se levantar de manhã para continuar a ganhar a vida. Bobo é um defesa sólido, mas muito longe de estar ao nível profissional. Tem dois irmãos mais novos e a economia global não espera por ninguém. Os ursos cagam na mata e toda a gente caga em Björnstad.

O Javali oferece-lhe boleia para casa, mas Peter prefere ir a pé. Precisa de acalmar os nervos. Passa pela fábrica, que dá trabalho a cada vez menos pessoas. Passa pelo grande supermercado, que levou à falência todos os estabelecimentos mais pequenos. Vira para a estrada que leva ao centro da cidade e depois para a rua principal de comércio. Uma rua que vai ficando mais curta de ano para ano.

Ramona sobreviveu tempo suficiente para poder estar já reformada, mas uma das coisas boas de ser dona do seu próprio bar é que ninguém pode obrigá-la a parar de trabalhar. O Urso Pardo pertence-lhe desde que deixou de pertencer à sua mãe e, antes disso, ao seu avô. O estabelecimento está quase na mesma, mas o avô costumava fumar lá dentro e agora Ramona vem fumar para a rua. Três cigarros antes do pequeno-almoço; acende o último na beata do anterior. Os rapazes que vêm jogar bilhar e beber cerveja todas as tardes chamam-lhe, afetuosamente, «Mamã

Marlboro». Não tem filhos; Holger não podia ser pai e se calhar nunca precisou de o ser. A única família que ele queria, além de Ramona, era a sua família do desporto, como costumava dizer. Alguém lhe perguntou, certa vez, se havia algum desporto de que não gostasse e ele respondeu: «Política. Deviam deixar de passar isso na televisão.» Se a casa estivesse a arder, Holger salvaria Ramona primeiro do que tudo, mas ela teria de trazer consigo os bilhetes de época para os jogos do Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad. Pertencia-lhes, aquele desporto ridículo. Holger deixara nas bancadas as suas maiores gargalhadas e os seus abraços mais calorosos.

Ela é que fumava, mas ele é que teve cancro.

«Sofro de uma doença irónica», declarava ele com descontracção.

Ramona recusa-se a deixar alguém dizer que Holger morreu; afirma que ele a deixou, porque é assim que se sente. Como se tivesse sido uma traição. Foi abandonada no meio da neve, como um tronco de árvore sem casca, desprotegida, agora que ele já cá não está.

Aprendeu a passar os dias. Tem de ser. Quando o turno da tarde na fábrica acaba, o Urso Pardo enche-se de jovens a quem ela chama «os rapazes» e a quem a polícia e o clube de hóquei chamam coisas muito piores. São capazes de fazer muitas asneiras, mas adoram Ramona, tal como Holger a adorava. Talvez seja demasiado protetora em relação a eles. Tem noção disso. Björnstad é um ambiente propício para pessoas duras, e a vida não ajudou a suavizar nenhum dos seus rapazes. Mas são tudo o que lhe resta de Holger, o mais que consegue aproximar-se das memórias do marido.

A morte faz coisas estranhas e incompreensíveis a almas apaixonadas. Ramona ainda vive no apartamento por cima do bar. Alguns dos rapazes que conduzem empilhadoras no armazém do supermercado compram-lhe a comida lá, agora que a mercearia do outro lado da estrada fechou, e por isso a velha mulher não precisa de ir mais longe do que o cinzeiro à entrada da porta. Passaram onze anos desde que Holger a deixou, e em todos os jogos da

equipa principal, mesmo quando o ringue está esgotado, há sempre dois lugares vagos na bancada.

Peter vê-a à distância. Ramona espera que ele se aproxime.

– Anda à procura de alguma coisa, senhor? – pergunta-lhe.

Ela envelheceu, mas é como o seu bar: está sempre na mesma. As pessoas que não gostam que o Urso Pardo ofereça todas as noites um refúgio para os maus elementos da cidade, referem-se a ela como uma velha antipática e sociopata que está a perder o juízo, mas embora Peter pouco a veja nos dias que correm, sempre que a vê ainda se sente como se estivesse a regressar a casa depois de uma longa viagem.

– Ainda não sei – responde com um sorriso.

– Estás nervoso por causa do jogo?

Ele não precisa de responder. Ela apaga o terceiro cigarro na sola do sapato, enfia a beata no maço e oferece:

– Uísque?

Ele olha para o céu. Em breve a cidade despertará, e até o sol parece estar a planear aparecer mais cedo. Todos acordarão para o sonho de que uma equipa de juniores pode mudar tudo. Poderá fazer com que a câmara olhe novamente na direção da cidade na floresta? Criar uma academia de hóquei, talvez até construir um centro comercial? Fazer com que as pessoas, ao darem indicações, digam: «Mantenha-se nesta estrada, é depois de Hed», em vez de: «Se chegar a Björnstad é porque já andou de mais»? Peter passou tanto tempo a convencer os outros de tudo isso, que já não sabe se ele próprio ainda acredita.

– Um café sabia-me bem – diz.

Ela solta uma risada rouca e desce os degraus para o bar.

– É sempre assim com os filhos de pais que gostavam demasiado da pinga: ou bebem constantemente ou nem lhe tocam. Não há meio-termo, com algumas famílias.

Peter esteve mais vezes no Urso Pardo antes de fazer dezoito anos do que depois. Era normal ter de levar o pai em braços para casa, e às vezes ainda tinha de o ajudar a livrar-se de um cobrador

de dívidas de Hed pelo caminho. O bar está igual ao que era nessa altura. Cheira um bocadinho menos a fumo, mas, tendo em conta os cheiros possíveis num bar que fica numa cave, isso nem sempre é bom. Agora está vazio, claro. Peter nunca ali vai à noite; não é um ambiente salutar para o diretor-geral de um clube com uma equipa sénior que não alcança grandes resultados. Os velhos que frequentam o bar sempre tiveram muito a dizer, mas hoje em dia os mais novos vão muitas vezes além das palavras duras. Nesta cidade, há uma ameaça constante de violência a fervilhar sob a superfície de um certo tipo de pessoa, uma ameaça em que Peter nunca reparou quando era jovem e que, por isso mesmo, o chocou ainda mais quando voltou do Canadá. Nem o hóquei, nem a escola, nem a economia conseguiram proporcionar uma saída a estas pessoas, das quais emana agora uma fúria silenciosa. São conhecidos como a «Matilha», embora ninguém os oiça referir-se a si próprios dessa forma.

A claque oficial da equipa sempre se chamou «Ursus Arctos» e, tecnicamente, os homens que costumam frequentar o Urso Pardo não são membros de outra a não ser essa, tal como todos os reformados, professores primários e jovens pais de família que assistem aos jogos nas bancadas. Para fazer parte da Matilha não são precisos cartões de sócio nem *t-shirts*. A cidade é pequena o suficiente para ter grandes segredos, mas Peter sabe que, mesmo nas melhores épocas desportivas, os membros da Matilha nunca são mais do que trinta ou quarenta e, contudo, são em número suficiente para justificar o policiamento extra nos jogos da equipa principal, de modo a garantir a segurança de todos. Já houve jogadores recrutados noutras cidades, que se considerou não estarem a jogar tão bem como deviam para aquilo que ganhavam, e que apareceram inesperadamente no gabinete de Peter a pedirem para anular os contratos e sair do clube. Os repórteres do jornal local faziam perguntas num dia e mostravam-se inexplicavelmente desinteressados na manhã seguinte. A Matilha atemorizara as clagues dos adversários, afastando-as de Björnstad, mas, infelizmente, fizera o mesmo aos patrocinadores. Os homens na casa dos vinte anos que frequentam o Urso Pardo são os mais

conservadores da cidade: não querem uma Björnstad moderna, porque sabem que uma Björnstad assim não os quererá a eles.

Ramona empurra o café sobre o balcão e bate na madeira com os nós dos dedos.

– Há alguma coisa de que queiras falar?

Peter coça a cabeça. A «Mamã *Marlboro*» sempre foi a principal psicóloga de Björnstad, embora o seu conselho habitual costume ser: «Recompõe-te e deixa-te de coisas; há quem esteja bem pior.»

– Tenho muito em que pensar, só isso.

Olha para as paredes, cobertas de camisolas de jogos e fotografias de jogadores, galhardetes e cachecóis.

– Quando é que foste ver um jogo pela última vez, Ramona?

– Não vi nenhum desde que o Holger me deixou. Sabes muito bem.

Peter gira a caneca entre os dedos. Tira a carteira do bolso.

Quando Ramona agita a mão para lhe indicar que não tem nada a pagar, ele deixa o dinheiro em cima do balcão na mesma.

– Se não queres cobrar-me o café, põe o dinheiro no fundo.

Ela acena com gratidão e pega nas notas. O fundo é uma caixa que ela tem no quarto; usa-a para ajudar quando um dos rapazes fica desempregado e não consegue pagar as contas.

– Quem mais precisa dele neste momento é um tipo da tua antiga equipa. O Robert Holts. Perdeu o emprego na fábrica e anda a passar demasiado tempo aqui.

– Oh, merda – solta Peter, porque não sabe que mais dizer.

Pensou em ligar a Robbie quando estava no Canadá, pensou em ligar-lhe quando regressou para Björnstad, mas de boas intenções está o inferno cheio. Vinte anos é demasiado tempo para saber como começar uma conversa. Deverá pedir desculpa? Mas de quê? Como? Passa de novo os olhos pelas paredes.

– Hóquei – diz. – Alguma vez pensaste em como é um desporto estranho, Ramona? As regras, o rinkue... Quem diabo inventaria uma coisa dessas?

– Alguém que precisava de arranjar um passatempo menos perigoso para uma data de homens bêbados com espingardas? – sugere a proprietária do bar.

– Quer dizer... raios... Pode parecer um disparate, mas às vezes não sei se não estaremos todos a levar isto demasiado a sério. Se não estaremos a colocar pressão a mais sobre os juniores. Na verdade, pouco mais são do que... miúdos.

Ramona serve-se de um copo de uísque. Afinal de contas, o pequeno-almoço é a refeição mais importante do dia.

– Isso depende daquilo que queremos dos miúdos. E do que os miúdos querem do hóquei.

Peter aperta mais a caneca.

– E o que queremos, Ramona? O que é que o desporto nos pode dar? Dedicamos-lhe toda a nossa vida, e o que podemos esperar receber em troca, na melhor das hipóteses? Alguns momentos... algumas vitórias, alguns segundos em que nos sentimos maiores do que realmente somos, algumas oportunidades isoladas de imaginar que somos... imortais. E é mentira. Na verdade, não é importante.

O silêncio abate-se sobre eles, intacto. Só quando Peter empurra a caneca vazia sobre o balcão e se levanta para sair é que a velha viúva bebe o resto do seu uísque e resmunga:

– A única coisa que o desporto nos dá são momentos, sim. Mas que raio é a vida, Peter, a não ser momentos?

A melhor psicóloga da cidade.

Kira reúne as proteções de Leo, dobra a roupa dele, arruma-lhe o saco e coloca-o no vestíbulo. Ele tem doze anos; devia arrumar as suas próprias coisas e ela sabe-o. Mas sabe também que é ela que tem de o levar ao treino e que terá de voltar atrás para vir buscar metade das coisas se deixar essa responsabilidade a Leo. Depois de ter tudo pronto, senta-se meia hora em frente ao computador. Quando Leo estava na escola primária, a professora disse-lhes uma vez, numa reunião, o que ele respondera à pergunta sobre a profissão dos pais: «O meu pai trabalha no hóquei. A minha mãe escreve *e-mails*.»

Kira põe o café a fazer, despacha vários itens da sua lista e da sua agenda, respira fundo algumas vezes e sente o peso no peito. «Ataques de pânico», comunicou-lhe a psicóloga há seis meses, e

Kira nunca mais lá voltou depois disso. Tem vergonha. Como se a sua vida não fosse feliz, como se não estivesse satisfeita. Como havia de explicar uma coisa dessas à família? «Ataques de pânico.» O que é que tal conceito significava? Uma advogada, mulher do diretor-geral, mãe – e Deus sabe como adora ser todas essas coisas; mas às vezes para o carro na floresta, à ida ou à vinda, e fica sentada às escuras, a chorar. Lembra-se da sua própria mãe, nestas alturas, de como ela limpava as lágrimas das faces dos filhos e murmurava: «Ninguém disse que a vida ia ser fácil.»

Ser mãe fá-la sentir-se como um cobertor que é sempre pequeno de mais. Por mais que tente tapar alguém, há sempre outra pessoa que fica com frio.

Acorda Leo às oito. O pequeno-almoço dele já está na mesa; vai levá-lo ao treino dentro de meia hora. Depois, voltará a casa para ir buscar Maya e Ana: as três vão fazer algumas horas de voluntariado no refeitório do ringue durante o jogo dos juniores. A seguir, será preciso levar Leo a casa de um amigo, e Maya também, presume. Por fim, Kira espera que Peter chegue do escritório a horas de ainda beberem um copo de vinho juntos ou, quem sabe, tirar uma lasanha do congelador para aquecer, antes de ele adormecer de exaustão e ela ficar a pé até à meia-noite a responder a *e-mails* aos quais nunca vê o fim. Amanhã é domingo e haverá equipamentos de hóquei para lavar, sacos para preparar e adolescentes para acordar. Segunda-feira estará de volta ao escritório e a um trabalho que, com toda a franqueza, tem sido uma chatice nos últimos tempos. Ironicamente, desde que recusou a oferta de promoção, as exigências profissionais intensificaram-se. Sabe que só toleram que ela seja a última a chegar todas as manhãs e a primeira a sair à tarde porque é a melhor naquilo que faz. Mas há muito tempo que sente que não é a melhor que podia ser. Não tem tempo. Não consegue.

Quando os filhos eram pequenos, Kira via tantos outros pais a perderem o controlo nas bancadas do ringue e não conseguia compreender, mas agora compreende-os. Os passatempos dos filhos não são apenas os passatempos dos filhos – os pais dedicam-lhes as mesmas horas, ano após ano, sacrificam tanto, gastam tanto

dinheiro, que o seu significado acaba por afetar até os cérebros dos adultos. Esses passatempos começam a simbolizar outras coisas, a servir para compensar ou reforçar os fracassos dos próprios pais. Kira sabe que é um disparate; sabe que o jogo do dia seguinte é só um jogo parvo, de um desporto parvo, mas, no fundo, está nervosa. Sente-se nervosa não só por si, mas também por Peter e pelos juniores e pelo clube e por toda a cidade. No fundo, também está a precisar de ganhar.

Passa pelo quarto de Maya, apanha algumas roupas do chão, e quando a filha adormecida solta um gemido pousa-lhe a mão na testa. Está quente. Dentro de duas horas, Kira ficará surpreendida quando a filha insistir voluntária e quase ansiosamente para ir com eles ao rinque, apesar de estar doente. Regra geral, Maya faz-se de mártir o máximo que pode e é capaz de aproveitar até uma ponta de cabelo espigada como desculpa para não ter de ir ao hóquei.

Em retrospectiva, Kira desejará mil vezes ter obrigado a filha a ficar em casa.

Há muitas coisas que magoam as pessoas sem que elas saibam bem porquê. A ansiedade pode agir como uma gravidade interna que esmaga a alma. Benji sempre adormeceu com facilidade, mas nunca dorme bem. Acorda cedo no dia do jogo, mas não por causa dos nervos – isso nunca o incomodou. Sai de casa antes de a mãe acordar, deixa a bicicleta na orla da floresta e percorre a pé os poucos quilómetros até ao canil de Adri. Senta-se no pátio a fazer festas aos cães até as outras duas irmãs, Katia e Gaby, aparecerem também. Beijam o irmão mais novo na cabeça, depois a mais velha dos quatro sai e dá-lhe uma palmada com força na nuca, e pergunta se é verdade que ele chamou «docinho» à professora. Benji nunca mente a Adri. Ela dá-lhe outra palmada e a seguir beija-o com igual intensidade, sussurra que o ama e que nunca deixará que lhe aconteça nada de mal, mas que o matará se lhe chegar aos ouvidos que voltou a falar assim com uma professora.

Os quatro tomam o pequeno-almoço rodeados por cães, sem falar muito. Fazem-no uma vez por ano, um pequeno ato de recordação, sempre bem cedo para a mãe não dar por isso. Ela nunca perdoou o marido. Benji era demasiado pequeno quando tudo aconteceu para albergar dentro de si algum ódio, e as três irmãs estão algures entre os dois extremos. Toda a gente tem as suas próprias lutas. Quando Benji se levanta, não pede a nenhuma das irmãs para ir com ele, e elas não lhe perguntam onde vai. Apenas lhe beijam o cabelo, uma depois da outra, dizendo-lhe simultaneamente que é um idiota e que o adoram.

Benji caminha sobre a neve até ao local onde deixou a bicicleta e dirige-se então ao cemitério, onde se agacha, encostado à lápide de Alan Ovich, a fumar charros até entorpecer a dor o suficiente para permitir que as lágrimas caiam. Com as pontas dos dedos, traça na pedra as letras gastas do nome. Neste mesmo dia, há quinze anos, bem cedo numa manhã de março, Alan foi buscar a espingarda de caça antes de a família acordar. Depois, sobrecarregado com todas

as suas mágoas, dirigiu-se à floresta. Não interessa quantas vezes se explica uma coisa destas a uma criança. Quem perde um pai dessa maneira sabe muito bem que todos os adultos estão a mentir quando dizem: «A culpa não foi tua.»

As pessoas sofrem. E isso esmaga-lhes a alma.

Os minutos arrastam-se em direção à hora de almoço. Kevin está no quintal, a driblar um disco com movimentos suaves e controlados, em padrões complicados, entre quarenta garrafas de vidro espalhadas pelo gelo. Para qualquer outra pessoa, pareceria estar a acontecer a uma velocidade estonteante, mas para ele cada gesto dos pulsos é em câmara lenta. O tempo move-se mais devagar para ele do que para as outras pessoas, não sabe porquê. Quando era pequeno, os outros miúdos às vezes batiam-lhe por ele ser demasiado bom, até que, um dia, Benji se juntou aos treinos. Durante meses, os dois rapazes dormiram em casa um do outro, leram as velhas bandas desenhadas das irmãs de Benji à luz de uma lanterna debaixo das mantas e, de súbito, as suas vidas começaram a fazer sentido. Os seus próprios superpoderes uniram-nos.

– Querido? – chama a mãe de Kevin da porta do terraço, e aponta para o relógio.

Quando Kevin se aproxima, ela levanta a mão com cuidado, sacode-lhe um pouco de neve do ombro e deixa ficar os dedos um pouco mais do que o habitual, num gesto de carinho a que ele não está habituado. A mãe morde o lábio inferior.

– Estás nervoso?

Kevin abana a cabeça. Ela acena com orgulho.

– Temos de ir andando. O teu pai conseguiu arranjar-nos um voo mais cedo para Madrid. Deixamos-te no rinque.

– Mas têm tempo para ver pelo menos a primeira parte, não?

Vê nos olhos dela que está desfeita. Mas nunca o admitiria.

– Estamos com pressa, querido. O teu pai tem uma reunião importante com um cliente.

– Vão jogar golfe – atira Kevin. É a resposta mais agressiva que ousa dar à mãe.

Ela não diz nada. Kevin sabe que é inútil insistir: o principal passatempo nesta casa não é o hóquei, é evitar falar sobre sentimentos. Quem levantar a voz primeiro, perde. Nunca consegue mais do que uma resposta seca do género: «Nem vale a pena falar contigo se vais pôr-te aos gritos», seguida de uma porta a fechar-se algures.

Kevin dirige-se ao vestíbulo. A mãe hesita. Estende de novo a mão para o ombro dele, mas depois vacila e toca-lhe no pescoço com ternura. Ela gere uma grande empresa e é muito popular entre os funcionários, precisamente por ser tão acessível e compreensiva. É como se isso fosse mais fácil quando as pessoas envolvidas não eram as da sua família. Durante anos, depois de se deitar, ela sonhava com todas as coisas que faria quando fosse mais velha e tivesse mais tempo, e agora às vezes acorda desesperada a meio da noite porque já não se lembra de quais eram essas coisas. Quis dar a Kevin tudo o que lhe faltara em criança, e pensou sempre que lhe sobraria tempo para o resto. Para falar e para ouvir. Os anos passaram demasiado depressa e, sem que desse por isso, enquanto ela andava ocupada com o seu emprego, e o filho com os treinos de hóquei, ele cresceu. E ela nunca conseguiu aprender a comunicar com Kevin; muito menos agora, que tem de inclinar a cabeça para trás para o fitar nos olhos.

– Estaremos na final! – promete ela, como só uma mãe que vive num mundo onde seria inconcebível que a final tivesse lugar sem a participação do filho conseguiria prometer.

O refeitório ainda está vazio, embora o ringue esteja a encher-se de pessoas. Kira faz café e tira os pães para os cachorros-quentes da arca congeladora. Maya está a olhar para a janela.

– Estás à procura de quem? – provoca-a Ana.

Maya fita-a com um olhar duro e Ana leva as mãos em concha à boca e imita a voz de uma hospedeira de bordo:

– Senhoras e senhores, pedimos que não abram pacotes de aperitivos durante este voo, porque temos uma pessoa alérgica a amendoins a bordo.

Maya dá-lhe um pontapé na canela. Ana desvia-se com um salto e continua, na mesma voz:

– *Talvez* seja permitido lamber o sal dos amen...

Kira vê tudo, ouve tudo e compreende quase tudo, mas não diz nada. É impossível deixar uma filha crescer. O único problema é que não tem alternativa. Kira também já teve quinze anos e, infelizmente, ainda se lembra muito bem do tipo de coisas que lhe enchiam a cabeça nessa idade.

– Vou só buscar o leite ao carro – interrompe, quando suspeita que Ana estará prestes a dizer algo que nem mãe nem filha estão prontas para ouvir dita em voz alta na presença uma da outra.

O pai de Kevin já está no carro. Diz a Kevin que se sente no banco da frente e começa a fazer-lhe perguntas para o teste de Inglês de segunda-feira. A vida do pai gira à volta da busca por perfeição. Toda a sua vida é um tabuleiro de xadrez, e só está contente se estiver duas jogadas à frente de toda a gente.

«O sucesso nunca é uma coincidência. A sorte pode trazer dinheiro, mas nunca sucesso», costuma ele afirmar.

A sua frieza nos negócios assusta as pessoas, mas Kevin nunca o viu erguer a mão para ninguém, nem sequer a voz. Na verdade, consegue ser bastante encantador quando quer, sem nunca ter de revelar seja o que for sobre si próprio. Nunca perde o controlo e nunca se entusiasma, porque vive sempre no futuro. Hoje há um jogo de hóquei, mas segunda-feira há um teste de Inglês. Duas jogadas à frente.

«O meu trabalho é ser teu pai, não é ser teu amigo», explicou-lhe o pai depois de Kevin mencionar várias vezes que a mãe de Benji ia ver quase todos os jogos do filho. Não precisou de se zangar para que Kevin compreendesse o que ele queria dizer: a mãe de Benji não patrocinava a equipa com vários milhões de coroas por ano. Não era graças a ela que as luzes do ringue continuavam acesas.

Portanto, provavelmente, ela tinha mais tempo para ir assistir aos jogos.

Benji segue pela estrada do lago para poder fumar sem ninguém ver, o que deve ser suficiente para impedir que a mãe de Lyt organize outra petição, como fez quando estavam no jardim de infância e Lyt viu Benji a comer doces, apesar de não ser sábado. A mãe de Lyt dá muita importância à justiça e à igualdade, desde que sejam baseadas na sua interpretação pessoal dessas palavras. Quase todos os pais são assim. Benji sempre pensou que a cidade devia ser um sítio terrível para se ser adulto. Enterra a beata do charro na neve e depois para por um instante entre as árvores, de olhos fechados, e pensa em dar meia-volta e voltar para trás. Fugir de tudo aquilo. Talvez roubar um carro e deixar Björnstad no espelho retrovisor. Pergunta a si próprio se isso o faria mais feliz.

O parque de estacionamento em frente do rink está cheio de pessoas. O pai de Kevin para o carro a alguma distância.

– Hoje não tenho tempo para conversas – diz, indicando com a cabeça os outros patrocinadores e pais no parque de estacionamento, tão impressionados pelo dinheiro da família Erdahl como os seus filhos pelo talento de Kevin no gelo.

Quando se cresce numa família que nunca fala sobre sentimentos, aprende-se a ouvir as *nuances* em palavras como estas. O pai não precisa de pedir desculpa a Kevin por não o deixar mesmo à porta, porque acaba de o fazer. Dão uma palmadinha desajeitada no ombro um do outro e Kevin sai.

– Amanhã podes contar-nos tudo – acrescenta o pai.

Há pais que perguntam: «Ganharam?», mas o de Kevin quer saber: «Por quantos ganharam?» Kevin ouve-o constantemente a escrever as suas notas; toda uma secção da cave da casa está ocupada por caixas muito bem empilhadas que contêm blocos de notas grossos com as estatísticas meticulosas de todos os jogos em que Kevin já participou, desde os infantis. É provável que existam pessoas que acham errado perguntar ao filho: «Quantos golos

marcaste?», em vez de: «Marcaste algum golo?», mas tanto Kevin como o pai responderiam da mesma forma a essa crítica: «Quantos golos marcaram os filhos dessas pessoas?»

Kevin não volta a perguntar aos pais se têm tempo para ver a primeira parte; limita-se a fechar a porta do carro e a pôr o saco ao ombro como se este fosse outro sábado qualquer. Porém, quando o carro arranca, vira-se e fica a olhar para ele até desaparecer. À sua volta, há mais pais do que jogadores. Para eles, este não é um sábado qualquer.

A mãe de Kevin vira-se, por alguma razão, e olha pelo vidro de trás do carro. Não é algo que costume fazer: tal como o marido, dá grande valor ao facto de não ser sentimental e de ensinar Kevin a ser independente. Viram outras crianças mimadas dos Montes crescerem e tornarem-se triunfos de mediocridade – criaturas frágeis e lamurientas a quem será preciso dar a mão pelo resto da vida –, e não tencionam permitir que tal aconteça a Kevin. Mesmo quando dói. Mesmo quando Kevin teve de vir a pé sozinho de Hed às escuras, a meio da noite, quando andava na escola primária, porque o pai lhe queria ensinar as consequências da falta de pontualidade. Mesmo quando a mãe teve de fingir estar a dormir ao ouvir o filho entrar em casa. Mesmo quando chorou silenciosamente com o rosto escondido na almofada. Está convicta de que aquilo que é mais fácil para os pais não é o que é melhor para os filhos, e Kevin tornou-se um rapaz forte porque eles lhe deram essa possibilidade.

Contudo, a mãe de Kevin lembrar-se-á sempre daquilo que vê pelo vidro de trás do carro naquele sábado, e da imagem do filho ali parado no parque de estacionamento. No dia mais importante da sua vida, ele é o rapaz mais solitário do mundo.

Amat tenta fingir que só está a passar pelo refeitório por acaso, com tanto sucesso como se tentasse dizer que tinha comido o gelado do melhor amigo por engano. Kira está a afastar-se na

direção oposta, mas quando o vê cumprimenta-o alegremente e pergunta, num tom demasiado alto:

– Olá, Amat! Estás à procura da Maya?

Aponta para o refeitório e desaparece nas escadas, mas ainda se vira para trás para acrescentar:

– Boa sorte para hoje!

Depois, faz uma pose agressiva e rosna dramaticamente, como ouviu os adolescentes fazerem quando desejam sorte uns aos outros:

– Acaba com eles!

Amat sorri, envergonhado. No refeitório, as vozes de Ana e Maya elevam-se num debate acalorado e Kira apressa-se a descer as escadas antes que uma das raparigas diga alguma coisa sobre rapazes que o seu cérebro de mãe teria de lavar com sabão, água e quantidades copiosas de lixívia.

Benji aparece subitamente ao lado de Kevin sem que este o tenha ouvido aproximar-se. Pousa a mão no ombro do amigo e não diz uma palavra sobre o facto de Kevin estar com os olhos brilhantes. Em troca, Kevin não diz nada sobre aniversários de morte e cemitérios. Nunca precisaram de falar. Simplesmente, fitam-se nos olhos e dizem a única coisa que dizem sempre antes de um jogo:

– Qual é a segunda coisa mais fixe do mundo, Kev?

Quando Kevin não responde de imediato, Benji dá-lhe uma cotovelada no estômago.

– Qual é a SEGUNDA coisa mais fixe do mundo, espertinho?

– Sexo – responde Kevin com um sorriso.

– Mas *primeiro* tens de entrar naquele ringue e fazer a coisa *mais fixe* do mundo! – grita Benji, agitando o saco com tanta força que Kevin tem de se baixar.

Enquanto se dirigem ao balneário, Kevin ergue as sobrancelhas e pergunta:

– Então, Benjamin, já foste à casa de banho?

Quando eram pequenos, durante um dos seus primeiros jogos juntos, Benji fez chichi no banco da equipa. Não por não conseguir chegar à casa de banho, mas porque um dos jogadores da equipa adversária passara o jogo a tentar travar Kevin, e Benji recusou-se a sair do banco para não perder a oportunidade de entrar, a oportunidade de proteger Kevin.

Benji desata a rir. Kevin ri-se também. A seguir, pegam nos *sticks* e vão fazer a coisa mais fixe do mundo.

– Mas já ouviste as faixas novas deles? São de loucos! Uma pessoa fica pedrada só de os ouvir! – guincha Ana.

– O que é que não estás a perceber? Eu *não* gosto de *techno*! – grita Maya.

– Isto não é *techno*. É *house* – esclarece Ana, insultada.

– Seja o que for. Eu gosto de música em que se pode tocar pelo menos um instrumento, com letras que contenham mais do que cinco palavras.

– Meu Deus, quando é que vais começar a ouvir música que não seja a banda sonora de um suicídio? – pergunta Ana, e deixa o cabelo cair para a cara enquanto imita o gosto musical de Maya com solos de guitarra prolongados e letras gemidas: – *Estou tão triste, só quero morrer, porque a minha música é uma merda...*

Maya ri-se alto e contrapõe com um punho fechado a girar no ar e o outro num computador invisível.

– E esta é a música de que tu gostas: *Bum-tss bum-tss bum-tss...* DROGAS! SIM! *Bum-tss bum-tss bum-tss!*

Ao lado delas, Amat pigarreia. Nesta altura, as duas raparigas estão aos saltos pelo refeitório, tão excitadas que Ana derruba uma pilha de caixas de gomas em forma de ursinhos. Maya para de saltar, perdida de riso.

– Está tudo bem? – pergunta Amat.

– É só que temos gostos musicais muito, muito diferentes – explica Maya com um sorriso.

– Está bem... eu... bom, sabes, eu... ia a passar e... sou capaz de jogar hoje – diz Amat.

Maya faz que sim com a cabeça.

– Já ouvi dizer. Parabéns.

– Bom, o mais certo é ficar quase sempre no banco. Mas se entrar... na equipa... eu... se não estiveres a fazer nada depois. Mais tarde, quero eu dizer. Esta noite. Ou se estiveres a fazer alguma coisa... pensei em perguntar-te se queres... quer dizer, podias querer... comigo...

Ana escorrega em dois pacotes de gomas e quase deita abaixo o balcão das bebidas. Maya ri-se tanto que se engasga.

– Desculpa, Amat, o que é que disseste?

Amat começa a responder, mas não é suficientemente rápido. De súbito, Kevin está ao lado dele, sem sequer se dar ao trabalho de fingir que ia a passar por acaso. Está aqui por causa de Maya. Ela para de rir quando o vê.

– Olá – cumprimenta ele.

– Olá – diz ela.

– Chamas-te Maya, não é?

Ela assente com um aceno. Mira-o de cima a baixo.

– Sim. E tu, como te chamas?

Kevin demora alguns segundos a perceber que ela está a brincar. Toda a gente em Björnstad sabe o nome dele. Ri-se.

– Ephraim von Merdolini, ao seu serviço.

Faz uma vénia teatral, apesar de ser um rapaz que quase nunca faz piadas. E ela ri-se. Amat fica a olhar para os dois, arrasado, porque aquele riso é o som mais bonito que conhece e não lhe é destinado. Kevin olha para Maya, fascinado.

– Vai haver uma festa da equipa em minha casa logo à noite. Para festejar a vitória. Os meus pais estão fora.

Maya levanta uma sobrancelha com ar cético.

– Pareces muito seguro de que vais ganhar.

Kevin fita-a como se não compreendesse.

– Ganho sempre.

– A sério? Ganhas sempre, Ephraim, o *Merdolini*? – Maya ri-se.

– VON Merdolini, se faz favor. – Kevin sorri.

Maya continua a rir-se. Ana levanta-se do chão e ajeita o cabelo, atrapalhada.

– O... o Benji vai lá estar? Na festa?

Maya dá-lhe um pontapé na canela. Kevin vira-se para Maya e diz, em tom animado:

– Estás a ver? Traz a tua amiga. Vai ser fixe.

Depois, vira-se para Amat pela primeira vez e exclama:

– Tu também vens, não vens? Quer dizer, agora fazes parte da equipa!

Amat tenta parecer confiante. Kevin é dois anos mais velho, o que é penosamente óbvio quando estão lado a lado.

– Posso levar também um amigo? – pergunta baixinho.

– Desculpa lá, Ahmed, mas esta festa é só para a equipa, está bem? – responde Kevin, e dá-lhe uma palmada nas costas.

– O meu nome é Amat – corrige-o Amat, mas Kevin já se afastou.

Maya e Ana voltam a entrar no refeitório, ainda perdidas de riso. Amat fica sozinho no corredor.

Se tiver uma oportunidade que seja de fazer uma jogada decisiva no jogo de hoje, vai aproveitá-la ao máximo.

O orgulho numa equipa pode derivar de uma série de razões. Orgulho num local, ou numa comunidade, ou apenas numa pessoa. Dedicamo-nos ao desporto porque nos recorda de como somos pequenos, ao mesmo tempo que nos torna grandes.

Kira deixa as raparigas no refeitório e ri-se sozinha. Se Peter tivesse ouvido as conversas que ela própria tinha com as amigas aos quinze anos, precisaria de um desfibrilador. Ao princípio, surpreendiam-se tanto um com o outro. Ela dizia que ele era «o único jogador de hóquei pudico» do mundo, e ele tapava os ouvidos quando ela e os outros empregados do bar se metiam uns com os outros. Kira está tão habituada a ser a única mulher no local de trabalho – nos escritórios de advogados acontece-lhe o mesmo que no restaurante – que a testosterona nunca a incomodou. Foi Peter que precisou de respirar para um saco de papel quando um jogador da equipa principal, já sem os dentes da frente, disse alegremente a Kira uma vez, num dos poucos jantares de equipa em que as esposas ainda eram convidadas, que tinha «esfregado a pila em todos os copos da mesa», convencido de que ia deixar a mulher do diretor-geral escandalizada. Impávida e serena, ela explicou-lhe em pormenor a ação equivalente para o sexo feminino, até que o jogador desdentado não conseguiu voltar a olhar para ela durante o resto da noite. Na altura, Peter ficou envergonhado. Ainda está envergonhado. O último Neandertal embaraçado. Tantos anos depois, ainda conseguem surpreender-se um ao outro. Nada mau.

Dirige-se à saída do parque de estacionamento, mas detém-se junto ao gelo e fica a olhar para ele. Por mais que se esforce, em Björnstad nunca será mais do que a cara-metade de Peter. Presume que todos os adultos têm de vez em quando fantasias sobre outra vida, aquela que poderiam estar a viver em vez da que têm. A frequência com que o fazem dependerá provavelmente do quão felizes são. A mãe de Kira costumava dizer que a filha era uma romântica incurável e, ao mesmo tempo, desesperadamente

competitiva. Kira admite que ambas as características são verdadeiras, uma vez que ela e Peter já foram jogar *bowling* três vezes e, apesar disso, continuam casados. Da terceira vez, acabaram a procurar no Google «terapeuta matrimonial com atendimento de urgência» à uma e meia da manhã. Bolas, ele irrita-a tanto, às vezes! Mas, bolas, ama-o tanto! Não foi um amor que se desenvolvesse devagar, mas sim um sentimento que a atingiu como uma doença súbita. Uma doença crónica. Só gostava que cada dia tivesse quarenta e oito horas. Bom, não quer exagerar, já se contentava com trinta e seis. Só quer conseguir beber um copo com ele e acompanhar uma série na televisão – será pedir demasiado? Só quer ter tempo suficiente para fazer um cobertor que chegue para tapar todos.

Pensa demasiadas vezes nessa outra vida. A vida que outra pessoa qualquer está a viver. Ficou tão feliz por Peter quando ele conseguiu o seu contrato de profissional, mas ficou feliz por si própria quando ele deixou de jogar. Quando houve espaço para ela. Alguma vez conseguirá admiti-lo ao marido? O breve período em que ele não foi jogador nem diretor-geral, quando vendia seguros e simplesmente tentava ser feliz, é a melhor época que ela consegue recordar. Como pode dizer uma coisa dessas à pessoa que ama?

Quando Isak morreu, toda a gente fez o que podia por eles. Quando lhes faltou o ar, precisaram de uma forma de amor que os ajudasse a respirar. Assim, Kira tomou a decisão mais difícil da sua vida: percebeu que teria de devolver o hóquei a Peter.

A distinção entre viver e sobreviver nem sempre é clara, mas há um efeito secundário positivo em ser uma pessoa ao mesmo tempo romântica e muito competitiva: desistir está fora de questão. Kira tira o leite do carro e fica ali parada, a rir sozinha, e apercebe-se de que, ultimamente, aprendeu a rir-se assim cada vez mais. Depois, pega num cachecol verde com as palavras «Hóquei no Gelo de Björnstad» e põe-no ao pescoço. No regresso ao rink, encontra e abraça outras pessoas vestidas com a mesma cor e, por alguns momentos, tudo o resto parece pouco importante. Não é preciso compreender todos os aspetos do gelo para o amar, e não é preciso amar a cidade para ter orgulho nela.

Peter vagueia pelo ringue como um fantasma exorcizado. Todo o seu dia, até este instante, tem sido uma sequência de momentos de desorientação, como entrar numa sala e esquecer de imediato o que lá foi fazer. No corredor, à saída do gabinete, colide com o Janota, o que não é proeza fácil, já que é muito difícil para o Janota passar despercebido. Mede quase dois metros de altura e está bastante mais largo do que quando jogaram juntos a final do campeonato. Sempre foi o tipo de pessoa que compensa a falta de autoconfiança tentando atrair o máximo de atenção possível; fala tão alto como um miúdo com auscultadores nos ouvidos, e quando eram adolescentes aparecia sempre nas festas de fato quando todos estavam de calças de ganga, porque lera numa revista qualquer que as raparigas gostavam disso. Na fase final do ensino secundário, um dos patrocinadores do clube morreu e pediram a todos os jogadores da equipa que vestissem fato para ir ao funeral. Quando o Janota ouviu aquilo, apareceu de fraque. E foi assim que ganhou a sua alcunha.

Hoje em dia, é dono de uma cadeia de grandes supermercados, um em Björnstad e outro em Hed, e mais uns quantos em sítios que Peter nunca se deu ao trabalho de fixar quando o Janota começa a falar nisso. Conseguiu ser expulso de todos os clubes de caça da região porque nem na floresta consegue estar em silêncio. Quando jogavam juntos, gesticulava com os braços compridos sempre que o árbitro tomava uma decisão contra ele, alternando tão depressa entre o riso, as lágrimas, o desespero e a raiva que Sune dizia que era como tentar treinar «um mimo que não sabe estar calado». O Janota era um jogador medíocre, mas adorava o lado competitivo do jogo. Quando a sua carreira no hóquei chegou ao fim, essa atitude fez dele um vendedor muito melhor do que medíocre. Agora compra um carro novo todos os anos e usa um *Rolex* do tamanho de um aparelho medidor de tensão, todos troféus de um desporto diferente.

– Que dia, hã? – questiona o corpulento merceeiro com um sorriso, baixando os olhos para Peter. Estão junto da velha fotografia da equipa, na qual se encontram lado a lado. – E agora tu és o diretor-geral e eu, o principal patrocinador. – O Janota sorri com tanto orgulho que Peter não tem coragem de lhe dizer que está muito longe de ser o principal patrocinador, na verdade.

– Sim, que dia – limita-se a concordar.

– Olhamos uns pelos outros, não é? Os ursos de Björnstad! – ruge o Janota e, antes que Peter tenha tempo para responder, continua: – Cruzei-me com o Kevin Erdahl ontem. Perguntei-lhe se estava nervoso. E sabes o que ele me respondeu? «Não.» Então, perguntei-lhe qual era a sua tática para o jogo, e sabes o que ele disse? «Vencer.» Depois, fitou-me nos olhos e acrescentou: «É por isso que patrocina a equipa, não é? Para ter lucro com o seu investimento?» Com dezassete anos! Nós também falávamos assim quando tínhamos dezassete anos?

Peter não responde. Não sabe se se lembra de alguma vez ter sido assim tão jovem. Dirige-se à máquina de café. Está outra vez avariada e guincha e assobia antes de cuspir com relutância um fio de líquido cor de tabaco de mascar e com a consistência de cola. Peter bebe-o, de qualquer maneira. O Janota coça um dos queixos e baixa a voz.

– Estivemos reunidos com os autarcas, alguns dos patrocinadores e membros da direção... tudo não oficialmente, claro.

Peter está à procura de leite e a tentar deixar bem claro que não quer ouvir aquilo. Mas o Janota não repara.

– Quando os juniores vencerem a final, Björnstad vai ser a cidade eleita para a nova academia de hóquei. Ficaria muito mal se assim não fosse, em termos de relações públicas, claro. E falámos sobre a renovação do rinkue...

– Também de forma não oficial, presumo – resmunga Peter, uma vez que sabe que «não oficialmente» na linguagem da câmara local significa palmadinhas nas costas com uma mão e dinheiro a ser enfiado em vários bolsos com a outra.

O Janota indica o gabinete dele com um aceno.

– Quem sabe, Peter, talvez possamos até comprar-te uma nova máquina de café expresso!

– Fantástico – murmura Peter.

– Por acaso não tens nada mais forte ali dentro? – pergunta o Janota em voz alta, olhando para a porta do gabinete de Peter.

– Estás nervoso com o jogo, é? – Peter sorri.

– O Da Vinci conseguiu a tinta castanha com desconto quando pintou a *Mona Lisa*?

Peter ri-se e aponta para o gabinete ao lado do seu.

– O presidente de certeza que tem uma garrafa ou duas.

O Janota anima-se e começa a andar nessa direção. Peter chama-o:

– Não vais despir a camisa hoje, pois não, Janota? Como fizeste nos quartos de final? Os pais não ficaram nada contentes!

– Prometo! – mente o Janota, e acrescenta rapidamente, sem se virar, como se não tivesse sido essa a sua intenção desde o princípio: – Vamos beber qualquer coisa antes do jogo, hã? Quer dizer, tu podes beber água, se quiseres. Ou um refrigerante, se é o que bebes. Convidei também alguns dos outros patrocinadores; pensei que podíamos conversar um bocadinho. Sabes... de forma não oficial.

Volta com uma garrafa e com o presidente, cuja testa já está tão brilhante como gelo acabado de polir, a camisa com manchas escuras debaixo dos braços. Só então é que Peter percebe que caiu numa emboscada.

Fatima nunca esteve no rinque com tantas pessoas ao mesmo tempo. Costuma ver os jogos de Amat com a equipa de juvenis, mas as únicas pessoas que assistem a esses são os pais dos jogadores e os irmãos mais novos que eles arrastaram consigo. Hoje, há homens feitos no parque de estacionamento a tentar comprar bilhetes por quatro vezes o valor marcado. Felizmente, Amat comprara dois bilhetes com alguma antecedência. Fatima estranhou que ele não quisesse ir com Zacharias, como era habitual, mas Amat dissera-lhe que queria mostrar à mãe os rapazes com quem jogaria um dia. A conversa tivera lugar há apenas uma semana e, nessa altura, parecia um perfeito absurdo se alguém lhes tivesse dito que esse dia ia chegar mais cedo do que sonhavam. Aperta os bilhetes na mão e tenta não colidir com ninguém no meio da multidão, mas é evidente que não consegue tornar-se invisível porque alguém lhe pega no braço e diz:

– Você! Vai ajudar com isto ou quê?

Fatima vira-se. Maggan Lyt está a abanar os braços na cara dela, e depois aponta para uma garrafa de vidro que alguém deixou cair no chão e que se partiu.

– Não pode ir buscar uma pá e uma vassoura? Com certeza vê que alguém pode pisar os vidros! Uma criança!

A mulher que deixou cair a garrafa – Fatima reconhece-a, é a mãe de outro jogador da equipa – não mostra qualquer sinal de querer apanhar ela própria os vidros. Já virou costas e dirige-se ao seu lugar na bancada.

– Está a ouvir? – exclama Maggan Lyt, apertando mais o braço de Fatima.

Fatima acena com a cabeça e guarda os bilhetes no bolso. Inclina-se para apanhar os cacos.

Uma mão no ombro impede-a de o fazer.

– Fatima? – diz Kira em tom caloroso, antes de se virar para Maggan Lyt e perguntar, num tom claramente menos amável: – O que se passa?

– Não se passa nada. Ela trabalha aqui, não trabalha? – responde Maggan com maus modos.

– Hoje não – replica Kira.

– Como assim, hoje não? O que é que ela está aqui a fazer, então?

Fatima endireita as costas e dá um passo em frente, um passo tão pequeno que ninguém repara a não ser ela. Depois, fita Maggan nos olhos e explica:

– Não me chamo «ela». E estou mesmo aqui ao pé de si, se quiser dirigir-me a palavra. Vim pelo mesmo motivo que você: para ver o meu filho jogar.

Kira nunca viu ninguém mais orgulhoso. E nunca tinha visto Maggan sem palavras. Depois de a multidão arrastar a mãe de Lyt para longe, Kira apanha os vidros do chão. Fatima pede-lhe, baixinho:

– Desculpe, Kira, mas... não estou habituada a... será que... importa-se que me sente ao pé de si hoje?

Kira morde o lábio e pega firmemente na mão de Fatima.

– Oh, Fatima, eu é que devia estar a pedir-lhe se posso sentar-me ao pé de si.

Sune está sentado no topo das bancadas. Os patrocinadores que passaram por ele nas escadas fingiram não o ter visto, portanto Sune sabe muito bem o que eles vão discutir no escritório. Curiosamente, já não está zangado. Nem triste. Está apenas cansado. Das políticas e do dinheiro e de tudo o mais que, no clube, já não tem nada a ver com hóquei. Apenas cansado. Por esse ponto de vista, talvez eles até tenham razão. Ele já não tem lugar ali.

Olha para o gelo e respira fundo pelo nariz. Alguns jogadores da equipa adversária – que se despacharam cedo, como acontece quando o medo começa a apertar – já estão a aquecer. Por mais que os tempos mudem, os nervos são sempre iguais. Sune acha reconfortante que isto ainda seja só um desporto, independentemente daquilo em que os homens nos gabinetes o querem transformar. Um disco, duas balizas, corações repletos de paixão. Há quem diga que o hóquei é como a religião, mas não é bem assim. O hóquei é como a fé. A religião é algo entre pessoas, cheio de interpretações e teorias e opiniões. Mas a fé... a fé é entre uma pessoa e Deus. É aquilo que se sente no peito quando o árbitro se posiciona no círculo central entre dois jogadores, quando se ouve os *sticks* tocarem um no outro e se vê o disco preto cair entre eles. Nesse momento, é entre cada um e o hóquei. Porque as cerejeiras cheiram sempre a cerejeira, ao passo que o dinheiro não cheira a nada.

David está no túnel dos jogadores, a ver os patrocinadores subirem a escada para os escritórios. Sabe o que dizem dele e como falam dos seus sucessos, mas sabe também que depressa se voltarão contra ele na próxima época se a equipa sénior não alcançar os mesmos píncaros. E, céus, alguém nesta cidade fará a mais pequena ideia do quão improvável é esta equipa de juniores? Já não há histórias da Cinderela no hóquei; os grandes clubes roubam todos os talentos dos clubes pequenos antes de os

jogadores chegarem à adolescência. E mesmo em Björnstad, onde – por milagre – todos os jogadores ficaram onde estavam, só há um jogador de calibre verdadeiramente elevado; os restantes, pela lei da normalidade, deviam sofrer derrotas em cem por cento dos jogos. Mas, apesar disso, aqui estão eles. Esta equipa é como um enxame de vespas.

As pessoas estão sempre a perguntar a David qual é o seu «segredo tático». E ele não pode dizer-lhes, porque nunca compreenderiam. O segredo tático é amor. Tornou-se treinador de Kevin quando ele era apenas um menino assustado de sete anos, que teria sido destruído pelos miúdos mais velhos fora do rink se não tivesse Benji para o proteger. Já nessa altura, Benji era o filho da mãe mais corajoso que David alguma vez vira, e Kevin, o mais talentoso. David ensinou-os a patinar para trás e para a frente. Ensinou-lhes que os passes são tão importantes como os remates, obrigou Benji a fazer treinos inteiros sem o *stick*, e Kevin a jogar durante semanas com um *stick* com uma curvatura errada. Mas ensinou-lhes também que só se tinham um ao outro, que a única pessoa em que podiam realmente confiar neste mundo era no colega ao seu lado no gelo, que as únicas pessoas que se recusam a entrar no autocarro antes de eles chegarem são os colegas de equipa. Foi David que ensinou os rapazes a porem a fita nos *sticks* e a afiarem os patins, mas ensinou-lhes também a fazer o nó da gravata e a barbear-se. Bom, a barbear o queixo, pelo menos. Eles aprenderam o resto sozinhos. Ri-se sempre que se lembra de como Bobo, o gorducho rebelde e hiperativo, se virou uma vez no balneário quando tinha treze anos e perguntou a Benji se também deviam rapar o rabo quando rapassem os testículos, acrescentando: «As raparigas gostam que esteja tudo igual?» Quando o próprio David jogava nos juniores, rapar os pelos púbicos de um novo jogador fazia parte das praxes – e era considerado uma humilhação. Não sabe qual será o equivalente moderno, mas desconfia que os adolescentes hoje em dia teriam mais medo da perspetiva de serem amarrados a uma cadeira e obrigados a deixar crescer os pelos púbicos.

O hóquei está sempre a mudar, porque as pessoas que o jogam também mudam. Quando David era jogador, o treinador exigia silêncio total no balneário, mas a equipa de David sempre esteve rodeada de risos. Ele sempre soube que o humor pode unir as pessoas, portanto, quando os rapazes eram mais novos e nervosos, costumava contar anedotas antes dos jogos. A preferida deles, quando eram pequenos, era: «Como é que se afunda um submarino de Hed? Nada-se até lá abaixo e bate-se à porta. Como é que se afunda o submarino outra vez? Nada-se até lá abaixo e bate-se à porta, porque eles vão abri-la e dizer: “Nem pensem que caímos nessa outra vez!”» Depois de crescerem, a sua preferida passou a ser: «Como é que sabemos que estamos num casamento em Hed? Porque está toda a gente sentada do mesmo lado da igreja.» A seguir, cresceram o suficiente para contarem as suas próprias anedotas e David começou a deixá-los cada vez mais sozinhos no balneário. Porque, às vezes, a ausência do treinador também pode unir uma equipa.

Vê as horas e conta os minutos que faltam para o início do jogo. Os patrocinadores nas bancadas nunca compreenderão a sua tática, porque nunca poderão compreender aquilo que os jogadores da equipa estão dispostos a sacrificar uns pelos outros. Enquanto os patrocinadores gritavam a David que «deixasse a equipa solta no ataque», David atribuiu pacientemente lugares muito claros aos jogadores, ensinou-lhes para onde passar o disco, treinou o seu posicionamento exato, como orientar a jogada, ângulos, avaliação e como eliminar o risco. Ensinou-os a desarmar qualquer vantagem que os adversários possam ter em termos de técnica ou velocidade, como os trazer para o nível deles, como os frustrar e irritar, porque é assim que vencem, porque têm algo que mais ninguém tem: Kevin. Se ele tiver oportunidade pode marcar dois golos, e, desde que tenha Benji ao seu lado, terá sempre pelo menos uma oportunidade.

«Ignorem as bancadas, ignorem o que as pessoas dizem», repete David como um disco riscado. A sua tática exige subordinação, humildade e confiança, dez anos de treino e trabalho árduo, e se Björnstad perder em todas as estatísticas exceto na que indica o número de golos marcados, David dirá a cada um dos

jogadores, no balneário, que fizeram o seu trabalho. E os jogadores confiam nele. Gostam dele. Quando tinham sete anos, quando o resto do mundo se ria deles, David disse-lhes que os traria até este momento, e cumpriu a sua promessa.

Antes de regressar ao balneário, vê Sune sentado sozinho no topo da bancada. Cruzam olhares por um momento. Por mais que discutam um com o outro, David sabe que o velho teimoso é a única pessoa no clube que realmente compreende o amor subjacente àquilo que fazem.

Há quem diga que tudo no hóquei é preto ou branco. Essas pessoas são loucas. Fatima e Kira estão sentadas nos seus lugares quando Kira de súbito pede licença e se levanta, abre caminho até às escadas e para junto de um homem de meia-idade que Fatima sabe ser um gestor pouco importante na fábrica. Kira puxa-lhe o cachecol vermelho com irritação.

– Christer, por amor de Deus, tire isso!

O homem, que obviamente não está habituado a que ralhem com ele, muito menos uma mulher, olha para ela.

– Está a brincar?

– Você é que deve estar a brincar! – exclama Kira, suficientemente alto para fazer com que as outras pessoas à volta deles se virem.

O homem olha em redor com a incerteza a colorir-lhe as faces. Toda a gente está a olhar para ele. Atrás de si, alguém murmura:

– Por amor de Deus, Christer, ela tem razão!

Outras vozes juntam-se à primeira. Christer tira o cachecol de má vontade e enfia-o no bolso. A mulher dele inclina-se para Kira e murmura, em tom apologético:

– Eu tentei avisá-lo. Mas já sabe como são os homens. Às vezes não compreendem o hóquei.

Kira ri-se e volta para junto de Fatima.

– Um cachecol vermelho! Parece que é parvo! Desculpe, do que estávamos a falar?

Nada é preto ou branco em Björnstad. É vermelho ou verde. E vermelho é a cor de Hed.

Amat passa as pontas dos dedos pelas costuras da sua camisola da equipa. Verde-escura, com números prateados e o urso castanho no peito. As cores de Björnstad: floresta, gelo, terra. O seu número é o 81. Era o número 9 na equipa de juvenis, mas nos juniores esse número pertence a Kevin. O balneário, à sua volta, está caótico. Benji, o número 16, está, claro, deitado a um canto, a dormir como

de costume, mas todos os outros jogadores estão sentados nos bancos, encolhidos perante os pais que vão dando conselhos cada vez mais excitados e estridentes à medida que se aproxima o início do jogo. É uma tendência que existe em todos os desportos: os pais pensam sempre que os seus conhecimentos aumentam automaticamente à medida que os filhos vão ficando melhores em alguma coisa. Como se a verdade não fosse o contrário.

O nível de ruído é insuportável, e a mais barulhenta de todos é Maggan Lyt, um privilégio que atribuiu a si própria porque o filho joga na linha da frente. A mãe de Benji nunca pôs os pés nos balneários, e a mãe de Kevin mal põe os pés no edifício, por isso Maggan é a mãe-galinha que domina esta capoeira há anos. Até o pequeno William ter treze anos, ela vinha ajudá-lo a tirar os patins depois de cada jogo, e ela e o marido sacrificaram um segundo carro e férias no estrangeiro para poderem mudar-se para a casa ao lado da família Erdahl, com o objetivo de que os filhos pudessem ser melhores amigos; e a frustração de Maggan por William ainda não ter conseguido interpor-se entre Kevin e Benji raiava já a agressividade declarada.

Quando David entra, o balneário explode numa torrente de acusações, perguntas e exigências por parte de todos os adultos presentes. David passa entre eles como se não existissem, seguido por Bengt, que começa então a conduzi-los na direção da porta. Maggan Lyt sente-se tão insultada que lhe afasta a mão com uma sapatada.

– Estamos aqui para apoiar a equipa!

– É para isso que servem as bancadas – responde David sem olhar para ela.

Ao ouvir isto, ela perde o controlo.

– Quanto a si, David... Que raio de liderança está a mostrar aos rapazes, quando faz alterações à equipa na véspera do jogo, e logo num jogo destes?

David olha para ela e ergue as sobrancelhas com uma expressão confusa. William Lyt parece prestes a morrer de vergonha.

– O que é que *ele* está a fazer aqui? – exige Maggan saber, apontando diretamente para Amat.

Amat partilha o embaraço de William. David mantém a voz baixa de propósito, obrigando todos os outros adultos a calarem-se.

– Não tenho de justificar a ninguém as escolhas que faço para a equipa.

Uma veia na têmpora de Maggan palpita.

– Tem de as justificar a MIM, fique sabendo! Estes rapazes jogam consigo há dez anos e no jogo mais importante de sempre vai buscar alguém à equipa DOS MIÚDOS?

Gesticula na direção de todos os outros adultos presentes e consegue fazer com que alguns acenem e murmurem o seu assentimento. Depois, fita David e pergunta:

– Faz alguma ideia de como este jogo é importante para nós? Para todos nós? Sabe o que tivemos de sacrificar por este desporto?

Amat agita-se, pouco à vontade, e parece capaz de sair a correr pelo corredor, deixar o ringue e nunca mais voltar. Para piorar as coisas, David fica subitamente muito vermelho, de forma tão inesperada que até Maggan recua rapidamente até bater na parede.

– Quer falar comigo sobre sacrifícios? – sussurra David, aproximando-se dela sem lhe dar a mínima hipótese de responder. – Olhe para ele! – exclama, apontando para Amat e, antes que Maggan consiga reagir, pega-lhe no braço e arrasta-a pelo balneário até pararem mesmo em frente do rapaz.

– Olhe para ele! Está mesmo a querer dizer-me que o seu filho merece isto mais do que ele? Acha que eles percorreram o mesmo caminho para aqui chegar? Que a sua família se esforçou mais do que a dele? *Olhe para ele!*

O braço de Maggan está a tremer quando ele o larga. David limita-se a dar uma palmadinha no ombro de Amat e fita-o nos olhos. Sem uma palavra.

Depois, o treinador atravessa o balneário, pousa a mão na face de William Lyt e murmura:

– Jogamos por nós, William. Por mais ninguém. Tu e eu, jogamos por nós. Porque fomos nós que conseguimos aqui chegar.

Mais ninguém.

William acena e limpa os olhos.

Bobo está a tamborilar com os pés no chão sem parar. Não consegue estar quieto. Quando Bengt corre com os pais todos, incluindo Maggan, o silêncio é tão intenso que se torna sufocante. E Bobo não consegue estar quieto em situações como esta; nunca conseguiu. Ele não é como Kevin ou Benji – sempre teve de lutar para ser o centro das atenções, para chegar ao meio do balneário. Desde que se lembra que morre de medo de cantos, de ser esquecido, de ninguém reparar nele. Vê agora todos os amigos baixarem a cabeça para o peito, e nada o deixaria mais feliz do que levantar-se e fazer um discurso inspirador, como se vê nos filmes, mas não tem palavras para isso. Nem voz. Só quer matar o silêncio. Assim, levanta-se, pigarreia e diz:

– Pessoal, o que é que uma vampira lésbica diz a outra vampira lésbica?

Os colegas erguem os olhos para ele, surpreendidos. Bobo sorri.

– Vemo-nos daqui a um mês!

Alguns dos rapazes começam a rir, e Bobo não precisa de mais encorajamento para continuar.

– Sabem qual é a causa de morte habitual das lésbicas?

Mais algumas risadas.

– Engasgadas com bolas de pelo! – grita Bobo, antes de se lançar no grande final.

– E sabem porque é que as lésbicas se constipam tanto? FALTA DE VITAMINA C!

Todo o balneário está agora a rir. Com ele e dele, para Bobo tanto faz. Desde que se riam. Num momento de orgulho, vira-se para David, cuja expressão não se alterou, e pergunta:

– Tem alguma boa, treinador?

O balneário silencia-se de novo. David fica sentado onde está, imóvel. Bobo fica primeiro muito vermelho, depois, mortalmente pálido. Por fim, é Bengt que o salva e o destrói ao mesmo tempo, quando pigarreia, se levanta e pergunta:

– Sabem porque é que depois do sexo o Bobo chora sempre e lhe doem os ouvidos?

Bobo agita-se, ansioso. Alguns dos rapazes começam a rir baixinho, em antecipação. Bengt abre um sorriso radiante.

– Por causa do gás-pimenta e do apito contra violadores!

A explosão de gargalhadas de todos os jogadores faz estremecer o balneário. Por fim, até David sorri. Pensará naquele momento muitas vezes, mais tarde: se uma piada será sempre só uma piada, se aquela piada em concreto terá ido longe de mais, se haverá regras diferentes dentro e fora dos balneários, se é aceitável ultrapassar o limite para aliviar a tensão e eliminar os nervos antes de um jogo ou se devia ter impedido Bengt, se devia ter interferido e dito alguma coisa aos rapazes. Mas não faz nada. Deixa-os rir. Pensará nisso quando chegar a casa e olhar a namorada nos olhos.

Entretanto, Amat está sentado num canto, a ouvir o seu próprio riso. Porque é uma descompressão. Porque faz com que se sinta parte da equipa. Porque é, de alguma forma, maravilhoso fazer o mesmo som que todos os que o rodeiam. É algo de que se envergonhará para sempre.

Benji acorda quando Kevin o abana. Conseguir dormir durante a conversa tática de Maggan Lyt e o sentido de humor de Bengt é um dos seus principais talentos, e ter oportunidade de o fazer é, sem dúvida, um privilégio. Sempre houve pais que puseram em questão o comportamento de Benji, tanto no gelo como fora dele, mas David diz sempre a mesma coisa: «Se os outros jogadores me dessem uma fração daquilo que o Benji dá sempre no gelo, por mim até podiam dormir todos no banco da equipa.»

Quando Bobo se volta a sentar, destruído como só um adolescente pode ficar depois de um adulto troçar dele em frente dos seus melhores amigos, outro adulto senta-se ao lado dele e pousa-lhe a mão no ombro. Bobo ergue os olhos. David sorri.

– És o jogador menos egoísta que tenho nesta equipa, sabias?

Bobo aperta os lábios. David inclina-se para ele.

– Hoje vais jogar no terceiro par defensivo e sei que isso é uma desilusão para ti.

Bobo tenta conter as lágrimas. Ao longo de toda a infância, sempre foi o melhor defesa da equipa por causa do seu tamanho e força, mas nos últimos anos as fracas capacidades de patinador deixaram-no ficar mal. Primeiro, passou para o segundo par defensivo. Agora, para o terceiro. David pousa-lhe a mão no pescoço e fita-o nos olhos quando acrescenta:

– Mas preciso de ti. A equipa precisa de ti. És importante. Portanto, hoje quero que me dês tudo o que tens, em cada minuto. Quero que me dês todo o teu suor e sangue. E se me deres isso, se confiares em mim, prometo que nunca te falharei.

Quando David se levanta, Bobo está outra vez a bater com os pés no chão. Se David lhe pedisse para sair do balneário e matar alguém naquele momento, o rapaz fá-lo-ia sem hesitar. Quando o treinador para no meio do balneário, depois de dez anos com eles, não há nenhum rapaz ali dentro que não sinta o mesmo. David fita-os um a um.

– Não vou falar muito. Sabem quem vão enfrentar. Eu sei que são melhores do que eles. Portanto, só espero uma coisa. Só admito uma coisa. Não voltem para este balneário enquanto não me derem aquilo que eu espero.

Procura o olhar de Kevin e prende-o como um íman:

– A vitória.

– Vitória! – responde Kevin com olhar ensombrado.

– VITÓRIA! – repete David, com um soco no ar.

– VITÓRIA!!! – ruge todo o balneário a uma só voz.

Saltam dos bancos, uma horda turbulenta, a baterem com os pés, ofegantes, prontos para serem liderados pelo seu capitão de equipa. David passa e dá uma palmada no capacete de cada um deles e, quando chega à frente do grupo e pega na maçaneta da porta, murmura para que só o seu número 9 consiga ouvir:

– Estou orgulhoso de ti, Kevin. Gosto muito de ti. Aconteça o que acontecer hoje, quer faças o teu melhor jogo de sempre ou o pior, não há mais jogador nenhum neste mundo por quem eu te trocasse.

A porta abre-se. Kevin não entra no ringue de gelo.
Toma-o de assalto.

A solidão é um mal invisível. Desde que Holger a deixou, Ramona tornou-se como os animais nos documentários sobre a vida selvagem que vê nos canais da natureza nas noites em que os comprimidos para dormir não fazem efeito. Aqueles animais que passaram tanto tempo em cativeiro que podemos retirar-lhes todas as barreiras e eles nem sequer tentam escapar. Qualquer criatura que passe tempo suficiente atrás das grades acaba por ter mais medo do desconhecido do que do cativeiro. Ao princípio, ela só evitava sair porque ainda conseguia ouvir o riso dele ali dentro, a sua voz, e a forma como ele costumava praguejar quando batia com o dedo do pé no degrau atrás do balcão. Uma vida inteira juntos neste edifício, e ele ainda não conseguia evitar o raio do degrau. Mas o isolamento acontece mais depressa do que uma pessoa imagina: os dias confundem-se uns com os outros quando se vive mais dentro do que fora, e os anos continuaram a passar do outro lado da rua enquanto ela tentava desesperadamente fazer com que tudo no Urso Pardo, e no apartamento por cima do bar, continuasse a ser tal e qual como era antes de ele morrer. Tinha medo de esquecer se saísse para o mundo, medo de ir ao supermercado e chegar a casa e descobrir que o riso dele já lá não estava. Depois, quando deu por isso, certa manhã, tinham passado onze anos, e agora toda a gente pensa que ela perdeu o juízo, toda a gente exceto os seus rapazes. Tornou-se uma viajante no tempo, presa dentro da sua própria máquina.

Por vezes, as pessoas dizem que a tristeza é mental, mas o sofrimento é físico. Uma é uma ferida, o outro, um membro amputado, uma pétala murcha por oposição a um caule partido. Tudo o que cresce muito perto daquilo que ama, acaba por partilhar as mesmas raízes. Podemos falar sobre perda, podemos tratá-la e dar-lhe tempo, mas a biologia continua a obrigar-nos a viver de acordo com certas regras: as plantas que se partem em duas não saram, morrem.

Está de pé sobre a neve à porta, a fumar. Três cigarros seguidos. O telhado do ringue é visível dali, e o rugido quando os juniores de

Björnstad marcam o 1-0 parece que vai rebentar com todos os edifícios da rua principal, levantar a floresta inteira e atirá-la para o lago. Ramona tenta dar um passo na direção da estrada, aproximar-se apenas mais um passo do alcatrão. Todo o seu corpo treme incontrolavelmente quando procura, aos apalpões, a parede atrás de si, com o suor a molhar-lhe as roupas apesar das temperaturas abaixo de zero. Volta a entrar para o calor do bar, fecha a porta, apaga a luz e deita-se no chão com a fotografia de Holger nas mãos. Mesmo ao lado do degrau.

As pessoas dizem que ela enlouqueceu, porque é assim que falam as pessoas que não sabem nada de solidão.

Amat está aterrorizado, apesar de ainda não ter jogado nem um segundo. Quando seguiu Kevin e o resto da equipa para o gelo, quando a multidão se levantou e o rugido quase o ensurdeceu, dirigiu-se de imediato ao banco absolutamente convencido de que ia vomitar. Um dia, pensará nesse momento e perceberá que a sensação nunca desaparece. Por mais sucesso que se tenha.

Kevin marca o primeiro golo no minuto inicial do jogo. Não é coincidência; em todos os jogos, ele parece beneficiar de um pequeno período antes de a defesa contrária perceber exatamente como ele é bom, como são fluidos os seus movimentos de pulso, a agilidade com que consegue patinar à volta deles. Fá-lo com uma precisão de *laser*. Os adversários não voltarão a cair no mesmo erro; durante o resto do jogo, será trancado, seguido tão de perto que é quase como se ele e os defesas partilhassem os mesmos patins. Os adversários dão a volta ao resultado e chegam aos 1-2. Merecem-no: são extraordinários e montam ataque após ataque, de forma poderosa e metódica, ao ponto de Amat ficar surpreendido por manterem apenas uma vantagem de um golo de cada vez que olha para o quadro do resultado. É a equipa mais forte e mais eficaz em termos técnicos que ele já viu; tem quase a certeza de que conseguiriam vencer até a equipa principal de Björnstad. E toda a gente o percebe. A cada momento, os jogadores sentados no banco com Amat ficam mais abatidos, os seus *sticks* batem cada vez

menos nas tábuas, cada vez com menos ardor, e até Bengt pragueja mais baixinho. No segundo intervalo, a caminho do balneário, Amat ouve alguns adultos na bancada comentarem com risos resignados:

– Bom, chegar à meia-final já não foi nada mau. Temos de ter esperança de que a equipa seja melhor para o ano.

Fica surpreendido ao perceber a raiva que isso lhe causa. As palavras agitam algo dentro dele. Quando entra no balneário, está capaz de partir alguma coisa. David é o único que se apercebe.

Robbie Holts está sozinho na rua, sufocado com o ódio que sente por si mesmo. Nunca teria saído de casa por vontade própria hoje se não se tivesse acabado outra vez a bebida. Olha para o telhado do ringue e faz um cálculo mental rápido para perceber em que fase do jogo estarão. É uma angústia peculiar, aquela com que vive, a angústia de saber que alcançou o momento alto da sua vida aos dezassete anos. Quando era rapaz, toda a gente lhe dizia que ia chegar a profissional, e ele acreditava com tanta intensidade que, quando isso não aconteceu, ficou com a sensação de que toda a gente lhe falhara, como se a culpa não fosse dele, de certa forma. Acorda de manhã com a sensação de que alguém lhe roubou uma vida melhor, com uma dor fantasma insuportável entre aquilo que devia ter sido e aquilo em que realmente se tornou. A amargura por vezes é corrosiva; pode reescrever as memórias de uma pessoa como se estivesse a desinfetar uma cena de crime, até que, por fim, só nos lembramos daquilo que mais nos convém.

Robbie desce os degraus para o Urso Pardo mas estaca, surpreendido. As luzes no interior estão apagadas. Ramona está a esvaziar um último copo de uísque e a ajeitar as roupas de ir à rua.

– Ainda bem que apareceste – murmura ela.

– Porquê? Vais a algum lado? – pergunta ele, confuso, porque sabe tão bem como todos que a velha maluca não se afasta mais do que dois passos da porta do bar há mais de uma década.

– Vou ver um jogo de hóquei – declara ela.

Robbie desata a rir, porque não há outra opção.

- E queres que eu fique a cuidar do bar?
- Quero que venhas comigo.

É então que ele para de rir. É preciso ela prometer que rasgará a conta que ele tem pendente dos últimos quatro meses para o convencer a cruzar a ombreira da porta.

O Janota está de pé, apesar de ter pagado um assento. Na fila de trás, já ninguém se dá ao trabalho de protestar.

– Raios partam aquele William Lyt! Por amor de Deus, há pessoas no programa de proteção de testemunhas mais fáceis de encontrar do que aquele filho da mãe no gelo! – rosna aos outros patrocinadores.

– Desculpe? – abespinha-se Maggan Lyt, duas filas mais abaixo.

– Eu disse PROGRAMA DE PROTEÇÃO DE TESTEMUNHAS, Maggan! – repete o Janota.

E todos os que estão sentados entre eles neste momento desejam poder candidatar-se a esse programa.

Bobo ainda está sentado no banco, em silêncio total, quando a terceira parte começa, e consegue contar pelos dedos de uma mão o número de minutos que jogou. Não percebe como pode fazer parte da equipa se não faz parte do jogo. Está a tentar controlar-se, mas ama esta equipa, ama a sua camisola e o seu número. Por isso, quando vê algo que nem quer acreditar que mais ninguém está a ver, agarra em William Lyt quando ele passa pelo banco e grita:

– Os defesas deles *querem* que tentes cortar por dentro, não estás a perceber? *Querem* que esteja tanta gente no centro para o Kevin não ter espaço. Finge que estás a entrar e depois desvia-te no último instante e vais ver que...

William põe a luva sobre a boca de Bobo.

– Cala-te, Bobo! Quem é que pensas que és? Estás no terceiro par defensivo, não me venhas dizer o que é que a linha da frente deve fazer. Vai buscar a minha garrafa de água!

A expressão nos olhos dele é tão fria e condescendente que Bobo mal ouve os risos trocistas dos outros jogadores. A queda

mais penosa de todas, seja para quem for, é cair pelos degraus de uma hierarquia. Bobo conhece Lyt desde sempre, e a maneira como o amigo olha para ele agora deixa marca e traz ao de cima aquela amargura corrosiva que nunca abandona alguns homens, que os acorda a meio da noite e os faz pensar que alguém lhes roubou a vida que deviam ter tido. Bobo vai buscar a garrafa de água, Lyt pega-lhe sem uma palavra. Bobo é o maior jogador da equipa, mas, quando se volta a sentar, é o jogador mais pequeno naquele banco.

Ramona para em frente ao rinque, sobre a neve, a tremer, e murmura:

– Eu... Desculpa, Robert, não posso... Não consigo... ir mais longe do que isto.

Robbie segura-lhe na mão. Ela não devia viver assim. Holger devia estar sentado lá dentro e este momento devia ter sido de ambos. Põe o braço sobre os ombros dela, como só alguém que também foi vítima de um roubo poderia fazer.

– Vamos voltar para casa, Ramona. Não tem importância.

Ela abana a cabeça e olha para ele.

– O combinado foi que eu rasgava a tua conta se fosses ver o jogo, Robert. Quero saber tudo o que aconteceu, assim que acabar. Vou ficar aqui à espera.

Robbie é muitas coisas. Mas não é suficientemente corajoso para discutir com Ramona.

Há um momento claro na vida de um jogador em que ele percebe com precisão a qualidade que realmente tem. Para William Lyt, esse momento chega a meio da terceira parte do jogo. Nunca foi rápido o suficiente para o nível em que está, mas agora torna-se óbvio que também não possui a resistência necessária. Não consegue acompanhar as jogadas, não tem energia para tanto, e os adversários conseguem dar-lhe a volta com facilidade. Kevin tem dois homens a marcá-lo, quatro braços sempre à frente do seu peito. Benji é um tornado que voa por todo o rinque, mas Björnstad precisa de mais espaço. Lyt dá tudo o que tem. Mas não chega.

David construiu toda a sua filosofia de jogo, a temporada inacreditável desta equipa, em cima do facto de não acreditar no destino. Os miúdos nunca se limitam a esperar pelo melhor; não atiram o disco para a frente e seja o que Deus quiser. Têm um plano, uma estratégia, um objetivo por detrás de cada padrão, de cada movimento. Mas tal como Sune, esse velho filho da mãe, costuma dizer, «o disco não desliza sempre, às vezes também ressalta». É imprevisível.

Lyt está a caminho do banco quando lhe passam uma rasteira. Cai no gelo e vê o disco ressaltar por cima do *stick* de um dos adversários. Por instinto, dá-lhe um toque. O disco salta por cima de mais três *sticks*, Kevin tenta apanhá-lo mas é placado. Ninguém conseguiria contornar os corpos em queda, mas, por sorte, Benjamin Ovich não é pessoa de tentar contornar seja o que for. É pessoa de abrir caminho à força pelo meio dos obstáculos. Quando o disco voa para dentro da baliza, Benji vem logo atrás e colide com a trave superior, que o atinge em cheio no pescoço. Mas Benji não admitiria que estava magoado nem que a trave fosse uma espada medieval.

Dois-dois. Maggan Lyt já está aos murros na porta do cubículo do oficial do jogo, para se certificar de que William recebe crédito pela assistência.

David acena silenciosamente com a cabeça e dá um toque no capacete de Amat. As pupilas de Bengt dilatam-se com incredulidade quando percebe o que se passa.

– Por amor de Deus, David, não podes estar a falar a sério.

David está tão sério como uma bala perdida.

– O Lyt está a uma jogada de precisar de oxigénio, e a duas de precisar de um padre. E a equipa precisa de velocidade.

– O Lyt acaba de fazer uma assistência!

– Teve sorte. Nós não jogamos a contar com a sorte. AMAT!

Amat limita-se a olhar para o treinador. David agarra-lhe no capacete.

– No próximo confronto na nossa zona, quero que arranques. Não me interessa se tens o disco ou não, só quero que eles saibam como tu és rápido.

Aponta para o banco dos adversários. Amat assente, hesitante. David não desvia o olhar do rosto dele.

– Queres ser alguém, Amat? Queres mesmo mostrar à cidade inteira que podes ser alguém? Esta é a tua oportunidade.

No próximo confronto defensivo, Benji alinha-se de um lado de Kevin, Amat do outro. Maggan Lyt está agora em pé, com ambas as mãos encostadas ao vidro que a separa do banco da equipa, a gritar que NINGUÉM tira o filho dela do jogo numa meia-final sem sofrer as consequências. Bengt olha para David.

– Se perdermos este jogo, ela vai-te castrar.

David encosta-se descontraidamente às tábuas.

– Em Björnstad, há tendência para perdoar os vencedores.

No gelo, Benji faz o que lhe foi pedido – pega no disco e dispara-o para fora da zona, onde desliza na direção da zona da equipa adversária. Amat faz o que lhe foi pedido: arranca. É placado por um dos defesas mal começa a afastar-se e, quando consegue libertar-se, já não vale a pena perseguir o disco. Mas persegue-o de qualquer maneira. Uma exclamação abafada ergue-se dos espectadores que percebem de hóquei. Um suspiro profundo por parte daqueles que não percebem. O guarda-redes da equipa oposta sai calmamente da baliza e joga o disco para a sua defesa, que o lança para o ataque, onde os avançados tentam enfiá-lo na baliza de Björnstad. Quando o árbitro apita para mais um confronto na zona de Björnstad, Amat está sozinho na zona do adversário, a sessenta metros. Os outros patrocinadores começam a murmurar:

– Aquele rapaz precisa de uma bússola, ou quê?

Mas o Janota vê aquilo que David viu. O que Sune viu.

– É rápido como uma chita com o rabo a arder! Ninguém o vai apanhar! – sorri.

David debruça-se sobre as tábuas e agarra no ombro de Amat quando ele passa.

– Outra vez!

Amat acena que sim. Kevin vence o confronto, mas Benji nem sequer consegue tirar o disco da zona. Apesar disso, Amat arranca a toda a velocidade em direção à baliza do adversário e só para quando chega às tábuas do outro lado. Ouve vaias e risos trocistas provenientes das bancadas.

– Estás perdido? O disco não podia estar mais longe de ti!

Amat apenas olha para David. O guarda-redes de Björnstad ajeita o disco para outro confronto. David gira rapidamente o dedo no ar. «Outra vez.»

Da terceira vez que Amat acelera sobre o gelo, não interessa onde está o disco porque há uma pessoa no ringue que vê a velocidade dele e percebe o que se está a passar. O treinador da equipa adversária arranca os papéis da mão do seu assistente e berra:

– Quem diabo é aquele? Quem diabo é o número 81?

Amat ergue os olhos para a bancada. Maya está nos degraus por baixo do refeitório e vê-o. Era por isto que ele esperava desde o primeiro dia da escola primária, e agora ela vê-o. Perde a concentração de tal maneira que só ouve Bobo a gritar o nome dele quando está mesmo ao pé do banco.

– AMAT!

Bobo está debruçado sobre as tábuas e agarra-lhe no colarinho.

– Finge que vais para dentro e foge por fora!

Durante meio segundo, fitam-se nos olhos e Bobo não precisa de dizer nada para provar como gostaria de estar no gelo. Amat assente com um aceno e encostam os capacetes um ao outro. Maya ainda está de pé nas escadas. No confronto seguinte, Kevin e Benji circulam a zona, param em frente de Amat e inclinam-se para ele.

– Ainda tens alguma força de sobra nessas pernas escanzeladas? – pergunta Kevin com um sorriso.

– Passa-me o disco e vais ver – responde Amat com os olhos injetados de sangue.

Kevin não perderia este confronto nem que tivesse as mãos amarradas atrás das costas e uma pistola apontada à cabeça. Benji

empurra o disco rente às tábuas e corre atrás dele. Amanhã, as coxas vão doer-lhe tanto que mal conseguirá sair da cama, mas neste momento não sente nada e derruba dois adversários de uma vez. Amat finge que vai para dentro, mas afasta o disco das tábuas e passa pelo defesa pelo lado de fora, tão depressa que um dos dois jogadores que estão a marcar Kevin tem de largar o número 9 e correr atrás do número 81. É tudo de que Björnstad precisa. Um *stick* atinge o antebraço de Amat com tanta força que ele pensa que lhe partiu o pulso, mas consegue libertar-se das tábuas e patinar por trás da baliza. Tem uma fração de segundo para erguer os olhos, esperar que o *stick* de Kevin toque no gelo e libertar o disco ao mesmo tempo que é atirado ao chão. Kevin recebe o disco dois centímetros acima do gelo, e é tudo de que precisa.

Quando a luz vermelha se acende por trás da baliza, os adultos atiram-se para cima uns dos outros nas bancadas. Os copos de café dos patrocinadores voam sobre as filas de bancos quando os homens saltam de braços no ar. Duas raparigas de quinze anos correm pelo refeitório, esfuziantes, e ao cimo das bancadas um velho treinador da equipa principal, que nunca se ri, está a rir-se hoje. Fatima e Kira abraçam-se e saltam até estarem deitadas no chão, sem saber bem se estão a festejar ou a chorar.

No exterior do rink, sozinha no meio da neve, Ramona sente a onda de som atingi-la.

– Amo-te – murmura a Holger. Depois, vira-se e volta para casa sozinha, com um sorriso no peito. É um momento partilhado entre as pessoas e o hóquei, entre uma cidade cujos habitantes querem acreditar, e um mundo que passou anos a dizer-lhes para desistirem. Não há um único ateu dentro daquele edifício.

Kevin vira-se e voa para o banco, afastando todos os colegas que tentam abraçá-lo, salta por cima das tábuas e atira-se para os braços de David.

– Para si! – murmura o rapaz, e David aperta-o como se fosse seu filho.

A vinte metros deles, Amat levanta-se lentamente no gelo. Bem podia estar noutro rinque qualquer, porque ninguém está a olhar para ele. Um momento depois do passe, o *stick* e o cotovelo do defesa atingiram-no no pescoço com toda a força, Amat bateu com a cabeça no gelo como se tivesse sido atirado para dentro de uma piscina vazia, e nem sequer viu o golo. Quando consegue pôr-se de joelhos, todos os jogadores de Björnstad estão a seguir Kevin até ao banco, toda a gente nas bancadas está a olhar para o número 9. Até Maya.

O número 81 – o número que ele escolheu porque é o ano de nascimento da mãe – fica sozinho junto às tábuas e olha para o marcador. É simultaneamente o melhor e o pior momento que já teve neste rinque. Ajeita o capacete e patina até ao banco, sozinho, mas alguém aparece por detrás dele e dá-lhe um toque no capacete.

– Deixa lá, ela há de reparar em ti quando vencermos a final – assegura-lhe Benji com um sorriso.

Afasta-se e regressa à linha central antes que Amat tenha tempo de responder. Lyt faz menção de entrar, mas David detém-no e manda Amat ficar em jogo. Quando Kevin se dirige ao centro do gelo, acenam brevemente um ao outro, o número 9 e o número 81. Amat é agora um deles. Não importa quantas pessoas nas bancadas se aperceberão realmente disso.

Peter perde todo o sentido de orientação depois do apito final. Num momento está abraçado a alguém, aos berros, no outro está aos reboções pelas bancadas, e quando se põe em pé tem os ouvidos a apitar dos gritos que o rodeiam. Velhos, novos, pessoas que adoram o jogo e pessoas que nem sequer ligam muito. Ele não faz ideia de como isso aconteceu, mas de repente dá por si a abraçar um desconhecido, a cantar com ele, e quando ergue os olhos percebe que o homem com quem está a dançar nos degraus é Robbie Holts. Param, olham um para o outro, e depois desatam a rir sem conseguir parar. Por uma noite, têm outra vez dezassete anos.

O hóquei é só um jogo parvo. Dedicamos-lhe ano após ano após ano, sem nunca ter grande esperança de obter algo em troca. Ardemos e sangramos e choramos, com perfeita consciência de que o máximo que o desporto nos pode dar, na melhor das hipóteses, é algo incompreensivelmente escasso e inútil: alguns momentos isolados de transcendência. Mais nada.

Mas, afinal de contas, não é disso que a vida é feita?

A adrenalina faz coisas estranhas ao corpo. Quando o apito final soa, faz com que mães e pais saltem por cima das tábuas, empresários respeitados e gerentes industriais deslizem pelo gelo com os sapatos inadequados, a abraçarem-se uns aos outros como crianças cansadas ainda de fraldas. Quando Kevin enrola à sua volta e de Benji uma enorme bandeira verde e começa a patinar pelo rink numa volta de honra, as bancadas já estão praticamente vazias. Toda a comunidade desceu para o gelo. Por todo o lado há pessoas aos saltos, a escorregar, a cair, a rir, a festejar, a chorar. Amigos de infância, colegas, pais, irmãos, parentes, vizinhos. Durante quanto tempo irá a cidade lembrar-se disto? Apenas para sempre.

No hóquei, quando se perde, é como ter o coração escaldado. Quando se ganha, é como ser dono do céu. Esta noite, Björnstad é uma cidade celestial.

Peter para junto às tábuas, ao canto. Senta-se sozinho no gelo, a rir. Todas aquelas horas no escritório, todas as discussões, as noites sem dormir e as manhãs angustiadas, tudo valeu a pena, cada minuto. Ainda ali está sentado quando o resto dos habitantes da cidade, um a um, abandona o gelo. Robbie Holts aproxima-se e senta-se ao lado dele. Olham um para o outro e sorriem sem dizer nada.

A adrenalina faz coisas estranhas, especialmente quando abandona o corpo. Quando era jogador, Peter estava sempre a ouvir dizer que era importante «controlar a adrenalina», mas nunca o compreendeu. Para ele, a concentração total e inquestionável no gelo, a capacidade de viver unicamente no momento, era algo natural. Só quando teve de assistir a um jogo das bancadas pela primeira vez é que percebeu como a adrenalina é parecida com o pânico. Os instintos que despertam o corpo para o combate e para a vitória são os mesmos que incutem um terror mortal no cérebro.

Durante a sua carreira como jogador, Peter costumava pensar no apito final do jogo como uma viagem de montanha-russa a chegar ao fim. Há pessoas que pensam: «Ainda bem, já acabou.» E outras que pensam: «Outra vez!» O seu primeiro desejo depois de cada jogo era sempre poder jogar mais um. Agora, como diretor-geral, precisa de comprimidos para as enxaquecas só para conseguir funcionar normalmente depois de um jogo.

Quando os últimos apoiantes, pais e patrocinadores, delirantes com a vitória, deixam por fim o rinque, passada mais de uma hora, e invadem o parque de estacionamento com cânticos de «SOMOS OS URSOS, SOMOS OS URSOS, SOMOS OS URSOS, OS URSOS DE BJÖRNSTAD!», Peter, Robbie e as suas memórias ficam para trás.

– Queres vir até ao escritório? – pergunta Peter, e Robbie solta uma gargalhada.

– Por amor de Deus, Peter, é o nosso primeiro encontro... não sou dessas!

Peter ri-se também.

– Tens a certeza? Podíamos beber um chá e ver fotografias antigas da equipa.

Robbie estica a mão.

– Diz olá aos rapazes por mim, está bem? E que um velho soldado orgulhoso esteve aqui a vê-los esta noite.

Peter aperta-lhe a mão.

– Aparece para jantar uma destas noites. A Kira também ia gostar muito de te ver.

– Claro! – diz Robbie, mas é uma mentira e ambos o sabem.

Separam-se. Momentos, é tudo o que temos.

O balneário está vazio. Depois da adrenalina, dos cânticos e das danças e dos saltos em cima dos bancos e dos murros nas paredes, depois de o espaço ter estado apinhado de jovens e velhos, todos em tronco nu e com o cabelo molhado de cerveja, o balneário está agora mergulhado num silêncio entorpecedor. Resta apenas Amat,

que anda a apanhar pedaços de fita adesiva do chão. Peter passa no corredor e estaca, surpreendido.

– O que é que ainda estás a fazer aqui, Amat?

O rapaz fica vermelho.

– Não diga nada, está bem? Que eu estive a limpar um bocadinho? Queria só apanhar a maior.

Peter sente a garganta contrair-se com vergonha. Lembra-se de como costumava ver o rapaz a apanhar as latas vazias nas bancadas para que Fatima pudesse comprar-lhe o seu primeiro equipamento de hóquei, quando ele tinha uns oito ou nove anos. Eram demasiado orgulhosos para aceitarem caridade. Peter e Kira tinham de publicar anúncios falsos no jornal local para que todos os anos aparecesse à venda, barato, equipamento em segunda mão do tamanho de Amat. Kira formou uma rede de pessoas dali até Hed que fingiam ser os vendedores.

– Não, não... Claro que não, Amat, nunca me passaria pela cabeça dizer alguma coisa aos outros jogadores – murmura.

Amat ergue a cabeça, confuso. Solta uma risada amarga.

– Os jogadores? Estou-me a borrifar para os jogadores. Não diga nada à minha mãe! Ela fica muito irritada se acha que eu estou a fazer o trabalho dela!

Peter gostava de poder dizer alguma coisa ao rapaz naquele momento. Algo sobre como ele o deixou orgulhoso nessa noite, no gelo. Mas faltam-lhe as palavras. E, quando tenta, sente-se como um mau ator. Às vezes, a inveja que sente da capacidade de David de fazer com que os rapazes gostem dele deixa-o doido. Eles confiam em David, seguem-no, veneram-no. Peter sente-se como um pai abatido que, no parque infantil, olha para outro pai engraçado que deixa os miúdos todos perdidos de riso.

Assim, não diz nenhuma das coisas que gostaria de dizer a Amat. Sorri, acena e diz apenas:

– Deves ser o único adolescente no mundo com quem a mãe ralha por limpar de mais.

Amat estende-lhe uma camisa de homem.

– Um dos patrocinadores deixou isto aqui.

A camisa cheira a álcool. Peter abana lentamente a cabeça.

– Ouve... Amat... eu...

As palavras falham-lhe. Tudo o que lhe sai é:

– Acho que devias ir lá para fora, para o parque de estacionamento. Nunca saíste daqui depois de um jogo destes. Acho que devias. É uma experiência marcante que poucos podem ter. Poder sair por aquela porta como... como um vencedor.

Amat não compreende exatamente o que ele quer dizer até que arruma os seus pertences, percorre o corredor e empurra a porta para o exterior. Adultos aplaudem e dão vivas quando o veem, algumas das raparigas mais velhas da escola gritam o seu nome, Bobo dá-lhe um abraço, Benji despenteia-lhe o cabelo e toda a gente lhe quer apertar a mão. Mais à frente, vê Kevin a ser entrevistado para o jornal local. Dá autógrafos a um mar de crianças, enquanto as mães insistem para tirar duas fotografias: uma de Kevin com o filho, outra de Kevin com a mãe.

Amat percorre o parque entre abraços e palmadas nas costas, e junta-se a um cântico de «SOMOS OS URSOS DE BJÖRNSTAD!» tão estridente que lhe faz doer o peito, e ouve os outros a cantarem ainda mais alto porque o ouvem gritar, porque querem sentir que fazem parte daquilo que ele agora representa.

A excitação levanta-o do chão, tem as endorfinas a fervilhar, e mais tarde lembrar-se-á de pensar: «Como é que alguém pode passar por tudo isto sem se julgar um deus?»

Kira está a limpar o refeitório. Maya e Ana saem da casa de banho; mudaram de roupa e maquilharam-se e todas elas são risos e expectativa.

– Eu... esta noite durmo em casa da Ana. Vamos... estudar – diz Maya com um sorriso.

A filha está a mentir, claro, e a mãe está a mentir quando finge que não percebeu. Estão equilibradas naquele momento definidor na vida, em que ambas estão igualmente preocupadas uma com a outra. Os anos da adolescência oferecem um breve período de igualdade a seguir à infância, em que são os pais que se preocupam com os filhos. Depois, o equilíbrio desaparece e os filhos crescem o

suficiente para começarem a preocupar-se mais com os pais do que os pais com eles. Em breve, Maya deixará de ser a menina de Kira, e Kira passará a ser a mãe velhinha de Maya. Não é apenas difícil deixar um filho crescer. É quase impossível.

Peter entra no gabinete do presidente, que está cheio de homens feitos a cambalear de um lado para o outro, todos já muito, muito bêbados.

– Estou farto de procurar isso! – grita o Janota. Cambaleia em direção a Peter, de tronco nu, e tira a sua camisa da mão de Peter.

Peter lança-lhe um olhar de censura.

– Que seja a última vez que sei que levaste álcool para o balneário. São miúdos, Janota.

– Oh, não são nada MIÚDOS, Peter, relaxa! Deixa os rapazes celebrarem!

– Eu deixo os rapazes celebrarem, mas acho que os adultos deviam ter os seus limites.

O Janota afasta as preocupações dele com a mão como se fossem insetos chatos. Dois homens atrás dele, com latas de cerveja na mão, debatem acaloradamente os jogadores da equipa principal. Um dos avançados é descrito como sendo «tão estúpido que nem sequer consegue ir comprar pão sem alguém o levar pela mão», um guarda-redes é «fraco da cabeça; vê-se logo porque casou com uma mulher que toda a gente sabe que foi para a cama com metade da equipa antes dele, e provavelmente com a outra metade depois». Peter não sabe bem se os dois homens são patrocinadores ou apenas parte do grupo do Janota, mas já ouviu esse género de comentários mais de mil vezes e ainda não conseguiu habituar-se à hierarquia dos gabinetes. Os jogadores podem falar mal do árbitro, mas nunca do treinador, o treinador pode criticar os jogadores, mas nunca o diretor-geral, o diretor-geral não pode criticar o presidente, o presidente não pode criticar a direção, a direção não pode criticar os patrocinadores. E no cimo da pirâmide estão os homens de fato que se encontram agora neste gabinete, a

falar sem qualquer compunção sobre os jogadores como se fossem cavalos de corrida. Produtos.

O Janota puxa afetuosamente a orelha de Peter para aliviar o ambiente.

– Não fiques amuado, Peter, esta é a tua noite! Lembras-te, há dez anos, quando disseste que ias desenvolver o nosso programa de juventude? Quando afirmaste que um dia havíamos de ter uma equipa de juniores capaz de se bater com as melhores do país? Na altura, todos nós nos rimos de ti. Toda a gente se riu. E agora aqui estamos nós! Esta é a TUA noite, Peter. Foste TU que fizeste com que isto acontecesse.

Peter liberta-se do braço que o Janota – embriagado e feliz – lhe tenta enrolar ao pescoço. Os outros patrocinadores começam a comparar cicatrizes e dentes falsos, troféus dos seus dias de jogadores de hóquei. Nenhum deles pergunta a Peter pelas suas cicatrizes, pois ele não as tem: nunca perdeu um dente, nunca se meteu em lutas. Nunca foi um homem violento.

Um dos membros da direção, o diretor de uma empresa de ventilação, de sessenta e tal anos, podre de bêbado, começa aos saltos e dá uma palmada nas costas de Peter com um grande sorriso.

– O Janota e eu reunimo-nos com os autarcas! Estiveram cá esta noite! E, a título não oficial, posso dizer que a situação da sua nova máquina de café expresso parece muito prometedora!

Peter suspira, pede licença e sai para o corredor. Quando vê David até fica aliviado, apesar de a atitude de constante superioridade do treinador o enervar, porque neste momento é a única pessoa sóbria nas imediações.

– David! – grita.

David continua a andar sem sequer olhar para ele. Peter corre atrás dele.

– David! Onde vais?

– Vou ver o vídeo do jogo – responde o treinador laconicamente.

Peter ri-se.

– Não vais festejar?

– Festejo quando ganharmos a final. Foi por isso que me nomearam. Para ganhar a final.

A sua arrogância é ainda mais acentuada do que o habitual. Peter suspira e enfia as mãos nos bolsos.

– David, vá lá. Sei que nós os dois nem sempre pensamos da mesma maneira, mas esta vitória é tua. Conquistaste-a.

David semicerra os olhos, inclina a cabeça na direção do gabinete cheio de patrocinadores e diz:

– Não, Peter. Como toda a gente ali dentro faz questão de repetir, esta é a TUA noite. Afinal de contas, és a estrela desta equipa, não és? Sempre foste.

Peter fica pregado ao chão, com um peso crescente no estômago, sem saber se é causado por vergonha ou fúria. A sua voz soa mais zangada do que devia quando exclama nas costas de David:

– Só queria dar-te os parabéns!

David vira-se com um riso amargurado.

– Devias era dar os parabéns ao Sune. Foi ele que previu que tu e eu conseguiríamos fazer isto.

Peter pigarreia.

– Eu... ele... não o encontrei nas bancadas.

O treinador olha para Peter até este baixar a cabeça. David acena tristemente.

– Ele estava sentado no sítio do costume. Sabes muito bem.

Peter pragueja entre dentes e vira-lhe as costas. As palavras de David seguem-no pelo corredor:

– Eu sei o que estamos a fazer aqui, Peter. Não sou um miúdo ingénuo. Vou ficar com o lugar do Sune porque chegou a altura, porque o conquistei, e sei que isso faz de mim um filho da mãe. Mas não te esqueças de quem está a segurar na porta para ele sair. Não te iludas: a decisão é tua.

Peter gira sobre si próprio, de punhos fechados.

– Tem cuidado com o que dizes, David!

David não se deixa intimidar.

– Porquê? Vais bater-me?

Peter sente o queixo a tremer. David permanece imóvel. Por fim, solta uma risada desdenhosa. Tem uma cicatriz no queixo e outra entre o queixo e a face.

– Bem me parecia. Porque és o Peter Andersson. Sempre deixaste os outros lutarem por ti.

David nem sequer bate com a porta ao entrar no gabinete, limita-se a fechá-la silenciosamente. Peter odeia-o por isso, mais do que por qualquer outra coisa. Porque ele tem razão.

Kevin está impávido e sereno quando é entrevistado pela jornalista do jornal local. Outros rapazes da sua idade estariam desfeitos pelos nervos, mas a atitude dele é calma e profissional. Olha para a cara da repórter, mas não a fita nos olhos, fixa o olhar na sua testa ou na cana do nariz, é descontraído, mas não desinteressado, não é antipático, mas também não se desfaz em sorrisos, e responde a todas as perguntas sem dizer absolutamente nada. Quando ela lhe pergunta pelo jogo, ele responde que «é preciso patinar muito, enfiar o disco na baliza, criar oportunidades». Quando ela pergunta o que ele acha que a vitória na final significaria para a cidade e para as pessoas, ele repete, como uma máquina: «Estamos a jogar um jogo de cada vez, a concentrar-nos no hóquei.»

Quando ela lhe diz que um dos adversários placado por Benjamin Ovich na fase final do jogo sofreu um traumatismo craniano, Kevin responde, sem pestanejar:

– Desculpe, mas não vi esse incidente.

Tem dezassete anos e já é tão hábil a lidar com a imprensa como um político. A multidão arrasta-o dali antes que a repórter tenha tempo de fazer mais perguntas.

Amat encontra a mãe no meio da multidão e beija-a na testa. Ela simplesmente murmura: «Vai! Vai!» com lágrimas nos olhos. Ele ri-se e abraça-a e promete não chegar tarde a casa. Ela sabe que ele não está a dizer a verdade. E isso deixa-a muitíssimo feliz.

Zacharias está no lado oposto do parque de estacionamento, no círculo exterior de popularidade, enquanto o seu melhor amigo se encontra no círculo interior pela primeira vez. Os adultos entram nos carros e partem, deixando os jovens a gozar a sua melhor noite de sempre, e quando a corrente de jogadores e raparigas começa a mover-se na direção da festa à qual quase todos vão, torna-se penosamente claro quem pertence e quem vai ficar para trás.

Zacharias nunca perguntará a Amat se se esqueceu dele ou se apenas não quis saber. Mas um deles vai e o outro fica para trás. E nada voltará a ser como antes.

Peter cruza-se com Maya e Ana a caminho do refeitório. Para sua surpresa, a filha abraça-o com força, como costumava fazer todos os dias quando ele chegava a casa e ela tinha cinco anos.

– Estou tão orgulhosa de ti, papá – murmura ela.

Raramente sentiu mais relutância em soltá-la. Depois de as raparigas descerem as escadas a correr e a rir, o ringue fica silencioso. Um silêncio quebrado apenas pela sua própria respiração e, depois, pela voz da mulher a perguntar:

– Será que agora é a minha vez, superestrela?

O rosto de Peter abre-se num sorriso melancólico e dirige-se a ela. Dão as mãos e dançam devagar, muito devagar, em pequenos círculos, até que Kira lhe segura no rosto e lhe dá um beijo tão ardente que ele fica embaraçado. Ela ainda consegue deixá-lo assim.

– Não pareces tão feliz como devias estar – murmura Kira.

– Oh, mas estou – responde ele.

– É por causa do Sune?

Peter esconde o rosto no pescoço dela.

– Os patrocinadores querem anunciar depois da final que o David vai ficar com o lugar. E querem obrigar o Sune a demitir-se por vontade própria. Pensam que não cairá bem na comunicação social se for despedido.

– A culpa não é tua, querido. Não podes salvar toda a gente. Não podes arcar com o peso do mundo inteiro.

Ele não responde. Ela despenteia-lhe o cabelo e sorri.

– Viste a tua filha? Vai para casa da Ana... «estudar».

– Muito maquilhada para resolver equações, não? – murmura Peter.

– A parte mais difícil de confiar nos adolescentes é nós também termos sido adolescentes. Ainda me lembro de quando eu e um rapaz estávamos a...

– Não quero ouvir!

– Não sejas ridículo, querido, sabes que eu tive uma vida antes de te conhecer.

– NÃO!

Levanta-a do chão nos seus braços e ela fica sem ar. Ele ainda consegue deixá-la assim. Riem-se como dois miúdos.

Pela janela do refeitório, veem Maya e Ana desaparecer ao fundo da estrada com os jogadores de hóquei e os amigos da escola. A temperatura está a baixar rapidamente com o cair da noite e a neve esvoaça em volta das raparigas.

Há uma tempestade no horizonte.

As janelas da casa da família Erdahl estremecem com o som das colunas e o piso térreo enche-se tão depressa como se os corpos estivessem a ser atirados lá para dentro por um buraco no telhado. Quase todos os jogadores estão já perdidamente embriagados, e a maioria dos outros jovens não está muito atrás. Não são novatos no que diz respeito a festas sem supervisão parental. Toda a gente está a beber em copos descartáveis, os quadros foram retirados das paredes, os objetos frágeis, resguardados, as mobílias, cobertas com plástico. Dois dos juniores fazem turnos a guardar as escadas para impedir que alguém suba ao primeiro andar. Podem dizer o que quiserem de Kevin, mas, tal como o seu treinador, ele acredita em preparação e planeamento, e não deixa nada nas mãos da sorte. A empregada de limpeza vem logo de manhã. É bem paga para não contar nada aos pais dele e, numa noite como esta, Kevin sabe que os vizinhos irão para a cama com tampões de ouvidos e fingirão que não estavam em casa se alguém lhes perguntar alguma coisa.

Já ninguém questiona o facto de ele parecer ser o único que não está a aproveitar a sua própria festa. Na sala, há adolescentes a beber e a cantar, enquanto se vão livrando de peças de roupa a uma velocidade cada vez maior, mas do outro lado das paredes grossas e bem isoladas o quintal está quase silencioso. O suor escorre do rosto de Kevin enquanto dispara disco após disco para a baliza. Nunca consegue descontraír completamente depois de um jogo, mas é menos violento quando ganham. Quando perdem, o terraço e o pequeno rinque acabam cobertos de *sticks* partidos e vidros estilhaçados. Como de costume, Benji está sentado, perfeitamente calmo, junto a uma mesa de ferro forjado, a rolar agilmente cigarros entre os dedos para os esvaziar de tabaco sem rasgar o papel. Enche o tubo vazio com erva, torce a ponta, coloca cuidadosamente o filtro entre os dentes, puxa-o para o retirar e substitui-o por um pedaço de cartão enrolado. Tem de usar este método porque a dona da tabacaria em Björnstad é irmã do diretor da escola, por isso não pode comprar pacotes e pacotes de mortilhas sem comprar uma quantidade correspondente de tabaco

de enrolar, ou isso dará origem a perguntas. Encomendar *online* também não é opção; a mãe de Benji verifica toda a correspondência que chega a casa como um cão de caça. Assim, embora nunca ninguém tenha visto Kevin fumar, há alguns anos ele começou a cobrar uma taxa de dois cigarros a todos os que frequentam as suas festas, para que Benji tenha como enrolar os charros. Curiosamente, Kevin acha relaxante ver o idiota do melhor amigo tão concentrado na sua droga. Sorri-lhe e diz:

– Vou vender-te como trabalhador infantil para a Ásia... Esses dedinhos ágeis coseriam bolas de futebol mais depressa do que os de qualquer outro miúdo.

– Queres que eu te faça uma baliza maior, para conseguires marcar um golo de vez em quando? – pergunta Benji, e baixa-se rapidamente, sem sequer olhar para cima, para se desviar do disco que Kevin atira sobre a sua cabeça. O disco atinge a cerca atrás dele e deixa-a a vibrar durante vários minutos.

– Não te esqueças de enrolar alguns para a empregada de limpeza – recorda-lhe Kevin. Benji não se esqueceu. Não é a primeira festa que organizam.

Amat entra na casa dos Erdahl e não consegue deixar de olhar em volta de boca aberta.

– Bom, a sério? Isto tudo só para UMA família?

Bobo e Lyt riem-se e empurram-no na direção da cozinha. Lyt já está tão bêbado que não conseguiria acertar com um íman na porta do frigorífico. Estão a jogar ao «bota abaixo». Amat não sabe o que os pequenos copos de *shot* contêm, mas a bebida sabe a bagaço barato e a pastilhas para a garganta, e de cada vez que emborcam um têm de bater com os punhos no peito uns dos outros e rugir: «BOTA ABAIXO!» Tudo parece muito mais lógico depois do quinto ou sexto *shot*. A maioria dos convidados segue-lhes o exemplo.

– Hoje podes levar para a cama *qualquer* miúda que queiras; são *todas* putas de hóquei quando ganhámos – anuncia Lyt com a voz entaramelada, apontando para o aglomerado de corpos no interior da casa, e logo de seguida agarra violentamente na camisola de

Amat e berra: – A menos que o Kevin ou o Benji a queiram. A linha da frente escolhe primeiro!

Amat lembrar-se-á mais tarde de pensar que Bobo parece tão desconfortável como ele ao ouvir Lyt falar assim. É a primeira vez que Amat vê Bobo parecer inseguro em relação a alguma coisa. Lyt afasta-se, a cambalear e aos gritos:

– Fiz uma assistência para golo hoje! Quem é que quer foder?

Na cozinha, os outros dois rapazes ficam a olhar um para o outro, atrapalhados. Bebem, batem no peito um do outro e gritam: «BOTA ABAIXO!» para evitarem ter de falar, porque ambos estão convencidos de que se consegue perceber pela voz quando um homem ainda é virgem.

Maya e Ana estão entre os últimos a chegar, porque Ana insistiu em parar para retocar a maquilhagem uma dúzia de vezes pelo caminho. Todos os meses fica obcecada por uma parte do corpo diferente, e agora são as maçãs do rosto. Há pouco tempo, era a linha do cabelo. Dessa vez, pediu solenemente a Maya que a ajudasse a pesquisar se era possível fazer uma cirurgia para a baixar.

Antes de entrarem, Maya faz uma pausa na estrada para admirar a paisagem. Da rua onde a família Erdahl reside vê-se o lago todo, até à floresta do outro lado. É quase uma zona selvagem; as árvores crescem mais densamente e até a neve parece acumular-se em bancos mais altos. Mais além, há espaços brancos tão vastos que uma criança pode olhar em volta e convencer-se de que é a última pessoa no planeta. Os miúdos em Björnstad aprendem bem cedo que é o sítio para onde devem ir se quiserem fazer asneiras longe dos olhos dos adultos. Maya sabe que Ana uma vez quase as matou às duas ali: quando tinham doze anos, Ana roubou uma mota de neve e andou a noite toda a passear Maya. Maya nunca o admitiu, mas nunca se sentiu mais livre do que nessa noite.

Passado um ano, Ana deixou de indagar como fazer ligações diretas em motas de neve e começou a pesquisar sobre dietas. Assim, agora, antes de entrar na festa, Maya para um momento e

lamenta o desaparecimento das raparigas que costumavam brincar do outro lado do lago.

Kevin está no terraço e, através das portadas de vidro, vê Maya entrar na sala. Está a olhar diretamente para ela e não repara que Benji o está a observar, a analisar a reação dele. Quando Kevin se dirige com passos rápidos à porta do terraço, Benji enfia as suas coisas na mochila com gestos irritados e segue-o. Abrem caminho pela sala sem uma palavra, com destinos diferentes. Kevin para em frente de Maya e faz um verdadeiro esforço para impedir que o bater acelerado do seu coração se veja através da camisola, e ela faz o melhor que pode para não mostrar como está contente, ou como está a gostar de ver um bando de raparigas mais velhas a lançarem-lhe olhares de ódio da cozinha.

– *Madame* – cumprimenta-a Kevin com um sorriso e uma vénia teatral.

– *Herr* von Merdolini, que prazer revê-lo! – ri-se ela, também com uma vénia.

Kevin abre a boca, mas interrompe-se ao ver Benji sair pela porta da frente. Parece quase tão desapontado como Ana e as outras raparigas na cozinha.

Lá fora, Benji põe a mochila aos ombros, protege o isqueiro do vento e espera que o fumo lhe chegue aos pulmões. Ouve Kevin chamá-lo, mas não se vira.

– Vá lá, Benji, seu idiota! Não sejas estúpido!

– Não me meto com meninas, Kev, sabes muito bem disso. Que idade é que elas têm? Quinze?

Kevin ergue os braços.

– Deixa-te de cenas; nem sequer fui eu que as convidei!

Benji vira-se e fita o melhor amigo nos olhos. Kevin aguenta quase dez segundos antes de desatar a rir. Boa tentativa.

– Não consegues mentir-me, Kev.

– Fica, de qualquer maneira – pede Kevin com um sorriso.

Benji abana calmamente a cabeça. Kevin pestaneja com ar triste.

– O que é que vais fazer, então?

– A minha própria festa.

Kevin olha para a mochila dele.

– Não fumes ao ponto de começares outra vez a ver fadas com facas e merdas dessas na floresta, está bem? Não quero ter de ir à tua procura e dar contigo empoleirado numa árvore aos gritos e a chorar.

Benji solta uma gargalhada.

– Isso foi *uma* vez. E não era erva.

– Lembras-te quando me telefonaste a gritar: «ESQUECI-ME DE COMO É QUE SE PESTANEJA»?

– Nem brinques com isso. Foi aflitivo, a sério.

Kevin parece ter vontade de lhe tocar, mas não o faz.

– E se fores roubar um carro, não o roubes nesta rua, está bem? O meu pai passava-se.

Benji assente com um aceno, mas não promete nada. Depois, tira um charro do bolso e coloca-o cuidadosamente atrás da orelha de Kevin.

– Para mais tarde. Com um bocadinho de tabaco, como tu gostas.

Kevin abraça-o rapidamente, um abraço tão fugaz que ninguém daria por ele, mas mesmo assim tão forte que transmite muita coisa. Nunca consegue dormir depois dos jogos, e é essa a única altura em que fuma. Só os melhores amigos sabem essas coisas uns sobre os outros. Só dois rapazes que se deitaram lado a lado debaixo das mantas, a ler bandas desenhadas à luz da lanterna, e que sabem que o motivo pelo qual sempre se sentiram de fora é porque são ambos super-heróis.

Kevin fica muito tempo a ver Benji afastar-se na escuridão, com alguma inveja. Sabe que as raparigas gostam dele porque é bom jogador de hóquei; sem isso, seria apenas um rapaz de dezassete anos normal, medíocre. Mas Benji não. As raparigas apaixonam-se por Benji por motivos completamente diferentes. Ele tem algo que toda a gente quer, algo que é totalmente independente daquilo que faz no gelo. Os seus olhos dizem sempre que pode ir-se embora a qualquer momento, se lhe apetecer, sem sequer olhar para trás. Não há nada que o prenda; para ele, tanto faz. Kevin morre de

medo da solidão, mas Benji aceita-a como um estado natural. Ao longo da infância, Kevin sempre temeu acordar um dia e descobrir que o outro super-herói tinha partido. E que a amizade dos dois nunca significou nada para ele.

O sangue de Benji é diferente do das outras pessoas. Ele desaparece na floresta, pela estrada que leva ao lago, e Kevin não consegue deixar de pensar que Benji é o único indivíduo verdadeiramente livre que conhece.

É a última vez que se veem um ao outro durante a infância. Isso acaba esta noite.

Maya observa todos os movimentos de Kevin quando ele volta a entrar em casa. Ao princípio, parece um gatinho que alguém deixou à chuva, abandonado e esquecido, apesar de Maya nunca ter conhecido ninguém que se encontre mais no centro de tudo do que ele. Depois, bebe dois copos na cozinha, berra: «BOTA ABAIXO!» com Bobo e Amat e começa aos saltos com o braço à volta do tronco de Lyt, com tanta força que o chão estremece, a cantar: «SOMOS OS URSOS!»

Não sabe bem quando é que ele lhe dá a primeira bebida alcoólica, mas a segunda sabe muito melhor do que a anterior. Kevin vai apostando com Lyt quem é que consegue acabar a bebida primeiro, e ganha sempre, e Maya sorri com indulgência e comenta:

– Francamente! Nem sequer conseguem beber sem fazer disso uma competição!

Kevin fita-a nos olhos, como se estivessem sozinhos, e parece entender o comentário como um desafio.

– Vai buscar mais *shots* – diz a Lyt.

– Sim! Corre, Lyt, eu cronometro o teu tempo! – Maya ri-se, sarcástica, e bate palmas.

Lyt corre contra a parede e Kevin ri-se tanto que lhe falta o ar. Maya está fascinada pela forma como ele parece viver sempre no momento. No gelo, não parece pensar em nada senão no hóquei, e fora do gelo não parece pensar em nada, ponto final. Vive por instinto. Como ela gostava de conseguir ser assim.

Não tem noção da quantidade de álcool que bebem; lembra-se de vencer Lyt quando são desafiados a beber três *shots* seguidos, lembra-se de estar de pé em cima de uma cadeira com os braços erguidos de forma triunfante, como se segurasse um troféu gigante.

Kevin gosta do facto de ela ser diferente. De os seus olhos nunca pararem de se mover, de estar sempre a observar. De parecer saber quem é. Como ele gostava de conseguir ser assim.

Ana para de beber após o primeiro *shot*. Não sabe bem porquê, mas Benji desapareceu e ele era a única razão pela qual quis vir a esta festa. Está na cozinha com Maya, mas há sempre pessoas a colocarem-se entre ambas. Ana vê a expressão das raparigas mais velhas de cada vez que Kevin se ri de alguma coisa que Maya diz, uma expressão que oscila entre o desdém e a ameaça mortal. Sente as mãos de Lyt ao fundo das costas e vai-se afastando aos poucos, até ficar a um canto. Por mais que lixe as suas arestas, por mais pequena que se faça, nunca encaixará aqui.

Benji caminha sobre o gelo até estar no meio do lago. Fica aí parado a fumar, a ver a cidade apagar-se, casa após casa. A superfície dura sob os seus pés oscila levemente; o ano já vai demasiado adiantado para estar tão longe sozinho, à noite, mesmo em Björnstad. Sempre gostou de brincar com a ideia de cair através do gelo e desaparecer nas trevas geladas por baixo, mesmo quando era pequeno. Sempre se perguntou se tudo o que o magoa doerá menos lá em baixo. De forma talvez surpreendente, o suicídio do pai não o deixou com medo da morte; pelo contrário. A única coisa que Benji não compreende é porque é que o pai sentiu necessidade de usar a espingarda. A floresta, o gelo, o lago, o frio – a cidade oferece mil formas de morrer uma morte natural.

Deixa-se ficar ali até o fumo e as temperaturas abaixo de zero o entorpecerem por dentro e por fora, e então regressa à cidade, entra num dos bairros residenciais mais pequenos e rouba uma motorizada. E arranca em direção a Hed.

– Porque é que não gostas de jogadores de hóquei? – pergunta Kevin.

– Não são lá muito inteligentes – responde Maya com uma risada.

– Como assim? – Kevin parece genuinamente interessado.

– Descobriram as proteções para os genitais setenta anos antes de inventarem o capacete – esclarece ela.

– É uma questão de prioridades – contrapõe ele com um grande sorriso.

Bebem mais. Sempre que fazem apostas, ele vence. Kevin nunca perde.

«Celeiro» é um mau nome para um bar, ainda mais quando fica de facto num celeiro. Porém, como o patrão de Katia costuma observar, nunca ninguém olhou para outra pessoa em Hed e disse: «Sabes que mais? Quase que tens *demasiada* imaginação!» Há uma banda a tocar no palco, em frente de uma mão-cheia de homens espetacularmente desinteressados, em várias fases de meia-idade e de embriaguez. Katia está atrás do balcão quando o porteiro se dirige a ela.

– O teu irmão tem uma motorizada?

– Não.

O porteiro ri-se.

– Nesse caso, vou dizer-lhe que estacione nas traseiras.

Katia, a segunda irmã mais velha do irmão mais novo que acabará por ser a morte de todas elas um dia destes, limita-se a suspirar quando Benji entra. Não sabe se é ele que vai à procura de sarilhos ou se os sarilhos o encontram; sabe apenas que onde está um, estão os outros. Felizmente para Benji, Adri não está ali, pensa ela, porque a irmã mais velha já lhe teria torcido o pescoço. Mas Katia não consegue zangar-se com ele; nunca conseguiu.

– Acalma-te, eu vou devolver a motorizada – promete Benji, e tenta sorrir, embora Katia consiga ver que ele está maldisposto.

– Ouvi dizer que ganharam o jogo hoje. O que é que estás a fazer aqui? – pergunta-lhe a irmã.

– Estou a celebrar, como vês – responde Benji com azedume, e ela inclina-se e beija-o no alto da cabeça.

– Foste ver o pai?

Ele faz que sim com a cabeça. Katia olha para o seu querido irmãozinho – é fácil ver porque é que as raparigas ficam todas caidinhas por ele.

«Olhos tristes, coração selvagem; esse tipo de homem só tem problemas pela frente», diz a mãe, e sabe-o por experiência própria.

Katia nunca foi à campa do pai, nem uma vez, mas pensa nele de vez em quando, tentando imaginar como seria estar tão infeliz e não poder partilhá-lo com ninguém. É terrível ter de guardar um segredo tão grande das pessoas que amamos.

Quando Benji está zangado com alguma coisa, vai a casa da mais nova das irmãs mais velhas, Gaby, e brinca com os filhos dela até lhe passar. Quando quer estar calado e pensar, vai ter com a mais velha das irmãs, Adri, ao canil. Mas quando se sente magoado, vem até ao bar. Vem ter com Katia. Em vez de gritar com ele, a irmã dá-lhe uma palmadinha afetuosa no rosto.

– Se tomares conta do bar durante um bocado, vou tratar de umas coisas no escritório. E depois podemos ir para minha casa. Os rapazes resolvem o problema da motorizada – remata, indicando o porteiro e os seguranças com um aceno.

(No dia seguinte, logo de manhã, dois homens com quem ninguém quer realmente meter-se em discussões devolverão a motorizada ao dono e explicar-lhe-ão que a deve «ter deixado em Hed por engano». Quando for levada à oficina para reparações, a oficina tratará do serviço sem cobrar nada. Por estes lados, é basicamente a única coisa que qualquer pessoa precisa de saber.)

– E não toques no raio da cerveja! – avisa-o Katia.

Benji vai para trás do balcão e espera que a irmã entre no escritório para abrir uma garrafa de cerveja. A banda no palco está a tocar versões de velhas canções *rock*, porque é o que têm de tocar se querem atuar em Hed. Têm o aspeto que seria de prever: tipos com excesso de peso, falta de talento e claramente medíocres. Todos, menos o baixista. Esse não tem nada de medíocre. Cabelo preto, roupas pretas e, mesmo assim, destaca-se. Os outros estão a dar tudo o que têm, mas ele parece estar apenas a tocar. Está entalado num espaço de meio metro quadrado, entre o amplificador e a máquina de tabaco, mas parece dançar no seu próprio reino. Como se o Celeiro não estivesse no fim do mundo, mas sim no princípio.

O baixista repara no jovem empregado de bar de cabelo revolto no silêncio entre duas canções. E, nesse momento, é como se o resto da sala ficasse vazia.

Ana sai da casa de banho. Lyt está junto à porta. Inclina o corpo forte para ela e tenta empurrá-la de novo para o interior. Se não estivesse já tão bêbado, talvez tivesse conseguido, mas Ana desvia-se agilmente e foge para o corredor, enquanto ele se apoia ao lavatório para não cair.

– Vá lá, caraças! Eu hoje fiz uma assistência para golo; não tenho direito a nada?

Ana recua e olha instintivamente para a esquerda e para a direita no corredor estreito, como um animal na floresta a avaliar os caminhos de fuga. Lyt estende os braços e continua, com a voz entaramelada:

– Eu vi como estavas a olhar para o Benji. Não há problema. Mas ele já não volta esta noite. É um drogado... sabias? Portanto, não voltará ao PLANETA esta noite! Podes esquecê-lo e contren... contren... concentrar-te em mim! Eu fiz uma atiss... assistência para golo esta noite e NÓS GANHÁMOS!

Ana fecha-lhe a porta da casa de banho na cara e corre para a cozinha, à procura de Maya. Não a vê em lado nenhum.

Benji está a servir cerveja atrás do balcão. A banda acabou de tocar. Katia pôs música *country*. Benji vira-se para o cliente seguinte tão depressa que quase lhe acerta com o copo na cara. O baixista sorri. Benji ergue as sobancelhas.

– Uau, um músico no meu bar. O que vai ser? É por conta da casa.

O baixista inclina a cabeça.

– Um *whisky sour*?

Benji abre um sorriso de orelha a orelha.

– Onde é que pensas que estás? Em Hollywood? Podes beber um *JD* com *Coca-Cola*.

Prepara a bebida enquanto fala e empurra o copo sobre o balcão com um movimento experiente. O baixista olha para o copo durante um longo momento, sem lhe tocar, e então admite:

– Desculpa, mas nem sequer gosto de uísque. Estava só a tentar parecer *cool*.

– *Whisky sour* não é tão *cool* como pensas – informa Benji. O baixista passa a mão pelo cabelo.

– Uma vez, conheci um empregado de bar que me disse que quem está a servir ao balcão há muito tempo começa a ver toda a gente como um tipo de bebida. Uma espécie de versão distorcida daquela cena do «espírito animal» de que os videntes estão sempre a falar. Sabes a que me refiro?

Benji solta uma gargalhada, algo que não é frequente nele.

– Bom, o teu espírito animal não é o uísque, isso posso dizer-te.

O baixista acena, inclina-se sobre o balcão e indica discretamente:

– Na verdade, estou mais interessado em algo envolto em fumo do que afogado em *Coca-Cola*. Ouvi dizer que talvez me possas ajudar?

Benji bebe a bebida que era para o baixista e assente com a cabeça.

– Do que é que precisas?

Amat e Bobo não tomam a decisão de ir para o jardim. Simplesmente, acontece. Nenhum dos dois tem muito jeito para festas, não sabem bem o que fazer, por isso é natural que procurem algo que compreendam. Algo que sabem fazer. Assim, acabam no rince das traseiras, cada um com um dos *sticks* de Kevin nas mãos, a atirar à baliza à vez.

– Como é que consegues ser tão rápido? – pergunta Bobo, com voz embriagada.

– Passei muito tempo a fugir de pessoas como tu na escola – responde Amat, meio a brincar, meio a sério.

Bobo ri-se, um riso meio sincero, meio forçado. Amat repara que ele dispara o disco com mais força do que seria de imaginar, quando

tem tempo para parar e apontar calmamente.

– Desculpa... eu... sabes que é só a brincar, certo? Sabes... é uma coisa... a equipa principal goza connosco e nós gozamos com vocês.

– Sim, sim. Sei que é só a brincar – mente Amat.

Bobo atira o disco com mais força. Sente-se culpado.

– Agora estás na linha da frente. Daqui em diante podes ser tu a pôr as minhas roupas no chuveiro, e não ao contrário.

Amat abana a cabeça.

– Cheiras mal, Bobo; não quero tocar nas tuas roupas.

A gargalhada de Bobo, desta vez genuína, ecoa entre as casas. Amat sorri-lhe. De súbito, Bobo baixa a voz.

– Tenho de conseguir ser mais rápido até ao outono. Caso contrário, não me deixam continuar a jogar.

Esta é a última temporada de Bobo antes de ser demasiado velho para a equipa de juniores. Em outras cidades, algumas equipas de juniores têm jogadores até aos vinte e um, mas não em Björnstad, onde não ficam muitos jovens na cidade depois de acabarem o ensino secundário. Alguns vão para a universidade longe, outros partem para ir trabalhar fora. Os melhores jogadores passam para a equipa principal, os restantes ficam de fora.

– Mas depois vem a equipa principal! – exclama Amat em tom animado. Bobo solta uma risada seca.

– Nunca conseguirei chegar à equipa principal. Se não conseguir ser mais rápido, esta é a minha última temporada. Sem isso, resta-me arranjar carros com o meu pai para o resto da vida.

Amat fica em silêncio. Não precisa de falar. Qualquer pessoa que tenha jogado hóquei, nem que seja por cinco minutos em criança, sabe que não há desporto melhor. Não há nada mais excitante. Respira fundo e diz algo que nunca admitiria a mais ninguém:

– Eu estava cheio de medo hoje, Bobo. Passei o jogo aterrorizado. Nem sequer fiquei contente quando ganhámos, apenas aliviado. Eu... merda, lembras-te quando eras pequeno e jogavas no lago? Era pura diversão. Nem sequer pensávamos, era apenas a única coisa que queríamos fazer. E ainda é a única coisa que eu

quero fazer. Não faço ideia do que farei se não puder jogar; o hóquei é a única coisa em que sou bom. Mas agora... parece mais...

– Um trabalho – conclui Bobo, sem sequer olhar para ele.

Amat faz que sim com a cabeça.

– Estive sempre assustado. Achas que é estúpido?

Bobo abana a cabeça. Não falam mais no assunto. Continuam a disparar os discos em silêncio. *Bang, bang, bang, bang, bang*. Bobo sorri. Têm quinze e dezassete anos, e daqui a dez anos recordarão esta noite, a noite em que todos os outros estavam dentro de casa numa festa e eles ficaram aqui fora e se tornaram amigos.

A noite está limpa e estrelada, as árvores estão imóveis e eles estão atrás do Celeiro a fumar. Normalmente, Benji nunca fuma com desconhecidos, porque na maior parte do tempo é um ato íntimo e solitário para ele, e não sabe bem por que motivo abriu hoje uma exceção. Talvez pela forma como o baixista criou o seu próprio espaço em cima do palco. Como se estivesse noutra dimensão. Benji reconhece essa capacidade. Talvez seja algo a que ele próprio almeja.

– O que é que fizeste à cara? – pergunta o baixista, apontando para a cicatriz no queixo dele.

– Hóquei – responde Benji.

– Então, és um lutador?

O seu sotaque dá a entender que não é desta parte do país. E a pergunta revela que, provavelmente, é a sua primeira visita.

– Se queres saber se um tipo é lutador, não deves procurar-lhe cicatrizes na cara, mas sim nos nós dos dedos – responde Benji.

O baixista inala o fumo e sopra para afastar a franja dos olhos.

– De todos os desportos que não percebo porque haveria alguém de os praticar, o hóquei é o que compreendo menos.

Benji ri-se.

– E não dizem que quem toca baixo é quem não sabe tocar guitarra?

O baixista ri-se alto, e o som da sua gargalhada canta entre as árvores e atinge Benji na cabeça tão subitamente como no peito.

Muito poucas pessoas têm esse efeito. Muito poucas pessoas são simultaneamente tequila e champanhe.

– Sempre viveste aqui em Hed? Não ficas claustrofóbico, numa cidade tão pequena? – pergunta o baixista com um sorriso.

O seu olhar é ao mesmo tempo tímido e ávido ao deslizar pelos lábios de Benji. Benji deixa o fumo encobrir-lhe o rosto.

– Eu vivo em Björnstad. Em comparação, Hed é uma cidade grande. E tu, o que estás a fazer aqui?

O baixista encolhe os ombros, tentando soar indiferente, mas toda a mágoa que há dentro de si vem ao de cima.

– O meu primo é o vocalista da banda. O baixista deles foi para a universidade não sei onde e perguntaram-me se queria mudar-me para cá e tocar com eles alguns meses. São uma banda de merda e ganhamos tipo... uma grade de cervejas por concerto; mas eu... estava numa relação tóxica. Precisava de me afastar.

– É difícil afastares-te para mais longe do que isto – considera Benji.

O baixista escuta as árvores, sente flocos de neve hesitantes pousarem-lhe nas mãos. A sua voz treme na escuridão.

– É mais bonito do que eu pensava. Aqui.

Benji continua a fumar de olhos fechados. Deseja ter fumado mais. Ou estar bêbado. Talvez assim se tivesse atrevido. Mas diz apenas:

– É diferente do sítio de onde vens.

O baixista inala o fumo de Benji. Baixa a cabeça.

– Vamos tocar outra vez no domingo. Se quiseres aparecer. Seria... Gostava de conhecer alguém. Aqui.

As roupas pretas caem-lhe delicadamente sobre o corpo magro. Os seus movimentos são leves e suaves, tão desprovidos de esforço que é como se ele não tivesse peso. Numa floresta cheia de predadores, ele ergue-se acima do manto de neve como uma ave. O seu hálito é frio quando toca na pele de Benji. Benji apaga o charro e recua dois passos.

– Tenho de ir para dentro antes que a minha irmã me veja aqui.

– Um jogador de hóquei grande e duro, e tens medo da tua irmã?
– pergunta o baixista com um sorriso.

Benji encolhe os ombros descontraidamente.

– Tu também terias. Quem é que achas que me ensinou a lutar?

– Vemo-nos no domingo, então? – pergunta o baixista enquanto ele se afasta.

Mas fica sem resposta.

Maya está na cozinha quando se apercebe subitamente de que Ana desapareceu. Vai à procura dela. Os rapazes veem-na encostar-se à parede para se equilibrar, tonta do álcool, como um pinguim numa placa de gelo instável. Lyt aproxima-se do ouvido de Kevin e murmura:

– É a filha do diretor-geral, Kev; nem penses que consegues comê-la!

– Queres apostar? – Kevin abre um sorriso malicioso.

– Cem coroas.

Lyt concorda. E selam o acordo com um aperto de mão.

Mais tarde, Maya lembrar-se-á de detalhes bizarros, como o facto de Kevin ter entornado uma bebida na camisola e a mancha parecer uma borboleta. Mas ninguém a quer ouvir falar sobre isso. A única coisa que lhe vão perguntar em relação a essa noite é quanto é que ela bebeu. Se estava bêbada. Se lhe deu a mão. Se lhe deu sinais. Se subiu as escadas de livre vontade.

– Estás perdida? – Ele sorri quando a encontra ao pé das escadas.

Nesta altura, ela já deu a volta ao piso de baixo três vezes sem encontrar a casa de banho. Ri-se e levanta os braços. Esquece-se de Ana.

– Esta casa é muito confusa. Parece que vives em Hogwarts.

– Queres ver lá em cima? – pergunta ele.

Maya nunca deixará de desejar não ter subido aquelas escadas com ele.

O carro de Katia pega com relutância à oitava ou nona tentativa.

– Podes dormir no canil com a Adri esta noite.

– Não, deixa-me em casa – pede Benji, ensonado.

Ela dá-lhe uma palmadinha na face.

– Não, querido; porque, não sei se sabes, mas a Adri e eu gostamos muito do nosso irmãozinho. E se chegares a casa e a mamã te vir entrar a cheirar a cerveja e a erva mais uma vez, ficaremos sem o nosso irmãozinho.

Ele resmunga e despe o casaco, que enrola para fazer uma almofada contra o vidro da janela. Ela espeta-lhe o dedo no braço, por baixo da manga da *t-shirt*, onde a tatuagem do urso espreita, e acrescenta:

– Aquele baixista era querido. Mas suponho que me vais dizer que não é o teu género, como em relação a todos?

Benji responde, sem abrir os olhos:

– Ele não gosta de hóquei.

Katia ri-se, mas enquanto o irmão mais novo adormece, pestaneja para afastar as lágrimas. Ao longo de toda a infância de Benji, desde os baloiços nos parques infantis, sempre viu as raparigas olharem para ele. Tanto porque sonham em domá-lo, como por suspeitarem que tal nunca será possível. Mas nunca compreendem porquê.

A cada ano que passava, à medida que Benji crescia, Katia desejou uma vida diferente para o irmão. Num lugar diferente, noutra época, talvez ele pudesse ter sido um rapaz diferente. Mais suave, mais seguro. Mas não em Björnstad. Aqui, ele carrega um fardo demasiado pesado, que ninguém vê, e tem o hóquei. A equipa, os rapazes. Kevin. Significam tudo para ele, portanto, Benji é tudo aquilo que eles querem que seja. E isso é terrível.

Ter de esconder um segredo daqueles que amamos.

Toda a gente fala sobre isso. A enfermeira da escola, a pobre professora a quem calham as aulas de educação sexual, pais ansiosos, programas de televisão moralizadores, a *internet* inteira. Toda a gente. Ao longo da vida, uma pessoa é informada exatamente sobre aquilo que acontece. Contudo, ninguém nos diz que vai ser assim.

Maya está deitada de costas na cama de Kevin. É a primeira vez que fuma marijuana. É diferente daquilo que imaginara – é como se o calor tivesse um sabor. O fumo parece subir-lhe diretamente à cabeça em vez de descer pela garganta. Kevin tem *posters* de jogadores de hóquei nas paredes, troféus em todas as prateleiras, mas a um canto há um gira-discos antigo. Fica-lhe na memória porque não condiz com o resto.

– Era do meu pai. Gosto do som... da maneira como crepita quando o ligamos – diz ele, em tom quase apologético.

Põe música a tocar; ela não se lembra o quê, lembra-se apenas do crepitar. Dez anos depois, ouvirá esse mesmo crepitar num gira-discos ao canto de um bar, ou numa *boutique* do outro lado do mundo, e será instantaneamente transportada para ali, para aquele momento. Sente o peso do corpo dele sobre o dela e ri-se – lembrar-se-á disso. Beijam-se, e ela ouvirá essas duas perguntas mais do que quaisquer outras ao longo de toda a vida: «Quem é que beijou quem? E você, retribuiu o beijo?» É ele que está a beijá-la. E sim, ela retribui. Mas quando ele lhe puxa as calças de ganga para baixo com força, ela detém-no. Ele parece achar que é um jogo, por isso, Maya pega-lhe na mão e aperta-a.

– Não quero. Esta noite não. Eu nunca... – murmura.

– Claro que queres – insiste Kevin.

Maya irrita-se.

– És surdo? Já disse que não!

Ele aperta-lhe mais os pulsos, primeiro de forma quase impercetível, depois ao ponto de a magoar.

Katia vira o carro para a estrada estreita que entra na floresta, logo a seguir ao sinal que anuncia «Bem-vindo a Björnstad». Dirige-se ao canil. Aqui não há luzes, portanto, quando Benji acorda e olha pela janela, só se apercebe do que está a ver depois de passarem.

– Para – murmura.

– O quê? – pergunta Katia.

– PARA! – grita Benji.

Chocada, ela trava com força. O irmão já está a abrir a porta e a correr na escuridão.

Toda a gente fala sobre isso. Ao longo da vida, uma pessoa é informada exatamente sobre aquilo que acontece: uma rapariga é atacada quando faz *jogging*, espancada e arrastada para um beco numa viagem de férias, drogada num bar e presa por homens desconhecidos num bairro de lata de uma grande cidade. Uma pessoa é avisada, repetidamente, todas as raparigas são avisadas: «Isto pode acontecer! É assim que acontece!»

O problema é que ninguém as avisa de que pode ser assim: com alguém que elas conhecem. Em quem confiam. Com quem se riram. No quarto deste rapaz, por baixo dos *posters* de jogadores de hóquei, com a casa cheia dos colegas de ambos. Kevin beija-lhe o pescoço, afasta a mão dela. Maya lembrar-se-á de como ele lhe tocou, como se o corpo não fosse dela. Como se fosse algo que ele conquistara, como se a cabeça dela e o resto fossem coisas separadas, independentes uma da outra. Ninguém lhe fará perguntas sobre isso. Só lhe perguntarão se ofereceu resistência. Se foi suficientemente «clara».

– Não estejas a armar-te em difícil... Vieste cá para cima comigo, não foi? – ri-se ele.

Maya tenta afastar-lhe a mão, mas Kevin é muitíssimo mais forte do que ela. Tenta rodar debaixo dele e sair da cama, mas ele prendeu-a com os joelhos à volta da cintura.

– Para com isso, Kevin, eu não quer... – A respiração dele ecoa-lhe no ouvido.

– Eu tenho cuidado, prometo. Pensei que gostavas de mim.

– E gosto... Mas eu nunca... Para, por favor!

Tenta tão desesperadamente afastar a mão de Kevin que lhe deixa dois arranhões fundos na pele. Lembrar-se-á de ver gotículas de sangue brotarem dos arranhões, devagar, muito devagar, e de como ele parece nem sequer ter reparado. Está a segurá-la com o seu peso, nem sequer tem de se esforçar muito, e o seu tom de voz muda de imediato.

– Vá lá, deixa-te de merdas! Não te armes em difícil! Posso ir lá abaixo e escolher a rapariga que eu quiser para foder!

Com um último esforço, Maya consegue soltar uma mão e esbofeteia-o com toda a sua força.

– Então vai! Faz isso! E LARGA-ME!

Só que ele não a larga. Os seus olhos escurecem. É como se ele, o rapaz com quem ela passou a noite a brincar, já lá não estivesse. Quando tenta afastar-lhe a mão, ele fecha a outra com força sobre a garganta dela, como um torno, e quando tenta gritar, os dedos dele estão a tapar-lhe os lábios. A falta de oxigénio faz com que perca várias vezes a consciência por breves instantes, e no meio de tudo lembrar-se-á de detalhes peculiares sobre os quais ninguém lhe faz perguntas: um botão a saltar-lhe da blusa quando Kevin a rasga, e ouvi-lo bater no chão e ressaltar, algures no quarto. Lembrar-se-á de pensar: «Como é que vou encontrar o botão depois?»

Vão fazer-lhe perguntas sobre o álcool e a marijuana, mas não sobre o terror sem fim que nunca a abandonará. Sobre o quarto, com o gira-discos e os *posters*, do qual nunca conseguirá verdadeiramente escapar. Um botão da blusa algures no chão e uma sensação de pânico que viverá para sempre dentro dela. Soluça em silêncio por baixo do corpo dele e grita em silêncio atrás da mão que lhe tapa a boca.

Para o violador, uma violação dura meros minutos. Para a vítima, nunca acaba.

É sábado à noite e tudo mudou. Mas Ana ainda não sabe. Tudo o que sabe é que as raparigas mais velhas na cozinha se riem cruelmente dela quando pergunta por Maya.

– A putazinha? Foi com o Kevin lá para cima. Não te preocupes, querida, ele deita-a fora quando estiver despachado. Ninguém na equipa fica muito tempo com essas ordinárias de terceira categoria!

Os risos delas abrem buracos nos pulmões de Ana, que sente a garganta apertada. É verdade que podia ter ido à procura da melhor amiga; fica ali parada com o telemóvel na mão vários minutos, sem fazer a chamada. Mas a raiva leva a melhor. Há poucas desilusões que se comparem com aquilo que sentimos da primeira vez que a nossa melhor amiga nos troca por um rapaz, e não há caminhada mais silenciosa do que regressar a casa sozinha de uma festa aos quinze anos.

Ana e Maya encontraram-se em crianças, quando salvaram a vida uma da outra: Ana tirou Maya de um buraco no gelo e, em troca, Maya salvou Ana da solidão. Eram o oposto em muitos aspetos, mas ambas gostavam de dançar mal, de cantar alto e de acelerar em motas de neve. E isso já é muito. Melhores amigas. Amigas primeiro, namorados em terceiro. E de todas as promessas que fizeram uma à outra, a mais importante era nunca se abandonarem.

As raparigas na cozinha ainda estão a rir-se de Ana. Comentam qualquer coisa sobre as roupas e o corpo dela, mas Ana já não lhes está a dar atenção; não é nada que não tenha ouvido muitas vezes nos corredores da escola e em comentários *online*. Lyt dobra a esquina, a cambalear, olha para ela e Ana murmura:

– Vai à merda.

Podem ir todos à merda, todos eles, até ao último.

À porta de casa, para uma última vez e pensa em ligar a Maya. Talvez devesse ir procurá-la. Mas recusa-se a implorar e a mendigar atenção. Mesmo numa cidade que está coberta de neve três quartos do ano, o frio é insuportável para quem está à sombra de alguém mais popular. Ana silencia o telemóvel e guarda-o na mala. A

humanidade tem muitos defeitos, mas nenhum é mais forte do que o orgulho.

Vê Amat e segura-lhe no ombro. Ele está tão bêbado que não conseguiria ler as letras maiores num quadro de oftalmologista. Ana suspira.

– Se vires a Maya, diz-lhe que não estive para esperar que ela decidisse se gosta ou não gosta de amendoins.

Amat olha para ela e gagueja, confuso:

– Onde... Que... Mas... Quem?

Ana revira os olhos.

– A Maya. Diz-lhe que eu me fui embora.

– Onde... onde é que ela está?

A pergunta deixa-lhe o cérebro mais concentrado, a voz mais sóbria. Ana quase tem pena dele.

– Oh, Amat, não percebes? Experimenta ir espreitar ao quarto do Kevin!

Amat desfaz-se em mil pedacinhos invisíveis, mas Ana não tem vontade de ficar; não quer estar ali dentro quando ela própria se desfizer. Bate com a porta da rua ao sair e o ar frio da noite acaricia-lhe as faces. A sua respiração torna-se imediatamente mais fácil; o seu coração acalma-se. Cresceu ao ar livre, e estar fechada atrás de janelas sempre foi como estar aprisionada. Relações sociais, tentar fazer amigos, ser aceite, sempre com fome, sempre a lixar as arestas e a ficar cada vez mais pequena – tudo isso a faz sentir-se claustrofóbica. Segue pelo caminho através da floresta, na escuridão, e sente-se muito mais segura aí do que numa casa cheia de pessoas. A natureza nunca lhe fez mal nenhum.

Por detrás de uma porta fechada no primeiro andar da casa da família Erdahl fica o único segredo que Maya alguma vez escondeu da sua melhor amiga: que, mesmo até ao último momento, quando já não conseguia respirar debaixo de Kevin, continuou a dizer a si própria a mesma coisa: «Não é preciso ter medo. A Ana vai encontrar-me. A Ana não me abandonará.»

Amat nunca conseguirá explicar as suas razões. Ciúmes, talvez. Orgulho, provavelmente. Um complexo de inferioridade, é possível que sim. Paixão, sem dúvida. Há dois rapazes sentados de guarda às escadas, e quando lhe dizem que não pode subir ele grita-lhes, surpreendendo-se a si próprio tanto como a eles:

– E em que linha é que VOCÊS jogam?

Durante todos aqueles anos nos iniciados e na equipa de juvenis, as pessoas sempre lhe disseram que os seus pés eram superiores, mas não foi isso que o trouxe até aqui. Foi a forma como vê as coisas. Os seus olhos sempre foram mais rápidos do que os das outras pessoas, consegue ver mais do que ninguém, recordar cada detalhe de cada ataque. A posição dos defesas, os movimentos do guarda-redes, a mais ínfima deslocação pelo canto do olho quando um colega de equipa apoia o *stick* no gelo.

Intimidados, os rapazes mais velhos afastam-se para o deixar passar. A escada tem três lanços. No patamar, lá em cima, há fotografias de toda a família Erdahl e, ao lado destas, fotografias de Kevin sozinho. Fotografias dele por todo o lado. Com o equipamento de hóquei aos cinco anos. Aos seis. Aos sete. O mesmo sorriso todos os anos. A mesma expressão no olhar.

Mais tarde, perguntarão a Amat exatamente o que é que ouviu. Exatamente onde estava. Ele nunca conseguirá precisar se aquilo que o fez reagir foi um «não!» ou um «para!» ou apenas um grito desesperado e abafado por detrás da palma de uma mão. Talvez nenhuma destas coisas. Talvez tenha aberto a porta por puro instinto. Perguntar-lhe-ão se estava bêbado. Lançar-lhe-ão olhares acusadores e dirão: «Mas não é verdade que está, há muitos anos, apaixonado pela jovem em questão?» A única coisa que Amat conseguirá responder é que a sua maneira de ver é superior. Mais rápida até do que os seus pés.

Roda a maçaneta da porta e fica parado à porta do quarto de Kevin, e vê a violência e as roupas rasgadas. As lágrimas e as marcas vermelhas deixadas pelos dedos do rapaz no pescoço da rapariga. Um corpo a tomar o outro contra a sua vontade. Vê tudo, e posteriormente sonhará com os detalhes mais estranhos: exatamente que *posters* de que jogadores da NHL estavam nas

paredes. Amat lembrar-se-á disso pela mais simples das razões: tem os mesmos *posters* na parede por cima da sua própria cama.

Kevin perde a concentração por dois segundos quando Amat irrompe pelo quarto adentro. É tempo mais do que suficiente para Maya. Não se lembrará disso como uma reação, mas sim como um combate até à morte. Um instinto de sobrevivência. Consegue dar uma joelhada em Kevin, com força suficiente para abrir uma pequena folga na qual pode empurrar o corpo dele de cima do dela. Atinge-o no pescoço com todas as forças que lhe restam e foge. Não sabe como sai do quarto, por quem passa pelo caminho, se esmurra ou pontapeia os rapazes que estão de guarda às escadas. Talvez todas as outras pessoas na festa estejam demasiado embriagadas para repararem nela, talvez se limitem a fingir que não a viram. Dirige-se à porta aos tropeções e corre.

Março já vai a meio, mas a neve ainda lhe envolve os pés enquanto caminha à beira da estrada, na escuridão. As suas lágrimas são quentes quando lhe deixam os olhos, mas já congelaram quando lhe caem do queixo. «Nesta cidade não se vive, sobrevive-se», como a mãe dela costuma dizer. Nunca tal afirmação foi mais verdadeira do que esta noite.

Maya aperta mais o casaco à volta do corpo. Nunca saberá como é que conseguiu trazê-lo consigo – tem a blusa em farrapos, a pele do pescoço e dos pulsos já coberta de nódoas negras em forma de dedos. Ouve a voz de Amat atrás de si, mas não abranda. O rapaz dá mais alguns passos cambaleantes sobre a neve antes de cair de joelhos. Está bêbado e chama-a, destroçado. Por fim, ela para, vira-se de punhos cerrados e olha para ele, as lágrimas agora tanto do frio como de fúria.

- O que aconteceu? – murmura Amat.
- O que raio é que achas que aconteceu? – riposta ela.
- Temos de... tens de...
- De quê? O que é que eu tenho de fazer, Amat? Que merda achas que eu tenho de fazer?
- Falar com alguém... a polícia... alguém. Tens de...

– Não adiantará de nada, Amat. Não adiantará, diga eu o que disser. Ninguém acreditará em mim.

– Porquê?

Maya passa a luva pelos olhos, deixando-a manchada com *eyeliner*. Amat está agora a chorar. Têm quinze anos e todo o seu mundo se desmoronou numa noite. Um carro passa por eles e os faróis refletem-se nos olhos de Maya. Depois de o veículo passar, algo se apaga dentro dela e nos seus olhos.

– Porque esta é uma cidade de hóquei – murmura.

Amat fica ajoelhado na neve, enquanto ela desaparece ao fundo da estrada. A última coisa que vê antes de a noite a engolir é a sua silhueta contra o cartaz que anuncia «Bem-vindo a Björnstad».

Em breve, Maya deixará de o ser.

Ana empurra a porta de casa, que se abre sem um som nas dobradiças bem oleadas. O pai está a dormir; a mãe já não vive lá. Atravessa a cozinha em direção à arrecadação. Os cães de caça recebem-na com narizes frios e corações quentes. Faz aquilo que fez mais de mil vezes na infância, quando a casa tresandava a álcool e os pais gritavam um com o outro: dorme com os animais. Porque os animais nunca lhe fizeram mal nenhum.

Para quem nunca viveu num lugar onde a escuridão e o frio são a regra e tudo o resto é a exceção, é difícil compreender que é possível encontrar alguém que morreu congelado com um casaco aberto, ou mesmo sem qualquer roupa. Porém, quando o frio é muito intenso, os vasos sanguíneos contraem-se e o coração faz todos os possíveis para impedir que o sangue chegue às partes congeladas do corpo e regresse depois ao coração demasiado frio. Mais ou menos como uma equipa de hóquei que sofreu um penálti e está a jogar em inferioridade numérica: estabelecem-se prioridades na utilização dos recursos, joga-se à defesa, defende-se o coração, os pulmões e o cérebro. O que acontece quando a defesa finalmente cai por terra, quando o frio é demasiado, é que a tática se

desfaz: o guarda-redes comete uma estupidez, os defesas deixam de comunicar uns com os outros e as partes do corpo que tinham sido isoladas da circulação subitamente reativam-se. E então, quando o sangue quente volta a circular pelos pés e mãos gelados, a pessoa sente uma vaga intensa de calor. Por julgar que está demasiado quente, começa a despir-se. Entretanto, o sangue gelado regressa ao coração e é o fim. De dois em dois anos, mais ou menos, alguém em Björnstad regressa a casa bêbado a seguir a uma festa e corta caminho pelo gelo, ou perde-se na floresta, ou senta-se a descansar um bocadinho, e é encontrado sem vida na manhã seguinte num banco de neve.

Quando Maya era pequena, costumava pensar em como era estranho que a mãe e o pai, os pais mais superprotetores do universo, tivessem decidido instalar-se ali, de todos os locais possíveis. Num sítio onde até a própria natureza tentava assassinar-lhes a filha todos os dias. À medida que crescia, percebeu que as admoestações de «não vás para o gelo sozinha» e «não vás para a floresta sozinha» eram quase todas concebidas para incentivar os desportos de equipa. Afinal, todas as crianças de Björnstad crescem sob o aviso constante de que a ameaça de morte está sempre presente se andarem sozinhas.

Tenta ligar a Ana, mas esta não atende. Não consegue enfrentar a perspetiva de ir pela estrada principal e atravessar o centro da cidade, por isso, enrola-se melhor no casaco e vira para a estrada estreita que atravessa a floresta.

Quando o carro passa por ela, na escuridão, e trava abruptamente cinquenta metros mais à frente, o pânico atinge-a com toda a força. A adrenalina no seu corpo reage instantaneamente, convencendo-a de que alguém vai correr para ela, agarrá-la e obrigá-la a passar por tudo aquilo outra vez.

Uma das muitas coisas roubadas a esta rapariga, nessa noite, é o lugar onde ela nunca precisava de ter medo. Todos temos um lugar desses, até nos ser roubado. E nunca mais o recuperamos. Daqui para a frente, Maya terá medo em todo o lado.

Benji vê-a pela janela do carro, com olhos agora mais despertos. Ninguém anda daquela maneira, à noite, por vontade própria. Percebe que ela está a coxear e obriga Katia a parar, saindo para a escuridão antes de o carro se imobilizar completamente. Maya está escondida atrás de uma árvore. Ninguém consegue fazer isso por mais de um minuto com temperaturas negativas – o frio obriga a pessoa a mexer-se para manter a circulação, quer queira, quer não. Benji caça nestas florestas com as irmãs desde que tinha tamanho para pegar numa espingarda, portanto, vê-a. E Maya sabe que ele a viu. Katia chama-o do carro, mas, para surpresa de Maya, Benji responde:

– Não é nada, mana. Desculpa, vi... Pensei que tinha visto... Oh, se calhar fumei de mais.

Maya olha então diretamente para ele; Benji não está a mais de dez metros. As lágrimas dela congelam tão depressa como as dele. Mas o rapaz limita-se a acenar secamente com a cabeça, dá meia-volta e desaparece.

Conhece demasiado bem a sensação de ter de se esconder, para querer expor outra pessoa que está a tentar fazer o mesmo.

Enquanto as luzes vermelhas do carro se afastam, Maya fica onde está, com a testa encostada ao tronco da árvore, a soluçar histericamente sem emitir qualquer som, e sem lágrimas.

Há mil maneiras de morrer em Björnstad. Especialmente por dentro.

Peter e Kira acordam felizes. Risonhos. É isso que recordarão sobre este dia, e odiar-se-ão a si próprios por tal. Os piores eventos da vida têm esse efeito sobre uma família: recordaremos sempre, de forma mais nítida do que tudo o resto, o último momento feliz antes de tudo se desmoronar. O segundo antes do embate, o gelado na estação de serviço antes do acidente, o último mergulho das férias antes de voltarmos para casa e ouvirmos o diagnóstico. As nossas memórias forçam-nos sempre a regressar a esses bons momentos, noite após noite, despertando as questões: «Poderia ter feito alguma coisa de forma diferente? Porque é que fiquei tão contente? Se soubesse o que ia acontecer, poderia tê-lo impedido?»

Toda a gente tem mil desejos antes de uma tragédia, mas apenas um depois. Quando uma criança nasce, os pais sonham que ela será tão única quanto possível, até ela adoecer, e nessa altura tudo o que querem é que ela seja normal. Durante vários anos após a morte de Isak, Kira e Peter sentiam uma culpa terrível e dilacerante sempre que se riam. Por vezes, a vergonha ainda os apanha desprevenidos quando estão felizes, e faz com que questionem se será uma traição a esse filho o facto de não se terem desfeito por completo depois de ele os deixar. Um dos muitos efeitos terríveis do sofrimento é que interpretamos a sua ausência como egocentrismo. É impossível explicar o que é preciso fazer para prosseguir com a vida depois de um funeral, como colar novamente os cacos de uma família, como viver com as arestas cortantes. Então, o que acabamos por pedir? Pedimos um dia bom. Um único dia bom. Algumas horas de amnésia.

Assim, hoje, na manhã seguinte ao jogo de hóquei, Peter e Kira acordam felizes. Risonhos. Ele assobia enquanto anda pela cozinha e, quando ela sai do duche, beijam-se como os adultos se beijam quando se esquecem de que são pais. Leo, de doze anos, foge da mesa, repugnado. A mãe e o pai riem-se, com as bocas ainda encostadas.

Um único dia bom.

Maya ouve-os do quarto, onde está deitada debaixo das mantas, como dentro de um casulo. Os pais ainda nem se aperceberam de que ela está em casa; pensam que dormiu em casa de Ana. Quando abrirem a porta e ficarem surpreendidos, explicará que não se sentia bem; vestiu dois pijamas, um por cima do outro, para garantir que estará quente quando lhe tocarem na testa. Não pode contar a verdade aos pais. Não tem coragem de lhes fazer uma coisa dessas; sabe que eles não sobreviveriam. Não está a agir como alguém que foi vítima de um crime, mas sim como alguém que cometeu um crime: a única coisa que consegue pensar é que nunca ninguém pode saber, que tem de se livrar de todas as provas. Assim, quando o pai sai para levar Leo ao treino e a mãe vai ao supermercado, Maya sai da cama e lava as roupas que vestiu na véspera, para que ninguém veja as manchas. Põe a blusa rasgada num saco de plástico e dirige-se à porta. Mas aí imobiliza-se, e fica parada no limiar, a tremer de terror, incapaz de sair e caminhar até ao caixote do lixo.

Mil desejos ontem, apenas um hoje.

As três irmãs de Benji sempre comunicaram de formas diferentes. A mais nova, Gaby, fala, e a do meio, Katia, ouve. A irmã mais velha, Adri, grita. Quem tem três irmãos mais novos quando o pai se enfia na floresta com uma espingarda na mão cresce mais depressa do que devia e pode tornar-se mais dura do que gostaria de ser.

Adri não deixa Benji ficar a dormir para curar a ressaca, e obriga-o a levantar-se e a ajudá-la com os cães a manhã toda. Quando essa tarefa está despachada, arrasta-o para o pequeno anexo onde montou um ginásio e manda-o a levantar pesos até vomitar. Benji não se queixa. Nunca se queixa. Adri conseguia levantar mais peso do que ele até há cerca de dois anos, mas assim que o irmão a ultrapassou, foi com uma velocidade estonteante. Adri já o viu dar conta de três homens feitos no Celeiro depois de eles dizerem qualquer coisa inapropriada a Katia. As irmãs falam muitas vezes nisso quando ele não está: naquilo que veem nos olhos do irmão

mais novo quando ele fica realmente furioso. A mãe sempre disse que não sabe o que teria sido do rapaz se não tivesse encontrado o hóquei, mas as irmãs sabem bem de mais o que teria acontecido. Já viram homens assim, no Celeiro e no ginásio e em muitos outros sítios.

O hóquei deu a Benji um contexto, uma estrutura, regras. Mas, acima de tudo, recompensou os melhores lados dele: o seu coração sem fundo e a sua lealdade inabalável. Proporcionou-lhe um objetivo onde concentrar a energia, canalizando-a para algo construtivo. Quando era pequeno, Benji dormia com o *stick* ao seu lado, e Adri tem quase a certeza de que, às vezes, ainda o faz.

Quando o irmão larga o haltere e se levanta do banco para vomitar pela terceira vez, ela dá-lhe uma garrafa de água e senta-se num banquinho ao seu lado.

– Então, o que é que se passa?

– Estou ressecado, só isso – geme Benji.

O telemóvel dele toca. Passou o dia a tocar, mas o rapaz recusa-se a atendê-lo.

– Não. Não estou a falar do teu estômago, meu idiota; o que é que se passa aqui? – Adri suspira e aponta para a cabeça do irmão.

Benji limpa a boca com as costas da mão e bebe pequenos goles de água.

– Oh... é só uma cena. Com o Kev.

– Discutiram?

– Mais ou menos.

– E então?

– Uma merda.

O telefone continua a tocar. Adri encolhe os ombros e deita-se no banco. Benji fica ao lado dela, a dar-lhe apoio enquanto ela levanta o haltere. Sempre desejou que a irmã pudesse ter jogado hóquei mais tempo; seria capaz de liquidar toda a equipa de juniores. Ela jogou na equipa feminina em Hed durante alguns anos, quando era mais nova, até que a mãe se cansou da viagem de ida e volta para a ir levar aos treinos várias vezes por semana. Em Björnstad não havia equipa feminina, nunca houve. Por vezes, Benji pergunta a si próprio até onde a irmã poderia ter chegado. Ela compreende o jogo

– grita com ele pelos mesmos erros táticos que fazem com que David grite com ele. E Adri adora hóquei. Tal como o irmão. Quando acaba o exercício, dá-lhe uma palmadinha no rosto e comenta:

– Vocês, os rapazes do hóquei, são como os cães. Só precisam de uma oportunidade para fazer alguma parvoíce. E, para fazer alguma coisa boa, precisam de uma razão.

– E então? – murmura Benji.

Adri sorri e aponta para o telemóvel do irmão.

– Então, deixa de estar armado em velha, irmãozinho, e vai falar com o Kevin. Porque se eu tiver de ouvir esse telefone tocar mais uma vez, deixo-te cair o haltere em cima da cara.

Amat liga para Maya dez vezes. Cem vezes. Ela não atende. Amat ainda consegue ver todos os detalhes; pensa nisso com tamanha concentração que começa a convencer-se de que talvez tenha imaginado tudo. Um mal-entendido. Céus, como seria maravilhoso se tudo aquilo que pensou ter visto não tivesse acontecido. Afinal de contas, estava bêbado. Cheio de ciúmes. Marca o número de Maya, uma e outra vez, mas não deixa uma mensagem de voz. Não lhe manda nenhum SMS. Vai correr na floresta até vomitar outra vez, até estar demasiado cansado para pensar; corre o dia todo para poder cair para o lado de exaustão nessa noite.

Kevin está no jardim. Todos os jogadores de hóquei estão habituados a jogar mesmo com dores. Há sempre uma pequena lesão em algum lado: um ligamento dorido na virilha, uma entorse, um dedo fraturado. Não passa uma semana na equipa de juniores sem que alguém diga que mal pode esperar para ter idade para jogar sem a grelha na frente do capacete. «Tirem-me o carrinho de compras», imploram. Apesar de todos terem visto jogadores da equipa principal que foram atingidos na cara com *sticks* e discos, não têm medo, pelo contrário, é algo que desejam. Quando eram pequenos, todos viram um jogador levantar-se depois de um jogo com vinte pontos no lábio. Mas quando lhe perguntaram se doía, ele

limitou-se a sorrir e a responder: «Tenho de admitir que arde um bocadinho quando masco tabaco.»

É domingo à tarde e a casa da família Erdahl, vazia e silenciosa, foi limpa e arrumada na perfeição. Kevin está de pé no jardim, a disparar disco após disco após disco. Já nos infantis ele sabia que tinha de jogar com dores. Até aprendeu a gostar. Bolhas de sangue pisado, fraturas, cortes, traumatismos: nunca afetaram o seu jogo. Mas isto é diferente. Agora, dois arranhões fundos nas costas da mão fazem com que os discos voem por cima da rede.

A porta da frente está destrancada. Benji atravessa a casa e repara que, além de uma marca na porta da cave, a casa está como sempre esteve. Como se ninguém lá vivesse. Para à porta do terraço e vê Kevin espalhar discos pelos canteiros dos vizinhos como se estivesse a jogar vendado. Os olhos de Kevin estão injetados de sangue e furiosos quando se cruzam com os dele.

– Aí estás tu! Já te liguei umas mil vezes!

– E agora estou aqui – responde Benji.

– Tens de me atender quando te ligo – rosna Kevin.

Benji responde devagar, e as suas sobrancelhas franzem-se de forma ameaçadora.

– Deves estar a confundir-me com o Lyt ou com o Bobo. Não sou teu escravo. Atendo quando me apetecer.

Kevin aponta para ele com o *stick*, a tremer de raiva.

– Já acabaste com as drogas? Vamos jogar a final para a semana e toda a gente está a agir como se lá chegar fosse mais do que suficiente. Temos de reunir a equipa e de os fazer compreender aquilo que eu exijo deles para esta semana! Portanto tens de estar disponível! Não admito que, quando a equipa mais precisa de ti, desapareças numa nuvem de fumo!

Benji não sabe se Kevin está a usar a expressão «nuvem de fumo» como uma piada, ou se é demasiado estúpido para se aperceber do segundo sentido. É sempre difícil ter a certeza, com Kevin. É simultaneamente a pessoa mais inteligente e mais estúpida que Benji conhece.

– Sabes muito bem porque é que eu saí da festa.

Kevin solta uma fungadela desdenhosa.

– Sim... Porque és um santinho, não é?

Benji fita-o sem desviar os olhos. Quando Kevin, por fim, baixa a cabeça, pergunta-lhe:

– O que aconteceu a noite passada, Kev?

Kevin solta uma risada seca e levanta os braços.

– Nada. Estava toda a gente bêbada. Sabes como é.

– O que é que aconteceu à tua mão?

– Nada!

– Vi a Maya na floresta. Não me pareceu que fosse nada.

Kevin gira sobre si próprio como se fosse bater em Benji com o *stick*. Tem os lábios a tremer, os olhos a arder.

– Ah, AGORA já queres saber? Que te interessa, de qualquer maneira? Nem sequer cá estavas! Preferiste ir para Hed e apanhar uma moca do que ficar aqui com os teus melhores amigos! Com a tua EQUIPA!

Benji observa atentamente como os olhos de Kevin não se fixam nos dele. Kevin vira-se de novo e dispara um disco tão por cima da rede que devia ser reclassificado como arma de caça. Depois, murmura:

– Eu precisei de ti, ontem.

Como Benji não responde, o que o deixa sempre de cabeça perdida, berra:

– Não estavas AQUI, Benji! NUNCA estás aqui quando eu preciso! O Lyt vomitou a cozinha toda e alguém bateu na porta da cave e deixou uma marca enorme! Fazes ideia do que vai acontecer quando o meu pai chegar a casa e vir aquilo? Fazes alguma ideia, ou fumaste tanto que não consegues...

– Estou-me a cagar para o teu pai. Quero saber o que aconteceu ontem à noite – interrompe Benji.

Kevin dá cinco passos rápidos e bate com o *stick* na trave da baliza, partindo-o em dois pedaços que voam como mísseis, um deles falhando o rosto de Benji por centímetros. Este nem sequer pestaneja.

– A SÉRIO? ESTÁS A CAGAR-TE PARA O MEU PAI? Seu filho da mãe ingrato... quem é que achas que pagou os teus patins e *sticks* e equipamento nos últimos dez anos? Nessa altura não te

estavas a cagar para ele, pois não? Achas que a tua mãe podia pagar isso tudo? Céus, o meu pai é que tem razão em relação a ti! SEMPRE teve razão! És um vírus, Benji, um parasita de merda. Não consegues viver sem um anfitrião!

Benji dá dois passos em frente, apenas dois. O seu rosto permanece inexpressivo.

– O que aconteceu ontem à noite, Kev?

– O que é que queres? Parece que estou a ser interrogado pela polícia! Qual é o teu problema?

– Não sejas cobarde, Kev.

– Queres vir-me com sermões sobre cobardia? Queres falar de COBARDIA? Por amor de Deus, tu é que és um... um...

Benji move-se tão depressa que Kevin diz as últimas palavras a centímetros da cara dele. Fitam-se nos olhos. Os de Benji estão bem abertos.

– Um quê? O que é que eu sou, Kev? Diz-me.

Kevin sente a pele a latejar, tem os olhos a arder, o pescoço vermelho e negro de um dos lados, como se tivesse sido atingido por alguém com mãos pequenas. Recua e apanha metade do *stick* partido, que atira contra a baliza, onde bate no ferro com um eco metálico.

– Sai da minha casa, Ovich. Já chulaste a minha família mais do que o suficiente.

Não se vira para ver Benji sair. Nem quando ouve a porta da rua a bater.

Chegam a casa tarde. A casa parece estar tal como a deixaram. O filho está a fingir que dorme; não batem à porta do quarto dele. O pai de Kevin encontra duas folhas de papel em cima do balcão da cozinha, nas quais o filho lhe deixou um relato meticuloso de todas as estatísticas de cada parte do jogo. Minutos jogados, remates, assistências, golos, superioridade e inferioridade numérica, posse, penáltis, erros. O pai passa alguns minutos sentado à luz de um candeeiro e sorri de uma forma que não deixa mais ninguém ver.

Com orgulho. Um homem com menos controlo dos seus impulsos teria subido as escadas e beijado o filho adormecido na testa.

A mãe repara em coisas que passam despercebidas ao pai. Vê as fotografias que a empregada de limpeza trocou e pendurou no sítio errado. A mesa ligeiramente de lado na sala de estar. Um pedacinho de plástico protetor entalado no canto do sofá. Mas, acima de tudo, vê a marca na porta da cave.

Enquanto o marido está sentado na cozinha, ela respira fundo e bate com a mala de viagem na porta com todas as suas forças. Ele aparece a correr e ela pede desculpa, diz que tropeçou e que a mala lhe escapou da mão. Ele ajuda-a a levantar-se, abraça-a e murmura:

– Não fiques tão aflita, é só a porta da cave. É só uma pequena marca, querida.

Depois mostra-lhe as folhas de papel e diz:

– Eles ganharam!

Ela ri-se com o rosto escondido na camisa dele.

Quando o alarme contra ladrões dispara na escola, bem cedo na segunda-feira de manhã, a companhia de seguros não liga para a polícia porque eles demorariam horas a lá chegar. Em vez disso, ligam para uma das professoras. Não uma professora qualquer; ligam para a professora cujo irmão mais novo trabalha na empresa de segurança, para que o irmão não tenha de se dar ao trabalho de ir buscar as chaves dele. Jeanette sai do carro no parque de estacionamento deserto, levanta a gola do casaco e pestaneja, ensonada.

– Às vezes és tão preguiçoso que começo a pensar que os teus filhos devem ser adotados.

O irmão ri-se.

– Vá lá, deixa-te de lamúrias, tu é que estás sempre a dizer que eu nunca te ligo!

Ela revira os olhos, tira-lhe a lanterna da mão e abre a porta lateral da escola.

– Provavelmente foi a neve que caiu outra vez do telhado para cima dos sensores nas traseiras.

Entram no corredor sem acender as luzes, porque se alguém tiver entrado, as luzes ter-se-ão acendido automaticamente nessa secção. Mas que idiota tentaria arrombar uma escola a uma segunda-feira de manhã?

Benji é despertado por uma luz forte, apesar de as lâmpadas no teto já estarem acesas. Doem-lhe as costas. Tem a boca a saber a álcool barato e a amendoins, o que o incomoda porque não tem qualquer memória de ter comido amendoins. Pestaneja, ensonado, levanta a mão e tenta ver quem é que lhe está a apontar uma luz para os olhos.

– Não acredito nisto – suspira a professora.

Benji senta-se com esforço em cima das duas secretárias da sala de aula onde estava a dormir. Levanta os braços no ar como o mágico mais exausto do mundo.

– O diretor avisou-me de que tinha de começar a chegar mais cedo, por isso... *ta-da!* Já agora... que horas são?

Apalpa os bolsos. Não encontra o relógio. As suas memórias fragmentadas da noite anterior sugerem que se calhar o trocou por bebida. Em retrospectiva, também não tem mais do que uma vaga ideia de qual foi o raciocínio que o levou a concluir a sua pequena odisseia de experimentação de várias substâncias com um assalto à escola, mas tem a certeza de que lhe terá parecido uma excelente ideia na altura.

A professora deixa-o sem uma palavra e Benji vê-a a falar com um segurança no corredor. O guarda escreverá no seu relatório que foi falso alarme, uma vez que os irmãos fazem o que as irmãs mais velhas lhes pedem, seja qual for a sua idade. A professora volta a entrar na sala de aula e abre duas janelas para arejar o espaço. Cheira o casaco de Benji e faz uma careta.

– Por favor, diz-me que não trouxeste drogas para a escola.

Benji tenta abanar o dedo num gesto de censura.

– Nunca, NUNCA me passaria tal coisa pela cabeça! Drogas na escola é uma cena má. Guardo as drogas todas dentro de mim. Quer dançar?

Cai de cima da secretária com uma risada e aterra de costas no chão. A professora agacha-se ao lado dele e fita-o com ar sério até ele se silenciar. Depois, diz:

– Se eu informar o diretor do que aconteceu, ele terá de te suspender. Talvez até de te expulsar da escola. E se queres saber, Benjamin, às vezes penso que é essa a tua intenção. É como se estivesses a tentar provar ao mundo inteiro que és tão destrutivo que não há nada que não consigas arruinar na tua vida.

Benji não responde. Ela dá-lhe o casaco.

– Vou desligar o alarme e abrir-te o ginásio para poderes tomar um duche. Para ser franca, cheiras tão mal que se calhar mais valia chamar o serviço de desinfestação. Tens alguma muda de roupa no cacifo?

Benji tenta sorrir quando ela o ajuda a levantar-se.

– Para estar apresentável quando o diretor chegar?

Ela suspira.

– Não vou fazer queixa de ti. Terás de arruinar a tua vida sozinho, sem a minha ajuda.

Ele fita-a nos olhos e agradece com um aceno. Depois, a sua voz torna-se subitamente adulta, o seu olhar o de um homem e não o de um rapaz.

– Desculpe ter-lhe chamado «docinho». Foi uma falta de respeito. Não voltará a acontecer. Nem da minha parte, nem da parte de ninguém da equipa.

Esfrega o pescoço e Jeanette quase se arrepende de ter contado a verdade a Adri quando a encontrou no bar em Hed e ela lhe perguntou como andava o irmão a portar-se na escola. Mas sabe que ele está a ser sincero quando lhe garante que mais nenhum rapaz da equipa lhe chamará isso outra vez, e pergunta a si própria como é que ele conquistou essa autoridade sobre os outros, ao ponto de uma palavra de Benji bastar para qualquer jogador de hóquei na escola inteira começar a fazer ou parar de fazer alguma coisa. Quase que faz com que ela própria tenha saudades dos seus tempos de jogadora. Ela e Adri são amigas de infância e jogaram juntas em Hed. Às vezes, acha que tanto ela como Adri desistiram cedo de mais, e pergunta-se o que teria acontecido se houvesse uma equipa feminina em Björnstad.

– Vai lá tomar banho – insiste, com uma palmadinha na mão de Benji.

– Sim, menina Jeanette – acede ele com um sorriso, os olhos outra vez os de um rapaz.

– Também não gosto lá muito de ser tratada por «menina» – resmunga ela.

– Como gostaria de ser tratada, então?

– Por Jeanette. Jeanette chega perfeitamente.

Vai buscar uma toalha para ele ao saco de desporto que tem sempre no carro e Benji segue-a até ao ginásio. Depois de ela desligar o alarme e lhe abrir a porta, ele para à entrada e diz:

– É boa professora, Jeanette. Foi apenas azar, apanhar-nos na sua aula quando estávamos no nosso auge.

Nesse momento, ela compreende por que razão a equipa segue a liderança de Benji. É pelo mesmo motivo pelo qual as raparigas se

apaixonam por ele. Quando Benji fita uma pessoa nos olhos e diz algo, por pior que se tenha portado antes, toda a gente acredita nele.

O pai de Kevin faz o nó da gravata, ajeita os botões de punho e pega na pasta. Pensa em dizer adeus ao filho da porta, como de costume, mas muda de ideias e sai para o terraço. Pousa a pasta e pega num *stick*. Lado a lado, disparam os discos para a baliza, à vez. Há uns dez anos que não faziam isso.

– Aposto que não consegues acertar no poste – desafia o pai.

Kevin ergue as sobrancelhas, como se fosse uma piada. Quando vê que não é, puxa o disco para trás alguns centímetros, flete gentilmente os pulsos e lança-o a voar contra o poste metálico. O pai bate com o *stick* no chão em sinal de aprovação.

– Sorte?

– Os bons jogadores merecem a sua sorte – responde Kevin.

Aprendeu isso quando era pequeno. O pai nunca lhe facilitou a vitória em nada, nem sequer num jogo de pingue-pongue na garagem.

– Viste as estatísticas do jogo? – pergunta o rapaz em tom esperançoso.

O pai acena que sim e olha para o relógio. Dirige-se à pasta.

– Espero que não penses que a final é uma desculpa para não dares cem por cento nas aulas esta semana.

Kevin abana a cabeça. O pai quase lhe toca na face. Quase lhe pergunta pelas marcas vermelhas no pescoço. Em vez disso, pigarreja e diz:

– As pessoas nesta cidade vão tentar cair-te em cima mais do que nunca, Kevin, por isso tens de te lembrar que os vírus causam doenças. Tens de ser imune a eles. E a final não tem a ver apenas com hóquei. Tem a ver com o tipo de homem que queres ser. Um homem que sai para o mundo e agarra aquilo que merece, ou um homem que se encosta a um canto à espera de que alguém lhe dê as coisas.

O pai afasta-se sem esperar por resposta e o filho fica ali, com os arranhões na mão e o coração a bater-lhe na garganta.

A mãe está à espera na cozinha. Kevin fita-a com ar inseguro. O pequeno-almoço acabado de fazer está na mesa. Cheira a pão quente.

– Eu... bom, provavelmente é uma palermice... mas tirei esta manhã de folga – diz ela.

– Para quê? – pergunta Kevin.

– Pensei que podíamos... passar algum tempo juntos. Só nós os dois. Pensei que podíamos... conversar.

Ele desvia os olhos. A mãe soa um pouco desesperada e custa-lhe manter o contacto visual.

– Tenho aulas, mãe.

Ela acena e morde o lábio inferior.

– Sim. Sim, claro. Foi uma palermice. Sou mesmo parva.

Apetece-lhe ir atrás dele e fazer-lhe um milhão de perguntas. A noite passada, encontrou os lençóis de Kevin na máquina de secar, e ele nunca lavou sequer uma meia sozinho. E também estava lá uma *t-shirt*, com manchas de sangue que não tinham saído completamente. Esta manhã, quando Kevin estava no jardim a treinar, ela entrou no quarto dele. E encontrou o botão da blusa no chão.

Quer ir atrás do filho, mas não sabe como falar com um homem quase feito através da porta da casa de banho. Arruma a pasta do trabalho, entra no carro e conduz meia hora pelo meio da floresta, antes de parar. Fica ali sentada a manhã toda, para que ninguém no trabalho lhe pergunte porque veio mais cedo. Afinal, informara-os de que ia passar a manhã com o filho.

Kira tem a mão encostada à porta do quarto de Maya, mas não volta a bater. A filha já disse que está maldisposta, e Kira não quer ser uma mãe dessas. Uma «mãe helicóptero», chata, ansiosa, antiquada. Não quer bater outra vez para perguntar se há mais algum problema. Não pode; nada faz uma rapariga de quinze anos fechar-se mais depressa do que as palavras: «Queres falar?» Não

pode limitar-se a abrir a porta e perguntar por que motivo é que ela começou de repente a lavar as suas roupas por vontade própria. Afinal de contas, Kira não é a polícia.

Assim, tem a atitude adequada para uma mãe não-helicóptero, não-chata, não-ansiosa e moderna: mete-se no carro e arranca. Ao fim de quarenta e cinco minutos, para o carro no meio da floresta. Fica ali sentada, na escuridão, e espera que a pressão no seu peito alivie.

Lyt abre a porta e arregala os olhos como se tivesse visto um bolo.

– Kevin! Olá! Ah... o que?...

Kevin acena com ar impaciente.

– Pronto?

– Para quê? Para a escola? Agora? Contigo? Queres dizer... se eu quero ir para a escola contigo?

– Estás pronto ou não?

– Onde está o Benji?

– Que se lixe o Benji – responde Kevin.

Lyt olha para ele, chocado, de boca aberta, incapaz de pensar em alguma réplica. Kevin revira os olhos com impaciência.

– Estás à espera da hóstia ou quê? Fecha a boca, porra! Vamos embora.

Lyt, atrapalhado, apressa-se a tentar calçar os sapatos nos pés certos e vestir as roupas de sair pelo menos perto das partes corretas do corpo. Kevin não diz uma palavra pelo caminho, até que o colega sorri e tira do bolso uma nota de cem coroas.

– Então, tenho de te pagar ou não?

Ri-se às gargalhadas quando Kevin pega na nota. Kevin tenta parecer descontraído e diz:

– Mas bico fechado, ouviste? Já sabes como são as mulheres.

Nada deixou Lyt tão eufórico até hoje como a oportunidade de partilhar um segredo com o seu capitão de equipa.

O telemóvel de Maya toca e ela deseja com todas as suas forças que seja Ana, mas é outra vez Amat. Esconde o aparelho debaixo da almofada como se estivesse a tentar sufocá-lo. Não sabe o que dizer a Amat, e sabe que ele estará com certeza a desejar não ter visto aquilo que viu. Se ela não atender, talvez os dois possam encontrar alguma forma de fingir que não aconteceu nada. Que foi só um mal-entendido.

Tira as pilhas de todos os alarmes de incêndio da casa e abre todas as janelas antes de pôr a blusa dentro da banheira e lhe pegar fogo. Segue-se um pacote de cereais – Maya deixa arder a parte de cima antes de o apagar e deixar sobre o balcão da cozinha. Quando a mãe, que tem o nariz de um urso-pardo esfomeado, entrar em casa e estranhar o cheiro a fumo, a explicação será que Maya fez tombar a caixa de cereais para cima do bico do fogão aceso.

Limpa cuidadosamente a banheira e só então se apercebe de que os botões da blusa derreteram e ficaram colados ao ralo, e que o tecido sintético não ficou reduzido a cinzas como ela esperava. Se Ana ali estivesse, teria dito: «Merda, Maya, se eu alguma vez quiser assassinar alguém, lembra-me de NÃO pedir a tua ajuda!» Sente falta da amiga. Céus, como sente falta dela. Fica sentada no chão da casa de banho a chorar durante alguns minutos, e quer ligar à melhor amiga, mas não pode fazer-lhe uma coisa dessas. Não pode arrastá-la para isto. Não pode obrigá-la a carregar este segredo.

Demora mais de uma hora a limpar a casa de banho e a ver-se livre dos restos da blusa queimada. Enfia tudo num saco de plástico. À porta, a tremer, olha para o caixote do lixo a dez metros. Já há luz lá fora, mas isso não faz qualquer diferença. Mesmo a meio do dia, ela tem medo da escuridão.

Ana vai a caminho da escola, sozinha. Leva o telemóvel na mão como se fosse uma arma, com o número de Maya no ecrã, o dedo no botão, mas não faz a chamada. A promessa mais importante que fizeram foi nunca se abandonarem uma à outra, não por questões de segurança, mas porque essa promessa as tornava iguais. Nunca foram iguais em nenhum outro aspeto. Maya ainda tem pai e mãe. Tem um irmão. Uma casa que não cheira a cigarros e a vodca. É inteligente, engraçada, popular. Tem notas melhores. É musical. Corajosa. Podia arranjar amigas melhores. E tem rapazes interessados nela.

Se Ana deixasse Maya sozinha na natureza selvagem, Maya morreria. Mas o que Maya não percebeu, quando deixou Ana sozinha numa festa, foi que isso era basicamente a mesma coisa.

Ana mantém o dedo no botão, mas não faz a chamada. Dentro de alguns anos, lerá um artigo de jornal antigo sobre uma pesquisa que mostrou que a parte do cérebro que regista a dor física é a mesma que regista os ciúmes. E então Ana compreenderá porque lhe doeu tanto.

Amat e Fatima estão na paragem de autocarro, como de costume, mas tirando isso está tudo diferente. Ontem, quando Fatima foi às compras, toda a gente a cumprimentou. Quando chegou à caixa registadora para pagar, o Janota, que é o dono do supermercado, veio ter com ela e tentou oferecer-lhe as compras todas. Ela não aceitou, claro, não quer saber se ele é rico ou não, e por fim o grande homem ergueu as mãos e comentou, com uma risada: «É teimosa como o inverno; já vejo a quem é que o Amat saiu!»

O carro branco do Janota aproxima-se agora pela estrada, alguns minutos antes do autocarro. Ele para e diz que foi a outra das suas lojas, ia a passar por acaso. Fatima não sabe se é isso verdade. Primeiro, recusa a oferta de boleia até ao rinke, mas muda de ideias quando vê a forma como Amat está a olhar para o

carro. Sentada no banco da frente, ao lado do Janota, Fatima olha pelo espelho retrovisor e vê como o filho está orgulhoso no banco de trás. Por ter conseguido fazer com que aquilo acontecesse.

Enquanto o rapaz treina sozinho nessa manhã, o Janota senta-se na bancada ao lado do treinador da equipa principal e do diretor-geral. Quando Fatima entra no gabinete do presidente do clube para esvaziar o caixote do lixo, o presidente levanta-se e pega no caixote para lho dar. E aperta-lhe a mão.

O corredor da escola já está cheio de pessoas quando os rapazes entram. Todos se viram para olhar para eles e Lyt nunca ficou tão feliz com a ausência de Benji. A atenção por parte das pessoas que pensam que ele é o novo melhor amigo de Kevin é estonteante. É por isso que não reage quando Kevin resmunga entre dentes que «tem de ir cagar» e entra numa das casas de banho. O seu melhor amigo saberia que Kevin nunca faz isso na escola, não se o puder evitar.

Lá dentro, às escuras, Kevin rasga a nota de cem coroas em pedacinhos, deita-os na sanita e puxa o autoclismo. Não acende a luz. Não olha para o seu rosto no espelho.

Amat encontra Zacharias junto aos cacifos. Não se veem desde o jogo, e só agora ocorre a Amat que, se calhar, devia ter ligado ao amigo. Quando vê a desilusão e a raiva nos olhos de Zacharias, percebe que devia ter feito mais do que isso.

– Olá... Desculpa, mas no sábado... aconteceu tudo tão depressa que eu...

Zacharias bate com a porta do cacifo e abana a cabeça.

– Eu percebo. Festa de equipa. Com a tua nova equipa.

– Ouve, não era isso que eu... – começa Amat, mas Zacharias não o deixa sequer desculpar-se.

– Não faz mal, Amat. Agora és uma estrela. Eu percebo.

– Vá lá, Zach, eu...

– O meu pai mandou-te os parabéns.

É isso que magoa Zacharias mais do que tudo. O pai trabalha na fábrica. Lá, toda a gente adora hóquei. Como a equipa foi fundada por operários, ainda sentem que, de certa forma, a equipa lhes pertence. Zacharias seria capaz de fazer qualquer coisa para que, no trabalho do pai, os colegas o vissem como o pai de um jogador da equipa de juniores. Afinal, o simples facto de o filho ser amigo de um deles fora suficiente para lhe colocar um grande sorriso no rosto o caminho todo.

Amat engole as palavras que lhe apetece dizer e tenta encontrar outras, mas não tem tempo; o boné de Zacharias salta-lhe da cabeça e o seu corpo embate nos cacifos. Dois alunos do último ano, cujos nomes Amat não sabe, riem-se alto.

– *Ups!* Não te vi! – troça um deles.

– Deve ser a primeira vez que alguém não te vê, hã, gordo? O que é que comeste ao pequeno-almoço? Outro miúdo gordo? – goza o outro, beliscando a barriga de Zacharias.

Este tipo de coisas acontece com frequência a Zacharias. Prolonga-se há anos, portanto o choque para todos os envolvidos é quase inimaginável quando, de súbito, ele se vira e dá uma cabeçada no peito de um dos rapazes mais velhos, com toda a sua força.

O outro cambaleia, estupefacto, como se uma saca de areia tivesse ripostado, e demora um instante a cair em si. Mas depois desfere um soco que atinge Zacharias em cheio na boca. Amat grita e atira-se para o meio deles. É óbvio que os dois alunos do último ano não são apreciadores de hóquei, porque não hesitam em atirá-lo ao chão.

– O que é que temos aqui? Um pequeno terrorista? Tu és do Covão, não és? – Amat não responde. O rapaz mais velho continua: – Não há nada a não ser terroristas e camelos no Covão. É lá que vives?

Amat continua em silêncio. Teve uma vida inteira para aprender que contestar só piora a situação. Um dos rapazes mais velhos agarra-o pela camisola, levanta-o do chão e rosna:

– Eu perguntei ONDE É QUE VIVES?

Ninguém tem oportunidade de reagir. O som quando uma cabeça atinge o cacifo é tão ensurdecedor que, ao princípio, Amat pensa que foi a sua. Bobo levanta um dos alunos do último ano do chão. Embora o rapaz seja um ano mais velho do que Bobo, é pelo menos dez quilos mais leve. Bobo esclarece, em tom ardente:

– Björnstad. Ele chama-se Amat e vive em Björnstad.

O rapaz mais velho olha de um lado para o outro, aflito, até Bobo o largar, apenas para o empurrar de novo contra o cacifo. Com o rosto encostado ao do outro rapaz, Bobo questiona-o:

– Onde é que ele vive?

– Em Björnstad! Em Björnstad! Merda... Era só a brincar, Bobo!

Bobo larga-o e os rapazes desaparecem a toda a velocidade. Bobo ajuda Amat a levantar-se e tenta estender a mão também a Zacharias, mas este ignora a ajuda. Bobo não comenta.

– Obrigado – agradece Amat.

– Agora és um de nós. E ninguém nos toca – declara Bobo com um sorriso.

Amat olha para Zacharias. O sangue escorre do nariz do amigo.

– Eu... quer dizer... nós...

– Tenho aulas. Vemo-nos ao almoço. O pessoal da equipa senta-se sempre à mesma mesa. Vem ter connosco – interrompe Bobo, e desaparece.

Amat acena enquanto ele se afasta. Quando se vira para Zacharias, este já tirou o casaco e a mala do cacifo e está a dirigir-se à saída.

– Então, Zach? Espera! Vá lá, ele AJUDOU-TE!

Zacharias para, mas não se vira. Recusa-se a deixar que Amat lhe veja as lágrimas quando diz:

– Não, ajudou-te a *ti*. Podes ir, campeão. A tua nova equipa está à tua espera.

A porta fecha-se atrás dele. Amat sente um peso na consciência e um sentimento de culpa e injustiça apodera-se dele. Se não estivesse com medo de se lesionar e perder a grande final, teria dado um soco no cacifo. Apanha o telemóvel do chão. Mas não liga a ninguém.

Benji vai a caminho da aula e está a passar pela casa de banho quando Kevin sai de um dos cubículos, e isso fá-lo perder o equilíbrio como uma cotovelada inesperada. Kevin passa rapidamente por ele, mas Benji fica pregado ao chão. Não é fácil surpreendê-lo, mas agora está de boca aberta e olhos semicerrados. Kevin evita olhar para ele, como se o amigo não existisse.

Desde que os dois rapazes se lembram, qualquer pessoa que os visse jogar dizia que eles pareciam estar sempre no mesmo comprimento de onda, uma frequência secreta à qual só eles têm acesso. Não precisam de olhar um para o outro no gelo para saber onde o outro está. Nunca nenhum deles conseguiu explicá-lo por palavras, mas, o que quer que fosse, está agora reduzido a mera estática. Kevin encosta-se à parede do corredor, protegido por Lyt, e os outros juniores rodeiam-no automaticamente. Benji nunca soube quem seria se não tivesse a equipa, mas começa a perceber que está prestes a descobrir.

Quando Kevin, Lyt, Bobo e os outros entram na sala de aula, Benji fica à porta e esforça-se por provar ao mundo que não é destrutivo o suficiente para arruinar a sua própria vida. Tenta a sério.

Quando Jeanette faz a chamada, olha pela janela. Vê Benji a acender um cigarro no pátio da escola, a subir para a bicicleta e a afastar-se. A professora hesita por um momento. Depois, assinala a presença dele na folha de ponto.

Ana aumenta a luminosidade do ecrã para o máximo, abre todas as suas aplicações e põe um vídeo a passar antes de deixar o telemóvel no cacifo. Trata-se a si própria como uma alcoólica a esvaziar todas as garrafas que tem em casa. Sabe que, antes de a manhã chegar ao fim, não conseguirá resistir sem ligar a Maya. Quer certificar-se de que a bateria acaba antes disso, impossibilitando-a de o fazer.

Nesse dia, não interessa quem se senta ao pé de quem. Todos almoçam sozinhos.

Peter está sentado num banco no balneário vazio da equipa de juniores. Um dos *posters* com uma citação inspiradora caiu para o chão; está amachucado e sujo de pegadas. Peter lê-o uma e outra vez. Lembra-se de quando Sune o colocou na parede. Peter ainda mal tinha aprendido a ler.

Era uma criança a mergulhar nas trevas quando o hóquei o encontrou. Sune puxou-o para a superfície e a equipa manteve-o à tona de água. Com uma mãe que morrera quando ele ainda estava na escola primária, e um pai sempre a pisar a delicada fronteira entre ser um bêbado alegre e um alcoólico cruel, quando Peter era pequeno e encontrava algo a que se agarrar, agarrava-se até ter os nós dos dedos brancos. Sune estivera sempre ali, nas vitórias e nas derrotas, em Björnstad e do outro lado do mundo. Quando as lesões se acumularam e a carreira de Peter chegou a um fim abrupto, depois de ter de enterrar o pai e o filho no espaço de um ano, foi Sune que lhe ligou e lhe disse que havia aqui um clube que precisava de ajuda. E Peter precisava de sentir que era capaz de manter alguma coisa viva.

Conhece bem o silêncio quando o hóquei diz a um jogador que está acabado. Sabe como surgem depressa as saudades do gelo, do balneário, dos colegas, das viagens de autocarro, das sanduíches das estações de serviço. Lembra-se de como, aos dezassete anos, olhava para os trágicos ex-jogadores na casa dos quarenta que se reuniam no ringue a vangloriar-se das suas proezas perante uma audiência cada vez mais reduzida de época para época. O trabalho de diretor-geral deu-lhe uma oportunidade de continuar a fazer parte de uma equipa, de construir algo maior, algo que lhe sobreviveria. Mas trouxe também a responsabilidade: as decisões difíceis, o ter de viver com a dor.

Pega no *poster* que caiu da parede e lê-o uma última vez: «Espera-se sempre muito daqueles a quem muito foi dado.»

Hoje, vai ter de persuadir o homem que o puxou para a superfície a demitir-se de sua livre vontade. Os patrocinadores e a direção não querem despedir Sune porque nem sequer querem ter

de lhe pagar uma indemnização. Esperam que Peter o convença a partir em silêncio, argumentando que isso será o melhor para o clube.

Sune acorda cedo na pequena casa geminada onde sempre viveu, sozinho. Raramente tem visitas, mas as poucas que tem ficam sempre surpreendidas ao ver como a casa está limpa e arrumada. Não há montes de tralha, nem jornais espalhados, nem latas de cerveja e caixas de piza, como alguns poderiam esperar de um velho que foi solteirão a vida toda. Arrumada, limpa, organizada. Nem sequer há *posters* de hóquei nas paredes ou troféus nas prateleiras. Sune nunca se agarrou muito a objetos; tem as suas plantas nas janelas e, no verão, cultivava flores no pequeno quintal das traseiras. Durante o resto do tempo, tem o hóquei.

Bebe o seu café instantâneo e lava a caneca logo a seguir. Uma vez, perguntaram-lhe qual era a característica mais importante para quem quisesse ser um treinador de hóquei bem-sucedido. A sua resposta foi: «Ser capaz de beber café muito mau.»

Todas aquelas manhãs e noites no rink, com cafeteiras chamuscadas e máquinas de café baratas, as viagens de autocarro e os cafezinhos isolados à beira da estrada, acampamentos e torneios com as refeições em refeitórios escolares... como é que alguém que tivesse uma máquina de café expresso cara em casa conseguiria aguentar tudo isso? Querem ser treinadores de hóquei? Habituem-se a não ter as coisas que as outras pessoas têm: tempo livre, vida familiar, café decente. Só os mais duros dos homens conseguem lidar com este desporto. Homens capazes de beber café péssimo, se tiver de ser.

Atravessa a cidade a pé. Cumprimenta quase todos os homens com mais de trinta; ao longo dos anos, treinou-os praticamente a todos. Os adolescentes já é outra história, porque a cada ano reconhece-os menos e menos. Já não partilha uma linguagem comum com os rapazes de Björnstad, o que o torna tão obsoleto como um aparelho de *fax*. Não compreende como querem que acredite que «as crianças são o futuro» quando cada vez mais

miúdos optam por não jogar hóquei. Como é possível que uma criança não queira jogar hóquei?

Vira para a estrada que atravessa a floresta e, quando chega à bifurcação para o canil, vê Benjamin. O rapaz apaga o cigarro, demasiado tarde para evitar que ele o veja. Sune finge não ter reparado. Quando ele era jogador, os colegas costumavam fumar nos intervalos dos jogos, e alguns bebiam cerveja de exportação, a mais forte. Os tempos mudam, mas ele não sabe se o jogo terá mudado assim tanto como alguns treinadores pensam.

Para junto à cerca e olha para os cães que correm de um lado para o outro. O rapaz de cabelo comprido fica ao lado dele, sem compreender, mas não lhe pergunta o que está a fazer ali. Sune dá-lhe uma palmadinha no ombro.

– Fizeste um jogo fantástico no sábado, Benjamin. Fantástico.

Benji olha para o chão e acena sem dizer nada. Sune não sabe se é timidez ou humildade, por isso aponta para a cerca e acrescenta:

– Sabes, quando o David começou como treinador, disse-lhe que os melhores jogadores de hóquei são como os melhores cães de caça. Nascem egoístas, caçam sempre por si próprios. Por isso, é preciso alimentá-los e treiná-los e amá-los até começarem a caçar também por nós. Pelos colegas de equipa. Só então podem tornar-se realmente bons. Os melhores.

Benji sacode a franja dos olhos.

– Está a pensar em arranjar um cão?

– Há anos que penso nisso. Mas sempre achei que não tinha tempo para ter um cachorro.

Benji enfia as mãos nos bolsos do casaco e bate com os pés para sacudir a neve dos sapatos.

– E agora?

Sune desata a rir.

– Tenho a impressão de que muito em breve terei mais tempo livre do que aquele a que estou habituado.

Benji acena e fita-o nos olhos pela primeira vez desde o início da conversa.

– Lá porque gostamos do David, isso não significa que não jogaríamos por si.

– Eu sei – responde o velho treinador, e dá-lhe outra palmadinha no ombro.

Sune não partilha o que está a pensar porque não tem a certeza se seria ou não benéfico para Benjamin. Mas ao longo de todo o tempo em que David e Sune têm discutido se um rapaz de dezassete anos estará preparado para jogar na equipa principal, a verdade é que sempre estiveram de acordo. Simplesmente, concordam em relação a rapazes diferentes. Kevin pode ter um talento natural, mas Benjamin tem tudo o resto. E Sune sempre esteve mais interessado no comprimento do fio do que no tamanho do balão.

Adri sai de casa, despenteia o irmão mais novo e aperta a mão a Sune.

– Sou o Sune – apresenta-se ele.

– Eu sei – responde Adri, e pergunta sem uma pausa: – O que acha da próxima temporada? Temos hipóteses de subir de divisão? Tem de arranjar um ou dois patinadores decentes para a equipa. Livrar-se daqueles burros nas segunda e terceira linhas.

Sune demora um segundo a perceber que ela está a falar da equipa principal e não dos juniores. Está tão habituado a que as famílias dos jogadores da equipa de juniores só queiram falar sobre eles, que é apanhado desprevenido.

– Há sempre hipóteses. Mas o disco não desliza sempre... – responde.

– Às vezes também ressalta! – termina Adri com um sorriso.

Quando Sune olha para ela, perplexo, Benji explica:

– A Adri já jogou. Em Hed. Era dura como uma rocha, levou mais porrada do que eu. – Sune ri-se, agradavelmente surpreendido. Adri aponta para a cerca.

– Então, o que podemos fazer por si?

– Gostava de comprar um cão – diz Sune.

Adri estende a mão e aperta-lhe o ombro com um sorriso no rosto severo.

– Não posso vender-lhe um cão, Sune. Mas posso dar-lhe um. Por ter construído este clube e por ter salvado a vida do meu irmão mais novo.

Benji está a respirar pelo nariz, concentrado nos cães. Os lábios de Sune estremecem. Depois de se recompor, consegue dizer:

– Então... que cachorrinho recomendariam para um velhote reformado?

– Aquele – indica Benji, apontando sem hesitação.

– Porquê?

É a vez de o rapaz dar uma palmada no ombro do treinador.

– Porque vai ser um desafio.

David está sentado, sozinho, nas bancadas do ringue. Para variar, olha para o teto e não para o gelo lá em baixo.

Tem uma enxaqueca, está sob mais pressão do que nunca e não se lembra da última vez que dormiu uma noite descansada. A namorada já nem se dá ao trabalho de tentar comunicar com ele em casa, uma vez que nunca obtém resposta. David está a viver dentro da sua própria cabeça e, aí, encontra-se no gelo vinte e quatro horas por dia. Apesar disso, ou talvez precisamente por causa disso, não consegue tirar os olhos da velha faixa suspensa sobre a sua cabeça: «Cultura. Valores. Comunidade.»

Tem uma entrevista com o jornal local hoje; foram os patrocinadores que trataram disso. David protestou, mas o presidente do clube limitou-se a sorrir e a observar: «Quer que a imprensa escreva menos sobre o clube? Diga à equipa para não jogar tão bem!» Já está a imaginar as perguntas. «O que faz do Kevin Erdahl um jogador tão bom?», quererão saber, e David responderá como sempre: «Talento e treino. Dez mil coisinhas que ele repetiu dez mil vezes.» Mas isso não é totalmente exato.

Nunca conseguirá explicá-lo a um jornalista, mas a verdade é que um treinador nunca consegue criar um jogador daqueles. Porque o que faz de Kevin o melhor é o seu desejo absoluto de vencer. Não o facto de detestar perder, mas o de não conseguir pura e simplesmente conceber sequer aceitar outra coisa que não a

vitória. Ele é implacável. Essa característica é algo que não se ensina.

Quantas horas é que os jogadores dedicam ao jogo? Que sacrifícios fez o próprio David? Todas as suas vidas até aos vinte, vinte e cinco anos, são apenas treino, treino, treino; e o que recebem em troca se acabar por se revelar que não são bons o suficiente? Nada. Não têm uma educação, não têm qualquer rede de segurança. Um jogador tão bom como Kevin talvez chegue a profissional. Talvez ganhe milhões. E os jogadores que são *quase* tão bons como ele? Acabarão na fábrica do outro lado da floresta.

David olha para a faixa. Desde que a sua equipa continue a ganhar, ele terá um emprego ali, mas... e se perderem? A quantos passos estará ele próprio da fábrica? O que sabe fazer, além do hóquei? Nada.

Estava sentado naquele mesmo sítio quando tinha vinte e dois anos, a pensar exatamente sobre as mesmas coisas. Nessa altura, Sune estava sentado ao seu lado. David perguntou-lhe o que significava a faixa para ele e Sune respondeu: «Comunidade é o facto de trabalharmos todos para o mesmo objetivo, de aceitarmos cada um o nosso papel para o alcançarmos. Valores tem a ver com o facto de confiarmos uns nos outros. De gostarmos uns dos outros.» David pensou nisso durante muito tempo antes de perguntar: «E a cultura?» Sune, mais sério, escolheu cuidadosamente as palavras e, por fim, concluiu: «Para mim, a cultura tem tanto a ver com aquilo que encorajamos, como com aquilo que permitimos.» David perguntou-lhe o que queria dizer com isso e Sune esclareceu-o: «A maior parte das pessoas não faz aquilo que lhes dizemos para fazer. Faz aquilo que as deixamos fazer.»

David fecha os olhos. Pigarreia. Depois, levanta-se e desce até ao gelo. Não volta a olhar para o teto. Esta semana, as faixas não significam nada. Só os resultados.

Peter passa pelo escritório do presidente. Está cheio de pessoas, embora ainda seja cedo. Patrocinadores entusiásticos e membros

da direção esfuziantes. Um dos membros da direção, um homem na casa dos sessenta, que fez fortuna em três firmas de construção diferentes, movimenta as ancas energicamente para ilustrar o que pensa que Björnstad fez aos seus adversários na meia-final, gritando:

– E a terceira parte inteira foi um grande ORGASMO! Chegaram aqui convencidos de que iam comer-nos! Não vão conseguir fechar as pernas durante SEMANAS!

Alguns dos homens riem-se, outros não. Se algum está a pensar alguma coisa, não o diz. Porque é só uma piada, afinal de contas, e os membros da direção são como uma equipa, é preciso aceitar o bom e o mau.

Mais tarde, Peter irá ao supermercado de que o Janota é dono. Sentar-se-á no escritório do seu velho amigo e falarão sobre jogos antigos, contando as mesmas piadas que partilham desde que se conheceram nas aulas de patinagem aos cinco anos. O Janota vai oferecer-lhe um uísque, Peter recusará, mas, antes de sair, perguntará:

– Tens algum emprego disponível no armazém?

O Janota coçará a barba com hesitação antes de indagar:

– Para quem?

– Para o Robbie.

– Tenho uma lista de espera de cem pessoas que querem um emprego no armazém. De que Robbie é que estás a falar?

Peter levantar-se-á e atravessará o escritório do Janota, até à fotografia antiga pendurada na parede: a imagem de uma equipa de hóquei de uma cidadezinha no meio da floresta que chegou a ser a segunda melhor do país. Peter apontará primeiro para si próprio na fotografia. Depois, para o Janota. E a seguir, entre um e outro, para Robbie Holts.

– «Cuidamos uns dos outros», não foi o que disseste, Janota? «Os ursos de Björnstad.»

O Janota olhará para a fotografia e baixará o queixo, envergonhado.

– Vou falar com o departamento de pessoal.

Dois homens na casa dos quarenta apertarão as mãos em frente de uma fotografia de si próprios aos vinte anos.

O balneário enche-se de jogadores sem se encher de barulho. Vestem o equipamento em silêncio. Benji não aparece. Toda a gente repara, ninguém diz nada.

Lyt faz uma tentativa pouco convicta de quebrar o silêncio, gabando-se de que uma rapariga lhe fez um broche na festa de Kevin, mas quando se recusa a contar quem foi a rapariga, toda a gente percebe que está a mentir. Toda a gente sabe que Lyt não consegue guardar um segredo. Lyt abre a boca como se fosse dizer mais alguma coisa, mas olha para Kevin com uma expressão ansiosa e volta a fechá-la. Os jogadores dirigem-se ao gelo, Lyt prende as proteções e arranca os pedaços de fita solta, atirando-os para o chão. Bobo espera até os outros terem saído quase todos do balneário e então baixa-se, apanha-os e atira-os para o lixo. Ele e Amat nunca falarão sobre isso.

Estão a meio do treino quando Kevin se consegue aproximar de Amat durante uma pausa para falar com ele sem ser ouvido por mais ninguém. Amat está apoiado no *stick*, a olhar para os patins.

– Aquilo que pensas que viste... – começa Kevin.

Não fala em tom ameaçador. Nem duro, nem autoritário. É quase um murmúrio.

– Já sabes como são as mulheres.

Amat gostava de saber o que responder. Gostava de ter a coragem necessária. Mas os seus lábios não se abrem. Kevin dá-lhe uma palmadinha nas costas.

– Vamos ser um par fantástico, tu e eu. Na equipa principal.

Patina em direção ao banco e Bengt apita. Amat segue-o, ainda de olhos postos nos patins, mas sem conseguir olhar para o gelo. Com medo de encarar o seu próprio reflexo.

O nó no estômago de Kira recusa-se a desaparecer. Repete a si própria que não se passa nada com Maya, que a filha é apenas uma adolescente normal, que é só uma fase. Repete a si própria que tem de ser uma mãe moderna. Mas não está a resultar.

Assim, quando a colega irrompe ruidosamente no escritório, Kira sente-se mais grata do que aborrecida. Embora tenha um oceano de trabalho a afogá-la, fica aliviada por ver a amiga ali aos gritos de que precisa de «ajuda para esmagar estes filhos da mãe».

– Mas este cliente não tinha concordado em fazer um acordo? – pergunta Kira, depois de passar os olhos pelo documento que a colega lhe atira para cima da secretária.

– O problema é esse. Querem que eu ceda. Como uma cobarde qualquer. E sabes o que diz o Texugo?

– Para fazeres o que o cliente di... – sugere Kira.

– PARA FAZER O QUE O CLIENTE DIZ! FOI O QUE ELE ME DISSE! Acreditas que este tipo é que é o chefe? O CHEFE! Não sei o que se passa com os homens! Têm uma densidade diferente das mulheres, ou o quê? Por que raio é que qualquer pessoa com uma pila sobe sempre até ao topo de qualquer organização?

– Está bem... mas se o teu cliente aceitar as condições, então...

– Então o meu trabalho é esse? Vai passear! O meu trabalho não é zelar pelo interesse do meu cliente?

A colega de Kira está a saltitar de fúria, os saltos dos sapatos a deixarem pequenas marcas no chão do escritório. Kira esfrega a testa.

– Bom, sim, mas talvez não quando o cliente não quer que tu...

– Os meus clientes sabem lá o que querem!

Kira olha para o documento e vê o nome da firma que representa a outra parte. E desata a rir. A colega candidatou-se a um lugar lá, em tempos, e não o conseguiu.

– Está bem, mas o facto de tu quererest vencer este caso específico... não estará relacionado com o facto de odiarest esta firma específica? – murmura Kira.

A colega agarra-lhe nos ombros por cima da secretária, com os olhos a faiscar.

– Não, eu não quero apenas vencer, Kira. Quero esmagá-los! Quero deixá-los numa crise existencial. Quero que eles saiam da sala de negociações e pensem que gostavam mesmo era de se mudar para a costa e renovar uma velha escola e abrir uma estalagem. Quero magoar aqueles filhos da mãe ao ponto de começarem a meditar e a tentarem ENCONTRAR-SE A SI PRÓPRIOS! Quando eu acabar com eles, serão vegetarianos e usarão sandálias com meias!

Kira suspira e ri-se.

– Está bem, está bem... Dá-me o resto do processo e vamos dar uma vista de olhos...

– Sandálias com MEIAS, Kira! Quero que comecem a cultivar os seus próprios tomates! Quero arruinar a confiança deles de tal maneira que deixem de ser advogados e tentem ser FELIZES e essas merdas todas! Está bem?

Kira promete ajudá-la. Fecham a porta. Vão vencer. Vencem sempre.

Peter fecha a porta atrás de si e senta-se à secretária. Olha para a carta de demissão à espera da assinatura de Sune. Se aprendeu alguma coisa sobre a natureza humana durante os seus anos no hóquei, foi que quase toda a gente considera ter muito espírito de equipa, mas que poucos compreendem o que isso realmente significa. Diz-se muitas vezes que os seres humanos são animais de matilha, e esse pensamento está de tal maneira enraizado que quase ninguém está disposto a admitir que, na verdade, muitos de nós não prestam para nada em grupo. Que não conseguimos cooperar, que somos egoístas ou, pior ainda, que somos o tipo de pessoa de quem os outros pura e simplesmente não gostam. Por isso, continuamos a repetir: «Eu tenho espírito de equipa» até nós próprios acreditarmos nisso, sem estarmos dispostos a pagar o preço.

Peter sempre esteve em várias equipas e sabe os sacrifícios exigidos para se pertencer verdadeiramente a uma. «A equipa é maior do que o indivíduo» é apenas um lugar-comum para pessoas que não compreendem o desporto; para aquelas que o compreendem, é uma verdade penosa, porque custa viver de acordo com essa máxima. Sujeitar-se a um papel que não se quer, cumprir um dever desagradável em silêncio, jogar à defesa em vez de marcar golos e ser a estrela. Quando conseguimos aceitar os piores aspetos dos colegas de equipa porque amamos o coletivo, é então que podemos dizer que temos espírito de equipa. E foi Sune que lhe ensinou isso.

Olha para o espaço nos impressos onde Sune tem de assinar, tão absorto nos seus pensamentos que dá um salto quando o telefone toca. Ao ver um número canadiano, sorri ao atender:

– Brian, o *Carniceiro*? Como estás, seu velho patife?

– Pete! – exclama o ex-colega de equipa do outro lado da linha.

Jogaram juntos na segunda liga. Brian nunca chegou à NHL como jogador e acabou por se tornar olheiro. Agora, identifica os adolescentes mais talentosos, ao serviço de uma das melhores equipas da liga. Todos os verões, quando entrega o seu relatório antes da abertura do mercado da NHL, concretiza e destrói sonhos de uma vida inteira por todo o mundo. Portanto, não está a ligar só para fazer conversa fiada com Peter.

– Como vai a família?

– Ótima, Brian! E a tua?

– Oh, sabes como é. O divórcio foi finalizado o mês passado.

– Merda, lamento muito.

– Não te preocupes, Pete. Agora tenho mais tempo para jogar golfe.

Peter ri-se, algo embaraçado. Durante alguns anos, no Canadá, Brian foi o seu melhor amigo. A mulher dele dava-se bem com Kira e os filhos de ambos costumavam brincar juntos. Ainda se falam ao telefone, mas a dada altura foram deixando de conversar sobre as suas vidas, até que ficou apenas o hóquei. Peter abre a boca para perguntar ao amigo como está, mas não tem tempo porque Brian se antecipa:

– Como é que vai o teu rapaz?

Peter respira fundo e acena com a cabeça.

– O Kevin? Fantástico, mesmo bem. Venceram a meia-final. Ele foi brilhante.

– Então, não me vou arrepender se disser à minha equipa para o incluir no recrutamento?

O coração de Peter começa a bater mais depressa.

– A sério? Estás a pensar em recrutá-lo?

– Se me prometeres que não estamos a cometer um erro. Confio em ti, Pete!

Peter nunca falou mais a sério do que quando responde:

– Posso garantir-te de que ficarias com um jogador fantástico.

– E achas que ele é... o tipo de pessoa certo?

Peter acena veementemente, porque sabe ao que Brian se refere. Recrutar um jogador em vez de outro é um investimento financeiro enorme para uma equipa da NHL. Têm de ter tudo em linha de conta. Não basta ser bom no gelo; também não querem quaisquer surpresas desagradáveis na vida privada do jogador. Peter sabe que não devia ser assim, mas hoje em dia são essas as regras do jogo. Há alguns anos, ouviu falar de um jovem com um enorme talento que não foi recrutado porque os olheiros descobriram que o pai dele era um alcoólico com cadastro. Foi o que bastou para os assustar, porque não tinham como prever o comportamento do adolescente se ficasse milionário de um dia para o outro. Portanto, Peter diz a verdade, aquela que sabe que Brian quer ouvir.

– O Kevin é o tipo de pessoa certo. Tem boas notas na escola, vem de uma família estável, foi bem educado. Não há problemas fora do gelo, podes estar descansado.

Brian murmura, satisfeito:

– Ótimo, ótimo. E tem o mesmo número que tu tinhas, não é? O 9?

– Sim.

– Pensei que tinham retirado esse número e pendurado a tua camisola no teto do rink.

Peter sorri.

– E é o que vai acontecer. Mas a camisola terá o nome do Kevin.

Brian ri-se. Desligam com promessas de voltarem a falar em breve, de que Peter irá ao Canadá com a família fazer-lhes uma visita, de que os filhos se voltarão a ver um dia. Ambos sabem que isso nunca acontecerá.

Amat está a recolher os discos e os cones depois do treino. Não porque alguém lhe tenha mandado, mas porque é algo natural para ele e porque lhe dá a possibilidade de evitar os outros. Espera que o balneário esteja vazio quando lá chega, mas encontra Bobo e Kevin. Os dois rapazes mais velhos estão a apanhar os pedaços de fita do chão e a deitá-los no caixote do lixo.

Amat para à porta e fica surpreendido ao ver como é fácil, aquilo que vem a seguir. Kevin anuncia, como se fosse a coisa mais natural do mundo:

– O Lyt tem o carro do pai. Vamos ao cinema a Hed!

Bobo dá uma palmada nas costas de Amat, bem-disposto.

– Não te disse? Agora és um de nós!

Vinte minutos depois estão sentados no carro. Amat apercebe-se de que está sentado no lugar de Benji, mas não faz perguntas. Lyt está outra vez a vangloriar-se do tal broche. Kevin pede a Bobo que «conte umas anedotas» e Bobo fica tão entusiasmado com o pedido que espirra *Coca-Cola* pelo nariz e suja o carro todo, o que deixa Lyt furioso. Riem-se como perdidos. Falam sobre a final, sobre a longa viagem de autocarro até à cidade onde o jogo terá lugar, sobre raparigas e festas, e como as coisas serão quando estiverem todos a jogar na equipa principal. Amat participa na conversa, ao princípio com alguma relutância, depois com a sensação maravilhosa de poder pertencer a algo. Porque isso é muito mais fácil.

Mesmo em Hed as pessoas reconhecem-nos e dão-lhes palmadas nas costas e os parabéns. Depois do cinema, quando Amat pensa que vão regressar a casa, Lyt sai da estrada principal logo a seguir ao sinal de Björnstad e para junto ao lago. Amat não compreende porquê, até Kevin abrir o porta-bagagens do carro. Têm cervejas, luzes, patins e *sticks* de hóquei. Colocam os gorros

de lá a assinalar as balizas. Jogam hóquei no lago nessa noite, quatro rapazes, e tudo parece natural. Como se fossem crianças. Amat fica espantado ao ver como é simples. Manter o silêncio, em troca de poder participar.

Peter atira novamente a bola de borracha contra a parede. Tenta não olhar para os impressos de cessação de contrato em cima da secretária, tenta não pensar em Sune como uma pessoa, mas apenas como um treinador. Sabe que é isso que Sune gostaria. O clube em primeiro lugar.

A direção e os patrocinadores conseguem ser uns filhos da mãe. Peter sabe disso melhor do que qualquer outra pessoa, mas na verdade querem o mesmo que ele e Sune: sucesso para o clube. E o sucesso exige-nos que olhemos para além de nós próprios. Por vezes, Peter tem de manter a boca fechada quando a direção impõe novas contratações que ele sabe serem estúpidas, e continuar com a boca fechada quando se prova que tinha razão. Por vezes, mandam-no fazer apenas contratos de sete meses com os jogadores, para que o clube não tenha de lhes pagar o salário durante o verão. Os jogadores, por sua vez, registam-se como desempregados nos restantes meses do ano e recebem o subsídio do Estado; de vez em quando, o Janota fornece certificados falsos a declarar que eles fizeram «trabalho de estágio» no seu supermercado quando, na realidade, treinaram com a equipa todo o verão. Depois, quando a época de jogos recomeça, assinam novos contratos de sete meses. Por vezes, é preciso contornar algumas questões morais para garantir a sobrevivência financeira de um clube pequeno. Peter teve de aceitar que isso faz parte do seu trabalho. Uma vez, Kira comentou que o clube tinha uma cultura desagradável de silêncio, como se encontra entre os militares ou os criminosos. Mas às vezes é isso que é preciso: uma cultura de silêncio para alimentar uma cultura de vitórias.

Peter passou mais tempo do que qualquer outro treinador a tentar reduzir a violência da Matilha nas bancadas, bem como a atmosfera ameaçadora que eles espalham pela cidade, o que fez

dele uma figura odiada no Urso Pardo; mas até ele tem por vezes dificuldade em perceber quem são os piores bandidos no Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad: os que têm tatuagens no pescoço, ou os que usam gravatas.

Pousa a bola de borracha. Tira uma caneta de uma caixa muito bem organizada na gaveta da secretária e assina na linha onde diz «Representante do clube». Quando Sune assinar por baixo, parecerá oficialmente que se demitiu por vontade própria. Mas Peter sabe aquilo que fez. Está a despedir o seu ídolo.

No escritório de David, Bengt hesita e adia tanto quanto pode antes de, por fim, pigarrear e perguntar:

– Como é que queres castigar o Benji?

David não afasta os olhos do ecrã de computador.

– Não vamos castigá-lo.

Bengt tamborila com as unhas na madeira da ombreira da porta, a frustração a acumular-se.

– Ele não apareceu no treino, menos de uma semana antes da final. Não toleravas tal coisa de mais ninguém.

David ergue os olhos para ele tão de repente que Bengt se sobressalta.

– Queres ganhar a final?

– Claro! – exclama Bengt.

– Então esquece o assunto. Porque talvez não possa garantir que ganharemos com o Benji, mas garanto-te que nunca ganharemos sem ele.

Bengt sai da sala sem mais protestos. Quando fica sozinho, David desliga o computador, suspira, pega num marcador grosso e vai buscar um disco de borracha. Nele, escreve uma palavra em letras grandes.

Depois, mete-se no carro e dirige-se ao cemitério.

Maya está deitada na cama, a alternar entre períodos de consciência e inconsciência, ao ponto de por vezes pensar que está a alucinar. Roubou alguns comprimidos de dormir da mãe do

armário da casa de banho. A noite passada, sozinha em frente ao lavatório, alinhou-os sobre a porcelana e tentou calcular quantos seriam precisos para não ter de acordar nunca mais. Agora, enquanto olha para o teto e pestaneja, é como se ainda tivesse esperança de que tudo não passou de um sonho, como se fosse olhar em volta e perceber que está de regresso à realidade: é sexta-feira e ainda não aconteceu nada. Quando cai de novo em si, é como ter de viver tudo aquilo de novo. A mão a apertar-lhe a garganta, o medo avassalador, a convicção absoluta de que ele a ia matar.

Outra vez. Outra vez. Outra vez.

Ana está a jantar com o pai naquele silêncio específico que praticam há quinze anos. A mãe odiava-o. Foi o silêncio que a fez partir. Ana podia ter ido com ela. Mas mentiu e disse que não se imaginava a viver num sítio onde não houvesse árvores, e as únicas árvores que existem onde a mãe vive agora são as que plantaram em frente aos centros comerciais como decoração. Mas claro que, na verdade, ficou porque não podia abandonar o pai, embora não saiba se o fez mais a pensar nele ou em si mesma. Nunca falaram sobre o assunto. Pelo menos ele agora bebe menos do que quando a mãe lá vivia e, em resultado disso, Ana gosta mais de ambos os pais.

Oferece-se para ir com os cães à rua. É evidente que o pai acha estranho, porque normalmente tem de insistir com ela para o fazer. Mas não diz nada. Ela também não.

Vivem na parte mais antiga dos Montes, numa das casas que já lá estava antes de os bairros caros começarem a ser construídos. Por associação geográfica, pertencem à aristocracia de Björnstad. Ana vai pelo caminho mais longo, pelo trilho de *jogging* iluminado que a câmara tanto se orgulha de ter construído para que «as mulheres do bairro possam fazer exercício em segurança». Por mera coincidência, claro que as luzes foram instaladas primeiro junto aos Montes, e não na floresta para lá do Covão. E, por outra feliz coincidência, as duas firmas que venceram o concurso público

pertenciam ambas a homens que moram em casas mesmo coladas ao trilho.

Tira as trelas aos cães por baixo dos candeeiros e deixa-os brincar. Árvores e animais – ajudam-na sempre.

Kevin chega a casa, passa pelos pais na cozinha e na sala sem ter de os fitar nos olhos. Sobe as escadas, fecha a porta do quarto e faz flexões até começar a ficar tonto. Quando a casa se silencia e a porta do quarto dos pais é fechada, veste o fato de treino e sai sorrateiramente. Corre pela floresta até já não ter energia para pensar.

Ana segue os cães que correm aos ziguezagues pelo trilho. Kevin estaca abruptamente a quinze metros dela. Ao princípio, ela quase não tem reação e pensa que ele se deve ter assustado com os cães. Mas depois nota que foi a presença dela que o fez parar. Dois dias antes, Kevin não conseguiria identificá-la numa fotografia de turma nem que ela fosse a única pessoa na foto, mas agora sabe quem ela é. E não parece nem orgulhoso nem embaraçado, que são as duas únicas expressões faciais que ela está habituada a ver nos rapazes da escola depois de terem levado uma rapariga para a cama no fim de semana.

Está assustado. Ana nunca viu um homem com um ar tão terrivelmente assustado.

Maya tenta tocar guitarra, mas os dedos tremem-lhe demasiado. Está a suar por baixo da camisola larga de capuz, mas quando os pais lhe perguntam porquê, diz que é da febre. Aperta mais o capuz à volta do pescoço, para esconder as nódoas negras. Puxa as mangas até meio das mãos para esconder as marcas escuras nos pulsos.

Ouve a campainha da porta e sabe que é tarde para ser um dos amigos de Leo. Ouve a mãe a falar lá fora, num tom ao mesmo tempo ansioso e aliviado, como só a mãe consegue fazer. Depois,

alguém bate à porta do seu quarto e Maya finge que está a dormir, até que vê quem está ali.

Ana fecha cuidadosamente a porta atrás de si. Espera até ouvir os passos de Kira afastarem-se. Está sem fôlego. Veio a correr o caminho todo desde os Montes, numa mistura de raiva e pânico. Vê as marcas no pescoço e nos pulsos de Maya, por mais que a amiga as tente esconder. Quando, por fim, fita Maya nos olhos, as lágrimas correm por todas as rugas e linhas da pele de ambas, deslizando em catadupa e pingando-lhes dos queixos. Ana murmura:

– Encontrei-o. Estava assustado. O filho da mãe estava cheio de medo. O que é que ele te fez?

É como se, para Maya, o evento não tivesse mesmo acontecido até proferir as palavras em voz alta. E, quando o faz, é como se estivesse de novo naquele quarto de rapaz, com os troféus e os *posters* de hóquei. A soluçar, procura com as mãos por cima da camisola um botão da blusa que já não existe.

Vai-se abaixo nos braços de Ana, e Ana agarra-a como se a sua vida dependesse disso, desejando de todo o coração poder trocar de lugar com a amiga.

Nunca mais encontramos amigos como aqueles que temos aos quinze anos.

Quando Ana e Maya eram pequenas – parece que foi ontem – diziam sempre que um dia, quando fossem ricas e famosas, viveriam em Nova Iorque. Maya era a que queria ser rica, Ana, a que queria ser famosa, o que surpreendia qualquer pessoa que tivesse passado algum tempo com elas. Tinham sonhos muito diferentes: Maya sonhava com um estúdio musical silencioso, Ana, com uma multidão ruidosa. Ana queria ser famosa como forma de afirmação, Maya queria ser rica para não ter de se importar com o que as pessoas pensassem. São ambas insondavelmente complexas, estas duas, e é por isso que, apesar das suas diferenças, se compreendem uma à outra.

Quando era muito pequenina, Ana queria ser jogadora profissional de hóquei. Jogou uma temporada na equipa feminina de Hed, mas era demasiado irrequieta para fazer o que os treinadores lhe mandavam e estava sempre a meter-se em lutas. Por fim, o pai prometeu ensiná-la a caçar com a espingarda se ela deixasse de o obrigar a levá-la aos treinos. Ana percebeu que ele tinha vergonha por ela ser tão diferente, e a oferta de aprender a disparar era demasiado boa para ser recusada.

Quando cresceu mais um pouco, quis ser comentadora desportiva na televisão, mas depois a escola secundária começou, e Ana aprendeu que as raparigas podiam gostar de desporto em Björnstad – mas não da mesma forma que ela. Não tanto como ela. Não ao ponto de dar sermões aos rapazes sobre regras e táticas. As adolescentes, supostamente, deviam estar interessadas nos jogadores de hóquei, não no hóquei.

Assim, baixou a cabeça e dedicou-se aos verdadeiros desportos tradicionais de Björnstad: vergonha e silêncio. Os mesmos que iam dando com a mãe em doida. Ana quase foi com a mãe quando ela partiu, mas acabou por mudar de ideias e ficar. Por Maya, pelo pai, e talvez porque gostava das árvores tanto como, às vezes, as detestava.

Pensa sempre que foi a floresta que ensinou as pessoas de Björnstad a manterem o silêncio, porque para caçar e pescar é

preciso não fazer barulho para não espantar os animais, e se essa lição for ensinada às pessoas desde a nascença, irá com certeza afetar o modo como comunicam. Por isso, Ana esteve sempre dividida entre a vontade de gritar o mais alto possível e o silêncio total.

Estão deitadas lado a lado na cama de Maya. Ana murmura:

- Tens de contar.
- A quem? – sussurra Maya.
- A toda a gente.
- Porquê?
- Porque senão ele voltará a fazer o mesmo. A outra rapariga.

Repetem os mesmos argumentos uma e outra vez, em voz baixa, debatendo-os uma com a outra e consigo próprias. Ana sabe que é uma exigência cruel para se fazer a alguém: que Maya, logo ela, tenha algum tipo de obrigação ou responsabilidade por outras pessoas, neste momento. Que Maya, logo ela, tenha o dever de se levantar e gritar na cidade mais silenciosa do mundo. De espantar os animais. Ana esconde o rosto nas mãos para que os pais de Maya não oiçam ninguém a chorar.

– A culpa é minha, Maya. Nunca te devia ter deixado na festa. Devia ter percebido. Devia ter ido à tua procura. Fui tão fraca, uma fraca de merda. A culpa é minha, a culpa...

Maya segura com gentileza o rosto da amiga entre as mãos.

– A culpa não é tua, Ana. A culpa não é nossa.
– Tens de contar – soluça Ana em desespero, mas Maya abana a cabeça.

– Consegues guardar um segredo?

Ana assente, funga e promete:

- Juro pela minha vida.
- Não chega. Jura pelo *techno*!

Ana desata a rir. Como não adorar uma pessoa que nos consegue fazer rir num momento destes?

– Juro por todas as formas de música eletrónica. Tirando aquele *techno* europeu merdoso dos anos noventa.

Maya sorri e limpa as lágrimas de Ana, fita a amiga nos olhos e murmura:

– Neste momento, o Kevin só me magoou a mim. Mas se eu falar, estarei a permitir que ele magoe também todos aqueles que amo. Não consigo lidar com isso.

Dão as mãos. Sentam-se lado a lado na cama e contam comprimidos para dormir, calculando quantos seriam precisos para pôr fim às suas vidas. Quando eram pequenas, era tudo diferente. Parece que foi ontem, porque foi.

Benji vê-o à distância, o objeto preto em cima da lápide. Está ali há algumas horas. Limpa-o da neve e lê o que lá está escrito. Uma única palavra.

Quando Kevin, Bobo, Lyt, Benji e os outros jogadores eram mais novos, David costumava dar-lhes discos antes dos jogos, com mensagens curtas nas quais queria que refletissem com particular cuidado: «mais atenção atrás» ou «usa mais os patins» ou «tem paciência». Às vezes, escrevia coisas só para os fazer rir. Podia entregar um disco com uma expressão muito séria ao jogador mais nervoso do autocarro, e depois o jogador olhava para baixo e lia: «Fecho aberto. Pila de fora.» Tinha um sentido de humor que só mostrava aos seus jogadores, e isso fazia com que eles se sentissem especiais. As piadas têm esse poder – podem, ao mesmo tempo, incluir e excluir. Conseguem criar tanto um «nós» como um «eles».

Mais do que tudo o resto, David conseguia dar aos seus jogadores a sensação de que via cada um deles. Convidou a equipa inteira para jantar e apresentou-os à namorada, mas quando o clube organizou um jogo de «pais contra filhos» para todas as equipas de jovens, David foi o único treinador que não apareceu. Em vez disso, foi buscar Kevin e Benji, um ao seu jardim e o outro ao cemitério, e levou-os a jogar hóquei no lago.

Lutava por eles, literalmente. Aos nove ou dez anos, Benji já tinha um estilo de jogo que deixava os pais dos adversários furiosos. Num jogo fora, contra a equipa de infantis de Hed, um jogador gritou que ia chamar o pai depois de Benji o placar. Benji nunca mais se lembrou disso, até que um homem corpulento apareceu no túnel dos

jogadores a seguir ao jogo, o levantou do chão pela nuca e o atirou violentamente contra a parede, aos gritos de: «Já não és tão duro agora, pois não, meu cigano de merda?» Benji não teve medo, mas ficou convencido de que o homem o ia matar naquele momento. Vários adultos assistiram ao incidente sem intervir, Benji nunca soube se por terem medo ou por acharem que ele merecia. Tudo o que se lembra é de ver o punho de David a atirar o pai do outro jogador ao chão com um único soco.

«Se vir algum homem feito pôr as mãos em cima de uma criança neste rinque, mato-o», avisou ele, dirigindo-se, não ao pai especificamente, mas a todos os adultos que tinham assistido em silêncio.

Então, inclinou-se para Benji e murmurou-lhe ao ouvido: «Sabes como é que se salva uma pessoa de Hed que esteja a afogar-se?» Benji abanou a cabeça. David sorriu e acrescentou: «Ainda bem.»

No balneário, David escreveu uma palavra num disco e enfiou-o no saco de Benji. «Orgulhoso.» Benji ainda tem esse disco. Nessa noite, na viagem de autocarro de regresso, todos os colegas de equipa estavam a fazer piadas. Os risos tornaram-se cada vez mais altos e as piadas, cada vez mais ordinárias. Benji só se lembra de uma, a que Bengt contou: «Rapazes, como é que se sentam quatro gays numa cadeira ao mesmo tempo? Viram-na ao contrário!»

Todos se riram. Benji lembra-se de olhar à socapa para David e de o ver a rir também. É igualmente fácil excluir ou incluir, é tão fácil criar um «nós» como um «eles».

Benji nunca se preocupou com a possibilidade de ser agredido ou odiado se alguém descobrisse a verdade sobre ele; é odiado por todos os jogadores das equipas adversárias desde que era criança. A única coisa que o assusta é que, um dia, haja piadas que os colegas e o treinador não contem quando ele estiver presente. A exclusividade do riso.

De pé ao lado da campa do pai, sopesa o disco na mão. David escreveu nele uma única palavra.

«Vitória.»

Benji não vai à escola na manhã seguinte, mas aparece no treino. A sua camisola é a mais suada de todas quando acabam. Porque quando já não percebe o significado de mais nada no mundo, aquela é a única coisa que ninguém lhe pode tirar: o facto de ser um vencedor. David dá-lhe duas palmadinhas no capacete sem precisar de dizer mais nada.

Lyt tem ocupado o lugar de Benji no balneário, ao lado de Kevin. Benji não recorre às palavras; limita-se a ficar de pé em frente a Lyt até ele pegar nas suas coisas e regressar com um ar infeliz e amuado ao outro banco. O rosto de Kevin permanece inexpressivo, mas os seus olhos traem-lhe os sentimentos. Nunca conseguiram mentir um ao outro.

David nunca tinha visto os seus dois melhores jogadores jogarem tão bem num treino.

Chega por fim sábado. O dia da final dos juniores. Por todo o lado, homens e mulheres acordam e envergam camisolas e cachecóis verdes. No parque de estacionamento em frente do rinque está um autocarro decorado com faixas orgulhosas, pronto para levar uma equipa até à capital, com um lugar vazio preparado para o troféu que regressará com eles.

De manhã bem cedo, três meninas da escola primária brincam numa rua no meio da cidade. Correm umas atrás das outras, e, com paus, atiram as últimas bolas de neve do longo inverno para trás e para diante. Maya está de pé junto à janela do quarto, a observá-las. Há alguns anos, ela e Ana costumavam por vezes tomar conta delas, e Ana ainda sai a correr para uma batalha de bolas de neve com as três miúdas quando se farta de ouvir Maya tocar guitarra, e riem-se tanto que acabam sentadas no chão. Maya aperta os braços à volta do corpo. Passou a noite acordada e em cada minuto de todas essas horas esteve certa de que nunca falaria a ninguém sobre o que aconteceu. É preciso ver as três meninas a brincar lá fora para mudar de ideias.

Ana está a dormir na cama dela, exausta, tão frágil, com os olhos fechados debaixo da manta grossa. Será uma história terrível para

contar sobre aquela cidade, aquele dia: o dia em que Maya finalmente decidiu dizer a verdade sobre Kevin, não por querer proteger-se a si própria, mas porque queria proteger outras pessoas. E em que já sabia, ali de pé à janela naquela manhã, o que a cidade lhe faria.

A coisa mais perigosa no gelo é ser-se atingido quando não se está à espera. Assim, uma das primeiras coisas que o hóquei nos ensina é a ter sempre a cabeça levantada. Caso contrário – *bang*.

O telefone de Peter esteve ocupado a manhã toda, com chamadas de patrocinadores, membros da direção e pais dos jogadores; toda a cidade está com os nervos à flor da pele. Daí a poucas horas, ele estará no autocarro com a equipa de juniores, a caminho do jogo, apesar de detestar viagens. Costumava ser uma parte tão natural da vida da família, o facto de ele estar fora pelo menos um terço das noites durante a temporada, e Peter tem vergonha de admitir que, às vezes, até lhe sabia bem. Depois, Isak adoeceu numa dessas noites e, desde então, nunca mais conseguiu dormir numa cama de hotel.

Leo conseguiu infiltrar-se e apanhar boleia no carro de uma pessoa conhecida. Ao princípio, Peter protestou, mas na verdade isso faz com que se sinta um pouco melhor em relação a tudo aquilo. Passarão a noite na capital os dois, uma grande aventura para um rapaz de doze anos, e o filho está ansioso e entusiasmado. Em segredo, Peter gostava de poder dizer o mesmo de Maya. Para em frente à porta do quarto dela e tem de recorrer a todo o seu autocontrolo para não bater.

Uma vez, ouviu dizer que a melhor forma de se preparar mentalmente para ser pai é passar uma semana numa tenda, durante um festival de *rock*, com um grupo de amigos gordos que fumam haxixe. Ser pai também é estar permanentemente num estado de privação de sono, com as roupas cobertas de nódoas de comida que quase nunca é nossa, com tinidos nos ouvidos, não poder passar por uma poça de água sem que um palerma risonho salte para dentro dela, não conseguir ir à casa de banho sem ter alguém aos murros na porta do outro lado, ser acordado a meio da noite por alguém que se lembrou «de uma coisa», e acordar na manhã seguinte com alguém a urinar em cima de nós.

Talvez isso seja verdade, mas não ajuda nada. Porque nada nos consegue preparar para o aumento de sensibilidade quando temos filhos. Não se trata apenas de sentir, mas de uma hipersensibilidade. Peter não sabia que era capaz de sentir tanto, ao ponto de mal suportar estar dentro do próprio corpo. Depois de Isak nascer, o mais ligeiro som tornou-se ensurdecedor, a mais leve preocupação passou a ser um terror, todos os carros pareciam andar mais depressa e não conseguia ver as notícias sem um aperto no coração. Quando Isak morreu, Peter pensou que ficaria entorpecido, mas, em vez disso, foi como se todos os seus poros se abrissem, ao ponto de até o ar o magoar. Um mero olhar triste dos filhos conseguia rasgar-lhe o peito, em especial da filha. Quando era pequeno, tudo o que queria era que a vida acelerasse, e agora tudo o que quer é que ela abrande. Quer que os relógios parem e que Maya nunca cresça.

Ama-a assim tanto porque ela faz sempre com que ele se sinta um bocadinho estúpido. Não consegue ajudá-la com os trabalhos de casa desde a escola primária, mas ela às vezes ainda lhe pede, só para ser amável. Quando era pequena, fingia adormecer no carro para ele a trazer ao colo para casa. Ele queixava-se sempre de ter de carregar com ela, e com as compras, e ainda empurrar o carrinho de Leo, mas em segredo adorava a forma como a filha se agarrava ao pescoço dele. Era assim que sabia que ela estava a fingir – quando Maya estava mesmo ferrada era como carregar um saco de areia, mas quando estava só a fingir enfiava o nariz no pescoço dele e abraçava-o como se tivesse medo de o perder. Quando ela cresceu e isso deixou de ser possível, Peter todos os dias sentia saudades desses momentos. Há um ano, Maya torcera o tornozelo numa excursão da escola e ele tivera de a levar ao colo do carro até casa outra vez. Nunca se sentiu um pai pior do que quando admitiu a si próprio de que gostaria que ela torcesse o tornozelo mais vezes.

Tem a mão na porta do quarto dela, mas não bate. O seu telemóvel continua a tocar. Está tão distraído que ainda leva a caneca de café na mão quando sai para o carro.

Kira anda pelos corredores do supermercado, a seguir a lista de compras, escrita na ordem exata em que os artigos se encontram nas prateleiras. Não é como as listas de Peter, que são totalmente aleatórias e que levam sempre a que ele faça compras como se estivesse a planear encher um abrigo nuclear para a eventualidade de um apocalipse.

Toda a gente a cumprimenta e alguns clientes fazem-lhe adeus do outro lado da loja. O Janota sai do seu gabinete vestido com uma camisola de Björnstad, com o número 9 e o nome «Erdahl» impresso nas costas. Vai a caminho do ringue, mas não consegue parar de falar e ela escuta-o pacientemente, com um olho no relógio; não quer que Peter e Leo saiam antes de ela chegar a casa.

Quando está a pôr as compras no carro, o fundo de um dos sacos rasga-se. As pessoas no parque de estacionamento debatem-se pelo direito de a ajudar a apanhar os abacates. Todos conhecem muito bem o seu marido, o diretor-geral. E, contudo, nenhuma destas pessoas o conhece realmente.

– Ele deve estar tão contente por ir ao jogo! – comenta alguém, e Kira assente com um aceno, apesar de saber que ele odeia viajar. Praticamente não passou uma noite longe de Maya e de Leo desde a noite em que Isak adormeceu pela última vez. Kira tem de viajar muito mais no seu trabalho e, durante algum tempo, teve sempre uma mala para dois dias preparada no armário do vestíbulo. Peter costumava brincar com isso: dizia ter medo de que ela tivesse também «um cofre no banco com tinta para o cabelo, passaportes falsos e uma pistola». Ela nunca lhe disse como isso a magoava. Sabe que está a ser egoísta e odeia-se a si própria por pensar assim, mas quase deseja que Leo não fosse nesta viagem com Peter. Porque com a companhia do filho, a viagem é uma coisa que ele faz como pai, não é apenas trabalho, e não compensa nenhuma das vezes que ela esteve fora. Não ajuda nada a que ela se sinta um pouco menos egoísta.

Apanha um abacate do chão e enfia-o noutro saco. Quando Isak adoeceu, a família entrou numa rotina quase militar: consultas médicas, datas de operações, horários de viagens, salas de espera, tratamentos, listas e protocolos. Depois do funeral, Peter não

conseguiu encontrar um caminho de regresso – a dor era tão grande que não conseguia sequer mexer-se. Kira continuou a levar Maya ao parque, continuou a limpar a casa e a fazer o jantar, continuou a ir ao supermercado com a sua lista. Certa vez, lera num livro que, depois de um evento profundamente traumático, como um ataque ou um rapto, a vítima amiúde só se vai abaixo muito tempo depois – na ambulância ou no carro da polícia –, quando tudo está terminado. Vários meses após a morte de Isak, Kira deu por si um dia, sentada no chão de um supermercado em Toronto, com um abacate em cada mão, incapaz de parar de chorar histericamente. Peter veio buscá-la e levou-a para casa. Durante as semanas seguintes, ele foi uma máquina: limpou, fez a comida, cuidou de Maya. É possível que tenha sido assim que sobreviveram, apercebe-se Kira: graças à capacidade de não se irem os dois abaixo ao mesmo tempo.

Sorri no carro, no caminho para casa. Põe a tocar a *playlist* «mais alto-mais alto». Vai ter um fim de semana inteiro sozinha com a filha, e que bênção que isso é. Parece ter passado a correr, o tempo desde que Maya era uma criaturinha vermelha enrolada num cobertor, quando as enfermeiras no hospital lhe disseram que estava na altura de irem para casa e Kira olhou para elas como se lhe tivessem dito que iam deixá-la sozinha com a bebé no meio do oceano Índico numa jangada do tamanho de uma casca de noz, feita de latas de cerveja. Depois, a criaturinha rabugenta tornou-se de um momento para o outro numa pessoa completa. Desenvolveu opiniões e características, o seu próprio gosto em roupas e deixou de gostar de refrigerantes. Que criança não gosta de refrigerantes? Ou de doces? Nunca conseguiu suborná-la com doces e, Deus do Céu, como é que alguém pode ser um pai ou mãe funcional com um filho que não se deixa subornar? Passou a correr, o tempo desde que Maya precisava de ajuda para arrotar. Agora toca guitarra. Céus! Algum dia este amor pela filha deixará de ser insuportável?

O sol ergueu-se acima das copas das árvores, o ar está fresco e limpo, é um bom dia. Um dia bom. Kira sai do carro precisamente quando Peter e Leo se preparam para entrar no outro. Peter beija-a, deixando-a sem ar, e ela belisca-o e deixa-o embaraçado. Ele ainda tem a caneca de café na mão e ela agarra nos sacos de compras,

abana a cabeça com ar condescendente e tem a mão estendida para pegar na caneca quando Maya sai de casa. Os pais viram-se para ela e lembrar-se-ão sempre desse momento. O último instante de felicidade e segurança.

A jovem de quinze anos fecha os olhos. Abre a boca. E conta-lhes tudo.

Quando as palavras param, há abacates pelo chão, entre os cacos de uma caneca de café. Num dos pedaços maiores, ainda se conseguem ver partes da imagem que a caneca tinha gravada. Um urso.

As palavras são coisas insignificantes. Ninguém quer magoar os outros com elas, insistem as pessoas. Toda a gente está apenas a fazer o seu trabalho. A polícia está sempre a repeti-lo: «Estou só a fazer o meu trabalho.» É por isso que ninguém pergunta o que é que o rapaz fez; assim que a rapariga começa a falar, interrompem-na com perguntas sobre o que é que ela fez. Subiu as escadas à frente ou atrás dele? Deitou-se na cama de livre vontade ou foi forçada? Foi ela que desabotoou a sua própria blusa? Beijou-o? Não? Então, retribuiu o beijo? Tinha estado a beber álcool? Fumara marijuana? Disse que não? Foi bem clara? Gritou suficientemente alto? Debateu-se com a força necessária? Porque é que não tirou logo fotografias das nódoas negras? Porque é que fugiu da festa em vez de partilhar o que acontecera com algum dos outros convidados?

Têm de recolher toda a informação, dizem, quando fazem a mesma pergunta dez vezes, de maneiras diferentes, para ver se ela altera a sua resposta. É uma acusação muito séria, recordam-lhe, como se o problema fosse a acusação. Apontam tudo aquilo que ela não devia ter feito: não devia ter esperado tanto tempo para ir à polícia. Não se devia ter visto livre das roupas que vestia. Não devia ter tomado banho. Não devia ter bebido. Não devia ter-se colocado naquela situação. Não devia ter entrado no quarto, subido as escadas, dado ideias. Se ela não existisse, nada daquilo teria acontecido: o que tinha ela a dizer sobre isso?

Ela tem quinze anos, abaixo da idade mínima de consentimento, e ele tem dezassete, mas, mesmo assim, em todas as conversas ele é «o rapaz» e ela é «a jovem».

As palavras não são coisas insignificantes.

Kira grita. Faz telefonemas. Causa problemas. É avisada de que tem de se acalmar. Toda a gente está apenas a fazer o seu trabalho. Peter senta-se com a mão em cima dos dedos de Maya atrás da

pequena mesa na sala de interrogatórios da esquadra de Hed, e não sabe se a filha o odeia por não estar a gritar também. Por não ter formação jurídica, por não saber o que há de gritar. Por não estar lá fora a tentar matar alguém, qualquer pessoa. Por ser impotente. Quando tira a mão da dela, pai e filha estão ambos gelados.

Maya vê a fúria imensa nos olhos da mãe, o vazio eterno nos olhos do pai. Vai ao hospital com a mãe. O pai segue na direção oposta, para Björnstad.

Haverá dias em que perguntam a Maya se compreendia realmente as consequências de ir à polícia e dizer a verdade. Ela responderá que sim. Às vezes, pensa que, de facto, era a única pessoa que realmente as compreendia. Muito mais tarde, passados dez anos, julgará que o maior problema foi exatamente não estar tão chocada como todos os adultos à sua volta, os quais eram mais inocentes do que ela. Maya tinha quinze anos e acesso à *internet*; já sabia que o mundo era um lugar cruel para as raparigas. Os pais nunca imaginaram que aquilo pudesse acontecer, mas Maya apenas nunca esperara que lhe acontecesse a ela.

«Como é terrível perceber isso», pensará, daí a dez anos, e então recordará os detalhes mais peculiares. Como o facto de um dos polícias ter uma aliança demasiado grande, que estava sempre a cair em cima da mesa. E o facto de ele nunca a fitar nos olhos, de manter o olhar fixo na testa dela ou na sua boca.

Lembra-se de estar ali sentada e de pensar numa aula de Física sobre os líquidos e o frio. A água expande-se quando congela; qualquer pessoa que queira construir uma casa em Björnstad tem de saber isso. No verão, a chuva infiltra-se nas rachas dos tijolos e, quando a temperatura cai abaixo de zero, a humidade congela, transforma-se em gelo, e os tijolos partem-se. Lembrar-se-á de que crescer como irmã de um irmão mais velho que já morreu foi assim: uma infância que foi uma tentativa longa e desesperada de não ser um líquido, de não procurar as fendas nos pais.

Quando uma pessoa cresce tão perto da morte, sabe que a morte pode ser muitas coisas diferentes para pessoas diferentes, mas que para um pai ou uma mãe é, mais do que tudo o resto, silêncio. Na cozinha, no corredor, ao telefone, no banco de trás do

carro, à sexta-feira à noite, à segunda-feira de manhã, embrulhado em fronhas e lençóis amarrotados, no fundo da caixa de brinquedos no sótão, no banquinho junto ao balcão da cozinha, debaixo das toalhas húmidas que já não ficam espalhadas pelo chão junto à banheira. Por todo o lado, as crianças que partem deixam silêncio atrás de si.

Maya sabe bem de mais que esse silêncio pode ser como água: se lhe permitimos que se infiltre demasiado, pode congelar e partir-nos o coração. Mesmo ali, na esquadra da polícia em Hed, ela sabe que vai sobreviver a isto. Sabe também que o pai e a mãe não o ultrapassarão. Os pais não cicatrizam.

Que fonte de vergonha terrível e desconfortável para o mundo, o facto de a vítima ser tantas vezes a que acaba por ter mais empatia pelos outros. Haverá dias em que perguntam a Maya se realmente compreendia as consequências, e ela responderá que sim; e, de todos os sentimentos que se debatem dentro de si, a culpa será o maior. Por causa da crueldade inimaginável que mostrou às pessoas que mais a amam.

Sentaram-se na esquadra. Ela contou-lhes tudo. E viu nos olhos dos pais como a história fazia ecoar dentro deles a mesma frase terrível, uma e outra vez. Aquilo que todos os pais e mães, no fundo, mais temem ter de admitir: «Não conseguimos proteger os nossos filhos.»

Há um autocarro, pintado de verde, estacionado em frente ao ringue. À sua volta já se juntou uma multidão – pais e jogadores, patrocinadores e membros da direcção. Todos se abraçam e acenam uns aos outros.

O pai de Kevin estaciona junto do autocarro. Sai do carro e aperta as mãos a algumas pessoas, troca palavras com outras. A mãe de Kevin hesita um longo momento antes de pôr o braço sobre os ombros do filho. Ele deixa-a. Ela não lhe diz que está orgulhosa, ele não admite que o sabe.

Fatima encontra-se no corredor, com ar abatido, e pergunta várias vezes a Amat se está tudo bem. Ele garante-lhe que sim. Sai do apartamento com os patins na mão. Lifa espera-o do outro lado da porta; parece já ali estar há algum tempo. Amat sorri debilmente.

– Precisas de dinheiro emprestado, ou quê? Não costumas esperar por mim.

Lifa ri-se e estende a mão fechada, e Amat bate com o punho no dele.

– Acaba com eles! – exige Lifa.

Amat acena. Faz uma pausa, pensa talvez em dizer alguma coisa, mas muda de ideias. Pergunta apenas:

– Onde está o Zach?

Lifa parece surpreendido.

– No treino.

O rosto de Amat fica vermelho de vergonha. Não precisou de muito tempo, agora que foi promovido aos juniores, para se esquecer de que a equipa de juvenis tem sempre treino a esta hora. Lifa ergue de novo o punho, depois muda de ideias e abraça com força o seu amigo de infância.

– És o primeiro do Covão a jogar nos juniores.

– O Benji é do Covão, mais ou menos... – lembra Amat, mas Lifa abana a cabeça com veemência e replica:

– O Benji vive numa casa, e não num apartamento. Não é como nós.

Amat pensa que consegue ver a casa de Benji da sua varanda, mas isso não é suficiente. Lifa chegou a Björnstad alguns anos depois de Amat. A sua família viveu primeiro em Hed, mas os apartamentos ali eram mais baratos. Jogou hóquei com Amat e Zacharias durante dois anos, até o irmão mais velho o convencer a desistir. Era um jogo de snobes; segundo o irmão dele, só os filhos dos ricos é que jogavam hóquei. «Vão odiar-te, Lifa. Odeiam-nos; não querem que um miúdo daqui seja melhor do que eles em nada.» E tinha razão. Fartavam-se de ouvir cenas parecidas no balneário e no gelo quando eram mais novos. Em Björnstad, ninguém os deixava esquecer-se de onde vinham. Amat e Zacharias aguentaram, Lifa não. Há alguns anos, os jogadores mais velhos

entraram no balneário deles com marcadores, riscaram as palavras «Hóquei no Gelo de Björnstad» dos seus fatos de treino e escreveram «Hóquei do Bairro de Lata».

Todos os rapazes sabiam quem o fizera. Ninguém disse nada. Mas Lifa nunca mais jogou. Agora, à porta do prédio de apartamentos no Covão, abraça Amat com lágrimas nos olhos e murmura:

– Ontem, vi uns miúdos pequenos, de seis ou sete anos, a brincar com *sticks* de hóquei em frente ao meu prédio. Estavam a fingir que eram os seus ídolos. Um era o Pavel Datsyuk, outro era o Sidney Crosby, outro, o Patrick Kane... e sabes o que o último gritou? Gritou: «EU SOU O AMAT!»

– Não acredito nisso – diz Amat com um sorriso, mas Lifa abana a cabeça, aperta os ombros do amigo e acrescenta:

– Acaba com eles, meu. Vence a final e chega a profissional e acaba com eles todos. Mostra-lhes que és um de nós.

– Podes dizer aos rapazes que têm uma surpresa no balneário – diz o pai de Kevin baixinho ao ouvido do filho.

– Obrigado – responde o rapaz.

Dão um aperto de mão, mas o pai pousa a outra mão no ombro do filho. É quase um abraço.

O balneário já ecoa com gritos animados quando Kevin entra, e os colegas de equipa mal conseguem conter a excitação. Bobo dá-lhe uma palmada nas costas, com o *stick* novo na mão, e berra:

– Fazes alguma ideia de quanto custam estes *sticks*? O teu pai é o MAIOR!

Kevin sabe exatamente quanto custam os *sticks*. E há um para cada jogador da equipa numa caixa no chão.

Zacharias é o último a deixar o gelo após o treino da equipa de juvenis; apanhou os discos e os cones sozinho. Consegue desviar-se no último instante e o impacto atrás de si deixa o painel de acrílico a vibrar. Olha em volta, assustado. O disco voou em direção a ele vindo do lado errado – do corredor, e não do gelo.

– Cuidado, gordo! – troça Lyt, agitando o *stick* novo.

Zacharias sabe exatamente quanto é que o equipamento custou; se há coisa de que qualquer adolescente sabe o preço é de tudo aquilo que não pode comprar.

– Vai-te foder – murmura.

– O que é que disseste? – rosna Lyt de imediato, com uma sombra a passar-lhe pelo rosto.

– Eu disse: vai-te foder.

Bobo está atrás de Lyt no corredor e murmura algo como: «É só uma piada», enquanto tenta segurar o colega, e acrescenta qualquer coisa que soa como: «Pensa na final.» Lyt contém-se, pelo menos é o que parece, e ri-se de Zacharias com ar desdenhoso.

– Belo *stick*! A tua mãe comprou-o com o subsídio da assistência social?

Zacharias levanta a cabeça em vez de a baixar.

– E a tua mamã, já esteve no balneário para te prender as proteções, pequeno Willy? Ela segura-te nos tomates com jeitinho, como tu gostas? Ela ainda compra as proteções do tamanho acima para não pensares que tens uma pila pequenina?

Lyt corre para ele com o *stick* à altura da cabeça antes de Zacharias conseguir terminar a frase e, se Bobo não se tivesse colocado de permeio, teria mandado para o hospital um jogador dois anos mais novo. Amat corre atrás deles, em pânico, e coloca-se entre os dois rapazes, falando tanto para Lyt como para Zacharias.

– Por favor... PAREM! Por favor, PAREM COM ISSO!

Lyt abre os braços para os lados para se libertar de Bobo e lança um olhar rápido e calculista na direção de Amat antes de se dirigir a Zacharias, lhe tirar o *stick* da mão e o partir contra a parede, com todas as suas forças. Atira os pedaços para o chão em frente do rapaz mais novo e rosna:

– Para a próxima, pede à assistente social que compre um de melhor qualidade. Ainda aleijas alguém com isso.

Vira-se e dirige-se ao balneário, onde é recebido pelos gritos de júbilo dos colegas, que cantam «Os ursos de Björnstad», seguido dos nomes de todos os jogadores.

Amat apanha os pedaços do *stick* partido. Zacharias não o ajuda.

– Está partido, seu idiota...

Amat perde a calma e corre para ele, aos gritos:

– Que RAIO se passa contigo, Zach? Hã? O que é que te passou pela cabeça? Porque é que tens de estar sempre a provocar toda a gente?

Zacharias olha para ele sem dizer nada. Anos de amizade esfumam-se no seu olhar.

– Boa sorte para hoje, *campeão*.

Amat afasta-se. Zacharias fica a olhar para ele. Quando Amat entra no balneário e atira os pedaços de um velho *stick* para o lixo, tem um *stick* novo à sua espera. É a primeira vez na vida que tem um *stick* que não foi comprado em segunda mão.

Bobo senta-se no autocarro, duas filas à frente de Lyt. Ouve Lyt contar a história do *stick* de Zacharias, acompanhada de piadas sobre «parasitas dos subsídios» e «filho da mãe chupista». A mãe de Zach recebe um subsídio por incapacidade. Antes disso, trabalhava no hospital, na mesma enfermaria que a mãe de Bobo. Quando Amat entra no autocarro, Bobo afasta-se para ele se sentar ao seu lado.

– Tentei detê-lo – murmura Bobo.

– Eu sei.

Ambos se lembram dos fatos de treino a dizer «Hóquei do Bairro de Lata». Foi ideia de Lyt. No entanto, foi Bobo que escreveu as palavras. Lyt vive nos Montes, Bobo vive a um minuto do Covão. Tem vontade de dizer qualquer coisa a esse respeito a Amat, mas não tem tempo de concluir o pensamento. Porque, um instante depois, alguém grita:

– O que é que a polícia está aqui a fazer?

E um carro da polícia entra no parque de estacionamento e bloqueia a saída do autocarro.

David está atrasado. Na verdade, é a primeira vez que se atrasa seja para o que for. Ontem vomitou três vezes, e até tentou persuadir a namorada a beber um copo de vinho com ele para o

ajudar a acalmar-se. E logo ele, que nunca bebe. Sempre se sentiu de fora em todas as equipas onde jogou, precisamente porque esse parecia ser um ritual que todos seguiam: beber até cair para o lado, pelo menos duas ou três vezes por ano. Era como se David fosse menos digno de confiança, aos olhos deles, porque não estava disposto a vomitar ao lado de um colega no chão de um bar de hotel qualquer.

A namorada ficou muitíssimo surpreendida. David encolheu os ombros.

– As pessoas estão sempre a dizer que é bom para acalmar os nervos.

Ela desatou a rir. Depois, desatou a chorar. Encostou a testa à dele e murmurou:

– Idiota. Eu não queria dizer nada. Mas não posso beber vinho.

– O quê?

– Não te queria dizer nada antes da final. Não queria... distrair-te. Mas... não posso beber.

– O que queres dizer com isso?

Ela riu-se, com a boca encostada à dele.

– Às vezes és burro como uma porta, sabias? Querido, estou grávida.

Assim, hoje, David está atrasado, e confuso, e feliz. Entra no caos tumultuoso no parque de estacionamento e quase é atropelado pelo carro da polícia. É, ao mesmo tempo, o dia mais feliz, mais infeliz e mais estranho da sua vida.

Se fosse um jogo em casa, talvez tivessem deixado Kevin jogar. Mas a final tem lugar numa cidade a várias horas dali, e usam palavras como «segurança» e «risco de fuga». Estão todos apenas a fazer o seu trabalho. Os polícias abrem caminho entre os pais surpreendidos e entram no autocarro. Todos os rapazes começam aos gritos quando eles pedem a Kevin para sair. Um polícia corpulento, de uniforme, pega no braço de Kevin e levanta-o do banco, e todo o autocarro irrompe numa explosão de fúria. Bobo e Lyt tentam bloquear o caminho ao polícia, e são suficientemente

grandes para serem precisos mais quatro agentes só para tirar Kevin do autocarro. Ele parece muito pequeno no meio da confusão, vulnerável, indefeso. Talvez seja por isso que todos os adultos ali presentes reagem como reagem, ou talvez haja milhares de outras razões.

O pai de Kevin agarra no polícia que segura o filho e grita com ele, e quando outro polícia o afasta, o Janota tenta agarrá-lo pelo pescoço. Um membro da direção dá um murro com todas as suas forças no *capot* do carro da polícia. Maggan Lyt tira fotografias de todos os agentes a uma distância de menos de meio metro, e promete-lhes a todos, pessoalmente, que ficarão sem emprego.

Amat e Benji são os únicos que ficam sentados, em silêncio, no seu lugar no autocarro.

As palavras são coisas complicadas.

Peter está do outro lado do parque de estacionamento, onde o alcatrão termina e começam as árvores. Odeia-se intensamente por ter vindo. O que é que pode fazer? A violência é como uísque: as crianças que crescem em casas onde ele existe em demasia, ou abusam do álcool mais tarde ou nem sequer lhe tocam. O pai de Peter era capaz de matar alguém, mas Peter não consegue lutar. Nem sequer no gelo. Nem sequer agora. Nem sequer com Kevin. Peter não é capaz de fazer mal a ninguém, mas está ali, ainda assim, porque quer muito ver outra pessoa a fazer aquilo que ele não consegue.

David é a única pessoa que repara nele. O olhar de ambos cruza-se. Peter baixa a cabeça.

O que faz de alguém um líder?

Maya submete-se a todos os exames obrigatórios no hospital. Responde a todas as perguntas. Não chora, não se queixa, não discute; é prestável, colaborativa. Kira, por outro lado, está tão fora de si que, às vezes, nem consegue estar no mesmo quarto que a filha. O seu telemóvel não para de tocar. Ativou todos os advogados da firma e a filha, deitada numa cama fria num quarto gelado, sabe que a mãe declarou guerra. A mãe precisa de pegar nas rédeas, de carregar sobre o inimigo, de agir – de outra forma, será incapaz de lidar com a situação. Assim, Maya pega no seu telemóvel e manda uma mensagem a Ana, a dizer: «Guerra, agora.» Segundos depois, a resposta chega: «Tu e eu contra o mundo!»

David viu centenas de líderes ao longo da sua carreira no hóquei. Líderes formais e líderes naturais, aqueles que gritam e aqueles que não dizem nada. Só soube que ele próprio podia ser um líder quando Sune o mandou para o gelo com um apito ao pescoço e um bando de miúdos de sete anos. «Não sou um bom treinador», considerou então David, e Sune deu-lhe uma palmadinha nas costas e retorquiu: «Os que pensam que são bons treinadores, nunca o são.»

O velho filho da mãe estava, ao mesmo tempo, certo e errado.

Depois de o carro da polícia se afastar com Kevin lá dentro, David demorou uma hora a colocar todos os jogadores de novo dentro do autocarro e a fazer com que os restantes pais compreendessem que não ganhariam nada em ficar ali aos gritos. Agora, estão na estrada há três horas e o autocarro ainda vibra com o zumbido de telemóveis, abana enquanto os jogadores correm para trás e para a frente a olhar para os ecrãs uns dos outros. Até agora, ninguém em Björnstad parece saber por que razão a polícia levou Kevin – a polícia recusa-se a fornecer qualquer informação –, pelo que a fábrica de rumores está a funcionar cada vez com mais

intensidade. Até os adultos estão envolvidos; Bengt está tão agitado que não consegue estar quieto.

David, por outro lado, está sentado no banco da frente, calado e sozinho, a olhar para uma mensagem no seu telefone. É do pai de Kevin. Acabou de descobrir qual é a acusação contra o filho. Uma das primeiras coisas que se aprende como líder, quer a posição seja escolhida ou imposta, é que a liderança tem tanto a ver com aquilo que se diz como com aquilo que não se diz.

Uma mãe está sentada ao lado de uma cama, com as mãos da filha apertadas com força nas suas, ambas a tremer. A filha encosta a testa à da mãe.

– Vamos sobreviver a isto, mamã.

– Minha querida filha, não és tu que tens de me consolar, eu é que devia estar a consolar-te a ti.

– E estás, mamã, e estás.

O telemóvel de Kira toca de novo. Maya vê que é do escritório de advogados. Acena à mãe e acaricia-lhe a face, e a mãe beija-a e murmura:

– Vou só lá fora ao corredor. Não vou deixar-te.

As mãos de ambas continuam a tremer.

Durante dez anos, David preparou os seus jogadores para este preciso momento. Fê-los sacrificar tudo, trabalhar até à exaustão, ensinou-os a aguentar a pressão de costas bem direitas, mesmo quando os seus ombros e pescoços gritavam de dor. De que adiantou tudo isso se agora não vencerem a final? Qual é o objetivo de um jogo se não quisermos ser os melhores?

A mais forte convicção de David em relação ao hóquei sempre foi que o mundo fora do rink não pode interferir com o mundo dentro do rink. Têm de ser universos separados. Lá fora, a vida real é complicada, assustadora e difícil, mas dentro do rink é simples e compreensível. Se David não tivesse mantido esses dois mundos tão cuidadosamente separados, estes rapazes, com todas as dificuldades que tiveram de enfrentar no mundo real, não teriam

aguentado tanto tempo. Mas o ringue é o seu refúgio. O único sítio onde são felizes. Ninguém lhes pode roubar isso: o facto de, ali, serem vencedores.

E isso não se aplica só aos rapazes. O próprio David sentiu-se muitas vezes estranho e deslocado, mas nunca no gelo. É o derradeiro local onde o coletivo funciona, onde a equipa tem precedência sobre o indivíduo. Então, até onde pode ir para proteger esse universo? Que parte da sua liderança é aquilo que diz, e que parte é aquilo que não diz?

A enfermeira sabe muito bem quem é Maya, mas tenta não o mostrar. O seu marido, o Javali, é um dos melhores amigos de Peter, e jogaram hóquei juntos metade da vida. Mas ainda agora, quando a enfermeira se aproximou de Peter e Kira no corredor, foi como se nem sequer a reconhecessem. Falaram com ela como se estivessem separados por um vidro fosco, mas ela não ficou ofendida. Já viu isto antes; é causado pelo trauma, e significa que eles registaram apenas a sua farda quando falaram com ela, não o seu rosto. A enfermeira está habituada a ser vista como uma função, ao ponto de pacientes e familiares se esquecerem de que ela é uma pessoa. Não a incomoda. Na verdade, quando muito, até faz com que se orgulhe mais do seu trabalho.

Quando fica sozinha no quarto com Maya, inclina-se para ela e diz:

– Eu sei que isto é desagradável. Estamos a tentar fazer tudo o mais depressa possível.

A rapariga fita-a nos olhos, acena com a cabeça e morde o interior do lábio com força. A enfermeira tem geralmente muito cuidado para manter uma distância profissional; é isso que ensina às colegas mais novas. «Vão aparecer pessoas que vocês conhecem, mas têm de as tratar como qualquer outro paciente. É uma questão de liderança», costuma dizer. Mas, agora, sente um nó na garganta que quase não deixa passar as palavras.

– Chamo-me Ann-Katrin. O meu marido é um velho amigo do teu pai.

– Sou a Maya – murmura Maya.

Ann-Katrin encosta carinhosamente a mão à face desta criança.

– Eu acho que és muito corajosa, Maya.

Peter conduz de Björnstad para Hed. Entra no hospital pronto para anunciar triunfalmente a Maya que Kevin foi detido pela polícia. Que lhe será feita justiça. Depois, entra no quarto e vê-a. Nada neste mundo é mais pequeno do que um filho numa cama de hospital. Não há justiça possível. Senta-se ao lado da filha e chora, porque não é o tipo de pessoa capaz de matar alguém. Por fim, pergunta:

– O que posso fazer, Maya? Diz-me o que posso fazer...

A filha acaricia a cara do pai, a sua barba por fazer.

– Podes amar-me.

– Sempre.

– Tanto como amas o hóquei e o David Bowie?

– Muito mais, minha joaninha, muito, muito mais.

E ela ri-se. É engraçado como é uma alcunha com uma década, «joaninha», que a consegue fazer rir. Quando Maya tinha nove anos, pediu ao pai que deixasse de lhe chamar isso, mas desde então sempre sentiu falta da alcunha carinhosa, sempre.

– Preciso de duas coisas – murmura ela.

– Deixa-me adivinhar: a Ana e a tua guitarra? – diz ele.

Maya faz que sim com a cabeça. Kira volta a entrar no quarto. As mãos da mãe e do pai tocam-se brevemente. Quando Peter está à porta, a filha chama-o:

– E tens de falar com o Leo, pai. Ele deve estar aterrorizado.

Os pais entreolham-se. Durante quantos anos sentirão uma pontada, como um ataque cardíaco, ao recordar aquele momento? A única pessoa então que não se esqueceu de Leo foi a irmã.

Ann-Katrin está sentada na sala das enfermeiras, a olhar para a parede. Tal como toda a gente, ouviu dizer que a polícia foi buscar Kevin, mas é uma das poucas pessoas que sabe por que motivo Maya está no hospital, das poucas que pode somar dois e dois.

Maya não reconheceu Ann-Katrin. Kevin, se estivesse ali, também não a reconheceria, apesar de ela ter estado sentada no público em praticamente todos os jogos em que ele jogou desde os infantis. Alguns pais nunca têm rosto, para as outras crianças.

Manda uma mensagem ao filho: «Boa sorte para hoje.» Bobo responde quase imediatamente: «O Kev? Soubeste alguma coisa?» A mãe escreve: «Não. Nada. Tenta concentrar-te no hóquei, querido!» Ele demora alguns minutos a responder: «Vamos vencer pelo Kev!» Ela engole em seco e escreve: «Amo-te.» Bobo responde como os rapazes adolescentes respondem: «OK.»

Ann-Katrin encosta-se na cadeira dura, olha para o teto da sala e pensa em todas as crianças que sofrem. Veem muito sofrimento no hospital. É por isso que tantos colegas seus estão de baixa: os enfermeiros e médicos não têm a pausa dos treinos no verão, como os jogadores de hóquei, nem finais, nem intervalos. A temporada deles nunca se interrompe, dia após dia, e isso pode quebrar até os mais duros. Até quem é de Björnstad.

E quando nem os mais duros aguentam, quem será o líder então?

David começa a levantar-se, pigarreia para chamar a atenção dos rapazes e silencia-se ao perceber que eles já começaram a sentar-se. Não por causa de David, mas de Benji. O rapaz está de pé no meio do autocarro e olha para cada um dos companheiros, até se deter em Filip, um rapaz de voz suave, um ano mais novo do que a maioria deles, que vive a três casas de Kevin, nos Montes.

– Quando éramos pequenos, Filip, e tu estavas aborrecido porque eras o mais pequeno e o pior da equipa, quando nem sequer conseguias acertar com o disco acima da risca amarela ao fundo das tábuas, o que é que o David te disse?

Filip olha para o colo, envergonhado, mas Benji segura-lhe no queixo e obriga-o a levantar a cabeça. Filip não era apenas um ano mais novo; durante muitos anos, e em termos puramente físicos, estivera também bastante atrás de jogadores como Bobo, de tal

forma que ninguém reparou em como ele era bom em tudo o resto. É o tipo de jogador que desaparece no balneário: nunca diz nada, não arranja problemas e limita-se a ir com a corrente. Nos últimos três anos, sem pretensões e sem dar nas vistas, tornou-se no melhor defesa da equipa, de longe, sem que ninguém reparasse sequer no que estava a acontecer.

– Para ignorar tudo o resto e me concentrar apenas naquilo que podia mudar – responde Filip baixinho.

Benji acena e dá-lhe uma palmadinha no ombro. Depois, vira-se para William Lyt.

– E o que é que o David te disse, Lyt, quando todos os outros aprenderam a patinar para trás primeiro do que tu, e pensavas que ele não te ia deixar continuar a jogar?

Lyt pestaneja e limpa as faces com gestos furiosos.

– Concentra-te naquilo que podes mudar.

Benji agarra nos ombros de Lyt e fita-o nos olhos enquanto cita novamente o treinador:

– Somos uma equipa. Damos força uns aos outros. Quando um homem cai, outro levanta-se.

Lyt limpa os olhos com a manga e acrescenta:

– A equipa antes do ego. O clube antes do indivíduo.

Quando mais ninguém os ouve, Benji murmura-lhe:

– Agora dependemos de ti, Lyt, tu és a nossa estrela hoje. Tens de nos liderar.

Se Benji tivesse pedido a Lyt para matar alguém naquele momento, o rapaz fá-lo-ia sem hesitação. Não há cientista social nem membro de nenhuma equipa desportiva que saiba realmente o que faz dos líderes que seguimos aquilo que eles são. Sabemos apenas que não hesitamos quando os vemos.

Benji para em frente de Bobo, o gigante que era o melhor defesa da equipa até todos os outros aprenderem a patinar melhor do que ele.

– Qual é a segunda melhor coisa do mundo, Bobo?

Bobo demora um momento a responder, com hesitação:

– Sexo?

Alguns dos outros riem-se. Benji inclina a cabeça para o rosto largo de Bobo.

– Mas primeiro vamos fazer a melhor coisa do mundo, Bobo. E sabes o que quero de ti neste momento?

Bobo levanta-se.

– Só uma coisa, não é?

– Vitória – diz Benji.

– Vitória! – grita Bobo.

– VITÓRIA! – ruge o autocarro inteiro.

David senta-se no seu lugar.

– VITÓRIA! VITÓRIA! VITÓRIA! – canta a equipa, e David apaga a mensagem do pai de Kevin. Quando Bengt se aproxima e lhe pergunta se já sabe porque é que a polícia levou Kevin, David abana a cabeça e responde:

– Não, não ouvi nada. Agora temos de nos concentrar naquilo que podemos mudar, Bengt.

Benji vai deitar-se ao fundo do autocarro e dorme o resto do caminho.

Há uma cidade na floresta que adora um desporto. Há uma rapariga sentada numa cama a tocar guitarra para a melhor amiga. Há um rapaz sentado numa esquadra da polícia a tentar não se mostrar assustado. Num corredor, num hospital, uma enfermeira passa por uma advogada a falar alto ao telefone. Nas bancadas de um rink de gelo numa capital, homens e mulheres adultos estão de pé, a gritar que são os ursos de Björnstad, lado a lado com patrocinadores e membros da direção que, dez anos antes, se riram de um diretor-geral que disse que um dia haviam de ter a melhor equipa de juniores do país. Agora, todas as pessoas ligadas ao clube estão ali, exceto esse mesmo diretor-geral. Uma equipa aguarda num balneário, todos os jogadores de *sticks* na mão, à espera que um jogo comece. Um irmão mais novo está sentado num banco com um telemóvel no colo, preparado para ver o que os amigos escreverão sobre a irmã na *internet* quando descobrirem o que aconteceu. Uma firma de advogados recebe um telefonema de um cliente rico, e noutra firma de advogados uma mãe começa uma guerra. A rapariga continua a tocar guitarra até a melhor amiga adormecer, e à porta do quarto está um pai, a pensar que ambas sobreviverão. Conseguirão lidar com aquilo. E é esse o seu medo. Tem medo de que essa atitude faça o resto do mundo continuar a pensar que está tudo bem.

Há um jogador com o número 16 nas costas que, desde que aprendeu a patinar, teve de aprender exatamente o que é preciso para vencer. Ele sabe que os jogos se vencem tanto mentalmente como no gelo, e o treinador ensinou-lhe que o hóquei é musical: todas as equipas têm um ritmo e um tempo no qual gostam de jogar. Se esse ritmo for perturbado, a música é afetada, porque até os melhores músicos do mundo odeiam quando são obrigados a tocar fora de tempo, e depois de começarem mal, é difícil parar. Um objeto em movimento quer continuar a seguir na mesma direção e, quanto maior a bola de neve fica, mais estúpido será permanecer à

frente dela. É a isso que os desportistas se referem por «ímpeto», enquanto que, nas aulas de Física, os professores falam do «princípio da inércia». David era sempre bastante mais brusco quando falava dessas máximas com Benji: «Quando as coisas correm bem a uma equipa, parece tudo muito fácil, portanto acaba por correr cada vez melhor, automaticamente. Mas se conseguirmos causar-lhes um problema, por pequeno que seja, depressa eles começam a criar cada vez mais problemas a si próprios.» Tem a ver com equilíbrio. E pode não ser preciso mais do que um ligeiro sopro de vento.

Uma equipa adversária chega a uma arena desportiva para jogar contra o Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad, mas todos os membros dessa equipa lhes chamam, desdenhosamente, o «Clube de Hóquei no Gelo do Erdahl». Já sabiam, muito antes do jogo, que estão a anos-luz desses campónios da floresta, mas acabam de descobrir que Kevin nem sequer vai jogar. E Björnstad não é nada sem ele. Uma anedota. Um animal atropelado ao lado da autoestrada. Quando chegam à arena, os jogadores oponentes estão confiantes e calmos; sabem que tudo o que têm de fazer para vencer Björnstad é jogar o seu jogo. Ter gelo na barriga. Manter o equilíbrio.

O treinador deles ainda está lá fora, mas os jogadores sentem-se encorajados pelo orgulho; querem ver os adversários, por isso entram no ringue primeiro do que ele. As luzes no corredor até aos balneários estão avariadas; alguém comenta, na brincadeira, que «os pobres campónios devem ter roubado as lâmpadas», e outro responde:

– Para quê? Nem sequer têm eletricidade em Björnstad!

Ao princípio, pensam que a forma imóvel em frente ao balneário é apenas uma sombra – os seus olhos ainda não se adaptaram à escuridão – e por isso o primeiro jogador colide com ele. O peito de Benji é betão, os seus olhos observam todos os jogadores, um a um. Se tivessem tido tempo de reagir, talvez se rissem, nervosos,

mas assim limitam-se a ficar parados em silêncio, na escuridão, a olhar em volta.

Benji não se mexe. Espera à porta. Obriga-os a aproximar-se dele para entrarem no balneário. Deviam ter esperado pelo treinador, deviam ter ido chamar um oficial do jogo, mas são demasiado orgulhosos para isso. Quando perdem a calma, é previsível; Benji já identificou os dois jogadores que se exaltarão primeiro. Um deles dá-lhe um empurrão, o outro, um soco no ombro. Benji absorve o empurrão e responde ao soco com um murro na orelha, tão rápido que o rapaz cai por terra com um gemido. Benji vira-se de novo para o primeiro e acerta-lhe duas vezes nas costelas, não com força suficiente para partir algum osso, mas apenas para ele se dobrar sobre si próprio, altura em que Benji lhe dá uma cotovelada na nuca e o faz cair sobre o amigo. Quando um terceiro jogador corre para ele, Benji desvia-se rapidamente e empurra-o pelas costas, projetando-o para dentro do balneário escuro. O quarto jogador comete o erro de agarrar na roupa de Benji com ambas as mãos; Benji dá-lhe uma cabeçada na cara e ele cai desamparado para trás.

Claro que nunca teria conseguido enfrentar a equipa inteira num espaço amplo e bem iluminado, mas num corredor apertado e escuro, onde não podem atacá-lo mais do que um ou dois de cada vez, os adversários têm de perguntar a si próprios: qual de nós vai avançar primeiro?

A resposta é: nenhum. É o que basta – esse segundo de hesitação por parte de todo o grupo. Benji sorri-lhes e afasta-se calmamente antes que alguém saiba o que dizer. Quando abre a porta do balneário da sua própria equipa, «SOMOS OS URSOS!», o som de duas dúzias de vozes excitadas ecoa no corredor e o raio de luz dura apenas o suficiente para que os adversários vejam exatamente como ficaram de repente desequilibrados.

Não contarão nada ao treinador, porque nem sabem o que lhe dizer. Que deixaram um tipo sozinho dar conta de quatro dos jogadores mais fortes enquanto os restantes assistiam de braços cruzados?

– Que merda foi aquela? – murmura alguém.

– É maluco – declara outro.

Quando acendem as luzes, tentam rir-se do sucedido. Tentam convencer-se uns aos outros de que apanharão o número 16 mais tarde, que não interessa, que são bons de mais para se deixarem afetar por uma coisa daquelas. Quando o jogo começa, é óbvio que não foram bem-sucedidos. Ritmo, tempo, equilíbrio. Sopros de vento.

Benji veste a camisola número 16. David está em frente da equipa, com as mãos atrás das costas e de olhos postos no chão. Passou a viagem toda até ali a pensar no que a liderança significa realmente para ele, e chegou a uma conclusão brilhante e clara: Sune foi o seu mentor, e o ponto mais forte de Sune sempre foi a forma como acalentava os jogadores. O seu problema foi que nunca os deixava liderar.

Os jogadores estão de respiração suspensa, mas quando David ergue os olhos para eles é com um meio sorriso.

– Querem saber a verdade, rapazes? A verdade é que ninguém acreditava que vocês conseguiriam chegar até aqui. Nem os adversários, nem a liga, nem os selecionadores nacionais, e muito menos as pessoas que estão lá fora nas bancadas. Para eles, isto era um sonho; para vocês, foi sempre um objetivo. Ninguém o fez por vocês. Portanto, este jogo, este momento... é vosso. Não deixem que ninguém vos diga o que fazer com ele.

Quer dizer muito mais, mas agora estão na final. Fez tudo o que podia. Por isso, vira-se e sai do balneário. Segundos depois, Bengt segue-o, perplexo. A equipa fica ali sentada e, por um momento, os rapazes entreolham-se, surpreendidos. Então levantam-se, um a um, e dão duas palmadinhas nos capacetes uns dos outros. De todos, é o mais calado o primeiro a erguer a voz:

– De onde é que somos? – pergunta Filip.

– BJÖRNSTAD! – respondem todos.

Lyt sobe para um banco e berra:

– PELO KEVIN!

– PELO KEVIN! – respondem todos.

Benji já está no gelo quando os companheiros saem. Sozinho, no círculo central, com o número 16 nas costas, os olhos ensombrados. Os últimos a sair dos balneários de Björnstad são o maior jogador da equipa e o mais pequeno. Bobo dá uma palmada no ombro de Amat e pergunta:

– De onde és, Amat?

Amat olha para ele com o queixo a tremer.

– Do Covão.

Bobo acena com a cabeça e levanta as luvas. Escreveu nelas «Hóquei do Bairro de Lata» com um marcador. É um gesto tosco, de um rapaz tosco.

Às vezes, esses são os gestos que valem mais.

Porque é que alguém gosta de desporto? Há uma mulher nas bancadas que gosta de desporto porque é tudo o que lhe resta em que as respostas são claras. Ela foi esquiadora a nível de elite. Sacrificou toda a adolescência em treinos para esquiar em provas de longa distância, noite após noite, com uma lanterna presa à testa e as lágrimas de frio e exaustão a deslizarem-lhe pelas faces, e todo o sofrimento e todas as perdas, e tudo aquilo que os outros miúdos da sua idade faziam nos tempos livres e em que ela nunca podia participar. Mas se lhe perguntassem agora se se arrepende de alguma coisa, responderia que não. Se lhe perguntassem o que faria se pudesse voltar atrás, garantiria sem hesitar: «Treinava mais.» Não consegue explicar porque gosta tanto de desporto, porque aprendeu que quem faz essa pergunta são as pessoas que nunca compreenderiam a resposta dela.

O seu filho Filip joga no primeiro par da defesa, mas ela sabe o que ele teve de fazer para lá chegar. As corridas na floresta à luz de duas lanternas, as horas no terraço a rematar discos, com a mãe à baliza. As lágrimas quando era o mais pequeno da equipa e se media e pesava todas as manhãs porque o médico lhe prometera que o corpo acabaria por apanhar os dos outros. As marcas de lápis na ombreira da porta que a mãe não consegue apagar. O rapazinho desolado que a mãe tinha de erguer do chão da cozinha todas as

manhãs quando ele percebia que continuava tão baixo como no dia anterior. Tão leve como antes. Mais ninguém reparou quando o rapazinho se tornou no melhor defesa da equipa, mas a mãe sim, porque esteve com ele ao longo de todo o processo.

O Janota passou o aquecimento inteiro com o telefone na mão, a tentar descobrir o que aconteceu a Kevin. Ainda nada. Desconfia que David será a primeira pessoa que o pai de Kevin contactará quando souber de alguma coisa, mas não consegue falar com o treinador.

Os patrocinadores e os membros da direcção à sua volta estão zangados com a falta de informação. Já estão a discutir quais os advogados a contactar, com que jornalistas será melhor partilhar a história, quem é que vai pagar por isto.

O Janota não está só zangado; as suas emoções atingiram já outro nível. Olha para os pais nas bancadas. Tenta somar todos os dias e noites que eles dedicaram àquela equipa. Sente ao pescoço o peso da sua própria medalha de prata, de uma outra era. Não sabe quem lhes roubou a possibilidade de vitória, mas sabe que odeia a pessoa responsável.

É Benji que pede a David e a Bengt para deixarem Lyt jogar no centro, no lugar de Kevin. Nunca haverá palavras suficientes para descrever o que isso significa para Lyt. Antes do primeiro confronto direto, Benji para em frente de Amat e pergunta:

– Então, trouxeste os teus patins rápidos?

Amat sorri e faz que sim com a cabeça. Os adversários já estão a falar alto no banco sobre como «o número 16 se vai faltar de fazer faltas». Não são idiotas; perceberam que Benji é um louco violento. Assim, quando a outra equipa está a vencer o confronto, Benji patina a toda a velocidade com o *stick* no ar em direcção ao jogador que tem o disco; e qualquer pessoa que tenha visto o número 16 no corredor escuro antes do jogo sabe, obviamente, que ele vai ignorar o disco e procurar apenas o jogador.

O adversário firma os patins e contrai o corpo para absorver o impacto. Impacto esse que não chega a acontecer.

Benji agarra no disco e lança-o por entre os patins do jogador adversário para a zona ofensiva. Lyt é placado na zona neutra e cai sobre o gelo, onde desliza como uma foca – um central a sacrificar-se para dar espaço suficiente ao terceiro jogador da linha. Têm uma única hipótese, uma hipótese ínfima neste jogo, antes de os adversários se aperceberem de como Amat é rápido.

E aproveitam-na.

O Janota grita até ficar sem voz quando Amat espera que o guarda-redes saia e coloca o disco na parte superior das redes. Pais correm pelas bancadas abaixo como se quisessem saltar por cima das tábuas. Amat contorna a baliza com os braços no ar mas não consegue ir muito longe antes de Benji, Lyt e Filip caírem em cima dele. Toda a equipa está no gelo em segundos, numa confusão de membros. O Janota agarra na mãe de um dos jogadores – nem sabe de qual – e grita:

– DE ONDE É QUE NÓS SOMOS?

Um momento antes, eram todos ateus. Nenhum deles é ateu agora.

Estão a vencer por 1-0 no final da primeira parte. David não lhes diz nada; nem sequer entra no balneário. Fica no corredor com Bengt, em completo silêncio, e escuta os jogadores baterem nos capacetes uns dos outros. Os adversários empatam 1-1, depois passam para a liderança com 2-1, mas mesmo antes do segundo intervalo, Bobo consegue uma das suas poucas fugas de sucesso e o disco encontra-o na linha azul do ataque. Tenta passar, mas o disco atinge o patim de um jogador adversário e ressalta de novo para Bobo. Se o rapaz tivesse tempo para pensar, perceberia naturalmente que era uma ideia parva, mas nunca ninguém acusou Bobo de ser rápido de raciocínio. Portanto, dispara. O guarda-redes nem sequer se mexe, e quando a rede atrás dele abana, Bobo fica parado, em estado de choque. Vê a lâmpada acender-se, e os

números no marcador mudam para 2-2. Ouve os festejos na secção das bancadas dos adeptos de Björnstad, mas o seu cérebro ainda não registou a sequência dos eventos. O primeiro a chegar junto dele no gelo é Filip.

– Vitória! – grita.

– Pelo Kevin! – berra Bobo, e atira-se contra o vidro com tanto orgulho que se esquece de levar o *stick* consigo para o centro do rink quando a partida recomeça.

Filip adora hóquei, e a sua mãe também. E não como outro pai ou mãe vagamente interessado, mas que mal conhece as regras. Ela adora o desporto por tudo aquilo que é. Duro. Honesto. Concreto. Verdadeiro. Respostas diretas, perguntas claras.

Maggan Lyt está sentada ao seu lado. Ela e a mãe de Filip conhecem-se desde que eram pequenas e agora vivem a duas casas de distância. Costumavam esquiar juntas, casaram-se no mesmo ano, tiveram os filhos com poucos meses de diferença e há mais de uma década que batem com os pés para os aquecer em bancadas como esta. Se alguém tentar dizer-lhes que os pais do hóquei são fanáticos, elas responderão para ir a um torneio de esqui de juniores e ouvir os espectadores. Ou para falar com o pai cuja filha pratica *slalom*, e que invadiu a pista e sabotou um torneio inteiro só porque achava que a pista estava montada de forma a deixar a filha em desvantagem. Ou para falar com a mãe da patinadora artística sobre a quantidade de horas que uma criança de nove anos deve treinar. Há sempre alguém pior. Se estabelecermos comparações suficientes, conseguimos fazer com que quase tudo pareça normal.

A mãe de Filip nunca grita. Nunca. Nunca critica o treinador ou entra nos balneários. Mas defenderia Maggan até ao fim do mundo se alguém criticasse o comportamento da amiga. Porque elas também são uma equipa. A mãe de Filip aprendeu que não se pode pedir aos pais que dediquem a vida ao desporto dos filhos, que ponham em risco o equilíbrio financeiro da família, e esperar que essa paixão não transborde de vez em quando.

Assim, quando Maggan grita: «És cego?» ao árbitro, a mãe de Filip não diz nada. Quando outro pai grita; «Por amor de Deus,

senhor árbitro, caiu de cabeça quando era bebé, ou quê? É a sua mulher que toma as decisões todas lá em casa?», ela não diz nada. Nem depois, quando alguém grita: «Que raio de passe à velha foi esse?», e um homem mais acima na bancada levanta os braços e berra: «Mas isto agora é basquetebol?». Nem sequer quando um dos jogadores da outra equipa prende um de Björnstad contra as tábuas, ligeiramente mais tempo do que devia sem sofrer falta, e um pai grita: «És paneleiro, ó número 22?» depois de o rapaz regressar ao banco.

Uma mãe com dois filhos pequenos mais abaixo vira-se e pergunta:

– Importa-se de ter cuidado com o que diz? Há aqui crianças!

Mas Maggan responde, com a voz a escorrer desprezo:

– Bem, queridinha, se tem assim tanto medo de que eles oiçam alguma coisa má quando saem do ninho, se calhar não devia trazê-los para um jogo de HÓQUEI!

Se alguém perguntasse à mãe de Filip porque não protesta, ela diria que é possível gostar de algo sem gostar de tudo o que esse algo implica. Não tem de se sentir embaraçada por não se sentir sempre orgulhosa. Isto aplica-se ao hóquei, mas também aos amigos.

A mãe com os dois meninos pequenos pega-lhes nas mãos, desce os degraus e vai sentar-se num lugar mais afastado. Lá em baixo, no gelo, Filip persegue um adversário de uma ponta à outra do rink e atira-se para a frente na tentativa de bloquear um passe, o que o desequilibra. Benji corre para eles.

Um dos patrocinadores, no cimo das bancadas, vira-se para o Janota, aponta para a mãe com as crianças e rosna:

– Alguém mandou vir a polícia dos bons costumes? O que é que ela está a fazer aqui?

A terceira parte começou há pouco tempo. A resposta do Janota é abafada pelo rugido das bancadas quando o número 16 rouba o disco na zona neutra, finta dois adversários com uma técnica que ninguém sabia que ele dominava e atira o disco contra o fundo das redes com tanta força que o guarda-redes nem sequer o vê passar.

Benji afasta os outros jogadores quando tentam abraçá-lo, vai buscar o disco à baliza e dirige-se à bancada onde estão os pais de Björnstad. Trava junto às tábuas, acena às duas crianças pequenas que estão fora de si de alegria e atira o disco para a mãe delas.

O patrocinador vira-se para o Janota e pergunta:

– Quem é que disse que ela era?

– É a irmã do Benji, a Gaby. E o tio daquelas crianças acabou de virar o marcador a nosso favor, 3-2 – responde o Janota.

Quando Maya era pequena, costumava enfiar-se na cama quando estava triste, e dormia até aquilo que a estava a incomodar passar. Uma vez, quando tinha dezoito meses, a mãe ia a conduzir um carro alugado no centro de Toronto, com a filha no banco de trás, quando o carro se avariou num dos cruzamentos mais movimentados da cidade. Havia autocarros a buzinar e taxistas a insultá-la, enquanto Kira praguejava ao telefone com a pobre rececionista da companhia de aluguer de viaturas. Entretanto, a menina olhou em volta calmamente, bocejou, adormeceu, e dormiu profundamente até chegarem a casa, seis horas depois.

Agora, Kira está no corredor da sua casa, à porta do quarto da filha, a vê-la dormir. Tem quinze anos, mas ainda dorme sempre que está em sofrimento. Ana está deitada ao lado dela debaixo das mantas. Talvez seja diferente para quem já teve de sepultar um filho, ou talvez todos os pais se sintam assim, mas a única coisa que Kira sempre desejou para os filhos foi saúde, segurança e um melhor amigo.

Com essas três coisas, é possível superar tudo. Ou quase tudo.

David lembrar-se-á sempre deste jogo. Falará à namorada sobre os últimos minutos durante noites inteiras, acariciando-lhe a barriga e murmurando: «Não adormeças! Ainda não cheguei à parte melhor!» Uma e outra vez, contará como Amat se atirou para o chão e bloqueou tantos remates com o capacete que o árbitro acabou por o mandar sair do gelo para ver se o equipamento ainda estava intacto. Como Lyt jogou mais minutos do que qualquer outro jogador e, nos minutos em que não esteve no gelo, foi um colosso no banco: ninguém deu mais palmadas nas costas dos colegas, ninguém soltou mais gritos de encorajamento, ninguém animou mais os companheiros exaustos. Quando Bobo, de rastos, tropeçou ao sair do gelo e caiu de cara no chão, foi Lyt que o levantou e lhe foi buscar água. Entretanto, Filip jogou como um profissional experiente, sem cometer qualquer erro. E Benji? Benji estava em

todo o lado. David viu-o usar a parte lateral do patim para bloquear um disparo tão forte que o seu treinador assistente, Bengt, agarrou no próprio pé, no banco, e gritou:

– Merda, até eu senti aquilo!

Benji jogou através da dor; toda a equipa embateu contra um muro de cansaço, derrubou-o com a testa e continuou a jogar. Todos eles tiveram um desempenho acima do normal. Todos eles foram a melhor versão de si próprios. Deram tudo. Nenhum treinador podia ter pedido mais. Fizeram tudo, tudo, tudo o que podiam.

Mas não foi o suficiente.

Quando a outra equipa empata o jogo, 3-3, com menos de um minuto para jogar, uma equipa deixa-se cair no gelo, duas dúzias de pais deixam-se cair nas bancadas, e uma cidade cai na floresta. No intervalo antes do prolongamento, três jogadores vomitam. Outros dois quase não conseguem regressar ao gelo por causa das câibras. Têm as camisolas encharcadas em suor, todas as células do corpo esgotadas. Mesmo assim, a equipa adversária precisa de mais de quinze minutos de tempo extra para os quebrar uma última vez. Por fim, há um momento em que Benji não consegue chegar a tempo, Filip perde pela primeira vez o jogador que está a marcar, o *stick* de Lyt parece demasiado curto, Amat atrasa-se uma fração de segundo para bloquear o remate.

Todos os jogadores da equipa do Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad estão deitados no gelo, enquanto os adversários dançam em volta deles, com os pais e amigos a invadirem o rink para festejar. Só depois de os gritos e cânticos dos vencedores terem sido transferidos para o balneário é que Filip, Bobo, Lyt e Amat se começam a dirigir aos seus, inconsoláveis. Homens e mulheres adultos ainda estão sentados nas bancadas, com a cabeça entre as mãos. Duas crianças choram, desconsoladas, nos braços da mãe.

Este planeta não conhece maior silêncio do que duas dúzias de corações jovens após uma derrota. David entra no balneário e encontra os jogadores, esfolados e doridos, deitados pelo chão e nos bancos, a maioria tão cansados que nem têm energia para despir o equipamento. Bengt está ao seu lado, à espera de que o treinador fale, mas David dá meia-volta e desaparece.

– Onde é que ele vai? – pergunta um dos pais.

– Somos maus perdedores, porque um bom perdedor é quem está habituado a perder – murmura Bengt.

Por fim, é o capitão da equipa adversária que estende a mão. Já tomou banho e mudou de roupa, mas tem a camisola coberta de nódoas de champanhe. O número 16 de Björnstad ainda está deitado de costas no gelo, com os patins calçados. As bancadas estão praticamente vazias.

– Bom jogo, meu. Se algum dia quiseres mudar de equipa, és bem-vindo na nossa – diz o capitão.

– Se algum dia quiseres mudar de equipa, podes vir jogar onde EU estiver – responde Benji.

O capitão ri-se e ajuda-o a levantar-se. Vê Benji fazer uma careta.

– Está tudo bem?

Benji acena distraidamente, mas deixa o adversário apoiá-lo até ao corredor.

– Desculpa por... sabes... – pede Benji, fazendo um ligeiro gesto na direção das luzes fundidas no teto.

O capitão ri-se alto.

– A sério? Quem me dera ter-me lembrado de fazer alguma cena parecida. És um filho da mãe duro. Precisas de ajuda profissional, atenção, mas és um filho da mãe duro.

Separaram-se com um aperto de mão firme. Benji entra no balneário e deita-se no chão, sem fazer o mínimo esforço para tirar os patins.

Gaby percorre o corredor com os dois filhos, passando por todos os outros adultos de camisolas e cachecóis verdes com ursos, cumprimentando alguns, ignorando outros. Ouve um dos pais chamar «atrasado mental» ao árbitro. Depois, outro murmura que «devíamos era fazer uma espera a esse filho da puta». Gaby leva os filhos diretamente para o carro, em vez de esperar por Benji. Não quer que eles oiçam coisas destas, e sabe o que lhe chamarão se ousar protestar.

Passado um quarto de hora, David regressa com um saco de plástico cheio de discos de borracha. Percorre o balneário e dá um a cada jogador. Os rapazes leem as oito letras escritas nele. Alguns sorriem, outros começam a chorar. Bobo pigarreja, levanta-se, olha para o treinador e diz:

– Desculpe, treinador... mas tenho de perguntar...

David ergue as sobrancelhas e Bobo aponta para o disco.

– Não está... a ficar *gay* de repente, pois não?

O riso pode ser libertador. Uma gargalhada com vontade pode unir um grupo. Curar feridas, matar o silêncio. O balneário ecoa com risos até que David, com um grande sorriso, acena com a cabeça e responde:

– Amanhã, depois de chegarem a casa, treino extra de cortamato na floresta. Agradeçam ao Bobo.

Bobo já está a encolher-se sob a tempestade de bolas de fita adesiva amachucada que os outros lhe atiram.

O penúltimo a receber um disco é Benji. O último é Bengt. David dá uma palmada no ombro do seu treinador assistente e diz:

– Vou apanhar o comboio para casa, Bengt. O hotel está reservado para vocês; confio em ti para olhares pelos rapazes.

Bengt acena. Olha para o disco. Lê a palavra enquanto as lágrimas lhe pingam para o casaco de fato de treino: *Obrigado*.

Gaby dá um salto quando Bobo bate no vidro da janela do carro. Os miúdos adormeceram no banco de trás e ela estava quase a fazer o mesmo.

– Desculpe... É a irmã do Benji, não é? – pergunta Bobo.

– Sim. Estamos à espera dele; ele disse que preferia vir para casa connosco, em vez de passar a noite no hotel. Mudou de ideias?

Bobo abana a cabeça.

– Ainda está no balneário. Não conseguimos tirar-lhe os patins. Pediu-me para a vir chamar.

Quando Gaby encontra Benji, começa por lhe dizer que o ama. Depois, diz-lhe que ele nem sabe a sorte que tem por a mãe ter tido

de trabalhar e não poder estar ali, porque se ela soubesse que o filho jogou toda a terceira parte e mais quinze minutos do prolongamento com um pé partido, e mesmo assim patinou mais do que qualquer outro jogador, ele seria um homem morto.

Filip fica muito tempo com a mãe ao lado do autocarro no parque de estacionamento. Ela limpa-lhe as faces. Ele murmura:

– Desculpa. A culpa foi minha. Aquele último golo. Era eu que estava a marcá-lo. Desculpa.

A mãe abraça-o como se ele fosse novamente pequenino, apesar de o filho ser tão grande que conseguiria levantá-la do chão só com uma mão.

– Oh, meu amor, não tens nada por que pedir desculpa! Nunca tiveste nada por que pedir desculpa.

Dá-lhe uma palmadinha na face. Conhece bem a sensação; ela própria ficou em tempos arrasada, parada no fim de uma corrida de esqui até as gotas de suor se transformarem em cristais de gelo, a sentir exatamente o mesmo. Sabe o que o hóquei pode dar e aquilo que nos tira em troca. Todos os obstáculos que o filho ultrapassou desfilam perante os olhos de ambos; todas as equipas de elite para as quais nunca foi escolhido, todas as seleções nacionais para as quais nunca foi tido em conta, todos os torneios a que teve de assistir das bancadas. A mãe abraça um rapaz de dezasseis anos que treinou ao longo de toda a vida para aquele jogo. Amanhã ele acordará, sairá da cama e recomeçará tudo de novo.

Num quarto, numa casa, Ana está sentada no chão ao lado da cama da sua melhor amiga, com um computador no colo. De vez em quando, olha ansiosamente para cima, certificando-se de que Maya não acordou. Depois, regressa a todos os sítios na *internet* onde sabe que os colegas da escola irão assim que descobrirem o que aconteceu. Percorre um caminho silencioso através de estados ainda por atualizar, fotografias de gatos e batidos, um ou outro relato desapontado da derrota dos juniores na final. Mas nada mais. Por enquanto. Ana atualiza as páginas todas uma e outra vez. Viveu ali

a vida toda, sabe a rapidez com que a informação se espalha. Alguém conhecerá alguém que tem um irmão na polícia, ou um amigo que trabalha no jornal local, ou uma mãe que é enfermeira no hospital. Alguém dirá alguma coisa a alguém. E a situação explodirá. Atualiza todas as páginas outra vez, e outra, e outra, batendo no teclado cada vez com mais força.

Bang. Bang. Bang. Bang. Bang.

Bengt comunica à equipa que o hotel está reservado, pago pelos patrocinadores, e que os rapazes podem pedir o que quiserem do serviço de quartos, descansar e regressar a casa no dia seguinte. Os jogadores perguntam onde está David. Bengt diz-lhes que o treinador se foi embora, para poder estar presente quando a polícia libertar Kevin.

– E se algum de nós quiser ir para casa? – pergunta Lyt.

– Podemos tratar disso, se for essa a vossa decisão – responde Bengt.

Nem um único jogador opta por ficar. São uma equipa e voltam para casa, para junto do seu capitão. Vão a meio do caminho, nessa noite, quando a notícia finalmente se começa a espalhar pelos seus telemóveis. O motivo de Kevin ter sido detido pela polícia, aquilo de que é acusado e quem o acusou. Primeiro, um jogador diz:

– O que é que estão para aí a dizer? Eu vi-os na festa. ELA é que estava interessada NELE!

Depois, outro acrescenta:

– Que mentirosa de merda! Eu vi-os subirem para o quarto; ela ia à FRENTE!

E um terceiro declara:

– Como se ela não quisesse! Viram como estava vestida? Puta.

Numa cama, num quarto, rodeado de *sticks*, discos e camisolas de hóquei, um irmão mais novo acorda com o som da melhor amiga da irmã, no quarto ao lado, a atirar um computador contra a parede com todas as suas forças. Como se quisesse desfazer em mil pedaços as pessoas que escreveram aquilo que viu no ecrã.

Kira e Peter estão sentados no degrau à porta de casa, sem se tocarem. Peter lembra-se muito bem desta distância. Houve dias em que pensou que a dor era a única coisa que os unia; que Kira continuava com ele, apesar de ele não a merecer, porque não tinha mais ninguém com quem partilhar a memória de Isak. Mas noutros dias, acontecia o contrário. A dor afastava-os, tornava-se uma barreira invisível entre eles. E agora essa barreira voltara.

– A culpa é minha – murmura Peter.

Kira abana a cabeça com força.

– Não digas isso. A culpa não é tua. A culpa não é do hóquei. Não dês àquele filho da... não lhe dês... não lhe arranjes desculpas!

– O clube levou-o ao colo a vida inteira, Kira. O *meu* clube.

Kira não responde. Tem os punhos fechados com tanta força, e há tanto tempo, que as marcas das unhas nas palmas das mãos demorarão dias a desaparecer quando por fim os abrir. Ao longo de toda a sua vida profissional viveu para a justiça e para a lei, acreditou em justiça e humanismo, ergueu-se contra a violência e a vingança. Portanto, agora recorre a todas as suas forças para combater o sentimento que a domina, mas não consegue. É uma força que a invade de modo avassalador, destruindo tudo aquilo em que acredita.

Quer matá-lo. Quer matar Kevin.

Ann-Katrin e o Javali estão no parque de estacionamento, à espera de que o autocarro da equipa chegue. Ann-Katrin lembrar-se-á sempre do som, do silêncio da cidade naquela noite, um silêncio que vibra como um zumbido de vozes, as casas escuras à sua volta onde sabe que as pessoas estão acordadas, com telefones e computadores, a enviarem palavras umas para as outras, palavras cada vez mais zangadas, cada vez mais cruéis. As pessoas não falam muito em Björnstad. Mesmo assim, às vezes, parece que é a única coisa que fazem. O Javali toca-lhe gentilmente no braço.

– Temos de esperar, Ann-Katrin. Não podemos envolver-nos nisto enquanto... enquanto não soubermos mesmo.

– O Peter é um dos teus melhores amigos.

– Não sabemos o que aconteceu, querida. Ninguém sabe o que aconteceu. Não podemos envolver-nos.

Ann-Katrin acena. Claro que não podem envolver-se. Todas as histórias têm dois lados. É preciso ouvir a versão de Kevin. Tenta convencer-se a si própria disso. Por Deus, e pelo Céu, e por todas as mães sagradas por toda a eternidade, tenta mesmo acreditar nisso.

Ana cobre o rosto com as mãos, envergonhada. Maya está sentada na cama, em choque, e os destroços do computador estão espalhados pelo quarto. Kira entra e pega nas mãos das raparigas.

– Ana, sabes que gosto muito de ti. Como se fosses minha filha.

Ana limpa a cara enquanto as lágrimas grossas lhe pingam da ponta do nariz para o chão. Kira beija-lhe o cabelo.

– Mas tens de ir para casa durante algum tempo, Ana. Precisamos de... de estar sozinhos, em família.

Maya quer protestar em nome de Ana, mas está demasiado cansada. Quando a porta da rua se fecha, Maya deita-se e adormece. E dorme, dorme, dorme.

Peter leva a melhor amiga da filha a casa. As casas estão todas às escuras, mas mesmo assim sente os olhares por detrás das janelas. Quando Ana sai do carro, quer dizer-lhe alguma coisa; quer ser um pai sensato a oferecer palavras de conforto, encorajamento e sabedoria. Mas não tem palavras. Tudo o que diz é:

– Vai ficar tudo bem, Ana.

Ana aperta o casaco à volta do corpo e puxa o gorro de lã para a testa, tentando fingir que acredita, por ele. Mas não consegue. Peter vê a rapariga a tremer de raiva silenciosa e lembra-se de uma altura, alguns anos antes, em que Kira e Maya tiveram uma discussão. A filha teve um dos seus primeiros ataques de adolescência e Kira ficou sentada na cozinha, arrasada, a fungar e a

repetir: «Ela odeia-me. A minha própria filha odeia-me.» Na altura, Peter apertou a mulher contra si e murmurou: «A tua filha admira-te e precisa de ti. E se alguma vez duvidares disso, olha para a Ana. De todas as pessoas que a tua filha podia ter escolhido para melhor amiga, escolheu uma que é igualzinha a ti. Uma pessoa com o coração ao pé da boca.»

Tem vontade de sair do carro e abraçar Ana, garantir-lhe que não deve ter medo, mas não é esse tipo de pessoa. E ele próprio está demasiado assustado para conseguir mentir.

Depois de o carro se afastar, Ana entra silenciosamente em casa, acorda os cães, sai com eles e enfia-se na floresta. Por fim, quando acha que já se afastou o suficiente, senta-se com a cara escondida no pelo dos animais e chora. Os cães cheiram-lhe o pescoço, lambem-lhe as orelhas, empurram-na com o nariz. Ana nunca compreenderá como é que algumas pessoas preferem outras pessoas a animais.

A casa da família Ovich não tem camas vazias nessa noite. Os dois filhos de Gaby dormem na cama do tio, Adri e Katia na cama da mãe, a mãe no sofá. As filhas insistem que podem dormir elas na sala, mas a mãe grita com elas até que desistem. Quando Gaby chega a casa do hospital com Benji, de manhã cedo, as irmãs e a mãe olham para as muletas e para o pé engessado, e dão-lhe sapatadas na cabeça, gritando-lhe que vai acabar com elas, que o amam mais do que tudo e que ele é um imbecil.

Benji dorme no chão ao lado da cama, perto dos sobrinhos. Quando acorda, descobre que as duas crianças desceram da cama, com as mantas, e estão enroscadas ao lado dele. Os sobrinhos adormeceram com as camisolas de hóquei vestidas, ambas com o número 16 nas costas.

Kira está sentada na beira da cama da filha. Quando Maya e Ana eram pequenas, Peter costumava dizer, a brincar, que era quando dormiam que as duas raparigas eram mais diferentes do que em

qualquer outra altura. «Quando a Maya dorme numa cama, nem sequer é preciso fazê-la a seguir. Quando a Ana lá dorme, a primeira coisa a fazer de manhã é empurrá-la de novo para o lado certo do quarto.» Maya acordava com a linguagem corporal de um bezerro ensonado; Ana, como um bêbado de meia-idade furioso à procura da pistola. A única coisa que alguém conseguiria ver em comum nas duas meninas era o facto de serem muito protetoras em relação ao seu nome. Maya ficou furiosa quando percebeu pela primeira vez que havia outras crianças com o mesmo nome que ela, o que é dizer muito se pensarmos que estava na idade em que era perfeitamente natural exigir que os cabos de plástico dos talheres combinassem com a cor da comida, ou fazer uma birra à hora de ir para a cama porque: «Papá, os meus pés são do mesmo tamanho e EU NÃO QUERO!» No entanto, nada a deixou mais furiosa do que saber que não era a única pessoa a chamar-se como se chamava. Tanto para ela como para Ana, o nome era um bem pessoal, uma propriedade física como os pulmões ou os olhos e, no mundo delas, todas as outras Mayas e Anas eram ladras. Estas duas raparigas queriam ser tudo menos vulgares.

As pessoas crescem com uma rapidez implacável.

Peter fecha a porta sem fazer qualquer barulho. Pendura a chave do *Volvo* no gancho na parede. Senta-se na cozinha com Kira durante muito tempo, sem nenhum deles pronunciar uma palavra. Por fim, Kira murmura:

– Isto já não tem nada a ver connosco. O que importa é saber como é que ela vai ultrapassar a situação.

Peter fixa os olhos na mesa.

– Ela é tão forte – observa. – Não sei o que lhe dizer... Ela já é mais forte do que eu.

As unhas de Kira fazem novas marcas na pele das palmas das mãos.

– Quero matá-lo, Peter. Quero... quero vê-lo morrer.

– Eu sei.

Kira estremece quando ele atravessa o campo de forças e a abraça, e fungam e gemem juntos, contendo-se o mais que podem para não acordarem os filhos. Nunca deixarão de se culpar a si próprios por isto.

– A culpa não é tua, Peter. A culpa não é do hóquei. Como é que se costuma dizer? «É preciso uma aldeia para criar uma criança», não é? – murmura ela.

– Se calhar o problema é esse. Se calhar escolhemos a aldeia errada – responde ele.

Os pais dos jogadores vão buscá-los ao rinque. Regressam em carros silenciosos a casas silenciosas onde a única luz é a proveniente dos vários ecrãs. Antes do nascer do dia, Lyt vai a casa de Bobo. Não falam muito; partilham apenas a sensação de que têm de agir. Percorrem a cidade, apanhando outros colegas à porta das suas casas. Como um enxame negro, movem-se entre jardins, de punhos cerrados sob o céu ainda escuro, olhos desconcertados a fitar as ruas vazias. Hora após hora, até o sol nascer. Sentem-se ameaçados, sob ataque. Querem gritar uns aos outros o que a equipa significa para eles – lealdade e amor –, e como amam o seu capitão. Mas não têm palavras, portanto, tentam encontrar outras formas de o demonstrar. Caminham lado a lado, como um exército ameaçador. Gostariam muito de poder salvar alguma coisa. Estragar alguma coisa. Destruir. Andam à caça de um inimigo – qualquer um serve.

Amat chega a casa e vai logo para a cama. Fatima fica sentada em silêncio no outro quarto. Na manhã seguinte, apanham o autocarro para o rinque. Lá também ninguém diz uma palavra. Amat calça os patins, pega no *stick* e patina furiosamente pelo gelo, lançando-se contra as tábuas ao fundo do rinque com força suficiente para se magoar. Só chora depois de estar tão suado que ninguém notará as lágrimas.

Numa casa, uma mãe e um pai estão sentados à mesa da cozinha.

– Estou só a dizer... E se... – começa a mãe.

– Acreditas que o nosso FILHO era capaz de uma coisa dessas?! Que raio de mãe és tu se ACREDITAS MESMO QUE O NOSSO FILHO era capaz de uma coisa dessas? – ruge o pai.

Ela abana a cabeça, desesperada, olha para o chão. Ele tem razão, claro. Que raio de mãe é ela? Murmura: «Claro que não»; claro que não acha que o filho seria capaz de uma coisa dessas. Tenta explicar que é tudo tão confuso, ninguém está a pensar racionalmente, deviam tentar dormir...

– Não vou pregar olho enquanto o Kevin estiver detido, podes ter a certeza disso! – declara o pai.

Ela acena. Não sabe se alguma vez conseguirá voltar a dormir.

– Eu sei, querido. Eu sei.

Noutra casa, outra mãe e outro pai estão sentados à mesa da cozinha. Dez anos antes, deixaram o Canadá e mudaram-se para Björnstad porque era o sítio mais seguro que conheciam. Porque precisavam desesperadamente de um lugar no mundo onde sentissem que nada de mau podia acontecer.

Estão calados. Não dizem nada a noite toda. De qualquer maneira, ambos sabem o que o outro está a pensar. «Não conseguimos proteger os nossos filhos.»

Não conseguimos proteger os nossos filhos não conseguimos proteger os nossos filhos não conseguimos proteger os nossos filhos.

O ódio pode ser uma emoção profundamente estimulante. O mundo é muito mais fácil de compreender, e muito menos aterrorizador, se tudo e todos estiverem divididos entre amigos e inimigos, nós e eles, bem e mal. A forma mais fácil de unir um grupo não é através do amor, porque o amor é difícil. Exigente. O ódio é simples.

Assim, a primeira coisa que fazemos num conflito é escolher um lado, porque é mais fácil do que ter dois pensamentos na cabeça ao mesmo tempo. A segunda coisa é procurarmos factos que confirmem aquilo em que queremos acreditar – evidências reconfortantes, que permitam que a vida prossiga como é habitual. A terceira é desumanizarmos o inimigo. Há muitas maneiras de o conseguir, mas nenhuma é mais fácil do que roubar-lhe o nome.

Portanto, quando a noite chega e as verdades se espalham, em Björnstad ninguém escreve «Maya» no seu telemóvel ou computador, mas apenas «M». Ou «a jovem». Ou «a puta». Ninguém fala sobre «a violação»; todos falam sobre «a alegação». Ou «a mentira». Começa por ser «não aconteceu nada», avança para «se aconteceu alguma coisa, foi voluntária», cresce para «e se não foi voluntária a culpa é dela; o que pensou que ia acontecer quando se embebedou e entrou no quarto com ele?» Começa por ser «ela queria» e acaba com «ela mereceu».

Não é preciso muito tempo para os elementos de um dos lados se persuadirem mutuamente a deixarem de ver alguém como uma pessoa. E quando a maioria está calada durante tempo suficiente, meia dúzia de vozes podem dar a impressão de que toda a gente está a gritar.

Maya faz tudo o que tem de fazer, tudo o que lhe pedem para fazer. Responde a todas as perguntas da polícia, vai fazer os exames ao hospital, passa horas no carro para ir falar com um psicólogo que insiste em que ela se lembre, uma e outra vez, de tudo o que só quer esquecer. Que lhe exige que sinta aquilo que

quer reprimir, que chore quando quer gritar, que fale quando quer morrer. Ana liga-lhe, mas Maya desligou o telemóvel. A caixa de correio está cheia de mensagens de texto anónimas. As pessoas foram tão rápidas a decidir qual era a verdade, que compraram telemóveis descartáveis só para poderem dizer-lhe aquilo que ela é sem que ela saiba quem eles são.

Chega a casa e o seu casaco desliza para o chão do vestíbulo, como se tivesse encolhido dentro dele. Torna-se cada vez mais pequena. Um a um, os seus órgãos abandonam-na. Pulmões, rins, fígado, coração... Por fim, resta apenas veneno.

Leo está sentado ao computador quando a ouve parar à porta do seu quarto. Maya não entra no quarto do irmão desde que eram pequenos.

– O que estás a fazer? – pergunta ela, num murmúrio quase inaudível.

– A jogar – responde Leo.

Desligou o computador da *internet*. O seu telemóvel está no fundo da mochila. Vê a irmã mais velha, com os braços apertados à volta do corpo, a olhar para as paredes nuas onde, ainda ontem, havia camisolas e *posters*.

– Posso jogar contigo? – pede ela baixinho.

Leo vai buscar uma cadeira à cozinha. Jogam sem falar durante horas.

Kira está no escritório. Tem reunião após reunião com os outros advogados. Discute e luta. Peter fica em casa e limpa cada centímetro do espaço: esfrega o lavatório até lhe doerem os músculos dos braços, põe na máquina todos os lençóis e todas as toalhas, lava à mão todos os copos que possuem.

Quando perderam Isak, houve momentos em que desejaram ter um inimigo, alguém que fosse culpado, alguém a quem castigar. Algumas pessoas aconselharam-nos a falar com Deus, mas é difícil manter uma conversa civilizada com Deus quando se é pai ou mãe, é difícil acreditar num poder superior depois de tocar numa data

gravada numa lápide. A culpa não é da matemática. A equação para calcular uma vida é simples: pega-se no número de quatro dígitos à direita da lápide, subtrai-se o número da esquerda e multiplica-se o resultado por 365, acrescentando depois mais um dia por cada ano bissexto. Porém, seja como for que se façam essas contas, não faz sentido. Contamos, voltamos a contar, contamos outra vez, mas nunca bate certo. O resultado das somas nunca é suficiente. Os dias são muito poucos para representar uma vida inteira.

Eles odiavam quando as pessoas falavam sobre «a condição», porque uma condição é algo vago, intocável. Queriam um rosto, um culpado concreto. Precisavam de alguém para afogar sob o peso de toda a culpa, caso contrário, eles próprios seriam arrastados para baixo da superfície. Eram egoístas, sabiam-no, mas sem ninguém para castigar, só podiam gritar para o Céu, e a sua raiva era demasiado imensa para qualquer ser humano conseguir suportar.

Queriam um inimigo. Desta vez têm um. E agora não sabem se deviam sentar-se ao lado da filha ou perseguir a pessoa que lhe fez mal, se deviam ajudá-la a viver ou certificar-se de que ele morre. A menos que as duas coisas sejam uma só. O ódio é tão mais fácil do que o seu oposto.

Os pais nunca cicatrizam. E os filhos também não.

Todas as crianças de todas as cidades em todos os países se envolveram, uma vez ou outra, em brincadeiras perigosas ao ponto de poderem ser letais. Todos os grupos de amigos incluem aquele que leva sempre as coisas longe de mais: o primeiro a saltar da pedra mais alta, o último a sair de cima dos carris quando o comboio se aproxima. Essa criança não é a mais corajosa, apenas a menos assustada. E, possivelmente, aquela que acha não ter tanto a perder como os outros.

Benji sempre procurou as sensações físicas mais fortes porque elas afastavam os outros sentimentos. A adrenalina, o sabor de sangue na boca e a dor latejante em todo o corpo tornavam-se um zumbido agradável na sua cabeça. Gostava de se assustar a si próprio, porque quando uma pessoa está assustada não consegue

pensar em mais nada. Nunca cortou a própria pele, mas compreende aqueles que o fazem. Uma vez, o seu anseio por uma dor que conseguisse ver e na qual pudesse concentrar-se era tão grande, que apanhou o comboio para uma cidade a algumas horas dali, esperou até ser de noite e procurou os maiores filhos da mãe que conseguiu encontrar para provocar uma luta com eles, e então lutou até ao ponto de eles não terem outra alternativa senão dar-lhe uma valente tarefa. Porque às vezes, quando a dor exterior é intensa, dói menos em outros sítios.

O baixista vê-o antes de descer do palco. Fica tão surpreendido que se esquece de esconder o sorriso. Veste as mesmas roupas pretas.

– Sempre vieste.

– As ofertas em termos de entretenimento são muito limitadas por estes lados.

O baixista ri-se. Bebem cerveja a três passos um do outro e, de vez em quando, homens gordos e embriagados aproximam-se e dão uma palmada nas costas de Benji. Elogiam-no por ter jogado com o pé partido, amaldiçoam o árbitro por ser obviamente um filho da mãe. Depois murmuram: «E aquela história do Kevin, que merda.» A mesma conversa com sete ou oito homens de várias idades. Todos querem pagar uma cerveja ao número 16. O baixista pensa que se calhar está a imaginar coisas, mas a cada palmada nas costas parece-lhe que Benji se recolhe mais um bocadinho dentro de si próprio. O baixista sabe como é; ele não é o primeiro rapaz que conhece que age como se vivesse sob uma identidade falsa. E talvez seja diferente num sítio como este, onde as pessoas não querem desiludir ninguém. Quando finalmente ficam sozinhos, o baixista esvazia o copo e murmura:

– Vou andando. Vejo que tens... muitas pessoas que querem falar de hóquei.

Benji pega-lhe no braço e pede baixinho:

– Não... Vamos a outro lado.

O baixista sente-se como se estivesse a arder.

Sai para a noite e segue pelo caminho à direita do edifício. Benji espera dez minutos antes de sair também e se dirigir para a

esquerda, onde mete por um atalho pela floresta antes de voltar para trás. A coxear, aos tropeções e a praguejar, encontra-se com o baixista no meio das árvores.

– Tens a certeza de que sabes jogar hóquei? Porque parece que andas a fazer alguma coisa mal feita – comenta o baixista, olhando com um sorriso para as muletas de Benji.

– Tens a certeza de que sabes tocar baixo? Porque pareceu-me que passaste o concerto a afinar o instrumento – responde Benji.

Fumam. O vento aumenta na escuridão, assobiando sobre a neve, mas no último momento decide deixar os rapazes em paz. Toca-lhes apenas ao de leve, inseguro, como dedos hesitantes a tocar na pele de alguém pela primeira vez.

– Gosto do teu cabelo – diz o baixista, e respira através dele.

Benji fecha os olhos, larga as muletas, deseja ter bebido mais. Fumado mais. Calculou mal a força do seu autocontrolo, deixou o maldito ainda acordado quando o devia ter adormecido por completo. Tenta deixar que as coisas aconteçam, mas quando pousa as palmas das mãos nas costas do outro rapaz, elas fecham-se automaticamente. O rapaz sobressalta-se, o corpo de Benji fica tenso e apoia de propósito o peso no pé partido até a dor disparar setas de fogo pelo seu esqueleto. Com cuidado, afasta o baixista. Apanha as muletas e murmura:

– Isto foi um erro...

O baixista fica sozinho na escuridão entre as árvores, com os pés perdidos na neve, enquanto o número 16 regressa ao Celeiro a coxear. E diz:

– Os grandes segredos transformam-nos em homens pequenos.

Benji não lhe responde. Mas sente-se de facto pequeno.

A manhã de segunda-feira chega a Björnstad sem trazer consigo a luz do dia, como se estivesse relutante em acordar os seus habitantes.

Uma mãe está sentada num *Vo/vo*, a tentar convencer a filha de que não precisa de fazer aquilo. Não precisa de ir. Não tem de o fazer, não já, não hoje.

– Tenho, sim – replica a filha, acariciando o cabelo da mãe.

– Mas... não sabes o que têm estado a comentar *online* – diz Kira baixinho.

– Sei muito bem o que têm comentado. É por isso que tenho de ir. Se eu não estivesse preparada para isto, não teria denunciado o Kevin à polícia, mãe. E agora não posso...

A voz falha-lhe. Kira arranca pedacinhos de borracha do volante com as unhas.

– Não podes deixá-los ganhar. Porque és filha do teu pai.

Maya estende a mão, afasta duas madeixas de cabelo do rosto da mãe e prende-lhas atrás da orelha.

– E da minha mãe. Sempre da minha mãe.

– Quero matá-los, querida. Gostava de os matar a todos. Tenho a firma toda envolvida nisto; nem sonhem que os vou deixar ga...

– Tenho de ir, mãe. Isto ainda vai piorar muito antes de começar a melhorar. Por isso, tenho de ir.

Kira vê a filha afastar-se. Depois conduz pela floresta com a música no máximo. Quando acha que está longe o suficiente, para o carro, sai e grita até ficar sem voz.

A coisa mais simples e mais verdadeira que David sabe sobre hóquei é que são as equipas que ganham jogos. O treinador pode ter as melhores táticas do mundo, mas para estas terem alguma hipótese de resultar, primeiro os jogadores têm de acreditar em si próprios. E cada um deles tem de ter as mesmas palavras gravadas na mente um milhão de vezes: faz a tua parte. Concentra-te na tua tarefa. Faz o teu trabalho.

David está deitado na cama ao lado da namorada, com a mão pousada na barriga dela.

- Achas que serei um bom pai? – pergunta.
- Vais ser um pai muito, muito, muito chato – responde ela.
- Não sejas má.

Ela torce-lhe o lóbulo da orelha entre o polegar e o indicador. Ele parece tão triste que lhe dá vontade de rir.

– Vais ter um plano tático para o parto, e tentarás implementar com a parteira uma estratégia para as contrações porque com certeza que deve haver um recorde qualquer para tentar bater. Vais meter na cabeça que os percentis de peso e comprimento são uma competição. Serás o pai mais chato e irritante do mundo, e o melhor de todos.

Ele contorna-lhe o umbigo com as pontas dos dedos.

- Achas que ele... ou ela... achas que gostará de hóquei?

Ela beija-o.

– É muito difícil gostar de ti sem gostar de hóquei, Dave. E é muito, muito, muito difícil não gostar de ti.

Ele está deitado de costas, com as pernas dela entrelaçadas nas suas.

- Esta história do Kevin. Isto... isto tudo. Não sei o que fazer.

Ela murmura, sem hesitar:

– Tens de fazer o teu trabalho, meu amor. Não podes envolver-te nisso; não és polícia nem advogado. És treinador de hóquei. Faz o teu trabalho. Não é isso que estás sempre a dizer aos rapazes?

– Não sei o que quer que eu faça – diz o diretor ao telefone. Já perdeu a conta a quantos telefonemas parecidos recebeu só nessa manhã.

– QUERO QUE FAÇA O SEU TRABALHO! – berra Maggan Lyt do outro lado da linha.

– Tem de compreender que não posso sobrepor-me a uma investigação policial...

A saliva salpica o auscultador quando Maggan responde:

– Sabe o que isto é? É uma CONSPIRAÇÃO contra toda a equipa de hóquei! Por causa de INVEJAS!

– Então... o que quer que eu faça?

– O seu trabalho!

Bobo está a empilhar pneus na oficina. Stressado e zangado, volta a arrumar as ferramentas nos devidos lugares e despe o fato-macaco sujo.

– Tenho de ir para a escola, pai.

O Javali coça a barba, olha para o filho, e se calhar quer dizer alguma coisa, mas não sabe bem o quê.

– Tens de me ajudar a acabar isto mais logo.

– Hoje temos treino.

– Hoje? Mas a época já acabou!

– Não é um treino obrigatório. Mas toda a gente estará lá. Pela equipa. O Lyt diz que temos de nos unir pelo Kevin.

– O Lyt o quê? O William Lyt? – exclama o Javali. Nunca ouviu ninguém da família Lyt falar sobre união, fosse qual fosse o motivo, mas vê nos olhos do filho que não vale a pena dizer mais nada a menos que queira discutir; portanto, limita-se a resmungar:

– Mas não te esqueças de que também tens coisas para fazer aqui.

Bobo toma duche e sai a correr. Ann-Katrin e o Javali veem-no afastar-se pela janela da cozinha. Lyt e pelo menos outros dez jogadores dos juniores estão à espera dele. Agora andam sempre juntos.

– Temos de falar com ele. Eu vi a Maya no hospital, eu *vi-a*, e não me pareceu uma rapariga que estivesse a mentir – diz Ann-Katrin, mas o marido abana a cabeça.

– Não podemos envolver-nos nisto, Anki. Não é nada da nossa conta.

Jeanette tenta combater o aperto no estômago, tenta conter a azia e a enxaqueca que a atacam sempre que não dorme bem.

– Estou apenas a sugerir que devíamos falar com os alunos sobre o assunto. Não podemos fingir que não se passa nada.

O diretor suspira e agita o telefone.

– Por favor, Jeanette, não imagina a pressão que tenho em cima de mim. O telefone não parou de tocar a manhã toda. Os pais estão fora de si. Até já me ligaram jornalistas! Pura e simplesmente, não estamos preparados para lidar com uma coisa destas!

Jeanette estala os nós dos dedos; tem o hábito de o fazer quando está nervosa, um hábito antigo, dos seus dias de jogadora de hóquei.

– Então, ficamos calados?

– Sim... não... nós... céus, não podemos alimentar os rumores e especulações. O que é que se passa com as pessoas? Porque é que não podemos apenas esperar pelo fim da investigação? É para isso que temos tribunais, não é? Não podemos colocar-nos acima da lei, Jeanette, essa não é a nossa responsabilidade. Se vier a provar-se que... que o que esta aluna diz sobre o Kevin... se for verdade... o tempo o dirá. E se não for, temos de garantir que não fazemos nada estúpido.

Jeanette quer gritar, mas não grita.

– E a Maya? Se ela vier à escola hoje?

A expressão do diretor vai da insegurança ao pânico em segundos.

– Não virá, obviamente. Não o faria, pois não? Acha que sim?

– Não sei.

– Não. Com certeza que não vem. Não dá aulas à turma dela, pois não?

– Não, mas dou aulas a metade dos jogadores da equipa. O que quer que eu faça, então?

O diretor levanta as mãos, resignado.

– O que é que acha?

Estão sentados no refeitório, as cadeiras encostadas, as cabeças juntas. William Lyt tem fogo nos olhos.

– Onde raio é que está o Benji? Alguém o viu?

Os outros abanam a cabeça. Lyt espeta o indicador na mesa com força.

– A minha mãe arranjou-nos boleias para irmos todos a Hed hoje, está bem? Vamos antes do almoço. Não falem disso com ninguém que não seja da equipa. Se os professores levantarem problemas, eles que falem com os nossos pais. Está bem?

Os outros acenam afirmativamente. Lyt dá um murro na mesa.

– Vamos mostrar aos filhos da mãe que estão a fazer isto, a todos eles, que estamos unidos. Porque vocês sabem o que é isto, certo? É uma conspiração contra a equipa toda. É inveja. Uma conspiração e inveja!

Os rapazes assentem em silêncio, determinados. Todos têm olheiras fundas. Vários estiveram a chorar. Lyt dá-lhes uma palmada no ombro, um a um.

– Temos de manter a equipa unida! A equipa toda!

Olha diretamente para Bobo ao dizê-lo.

Amat está junto do cacifo. Parece prestes a vomitar para dentro dele. Bobo sai do refeitório, dirige-se a ele e para, atrapalhado, atrás do outro rapaz.

– Temos de... manter a equipa unida, Amat. O Kevin vai ser libertado pela polícia hoje; por isso, vamos às primeiras aulas, mas depois arrancamos para Hed. Todos, a equipa inteira. É importante que o façamos em grupo. Para... mostrar.

Ambos evitam olhar para a fila de cacifos onde Maya tem o dela. Todos os alunos que por ali passam olham nessa direção sem de facto olhar, um truque que os adolescentes aprendem bem cedo. A

porta do cacifo dela está coberta de tinta preta. Quatro letras. É tudo o que ela é para eles agora.

Kevin é conduzido através da porta da esquadra da polícia em Hed, conduzido por mãos cuidadosas, como se fosse incapaz de andar sozinho. De um lado o pai, do outro, a mãe, e a rodeá-los, como uma muralha protetora de carne e osso, um grupo de homens de meia-idade, de calças de ganga e casacos elegantes, com os nós das gravatas tão apertados como os punhos. Na sua maioria, são patrocinadores do clube, mas dois são membros da direção, alguns são homens de negócios e empresários proeminentes da região, e um deles é um político local. Contudo, se alguém perguntar, nunca se apresentam assim; dizem apenas: «Somos amigos da família Erdahl. Apenas amigos da família.»

Alguns passos mais atrás, vem a equipa de juniores. Um ou dois ainda parecem um pouco arrapazados, mas assim, em grupo, são homens. Silenciosos e ameaçadores. Estão ali para provar alguma coisa a alguém.

A mãe de Kevin enrola-lhe carinhosamente uma manta aos ombros enquanto o ajuda a entrar no carro. Os homens que os rodeiam não lhe batem nas costas, como é costume; em vez disso, dão-lhe palmadinhas afetuosas nas faces. Talvez isso os faça sentir melhor. Como se fosse o rapaz a vítima.

Benji está sentado num muro baixo a vinte metros da esquadra. Tem o boné puxado para baixo sobre a testa, o capuz da camisola na cabeça, o rosto oculto pelas sombras. Nenhum dos adultos repara sequer nele, mas Kevin vê-o. Por um segundo, enquanto a mãe o está a enrolar na manta e antes de a porta do carro se fechar, os olhos de Kevin cruzam-se com os do seu melhor amigo. E depois Kevin baixa a cabeça.

Quando o cortejo de carros atrás da viatura do pai de Kevin deixa Hed, Benji há muito que desapareceu. A única pessoa que continua na rua em frente à esquadra é Amat. Põe os auscultadores

nos ouvidos, aumenta o volume, enfia as mãos nos bolsos e prepara-se para regressar a Björnstad a pé, sozinho.

Ana entra no refeitório da escola e é recebida pela tempestade habitual de gritos e vozes e talheres a bater. Numa ilha deserta, ao canto, Maya está sentada sozinha, tão isolada que ninguém se sentou sequer nas mesas em seu redor. Toda a gente está a olhar para ela sem olhar. Ana dirige-se à amiga, mas Maya levanta a cabeça, como uma criatura apanhada numa armadilha a avisar outra para não se aproximar mais, e abana-a ligeiramente. Os passos de Ana alteram a gravidade de todo o planeta a cada passo que dá, quando baixa a cabeça e se vai sentar noutra mesa, noutro canto. A vergonha desse momento irá segui-la até ao dia da sua morte.

Um grupo de raparigas mais velhas – Ana reconhece-as da cozinha na festa de Kevin – dirige-se a Maya. Primeiro, como se estivessem a fingir que ela não existe e depois, de repente, como se não existisse mais nada além dela. Uma das raparigas avança com um copo na mão. Maya vê as outras posicionarem-se como uma barreira para o resto do refeitório, de modo que, mesmo que toda a gente veja tudo o que acontece, todos possam afirmar mais tarde, se os professores perguntarem, que tinham «a linha de visão obstruída». Que não viram o «incidente».

– Como se alguém quisesse violar-TE, sua cabra nojenta...

O leite escorre pelo cabelo de Maya, pinga-lhe do rosto e para dentro da camisola. O copo não se parte quando a rapariga a atinge na testa com ele, e também não a fere. Por um momento fugaz, Maya vê o medo nos olhos da outra rapariga, quando esta teme ter ido longe de mais e lhe ocorre que Maya pode começar a sangrar e cair no chão sem sentidos. Mas Maya tem a pele grossa. E depressa os olhos da sua atacante se voltam a encher de desdém. Como se a pessoa que atacou já não fosse um ser humano.

Toda a gente vê, mas ninguém vê. O refeitório está ao mesmo tempo repleto de barulho e perfeitamente silencioso. Maya ouve os risinhos como um rugido abafado nos ouvidos. Fica ali sentada,

muito calma, com a testa a latejar de dor, e limpa-se devagar com os poucos guardanapos que trouxe no tabuleiro. Não duram muito. Recusa-se a olhar em volta à procura de mais, mas de súbito alguém coloca um monte de guardanapos dobrados ao seu lado. Outra mão, quase tão grande como a dela, começa a limpar a mesa. Maya olha para ele e abana a cabeça, numa súplica.

– Vai ser pior para ti se te sentares aqui – murmura.

– Eu sei – responde Leo.

O irmão mais novo senta-se ao lado dela e começa a comer. Num mar de olhares, parece pouco incomodado.

– Então, porquê? – pergunta-lhe a irmã.

Leo fita-a com os olhos iguais aos da mãe.

– Porque tu e eu não somos como eles. Nós não somos os ursos de Björnstad.

Mais cedo ou mais tarde, quase todas as discussões sobre o comportamento das pessoas acabam por se transformar num debate acerca da «natureza humana». Nunca foi algo que os professores de Biologia tivessem facilidade em explicar: por um lado, a nossa espécie sobreviveu porque os seres humanos se uniram e cooperaram, mas por outro desenvolvemo-nos porque os indivíduos mais fortes sempre floresceram às custas dos mais fracos. Assim, acabamos sempre a discutir onde devem ser traçados os limites. Até que ponto podemos ser egoístas? Quanto é que somos obrigados a preocupar-nos com os outros?

As pessoas sugerem: «E num navio a afundar-se? E numa casa em chamas?» Recorrem a esses cenários porque são dramáticos de imaginar. É difícil vencer um debate tendo-os em conta. Mas se fosse uma situação de vida ou morte, quem é que salvaria se só pudesse escolher uma pessoa? Quem é que puxaria das águas geladas primeiro, se o bote salva-vidas tivesse uma lotação limitada?

A família. Começamos sempre pela família. É isso que ela lembra a si própria. Está gelada; aumentou o aquecimento e tem quatro camadas de roupa vestidas, mas, mesmo assim, está a tremer. Percorreu a casa toda, de divisão em divisão. Limpou o quarto de Kevin, livrou-se dos lençóis e das fronhas, abandonou em contentores de donativos a muitos quilómetros de casa todas as *t-shirts* e calças de ganga que estavam no cesto da roupa suja. Aspirou todos os potenciais botões arrancados de blusas e deitou para a sanita todos os vestígios de marijuana.

Porque é mãe dele. E é por aí que se deve começar.

Quando a polícia chegou ela estava à porta, de queixo erguido e costas direitas. Os advogados tinham-lhes dito que podiam opor-se, causar atrasos, dificultar as coisas, que a busca à casa e quaisquer evidências forenses podiam ser consideradas inadmissíveis, uma vez que a polícia só aparecera uma semana depois do alegado incidente. Mas a mãe de Kevin insistiu em deixar entrar os agentes. Repetiu uma e outra vez que a família não nada tinha a esconder,

apesar de não conseguir silenciar a voz que lhe perguntava quem estava a tentar convencer, se aos outros, se a si própria. Não consegue parar de tremer. Mas é mãe dele. E, se não for por aí, por onde começar?

O pai de Kevin está sentado na cozinha, que é agora o centro de comando, a fazer telefonemas uns atrás dos outros, à medida que cada vez mais homens se reúnem à sua volta. Todos muito compreensivos, solidários, indignados. Estão magoados. São agressivos. Estão prontos para a guerra, não porque o tivessem escolhido, mas porque acreditam não ter escolha. O amigo de infância do pai de Kevin, Mario Lyt, é o mais estridente de todos:

– Sabem que mais? A família daquela rapariga podia ter vindo falar connosco. Podiam ter tentado resolver isto em privado. Mas em vez disso esperaram uma semana inteira, até ao momento em que sabiam que isso causaria MAIS danos, e foram à polícia com as suas mentiras MESMO antes da final! Se fosse verdade, porque não apresentaram logo queixa? Porquê esperar uma semana? Hã? Querem que vos diga? Porque há pessoas nesta cidade que não conseguem controlar a inveja!

Podia ter tratado pelo nome «a família daquela rapariga». Os Andersson. Mas isso seria menos eficaz. Não precisou de dizer mais nada, porque em breve a teoria espalha-se sozinha:

«É isto que acontece quando se deixa um diretor-geral ter mais olhos do que barriga, não é? Demos-lhe demasiada influência, ele pensou que era dono do clube. E agora não consegue lidar com o facto de estar a perder poder, pois não? E com o facto de o Kevin ser melhor do que ele alguma vez foi, e de a direção e os patrocinadores estarem a ir contra ele e a exigir que o David substitua o Sune como treinador da equipa principal. Certo? Portanto o diretor-geral está a tentar arrastar a família para o meio disto...»

Quando David chega, encontra três homens de meia-idade cá fora, como se estivessem de guarda. Esta noite serão substituídos

por jogadores da equipa de juniores, como David bem sabe. Como se a casa precisasse de proteção.

– Parece uma cena de *O Padrinho* – murmura David.

O Janota responde. O homem corpulento parece embaraçado e, por isso, ri-se alto de mais.

– Parece, não parece? Como se o Don Corleone precisasse da nossa ajuda. Como se um bando de patrocinadores gordos pudesse fazer alguma diferença.

Ri-se e dá uma palmadinha no estômago, tenta parecer descontraído, mas por fim desiste e pousa a mão enorme no ombro de David.

– Oh, David, só queremos dar o nosso apoio à família. Com certeza que compreende, não é? Queremos apenas mostrar que... que estamos unidos. Percebe? Quer dizer... ninguém conhece o Kevin melhor do que você. Céus, aqueles rapazes foram quase criados por si. Acha que um dos rapazes da sua equipa podia alguma vez ter feito aquilo de que está a ser acusado? Hã? Um dos seus rapazes? Compreende porque estamos aqui, não compreende?

David não responde. Não é esse o seu trabalho. Não é esse o seu lugar. Porque, por onde é que uma pessoa começa? Se tivesse mesmo de escolher, quem salvaria primeiro? Acreditaria na palavra de quem?

Kevin está sentado na cama. Parece pequeno por baixo dos *posters* na parede – a camisola de capuz parece larga de mais para ele. Passou duas noites na esquadra. Não importa se a cama era confortável, ou se as pessoas foram simpáticas com ele; quando ouvimos a fechadura a fechar-se pelo lado de fora antes de ir dormir, isso afeta-nos. É o que diz a si próprio. Que não tem escolha, que a culpa não é sua, que isto pode nem sequer ter mesmo acontecido. A casa dos pais está cheia de homens que o conhecem desde que era pequeno. Conhecem-no. Toda a vida foi especial, o eleito, e sempre se esperou dele que fizesse algo de extraordinário. Portanto, ninguém acredita que uma coisa assim

possa ser verdade; como podem sequer admitir tal possibilidade? Não o vão abandonar. E quando temos pessoas suficientes do nosso lado, podemos começar a acreditar em quase tudo o que dizemos.

É isso que Kevin diz a si próprio.

David fecha a porta atrás de si, para em frente da cama e fita o rapaz nos olhos. Todas as dezenas de milhares de horas que passaram juntos no gelo, todos os fins de semana no autocarro da equipa, a percorrer o país, todas as sanduíches de estações de serviço e jogos de póquer... Ele era uma criança, até há pouco tempo. Até há bem pouco tempo.

– Olha-me nos olhos e diz-me que não o fizeste. Não te peço mais nada – diz David.

E Kevin fita-o nos olhos. Abana a cabeça e chora. Murmura, com as faces molhadas:

– Fui para a cama com ela, porque era o que ela queria. Foi ela que me pediu! Pode perguntar a qualquer pessoa que estava na festa... merda, treinador... a sério? Acha mesmo que *eu* era capaz de violar alguém? Porque faria uma COISA DESSAS?

Todos os dias dos jogos «pais contra filhos» no ringue que David passou no lago com Kevin e Benji. Tudo o que lhes ensinou. Tudo o que partilharam. Para o ano passarão para a equipa principal, juntos. Por quem começar? Se a água estiver gelada, mas soubermos que o barco não consegue levar toda a gente até terra firme? Quem sacrificar primeiro? Quem proteger até ao fim? Kevin não será o único a sofrer se confessar. Todos os que ama sofrerão também. É isso que David diz a si próprio.

Senta-se na cama e abraça o rapaz. Promete-lhe que vai correr tudo bem. Que nunca o abandonará. Que tem orgulho dele. O barco pode estar a abanar, mas não está a deixar entrar água. Todos os pés naquela casa estão secos. Kevin vira-se para o treinador e murmura, como se fosse outra vez um menino da primária:

– A equipa vai treinar hoje, não vai? Posso ir também?

Num banco, no seu quarto, uma mãe está sentada a pensar na infância do filho. A pensar em como ela e o marido costumavam chegar das viagens ao estrangeiro, quando Kevin tinha dez ou onze anos, e encontravam a casa num caos total. O pai praguejava sempre, sem conseguir perceber que se tratava de um caos calculado, mas a mãe depressa aprendeu a compreender o padrão. Porque eram sempre as mesmas coisas que estavam fora do sítio: os mesmos quadros tortos na parede, o caixote do lixo cheio de caixas de refeições preparadas que tinham obviamente sido abertas ao mesmo tempo. Quando Kevin cresceu, chegou à adolescência e começou a organizar festas para os amigos, a mãe regressava das viagens a uma casa onde o filho fizera todos os possíveis para parecer que nem sequer lá estivera. Mas antes disso, quando era pequeno e prometia orgulhosamente ao pai que não tinha medo de ficar sozinho, o rapazinho tinha sempre de vir para casa na última noite e desarrumar tudo, para que ninguém percebesse que dormira todas aquelas noites em casa de Benji.

Na cozinha, um pai está sentado numa cadeira e, à volta dele, os amigos e colegas de trabalho falam, mas ele já não ouve as palavras. Sabe que é apenas graças ao seu dinheiro que ocupa a posição que ocupa naquela cidade, que detém o seu estatuto entre o grupo. Nenhum daqueles homens joga golfe com tipos pobres, e ele já foi pobre. Toda a vida se esforçou por alcançar a perfeição, não por vaidade, mas como estratégia de sobrevivência. Nunca lhe foi dado nada de graça, nunca facilitou a vida a si próprio, como podem fazer aqueles que nascem ricos. Está convencido de que é esse o motivo do seu sucesso: o facto de ter estado preparado para trabalhar mais e lutar mais e ser mais implacável do que toda a gente. E a busca contínua da perfeição em tudo significa nunca estar satisfeito, nunca dormir em cima dos louros. Não se pode viver assim só a meio tempo; a vida profissional e a vida pessoal tornam-se a mesma coisa. Tudo, na sua vida, se tornou um reflexo dele como pessoa. Até o filho. Qualquer brecha na fachada pode levar a uma avalanche.

Queria falar com Kevin quando o foram buscar à esquadra, mas todas as palavras que lhe saíram da boca eram rugidos. Um homem que se orgulha de nunca perder a cabeça, de nunca levantar a voz, a gritar tão alto que até o carro estremeceu. Queria gritar sobre o que acontecera, mas era mais fácil gritar sobre os motivos:

– COMO RAIO É QUE TE FOSTE EMBEBEDAR UMA SEMANA ANTES DA FINAL?

É mais fácil falar sobre uma causa do que sobre um problema. Para um pai que trabalha com números, a matemática fornece um modelo explanatório mais tolerável: se X não existisse, Y nunca teria acontecido. Se Kevin não tivesse dado uma festa depois de prometer aos pais que não o faria, se não se tivesse embebedado, se não tivesse levado uma rapariga para o quarto, então, não teriam de lidar com este problema.

Mas agora o pai não tem escolha. Não pode deixar que alguém diga mentiras sobre o seu filho, não pode aceitar a ideia de alguém atacar a sua família. Quando a polícia se envolveu, quando arrastaram Kevin do autocarro em frente da cidade inteira, quando os repórteres do jornal local começaram a ligar, foi aí que a situação ultrapassou o ponto em que poderia ter havido uma solução pacífica. Agora é tarde de mais. O pai tem um negócio que depende do seu bom nome e, se esse nome ficar manchado, pode destruir toda a vida da família. Portanto, não pode permitir que eles ganhem, não pode permitir sequer que existam. Não basta magoá-los. Tem de os perseguir com todas as armas ao seu dispor.

Nesta casa, já não há certo nem errado, apenas sobrevivência.

David e Kevin ainda estão sentados na cama quando o pai de Kevin abre a porta. Para em frente deles, cansado e pálido, e explica num tom de voz muito controlado:

– Compreendo que neste momento só quer pensar em hóquei, mas se quer treinar a equipa principal e jogar na próxima temporada, oiça muito bem o que lhe vou dizer. Ou ficam vocês os dois no clube, ou fica o Peter Andersson. Não há meio-termo. A filha dele está a mentir. Pode haver mil razões para isso. Talvez tenha ido

para a cama com o Kevin porque está apaixonada e depois, ao descobrir que os seus sentimentos não eram retribuídos, inventou a história da violação. Talvez o pai tenha descoberto o que aconteceu e ela tenha mentido para se proteger, porque quer continuar a ser a menina inocente do papá. Quem sabe? As raparigas de quinze anos não são criaturas racionais.

David olha para o chão. Lembra-se de quando Kevin teve ofertas de todas as grandes equipas, mas optou por não ir porque não queria deixar Benji e a sua casa, porque estava assustado. Foi David que persuadiu o pai de Kevin a deixá-lo ficar em Björnstad. Prometeu-lhe que o rapaz se desenvolveria igualmente bem ali, conseguiria passar cedo para a equipa principal e alcançaria grandes feitos logo que se tornasse profissional. O pai de Kevin acedeu porque David seria o treinador da equipa principal, e porque a decisão tornou a sua firma ainda mais popular na região. Kevin era um rapaz de Björnstad e o pai dele era um homem de Björnstad, o que agradava aos habitantes da cidade. O pai investira muito dinheiro nessa imagem. Portanto, agora, aponta para Kevin e afirma, em tom severo:

– Isto já não é uma brincadeira. O Peter Andersson esperou uma semana para ir à polícia porque *queria* que a polícia te tirasse em braços daquele autocarro. Queria que toda a gente visse. Portanto, ou sai ele deste clube, ou saímos nós. Juntos. Não há outra opção.

David não diz nada. Está a pensar no seu emprego. Na sua equipa. Em todas aquelas horas. E há uma memória que se recusa a deixá-lo: viu Peter no parque de estacionamento quando a polícia veio buscar Kevin ao autocarro. Viu-o ali parado, à espera. O pai de Kevin tem razão. Peter queria ver aquilo a acontecer.

Kevin levanta a cabeça e funga, e as lágrimas pingam para o chão quando diz:

– Alguém tem de falar com o Amat. Ele... eu não fiz nada... vocês sabem que não fiz nada... mas talvez o Amat pense... ele entrou no quarto e viu-nos... e ela ASSUSTOU-SE, está bem? Saiu a correr, mas talvez o Amat pense que... enfim.

David não levanta a cabeça porque não quer ver como aquele pai está a olhar para o filho.

Há muito poucas coisas nesta vida mais difíceis do que admitirmos a nós próprios que somos hipócritas.

Amat está a caminhar ao lado da estrada, meio na berma, meio na valeta. Está molhado e com frio, e o seu cérebro ficou dormente muito antes dos seus pés. Vai a meio caminho, entre Hed e Björnstad, quando um velho *Saab* passa e trava dez metros mais à frente. O carro espera enquanto ele se aproxima devagar. Nos bancos da frente estão dois homens de vinte e tal anos, talvez trinta. Blusões pretos, olhos desconfiados. Amat sabe quem são. Não sabe o que é mais perigoso: fitá-los nos olhos ou não o fazer.

Alguns meses antes, o jornal local entrevistou um jogador de uma equipa que ia defrontar a equipa principal de Björnstad. O jogador era originário do sul do país – não sabia onde se estava a meter –, e por isso quando o repórter lhe perguntou se tinha medo da reputação violenta da claque de Björnstad, a Matilha, ele respondeu que, naturalmente, não tinha medo de «meia dúzia de campónios de uma cidade moribunda».

Quando o autocarro da equipa atravessou a floresta, no dia seguinte, deparou-se com a estrada bloqueada por duas carrinhas. Do meio das árvores saíram trinta ou quarenta homens mascarados, de blusões pretos, armados com ramos. Ficaram ali parados dez minutos, para deixar que a equipa a bordo se preparasse para o momento em que arrombariam a porta e invadiriam o autocarro, mas não aconteceu nada. De súbito, a floresta engoliu novamente os homens, as carrinhas saíram da frente e o autocarro pôde passar.

O jogador que tinha falado com o jornal virou-se para um jogador mais velho e perguntou, ainda sem ar: «Porque é que eles não fizeram nada?», ao que o jogador mais velho respondeu: «Estavam só a apresentar-se. Querem que penses no que poderão fazer quando o autocarro fizer o caminho contrário.»

Björnstad perdeu o jogo, mas o jogador que falara com o jornal fez a sua pior partida de sempre. Quando regressou a casa, alguém já lá tinha estado. Partiram-lhe todas as janelas do carro, que encheram com ramos e folhas e incendiaram.

– És o Amat, certo? – pergunta o homem atrás do volante.

Amat faz que sim com a cabeça. O homem faz um gesto na direção da porta de trás.

– Queres boleia?

Amat não sabe se é mais perigoso aceitar ou não o convite. Por fim, abana a cabeça. Os homens não parecem ficar insultados; o condutor até sorri quando diz:

– Nada como uma boa caminhada, hã? Nós compreendemos.

Engata o carro e solta lentamente a embraiagem, mas, antes de começar a andar, põe a cabeça de fora da janela e acrescenta:

– Vimos-te jogar na meia-final, Amat. Tens coração. Quando tu e os outros juniores chegarem à equipa principal, podemos construir outra vez uma equipa mesmo boa por estes lados. Uma verdadeira equipa de Björnstad, formada por homens de Björnstad. Percebes? Tu, o Benji, o Filip, o Lyt. O Kevin.

Amat sabe que a expressão do seu rosto está a ser examinada pelos dois homens quando mencionam o nome de Kevin. Sabe que é esse o único motivo pelo qual pararam. A sua cabeça mexe-se rapidamente para cima e para baixo, os olhos cruzam-se por breves instantes com os deles. Os homens sabem que ele compreendeu.

Desejam-lhe uma boa caminhada e arrancam.

Peter está sentado no escritório, a olhar para um ecrã de computador vazio. Está a pensar no «tipo certo de pessoa». Disse essas mesmas palavras centenas de vezes, em centenas de salas diferentes, e centenas de homens acenaram em concordância, embora ele tenha a certeza de que ninguém conseguiria explicar exatamente o que isso significava. É uma expressão sem sentido no hóquei, porque sugere que quem um jogador é fora do gelo é indicativo do tipo de pessoa que é no gelo. E isso é difícil de reconhecer. Porque se uma pessoa gosta de hóquei, aliás, se gosta

mesmo de qualquer coisa, de verdade, prefere que essa coisa exista numa bolha, que não seja afetada por nada do que acontece no exterior. Quer que haja um sítio, um único sítio, que será sempre exatamente igual, por mais que o mundo lá fora mude.

É por isso que Peter gosta de dizer: «O hóquei e a política não se devem misturar.» Quando lançou o argumento durante uma discussão com Kira, alguns anos antes, a mulher riu-se e respondeu-lhe: «Ah, não? O que achas que constrói riques, se não é a política? Achas que só as pessoas que gostam de hóquei é que pagam impostos?»

Também alguns anos antes, houve um incidente num dos jogos da equipa principal. Um jogador de Björnstad perdeu a cabeça e partiu o *stick* na cabeça de um adversário, um jovem prometedor de apenas vinte anos. Foi expulso do jogo, mas escapou a uma suspensão mais alargada. Quando saiu do gelo e ia a caminho do balneário, foi confrontado por dois homens: o treinador assistente da outra equipa e um dos seus patrocinadores. Seguiu-se uma discussão e uma escaramuça. O jogador acertou na cara do treinador com a luva, e o patrocinador tirou-lhe o capacete e tentou dar-lhe uma cabeçada, antes de o jogador o atingir com o *stick* no joelho e o atirar ao chão. Ninguém sofreu qualquer lesão grave, mas apresentaram queixa do jogador na polícia e ele foi condenado a pagar uma multa correspondente ao salário de vários dias. Quanto ao jogador que foi atingido na cabeça durante o jogo, o traumatismo craniano e a lesão no pescoço resultantes do ataque puseram fim à sua carreira.

Peter lembra-se do incidente porque Kira se fartou de falar nele durante o resto da temporada. «Então, quando alguém se envolve numa luta a três metros do gelo, pode ser denunciado à polícia. Mas um minuto e meio antes, quando o mesmo homem atinge um rapaz de vinte anos na cabeça com o *stick*, a meio de um jogo, o seu único castigo é sentar-se no banco e sentir-se envergonhado durante alguns minutos?»

Peter não tinha como ganhar aquela discussão porque não queria dizer aquilo que de facto pensava: que também não achava que o sucedido no túnel dos jogadores devesse ter sido participado

à polícia. Não por ser uma pessoa que gosta de violência, ou por estar a tentar defender as ações do jogador, de forma alguma, mas porque queria que fosse o hóquei a resolver os problemas do hóquei. Dentro da bolha.

Sempre achou que era impossível explicar tal conceito a qualquer pessoa que não gostasse de hóquei. Agora, não sabe se consegue sequer convencer-se a si próprio. E não sabe o que isso faz dele.

É muito difícil admitir a hipocrisia.

O presidente do clube limpa as mãos às calças e sente o suor escorrer-lhe pelas costas. Passou o dia todo a falar ao telefone, a tentar adiar isto tanto quanto possível, mas já não tem mais opções. As ameaças dos patrocinadores, de retirarem o seu dinheiro e de se demitirem da direção, intensificaram-se e toda a gente está a fazer a mesma pergunta: «De que lado é que você está, afinal?» Como se um clube de hóquei devesse escolher lados. O presidente orgulha-se de representar um movimento popular, independente de ideologias, religiões e outras crenças. Não acredita em Deus, mas acredita no hóquei e na força unificadora de um clube de hóquei, precisamente porque se define única e exclusivamente como um clube de hóquei. As bancadas são um espaço singular – contêm ricos e pobres, fortes e fracos, esquerda e direita –; e quantos lugares assim ainda nos restam? Quantos indivíduos problemáticos é que escaparam ao vício e à prisão graças ao hóquei? Quanto dinheiro é que o hóquei poupa à sociedade? Porque é que tudo o que acontece de mau é «problema do hóquei», mas tudo o que acontece de bom é graças a outra coisa qualquer? O presidente fica fora de si por as pessoas não darem valor ao trabalho que é feito nos bastidores. É preciso mais diplomacia ali do que na sede das Nações Unidas.

O telefone toca outra vez. E outra. E outra. Por fim, o presidente levanta-se e sai para o corredor, onde tenta respirar normalmente,

apesar da pressão no peito. Dirige-se então ao gabinete de Peter e, à porta, sugere baixinho:

– Se calhar é melhor ires para casa, Peter. Até isto passar.

Peter, sentado na cadeira, não olha para ele. Já tem os seus pertences arrumados em caixas. Nem sequer ligou o computador. Tem estado apenas à espera.

– É isso que pensa mesmo, ou está com medo daquilo que as outras pessoas pensam?

O presidente franze a testa.

– Por amor de Deus, Peter, sabes muito bem que eu acho que toda esta... esta situação... é terrível! Terrível! O que... o que... o que a tua filha está a passar é...

Peter levanta-se.

– Maya. Pode tratá-la pelo nome. Todos os anos estive na festa de aniversário dela. Ensinou-a a andar de bicicleta, lembra-se? Aqui mesmo, em frente ao rinque.

– Estou apenas a tentar... Por favor, Peter... A direção está apenas a tentar lidar com isto de forma... responsável.

As sobrancelhas de Peter estremecem; é o único sinal físico da tempestade insuportável que grassa dentro dele.

– De forma responsável? Deixe-me adivinhar. A direção preferia ter lidado com isto «internamente». Preferia que não tivéssemos envolvido a polícia e a comunicação social, e que «conversássemos sobre o assunto, olhos nos olhos». É mais ou menos o que lhe têm estado a dizer ao telefone hoje, não é? Foi uma VIOLAÇÃO! Como é que se lida com uma coisa dessas INTERNAMENTE?

Quando Peter pega nas caixas e sai para o corredor, o presidente desvia-se para o deixar passar, pigarreia e concluiu, em tom infeliz:

– É a palavra dela contra a dele, Peter. Temos de pensar primeiro na equipa. Tu, mais do que qualquer um, devias compreender. O clube não pode tomar uma posição neste assunto.

Peter responde, sem se virar:

– Mas o clube tem uma posição. Acaba de a tomar.

Atira as caixas para o porta-bagagens do carro, mas deixa-o no parque de estacionamento. Caminha pela cidade, devagar, sem

saber para onde vai.

O diretor da escola mal tem tempo de pousar o telefone antes de este voltar a tocar. Vozes, umas atrás das outras, pais e mais pais. Que respostas é que eles querem? O que esperam? É um caso de polícia, deixem a lei decidir, como se gerir uma escola não fosse já complicado o suficiente. A mãe da rapariga é advogada, o pai do rapaz é um dos homens mais poderosos do distrito, é a palavra de um contra a palavra do outro. Quem é que quer meter-se no meio de uma situação dessas? Com certeza que esse papel não cabe à escola! Assim, o diretor repete o mesmo uma e outra vez, a todos os que o contactam:

– Por favor, não vamos fazer disto uma questão política. Aconteça o que acontecer, não podemos fazer disto uma questão política!

Uma das vantagens de se ter um irmão que trabalha para a companhia de segurança local é que todas as incursões noturnas na escola na sequência de falsos alarmes proporcionaram a Jeanette um conhecimento íntimo da arquitetura do estabelecimento de ensino. Por exemplo, sabe onde encontrar o pequeno cubículo onde se esconde a escada estreita que os limpa-chaminés usavam em tempos para alcançar o telhado, no último piso. E lá em cima, por detrás de um respiradouro mesmo por cima do refeitório, uma professora pode fumar um cigarro sem ser vista pelo diretor nem pelos alunos. E há dias em que isso é mais necessário do que noutros.

É assim que Jeanette vê, por acaso, Benji a atravessar o pátio da escola logo a seguir ao almoço. Todos os outros jogadores dos juniores faltaram às aulas para estar com Kevin, portanto, o facto de Benji ali estar, voluntariamente, só pode significar que está a fazer o contrário.

Ana está sentada, sozinha, numa sala de aula cheia de alunos que não falam de outra coisa a não ser de Maya e Kevin. Maya está

sentada, sozinha, noutra sala de aula onde ninguém diz nada. Vê os bilhetinhos que passam uns aos outros, os telemóveis escondidos no colo.

A partir de agora é isto que ela será sempre para os outros: na melhor das hipóteses, a rapariga que foi violada; na pior, a rapariga que mentiu sobre a violação. Nunca a deixarão ser outra coisa senão uma dessas hipóteses. Em todas as salas, em todas as ruas, no supermercado e no rинque, ela entrará como se fosse um engenho explosivo. Terão medo de lhe tocar, mesmo os que acreditam nela, porque não querem correr o risco de ser atingidos por estilhaços quando detonar. Recuarão em silêncio, mudarão de direção. Desejarão que ela desaparecesse, que nunca tivesse estado ali. Não porque a odeiam, não é esse o caso, pelo menos não em relação a todos: nem todos escreveram «puta» no cacifo dela, nem todos a violaram, não são todos cruéis. Mas todos se calam. Porque é mais fácil.

Levanta-se a meio da aula e sai da sala sem uma palavra de protesto da parte do professor. Percorre o corredor vazio, entra na casa de banho, para em frente do espelho e desfere um soco no seu reflexo, com toda a força. O espelho estilhaça-se. A dor demora uns segundos a chegar-lhe ao cérebro e tem tempo para ver o sangue antes de lhe começar a doer.

Benji vê-a entrar na casa de banho. Faz um esforço para se persuadir a si próprio a ir na direção oposta. A ficar calado. A não se envolver. Mas depois ouve o estrondo, o som de vidros a caírem sobre a porcelana do lavatório, e já partiu espelhos suficientes na vida para reconhecer o barulho.

Bate à porta. Quando ela não responde, diz:

– Posso arrombá-la ou podes abrir. Tu é que sabes.

Encontra-a com um monte de papel higiénico ensanguentado enrolado à mão. Benji fecha a porta e olha para o espelho.

– Sete anos de azar.

Talvez Maya devesse estar assustada, mas não tem energia para tanto. Nem sequer consegue sentir ódio. Não sente nada.

– Não fará grande diferença para mim agora, pois não?

Benji enfia as mãos nos bolsos. Ficam em silêncio, a vítima e o velho amigo. A puta e o irmão. Maya pigarreia para sufocar os soluços e diz:

– Não me interessa o que queres. Sei que me odeias. Achas que estou a mentir só para arranjar problemas ao teu melhor amigo. Mas estás enganado. Estás muito enganado.

Benji tira as mãos dos bolsos e, com muito cuidado, retira os cacos de vidro do lavatório e deita-os, um a um, para o lixo.

– Tu é que estás enganada.

– Vai à merda – sussurra Maya entre dentes, e dirige-se à porta. O rapaz afasta-se agilmente para ela não ter de estabelecer contacto físico com ele, e só muito mais tarde Maya compreenderá como é atencioso esse gesto.

Benji fala tão baixo que, ao princípio, Maya julga que ouviu mal.

– Tu é que estás enganada, Maya. Ao achar que ele ainda é o meu melhor amigo.

Jeanette tem uma hora entre aulas. Aproveita a oportunidade para ir à casa de banho lavar o cheiro de cigarros dos dedos enquanto o corredor está vazio. Estaca quando vê Maya sair, a chorar e com os dedos a sangrar, como se tivesse partido alguma coisa. A rapariga não vê a professora e corre na direção oposta, para a saída.

Logo a seguir, um estrondo explode na casa de banho, quando um lavatório é arrancado da parede e arremessado ao chão, uma sanita despedaçada ao pontapé, um caixote do lixo atirado através do vidro da janela. O corredor não demora muito a encher-se de adultos e alunos, mas nessa altura já tudo dentro daquela casa de banho foi sistematicamente despedaçado e destruído. É preciso um diretor, um segurança e dois professores de Educação Física para dominar Benji e o tirar da casa de banho.

Mais tarde, a escola descreverá o incidente como «um acesso emocional por parte de um aluno com um historial bem documentado de problemas de agressividade». Dirão que é

«compreensível, tendo em conta a sua relação com o rapaz que foi acusado de... enfim».

Jeanette olha para a destruição; o seu olhar cruza-se com o de Benji, e fica a vê-lo ser arrastado dali. O rapaz destruiu uma casa de banho inteira e aceitou tanto a suspensão como a responsabilidade pelo pagamento dos estragos sem pestanejar, tudo porque não quis que ninguém soubesse que Maya partira um espelho. Porque decidiu que ela já sangrara o suficiente. O único adulto que se apercebe disso é Jeanette, que nunca falará no assunto. Também sabe alguma coisa sobre segredos.

Volta a subir para o telhado. Fuma o resto do maço.

Kira está no escritório, enterrada em transcrições de julgamentos anteriores e precedentes de casos de agressão sexual, em constante discussão com os colegas, completamente mobilizada para a guerra. Sente tudo ao mesmo tempo: raiva, dor, impotência, desejo de vingança, ódio, terror. Mesmo assim, tudo se evapora num instante quando o telefone vibra e o nome da filha se ilumina no ecrã. Quatro palavrinhas: «Podes vir para casa?» Nunca uma mãe conduziu um carro mais depressa através daquela floresta.

Maya está sentada no chão da casa de banho, em casa, a lavar o sangue dos dedos antes de finalmente perder o controlo. Tudo aquilo que engoliu, tudo o que tentou abafar, tudo o que tentou esconder para proteger aqueles que ama, para que eles não sofressem tanto como ela. Não consegue suportar também o sofrimento deles. Não aguenta o peso da dor dos outros em cima da dela.

– Não queria que os filhos da mãe me vissem sangrar – murmura à mãe.

– Às vezes receio que tenham de ver. Para compreenderem que tu és uma pessoa real – soluça a mãe, apertando a filha nos braços com muita, muita força.

O que é uma comunidade?

Amat vê-o à distância. Ninguém no Covão tem um carro tão caro, e ninguém com um carro tão caro vem ao Covão voluntariamente. O homem sai da viatura, confiante e de costas direitas.

– Olá, Amat. Sabes quem eu sou?

Amat acena.

– É o pai do Kevin.

O pai de Kevin sorri. Olha para Amat. Vê o rapaz lançar um olhar de soslaio ao seu relógio e presume que estará a tentar calcular quantos meses do salário da mãe custaria um relógio assim. O homem lembra-se de como ele próprio era naquela idade, quando não tinha absolutamente nada e odiava todas as pessoas que possuíam alguma coisa.

– Podemos conversar um bocadinho, Amat? Só nós os dois... de homem para homem?

O Janota está sentado no gabinete ao fundo do supermercado. A cadeira range sob o seu peso quando encosta a testa à palma da mão. O tom de voz do outro lado do telefone é insatisfeito, mas não desagradável.

– Não é nada pessoal, Janota. Mas com certeza que compreendes que não podemos construir uma academia de hóquei em Björnstad depois disto tudo. Não podemos permitir que a comunicação social faça com que pareça que nós... enfim, sabes onde quero chegar.

O homem ao telefone é um autarca local, o Janota é um empresário, mas foram também dois rapazes que jogavam hóquei juntos no lago. Às vezes, as suas conversas são oficiais, outras vezes não, e a conversa de hoje está algures entre uma coisa e outra.

– Tenho uma responsabilidade perante a câmara, Janota. E o partido. Com certeza que compreendes.

O Janota compreende. Sempre foi um homem que acredita em perguntas difíceis e respostas simples. O que é um negócio? É uma ideia. O que é uma cidade? Um conjunto de indivíduos. O que é o dinheiro? Possibilidades. Atrás dele, do outro lado da parede, alguém martela. O Janota está a aumentar o seu supermercado, porque crescimento significa sobrevivência. Um empresário parado não está realmente parado, está a andar para trás.

– Tenho de ir, Janota, tenho uma reunião – anuncia agora a voz ao telefone em tom apologético.

Um telefone desliga-se. Uma ideia esfuma-se. Uma academia de hóquei deixa de existir. O que é que isso significa? Quando o Janota era novo, havia três escolas em Björnstad, agora há apenas uma. Depois de a academia de hóquei ser construída em Hed, quanto tempo levará a câmara a encerrar a última escola de Björnstad? E quando os melhores jogadores dos juniores dali treinarem no rink de Hed durante o dia, o mais natural é jogarem pela equipa principal de Hed à noite. E quando a equipa principal de Björnstad não conseguir recrutar os melhores jovens da área, o clube acabará. O rink não será renovado, não haverá novas oportunidades de emprego, o que seria um passo natural para outros desenvolvimentos: um centro de conferências, um centro comercial, uma nova zona industrial, melhores ligações à autoestrada, talvez até um aeroporto.

O que é um clube de hóquei? Talvez o Janota seja um romântico incurável – a mulher diz-lhe isso muitas vezes –, mas para ele um clube de hóquei é o que faz com que todos os habitantes desta cidade se lembrem, uma vez por semana, de tudo aquilo que têm em comum, e não daquilo que os separa. O clube é a prova de que podem trabalhar juntos para se tornarem algo maior. Ensina-os a sonhar.

Ele acredita em perguntas difíceis e em respostas simples. O que acontece a uma cidade que não cresce? Morre.

Peter entra na loja. Toda a gente o vê, mas ninguém olha para ele. Empregados e clientes, jovens e velhos, os seus amigos de

infância e vizinhos, todos o evitam quando ele se aproxima. Desaparecem atrás das prateleiras e noutros corredores, fingem-se absorvidos nas listas de compras e comparam preços. Só um homem o fixa diretamente.

À porta do escritório, os olhos do Janota encontram os de Peter. O que é um diretor-geral? O que é um capitão de equipa? E o que é um amigo de infância? O Janota põe um pé em frente do outro, hesitante, abre a boca como se fosse falar, mas Peter limita-se a abanar a cabeça devagar. Nunca chegará a saber que a filha abanou a cabeça a Ana no refeitório da escola por não querer que o ódio de que é alvo atinja a amiga, mas faz o mesmo agora.

E quando o Janota volta a entrar no escritório e fecha a porta, a sua vergonha é a mesma vergonha que sentem todos os amigos quando falham. Nesta cidade, as pessoas são boas a sentir vergonha. Começam a treinar cedo.

O pai de Kevin não espera por resposta. Esfrega as mãos e solta uma risada.

– Ainda está frio, em março. Nunca me habituei a isto. Vamos sentar-nos no carro?

Amat entra em silêncio e fecha a porta com cuidado, como se tivesse medo de a partir. O carro cheira a cabedal e a perfume. O pai de Kevin olha para os prédios de apartamentos.

– Cresci num prédio quase idêntico a estes. Acho que o meu tinha mais um andar. O teu pai não vive contigo, pois não?

Faz as perguntas sem rodeios, sem complicações. Tal como gere todos os seus negócios.

– Morreu na guerra, pouco depois de eu nascer – responde Amat, pestanejando mais depressa. O homem repara, apesar de não estar a fitá-lo diretamente.

– A minha mãe também estava sozinha. Comigo e mais três irmãos. É o trabalho mais difícil do mundo, não é? A tua mãe tem problemas de costas, não tem?

Amat tenta disfarçar, mas o homem vê-o franzir ligeiramente a testa. Assim, prossegue, em tom sensível:

– Conheço um bom fisioterapeuta. Posso arranjar-lhe tratamento.

– Seria muito amável da sua parte – murmura o rapaz, ainda sem estabelecer contacto visual. O homem estende as mãos.

– Na verdade, estou surpreso por ninguém ainda a ter ajudado com isso. Alguém do clube já devia ter perguntado como ela está, não achas? Já lá trabalha há bastante tempo, não é?

– Desde que nos mudámos para cá – admite Amat.

– Devíamos olhar uns pelos outros nesta cidade, Amat, não achas? Na nossa cidade e no nosso clube, cuidamos uns dos outros – reflete o homem, e estende-lhe um cartão de visita.

– É o número do fisioterapeuta? – pergunta Amat.

– Não. É o número do gerente de pessoal de uma empresa em Hed. Diz à tua mãe que ligue e marque uma entrevista. Trabalho de escritório, nada de limpezas. Arquivo, essas coisas. Ela fala bem a língua?

Amat acena com a cabeça, um pouco mais depressa do que queria, um pouco mais avidamente do que gostaria.

– Sim! Sim... claro!

– Muito bem. Basta ligar para esse número – diz o pai de Kevin.

Depois, fica calado durante muito tempo. Como se tivesse sido apenas aquele o objetivo da visita.

O que é uma matilha? Nada, se perguntarmos aos seus membros. Não existe. Os homens sentados à volta das mesas no Urso Pardo não têm nada em comum, além do facto de serem homens. Os mais velhos têm mais de quarenta anos, os mais novos ainda nem sequer votam. Alguns têm o urso tatuado no pescoço, outros no braço, muitos em lado nenhum. Alguns têm bons empregos, outros, maus empregos, muitos estão desempregados. Alguns têm família, filhos, hipotecas e compram pacotes de férias no verão, e outros vivem sozinhos e nunca puseram os pés fora de Björnstad. É precisamente esse o problema quando a polícia os tenta identificar como a «Matilha»: só têm algo em comum quando os vemos juntos. Assim que se afastam alguns metros uns dos outros, são apenas indivíduos.

E o que é um clube? Se lhes perguntarmos, o clube pertence-lhes, e não àqueles velhos filhos da mãe – os homens que vão ver os jogos com casacos elegantes, os patrocinadores, os membros da direção, o presidente e o diretor-geral. Esses são todos iguais. Todos esses velhos filhos da mãe podiam desaparecer numa só época, mas o clube ainda ali estaria, e a Matilha também. É algo que não existe e que existe eternamente.

Não são sempre ameaçadores. E é raro serem violentos, a menos que seja dia de jogo e haja fãs da equipa adversária nas imediações. Mas de vez em quando fazem questão de mostrar àqueles velhos filhos da mãe a quem é que o clube realmente pertence. E o que acontece quando a sua sobrevivência é posta em risco.

Ramona está atrás do balcão. Os homens de blusões pretos estão sentados à volta das mesas. São os rapazes mais simpáticos que ela conhece. Compram-lhe a comida e mudam-lhe as lâmpadas no apartamento sem que ela tenha sequer de pedir. Uma vez, quando lhes perguntou por que razão odiavam tanto Peter, os seus olhos ensombraram-se e um deles respondeu: «Porque esse cabrão nunca teve de lutar pelo hóquei. Foi-lhe tudo dado de bandeja. Por isso, tem medo. Os patrocinadores têm-no pela trela e ele põe a merda dos logótipos à frente do que é melhor para o clube. Toda a gente sabe que ele cresceu nas bancadas dos lugares em pé, mas quando os patrocinadores querem correr com aqueles que ocupam agora esses lugares e substituí-los pelos espectadores das *Coca-Colas* e dos cachorros-quentes, ele cala-se. Toda a gente sabe que ele gosta do Sune como um pai, e que não quer o David como treinador da equipa principal, mas não abre a boca. Que raio de homem é esse? Como podemos deixá-lo ser diretor-geral do nosso clube?»

Ramona fixou os olhos neles e ripostou: «E vocês, hã? Quantas pessoas nesta cidade se atreveriam a discordar de vocês? Açam que isso significa que estão sempre certos?»

Eles não lhe responderam. Talvez Ramona possa orgulhar-se disso. Mas agora olha para as pequenas janelas que dão para a rua e vê Peter a passar. Devagar, como se não soubesse para onde vai. Para e olha para a janela com um saco de compras na mão, hesitante.

Ramona podia ter ido buscá-lo lá fora. Podia ter-lhe oferecido um café. Seria tão simples. Mas olha em volta, para os homens sentados às mesas do Urso Pardo, e a única coisa nesta cidade mais simples do que oferecer um café a Peter, é não o fazer.

De que tamanho é o mundo quando temos doze anos? Infinito e infinitesimal, ao mesmo tempo. É todos os nossos sonhos mais loucos, e é também um balneário apertado num rinque de hóquei no gelo. Leo está sentado num banco. Na frente da camisola, tem estampado um grande urso. Ninguém está a olhar para ele, mas todos o veem. Os seus melhores amigos levantam-se e mudam de banco quando ele se senta. Não recebe um único passe em todo o treino. Gostava que alguém o tivesse placado. Gostava que alguém tivesse atirado as suas roupas para o chuveiro. Quase deseja que tivessem gritado algo horrível sobre a sua irmã.

Só para escapar ao silêncio.

Amat não consegue parar de passar os dedos na orla do cartão de visita. O pai de Kevin vê as horas, como se estivesse com pressa, e sorri a Amat como se estivessem despachados. Amat até tem tempo de pousar a mão no puxador da porta antes de o homem lhe dar uma palmadinha paternal no ombro e dizer, como se o pensamento acabasse de lhe ocorrer:

– É verdade... Na festa, na festa do meu filho... sei que pensas que talvez tenhas visto alguma coisa nessa noite, Amat. Mas acho que também sabes que muitas pessoas viram a quantidade de álcool que bebeste, certo?

O movimento do cartão de visita trai o tremor de Amat. O pai de Kevin pousa a mão na dele.

– Quando uma pessoa bebe, pode ficar com uma data de ideias na cabeça, Amat, mas isso não significa que sejam verdade. As pessoas fazem coisas estúpidas quando estão bêbadas. Acredita, eu próprio fiz muitas!

O homem ri-se, um riso caloroso e autodepreciativo. Amat ainda está a olhar para o cartão. O nome de um gerente de pessoal, uma grande empresa, uma vida diferente.

– Estás apaixonado pela Maya? – pergunta o homem, de forma tão abrupta que Amat faz que sim com a cabeça antes de ter tempo para pensar.

É a primeira vez que o admite a alguém. As lágrimas ardem-lhe nos olhos. O homem ainda lhe segura nos dedos quando continua:

– Essa jovem deixou-vos numa posição terrível, a ti e ao Kevin. Uma situação mesmo terrível. E achas que ela quer saber de ti, Amat? Achas que teria feito isto se se preocupasse contigo? Sei que é difícil para ti compreendê-lo agora, mas as raparigas precisam de atenção de uma maneira diferente dos rapazes. E fazem coisas muito estranhas para a conseguir. São coscuvilheiras e espalham rumores; mas os homens não. Os homens fitam-se nos olhos e resolvem as coisas sem envolver mais ninguém. Não achas?

Amat olha para ele de soslaio. Morde o lábio e acena com a cabeça. O pai de Kevin inclina-se para ele e acrescenta em tom confidencial:

– Esta jovem escolheu o Kevin. Mas acredita em mim, dentro em breve desejará ter-te escolhido a ti. Quando estiveres a jogar na equipa principal, quando fores profissional, vais ter bandos de raparigas atrás de ti. E nessa altura compreenderás que algumas não são dignas de confiança. São como um vírus.

Amat fica sentado em silêncio, sentindo o peso da mão do homem no ombro.

– Há alguma coisa que me queiras dizer, Amat?

O rapaz abana a cabeça. O suor dos seus dedos começa a manchar o cartão de visita. O homem tira a carteira do bolso e estende-lhe cinco notas de mil coroas.

– Ouvi dizer que vais precisar de patins novos. Daqui em diante, sempre que precisares de alguma coisa, liga para mim. Nós

cuidamos uns dos outros, nesta cidade e nesta equipa.

Amat aceita o dinheiro e dobra as notas sobre o cartão de visita. Então, abre a porta do carro e sai. O homem abre a janela e chama-o:

– Sei que o treino de hoje é voluntário, mas gostava muito que lá estivesses. A equipa tem de se manter unida, certo? Não somos ninguém se estivermos sozinhos no mundo, Amat!

O rapaz promete estar lá. O homem ri-se, finge estar zangado, franze a testa e curva os ombros, e rugue:

– Porque somos os ursos, os ursos de Björnstad!

O carro caro dá a volta e desaparece ao fundo da estrada. Um carro bastante mais barato está estacionado na outra ponta do parque, um velho *Saab* com o *capot* aberto. O seu proprietário, um homem de blusão preto com um urso tatuado no pescoço, está debruçado sobre o motor, a mexer em qualquer coisa.

Finge não reparar no carro caro nem no rapaz que este deixa para trás em frente ao prédio de apartamentos. Mas depois de o pai de Kevin se ir embora, Amat deixa cair algo na neve. O rapaz fica muito tempo ali parado, a olhar para baixo, como se estivesse a tentar decidir se deve ou não voltar a apanhá-lo. Por fim, limpa a cara com as costas da mão e desaparece por uma das portas.

O homem espera um minuto antes de deixar o *Saab* e ir apanhar do chão as cinco notas de mil coroas. Estão amachucadas por terem estado apertadas numa palma de mão suada.

O homem guarda-as no bolso do blusão preto.

Amat entra em casa e fecha a porta. Olha para o cartão de visita. Esconde-o no quarto e pega nos patins. Estão-lhe demasiado pequenos, e foram tão usados que a tinta está a sair. Ele sabe exatamente o tipo de patins que poderia comprar com cinco mil coroas. Todas as crianças do Covão sabem o preço daquilo que não podem dar-se ao luxo de comprar. Arruma o saco e sai, desce as escadas a correr, abre a porta.

O dinheiro desapareceu. E Amat nunca saberá dizer ao certo se isso o deixa desapontado ou aliviado.

Peter está parado numa rua sossegada. Dali, consegue ver o telhado do rinque. O que é um lar? É um lugar que nos pertence. Assim sendo, poderá continuar a ser um lar se já não somos bem-vindos lá? Não sabe. Falará com Kira nessa noite e ela dirá: «Eu posso trabalhar em qualquer lado», e Peter assentirá com um aceno. Embora ele não possa trabalhar em qualquer lado. Falarão numa eventual mudança de casa, e ele decidirá honestamente tentar viver sem o hóquei.

Não repara mas, quando recomeça a andar, um velho *Saab* passa por ele.

Kira saiu para despejar o lixo. É uma tarefa da filha, normalmente – foi o combinado quando ela recebeu a guitarra –, mas agora as coisas são diferentes. Nem mesmo o verão ajudará a curar o medo do escuro de Maya.

Da janela da vizinha, chega até ela o cheiro a café. Céus, como Kira suspirava cada vez que se falava em café, depois de a família se mudar para Björnstad. «Café, café, café; mas ninguém faz outra coisa por estes lados a não ser beber café?», queixou-se a Peter, e Peter encolheu os ombros e explicou: «Só querem mostrar que gostariam de ser teus amigos. É difícil perguntar: “Podemos ser amigos?” É muito mais fácil se for: “Quer um café?” Esta é uma cidade onde as pessoas... bom... não sei bem como explicar. Uma cidade onde as pessoas acreditam em perguntas difíceis e respostas simples.»

Kira acabou por se habituar. Habitou-se a todas as coisas que eram ditas com uma bebida na cidade da floresta. Sempre que queriam agradecer ou pedir desculpar ou afirmar: «Estou aqui para o que for preciso», ao invés perguntavam: «Quer um café?», ou: «Posso oferecer-lhe uma cerveja?», ou: «Dois *shots*, por favor, pago eu.»

Kira põe o lixo no contentor. Há luzes acesas por detrás das janelas dos vizinhos. Mas ninguém abre a porta.

David sai do balneário com a equipa, e saem também do rinque. Nessa noite irão treinar na floresta. Manda-os fazer flexões, e ninguém se esforça mais do que Bobo. O rapaz pode nem sequer conseguir jogar na próxima época – é demasiado velho para os juniores e não é bom o suficiente para a equipa principal, mas está ali por vontade própria, a dar tudo por tudo. David manda-os correr e Filip acaba em primeiro de todas as vezes. A próxima época será a mais importante para ele, o ano em que todos verão como ele é bom. Dirão que é um «sucesso súbito». Claro, só precisou deste tempo todo, desde os cinco anos, só lhe custou tudo o que tinha, tudo o que a mãe tinha. «Súbito.» Céus. Só lhe levou a vida inteira.

David manda-os fazer o jogo da corda, e Lyt quase desloca um ombro para tentar vencer. E Amat? Amat não diz uma palavra, mas faz todos os exercícios, cumpre tudo aquilo que lhe é exigido.

O presidente do clube está na orla da floresta, perto o suficiente para os ver, mas não o suficiente para ser visto. Está a suar. Quando o grande carro para no parque de estacionamento em frente do rinque e Kevin e o pai saem, é a primeira vez que alguém vê o pai do rapaz num treino. Kevin já vem equipado e corre até ao resto da equipa na floresta, e os outros cumprimentam-no com gritos que ecoam entre as árvores, como se ele fosse um rei.

O presidente fica na orla das árvores e vê David no meio dos rapazes a apertar a mão do pai de Kevin. O olhar do presidente cruza-se com o do treinador, à distância, apenas por um instante, e então o presidente dá meia-volta e regressa ao seu escritório.

Se Kevin tivesse entrado no rinque, o clube ver-se-ia forçado a falar sobre princípios e consequências. O presidente talvez se sentisse obrigado a pedir-lhe que fosse para casa, «só até isto passar». Mas não pode impedir os rapazes de treinarem na floresta.

É o que todos dizem a si próprios.

Noutra parte da cidade, em frente a uma casa nos Montes, a mãe de Kevin sai para levar o lixo. Está macilenta, do cansaço e de tudo o resto, mas maquilha-se para esconder os sinais de ter estado a chorar. Abre o contentor, de costas direitas, olhar fixo. Há luzes por detrás de todas as janelas à sua volta.

Uma porta abre-se. Uma voz chama-a:

– Quer vir beber um café?

Outra porta abre-se, noutra casa. A seguir, noutra. E noutra.

Perguntas difíceis, respostas simples.

O que é uma comunidade? É a soma total das nossas escolhas.

Há um velho ditado que Sune adora: «Que nome damos quando um homem entra na floresta e os outros o seguem? Liderança. E se um homem entrar na floresta sozinho? Chamamos-lhe um passeio.»

Peter entra em casa. Põe o leite no frigorífico, o pão em cima do balcão, as chaves do carro numa taça. Só então se lembra de que deixou o carro no rinque. Pensa calmamente que talvez o encontre queimado no dia seguinte, cheio de ramos carbonizados. Pega nas chaves, tira o porta-chaves, volta a colocar as chaves na taça e deita o porta-chaves no lixo.

Kira entra na cozinha. Põe-se em cima dos pés dele e dançam lentamente. Peter murmura ao ouvido da mulher:

– Podemos mudar-nos. Tu consegues trabalhar em qualquer lado.

– Mas tu não, querido. Não podes arranjar outro emprego no hóquei em qualquer lado.

Ele sabe. Demasiado bem. Mas nunca esteve mais certo de nada na vida do que quando diz:

– Mudaste-te para aqui por minha causa. Eu posso mudar-me para outro lado por ela.

Kira segura-lhe no rosto com as duas mãos. Vê as chaves do carro na taça. Desde que o conhece que Peter tem as chaves todas num porta-chaves em forma de urso. Mas agora o urso desapareceu.

Ana está sentada na cama; o quarto já não lhe parece seu. Quando a mãe andava mais zangada, na fase em que estava magoada por a filha não ter ido com ela aquando do divórcio, acusou Ana de ser «um caso clássico de codependência». Acusou-a de ter ficado em Björnstad pelo pai, porque sabia que ele não conseguiria viver sozinho. Talvez seja verdade; Ana não tem certeza. Sempre quis ser próxima do pai, não por ele a compreender, mas por compreender a floresta. Essa era a grande

aventura de Ana, e ninguém sabia mais sobre isso do que o pai – não havia melhor caçador do que ele em Björnstad. Quando era pequena, Ana ficava acordada na cama, à noite, vestida, na esperança de que o telefone tocasse. Sempre que havia um acidente de automóvel que envolvia um animal selvagem na região – algo que acontecia com bastante frequência no inverno –, e o condutor avisava a polícia de que o animal desaparecera na floresta, ferido, era o pai de Ana que eles chamavam.

A sua teimosia e obstinação e o seu carácter taciturno eram qualidades que não o ajudavam muito na vida, mas que eram perfeitas na floresta. «Fiquem os dois aí sentados o resto da vida sem dizer uma palavra, então!», gritou a mãe ao sair de casa; e foi o que eles fizeram. Não viam nada errado nisso, na verdade.

Ana tem memórias muito nítidas de estar sempre a chatear o pai para a levar com ele à noite, quando era pequena, mas nunca conseguiu convencê-lo. Era sempre demasiado perigoso, demasiado tarde, demasiado frio. E ela sabia que isso significava que o pai tinha estado a beber. Ele sempre confiara nela na floresta, mas não em si próprio.

Adri está a dar a volta ao canil, a alimentar os cães. Vê Benji no ginásio do anexo; tem as muletas caídas no chão ao lado do banco onde levanta halteres. Levantou quantidades ridículas de peso nessa noite, mesmo tendo em conta que é o doido do seu irmão. Ela sabe que a equipa tem um treino voluntário hoje; ouviu dizer na cidade que iam correr na floresta. E que Kevin também lá estava. Mas não pergunta a Benji porque prefere estar sozinho. Não quer ser essa irmã chata. Pode não ter nascido ali, mas é uma rapariga de Björnstad. Forte como a floresta, dura como o gelo. Trabalhar arduamente, manter a boca fechada.

Ana está de pé em frente do espelho no seu quarto, nua, a contar. Sempre foi boa nisso. Teve notas máximas a matemática a vida toda. Quando era pequena, contava tudo – pedras, folhas de relva, as árvores na floresta, pegadas no chão, garrafas vazias no

armário por baixo do lavatório, as sardas na pele de Maya, até a respiração. Às vezes, quando se sentia mesmo mal, contava cicatrizes. Mas, principalmente, contava defeitos. Punha-se em frente do espelho e identificava todas as coisas erradas em si própria. Às vezes, enumerá-las em voz alta antes de as ouvir da boca de alguém na escola fazia com que se tornassem mais toleráveis.

O pai bate à porta. Há anos que não fazia isso. Desde que a mãe se foi embora, pai e filha vivem em divisões separadas, mantendo vidas separadas. Veste-se depressa e abre a porta, surpreendida. Ele está no corredor, com ar perplexo. Não embriagado, não aquele homem triste e solitário que às vezes passava a noite toda acordado; está sóbrio, agora. Estende a mão sem lhe tocar, como se já não soubesse dizer que a ama. Pronuncia lentamente as palavras:

– Falei com alguns tipos na equipa de caça. O clube de hóquei convocou uma reunião de sócios. Há um grupo de pais e patrocinadores que está a exigir uma votação sobre o Peter.

– O... Peter? – repete Ana, porque não compreende.

– Vão exigir que o clube o despeça.

– O quê? PORQUÊ?

– A polícia só foi chamada uma semana depois da festa. Há quem diga que... que o que aconteceu... foi...

Não consegue dizer a palavra «violação» em frente da filha, não quer que ela veja como está contente e aliviado por não ter sido ela. Tem medo de que Ana o odeie por isso. Ela dá um murro na cama.

– Mentira? Estão a dizer que é mentira? E agora acham que o Peter esperou uma semana para apresentar queixa à polícia porque queria prejudicar o KEVIN? Como se o KEVIN é que fosse a VÍTIMA?

O pai faz que sim com a cabeça. Fica parado muito tempo à porta, sem saber o que dizer. Por fim, o que acaba por sair é:

– Fiz hambúrgueres de alce. Estão na cozinha.

Fecha a porta atrás de si e volta para baixo.

Ana liga mais de cem vezes a Maya nessa noite. Compreende por que razão ela não atende. Sabe que Maya a odeia. Porque foi

exatamente isto que Maya sabia que ia acontecer. Se não tivesse contado a verdade, Kevin só a teria magoado a ela. Assim, magoou também todas as pessoas que Maya ama.

A campainha da porta toca. Peter abre. É o presidente do clube. Parece tão triste, tão abatido e transpirado e sujo, tão esgotado e quebrado pelo *stress* que Peter nem consegue odiá-lo.

– Vai haver uma reunião e uma votação. O clube é composto pelos seus sócios, e se exigirem que a direção te despeça... então... não está nas minhas mãos, Peter. Mas podes estar presente para te defenderes. Tens esse direito.

A rapariga aparece atrás do pai. Primeiro, Peter estende o braço, como se quisesse protegê-la, mas ela afasta-o calmamente e encara o presidente. Ele devolve-lhe o olhar.

Consegue pelo menos fazer isso.

Já é tarde quando a muleta de Benji bate à porta do quarto de Adri. Adri abre e vê-o ali parado, com os braços a tremer de fadiga muscular. Ela só conhece três fases do exercício nas pessoas normais: quando aguentam a dor, quando aprendem a gostar dela e quando começam a desejá-la. O irmão já ultrapassou todas essas fases. Ele precisa da dor. Tornou-se dependente dela. Não consegue sobreviver sem isso.

– Podes dar-me uma boleia? – pergunta Benji.

Há tanta coisa que Adri lhe queria perguntar, mas não diz nada. Não é esse tipo de irmã. Se Benji quer alguém que o chateie, que ligue a Katia ou a Gaby.

Peter fecha a porta. Ele e Maya ficam sozinhos no vestíbulo. A filha ergue os olhos:

– Quem é que quer despedir-te: a direção ou os pais?

Peter sorri, melancólico.

– Ambos. Mas é mais fácil para a direção se forem os membros a pedir. É sempre mais fácil deixar outra pessoa assumir o castigo que devia ser nosso.

Ela pega-lhe nas mãos.

– Estraguei tudo, estraguei tudo para toda a gente, estraguei tudo para ti – soluça.

O pai afasta-lhe o cabelo do rosto e responde calmamente:

– Não digas isso. Nem sequer penses tal coisa. Nunca mais. O que é que aqueles filhos da mãe me podiam dar, de qualquer maneira? A merda de uma máquina de café expresso? Podem enfiar a máquina de café no rabo!

Maya ri-se, como quando a mãe conta anedotas picantes e o pai fica envergonhado.

– Tu nem sequer gostas de café expresso. Nem sabias o que era até ao ano passado...

O pai encosta a testa à dela.

– Tu e eu sabemos a verdade. Tu, a tua família e todas as pessoas decentes e sensatas sabem a verdade. E vamos fazer justiça, de alguma maneira, prometo. Só quero... não podes...

– Está tudo bem, papá.

– Não, não está! E nunca estará! Não podes pensar nunca, nunca, que está tudo bem, que aquilo que ele fez... Tenho medo, Maya, tenho tanto medo de que tu penses que eu não quero matá-lo, que não quero matá-lo todos os minutos do dia, porque quero.

As lágrimas do pai deslizam pelas faces da filha.

– Também tenho medo, papá. De tudo. Do escuro e... e de tudo.

– O que é que eu posso fazer?

– Amar-me.

– Sempre, joaninha.

Ela acena com a cabeça.

– Então, posso pedir uma coisa?

– O que quiseres.

– Podemos ir para a garagem tocar Nirvana?

– Tudo menos isso.

– Como é possível que não gostes de Nirvana?

– Já era demasiado velho quando eles apareceram.

– Como podes ser demasiado velho para NIRVANA? Quantos anos TENS, afinal?

Riem-se. Como é poderoso, o facto de ainda se conseguirem fazer rir um ao outro.

Kira está sentada sozinha na cozinha, a ouvir o marido e a filha a tocarem na garagem. Maya é agora muito melhor do que ele; Peter está sempre a perder o ritmo, mas ela acompanha-o para que ele não se sinta mal. Kira precisa de álcool e cigarros. Antes de ter tempo de ir à procura dessas coisas, alguém coloca um baralho de cartas em cima da mesa. Não são cartas de jogar normais, mas a versão infantil que tinham na autocaravana que alugaram quando os miúdos eram pequenos. Claro que deixaram de jogar porque a mãe e o pai nunca se entendiam quanto às regras.

– Vamos jogar uma partida. Talvez até te deixe ganhar – sugere Leo, e senta-se.

Põe dois refrigerantes em cima da mesa. Tem doze anos, mas, apesar disso, deixa a mãe abraçá-lo com força.

Numa sala de ensaios decrepita nos arredores de Hed, uma lâmpada brilha sobre um rapaz vestido de cabedal preto, sentado numa cadeira a tocar violino. Ainda tem o instrumento na mão quando alguém bate na ombreira da porta. É Benji, apoiado nas muletas, com uma garrafa na mão. O baixista tenta ser sedutor, calado e misterioso, mas o seu sorriso radiante não ajuda.

– O que estás a fazer aqui?

– Vim dar um passeio – explica Benji.

– Não me digas que isso é álcool caseiro. – O baixista olha para a garrafa com um sorriso.

– Se queres viver aqui, vais ter de aprender a bebê-lo, mais cedo ou mais tarde – diz Benji.

O baixista parte do princípio de que isso significa «desculpa» por aqueles lados. Já reparou que as pessoas da região gostam de comunicar através da bebida.

– Não tenho a mínima intenção de ficar por cá – garante.

– Ninguém tem. Mas vão ficando – replica Benji, e saltita para dentro da sala.

Não diz nada sobre o violino. O baixista gosta disso, de perceber que Benji é o tipo de pessoa que não fica surpreendido por alguém poder ser mais do que só uma coisa.

– Se eu tocar, podes dançar – sugere, passando o arco ao de leve sobre as cordas.

– Não sei dançar – responde Benji, sem perceber que era uma piada por causa das muletas.

– Dançar é fácil. É só estar parado, e depois deixar de estar parado – murmura o baixista.

Os músculos do peito de Benji tremem de exaustão. Isso ajuda. Faz com que o seu interior pareça calmo, em comparação.

Ana acorda com o toque do telefone. Apanha-o do chão, mas não é o seu telemóvel que está a tocar. É o do pai. Ouve a voz dele, percebe que está a falar enquanto se veste, e depois vai buscar os cães e a chave do armário das armas. Os sons são como uma melodia familiar, uma canção de embalar da infância. Espera pelo final. A porta de casa a fechar-se. A chave na fechadura. A velha carrinha enferrujada a começar a trabalhar. Mas não é o que ouve. Em vez disso, uma pancada suave na porta. A voz dele, hesitante, a chamar pelo nome da filha, a perguntar através da porta:

– Ana, estás acordada?

Ela está vestida antes ainda de ele acabar a frase. Abre a porta. Vê que ele tem uma espingarda em cada mão.

– Há uma busca junto à estrada de norte. Podia ligar a um imprestável qualquer da cidade, mas... uma vez que tenho o segundo melhor caçador de Björnstad aqui em casa...

Ela tem vontade de o abraçar. Mas não o faz.

Os rapazes estão deitados de costas no chão da sala de ensaios. A garrafa está vazia. À vez, cantam as piores canções de bêbados que conhecem. Riem-se que nem perdidos durante horas.

– Que interesse tem o hóquei? – pergunta o baixista.

– Que interesse tem o violino? – responde Benji.

– Temos de desligar o cérebro para o conseguir tocar. A música é como fazemos uma pausa de nós próprios – explica ele.

A resposta é demasiado rápida, demasiado direta, demasiado honesta para que Benji possa retorquir com sarcasmo. Por isso, diz a verdade.

– Os sons.

– Os sons?

– No hóquei. Quando entramos no rinkue. Todos aqueles sons que só quem joga consegue reconhecer. E... a sensação de sair do balneário em direção ao rinkue, aquele último centímetro quando o chão se transforma em gelo. O momento em que deslizamos... é como se tivéssemos asas.

Os rapazes não dizem nada durante algum tempo. Não ousam mexer-se, como se estivessem deitados num telhado de vidro.

– Se eu te ensinar a dançar, ensinas-me a patinar? – pergunta o baixista por fim, com um sorriso.

– Não sabes patinar? O que é que se passa contigo? – exclama Benji, como se o outro rapaz tivesse dito que não sabia fazer uma sanduíche.

– Nunca vi necessidade. Sempre pensei que o gelo é a forma que a natureza tem de fazer com que as pessoas não se aproximem da água.

Benji ri-se.

– Então, porque queres que eu te ensine?

– Porque tu gostas muito. Gostava de compreender melhor... uma coisa que adoras.

O baixista toca na mão de Benji. Benji não se afasta, mas senta-se e o feitiço quebra-se.

– Tenho de ir – diz.

– Não – implora o baixista.

Benji vai, mesmo assim. Sai porta fora sem mais uma palavra.

A neve cai com as suas lágrimas, a escuridão engole-o e ele cede sem resistir.

Quando uma janela se parte, uma sala pode encher-se com tantos estilhaços que parece impossível que venha tudo do mesmo vidro. Mais ou menos como quando uma criança entorna um pacote de leite e alaga a cozinha inteira, como se o líquido se expandisse até ao infinito depois de deixar o pacote.

A pessoa que atirou a pedra estava perto da parede, quase encostada, e atirou-a com toda a sua força, para penetrar o máximo possível dentro do quarto. Ressalta na cómoda e aterra na cama de Maya. Os estilhaços de vidro tombam suavemente, como chuva, leves como borboletas, como cristais de gelo ou fragmentos tremeluzentes de diamante.

Peter e Maya ouvem o barulho por cima do som da música. Correm da garagem para dentro de casa. Um vento gelado sopra no quarto de Maya, e Leo está parado no meio do chão, de boca aberta, a olhar para a pedra. «PUTA», escreveram nela em letras vermelhas.

Maya é a primeira a perceber qual é o verdadeiro perigo. Peter demora mais alguns segundos a lá chegar. Correm para a porta da rua juntos, mas é tarde de mais. Encontram-na escancarada. O *Volvo* já arrancou, com Kira atrás do volante.

São quatro, dois a pé e dois de bicicleta, e os que estão de bicicleta não têm hipótese. A neve ainda está funda nos passeios, por isso só podem pedalar no sulco aberto no meio da estrada. Kira pisa o acelerador do *Volvo* com tanta força que o grande carro salta para a estrada com um rugido, e apanha-os ao fim de vinte metros. O seu pé não está sequer perto do travão. São apenas crianças, treze ou catorze anos no máximo, mas os seus olhos de mãe estão gelados. Um dos rapazes vira-se e fica encandeado pelos faróis e, aterrorizado, atira-se da bicicleta e colide de cabeça com uma cerca. O outro consegue fazer o mesmo, por um triz, antes de o para-choques do *Volvo* atingir a roda de trás da bicicleta e a fazer voar sobre a estrada.

O rapaz tem as calças rasgadas e o queixo esfolado quando Kira para o carro, abre a porta e sai. Tira um dos tacos de golfe de Peter do porta-bagagens. Segura-o com as duas mãos e dirige-se ao

rapaz caído no chão. Ele grita e chora, mas ela não quer saber. Não sente nada.

Maya sai de casa e corre pela rua, calçada apenas com meias. Ouve o pai chamá-la, mas não olha para trás. Ouve o estrondo quando o carro atinge a bicicleta, vê o corpo a voar pelo ar. As luzes vermelhas de travagem do *Vo/vo* atingem-lhe os olhos e vê a silhueta da mãe sair de trás do volante. O porta-bagagens abre-se, um taco de golfe aparece. As meias encharcadas de Maya escorregam no gelo; tem os pés a sangrar, e grita até ficar rouca.

Kira nunca viu ninguém tão assustado. Por detrás dela, um par de mãos mais pequenas agarram no taco de golfe e debatem-se com ela até a fazer cair e, quando Kira ergue os olhos, Maya agarra-a com força e grita. Ao princípio, porém, Kira não percebe as palavras. Nunca viu tamanho terror.

Os rapazes levantam-se, cambaleantes, e fogem a coxear. Deixam para trás uma mãe e uma filha, ambas a chorar histéricas: a mãe ainda com o taco de golfe nas mãos fechadas, a filha a confortá-la enquanto a embala nos braços.

– Está tudo bem, mamã, está tudo bem.

As casas à volta delas ainda estão às escuras, mas sabem que toda a gente está acordada na rua. Kira tem vontade de se levantar e de gritar com eles, de atirar pedras às janelas DELES, mas a filha aperta-a contra si e ficam ali sentadas no meio da rua, a tremer enquanto inalam o cheiro uma da outra. Maya murmura:

– Sabes, quando eu era pequena, todos os outros pais do jardim de infância te chamavam «mãe loba» porque tinham medo de ti. E todos os meus amigos queriam uma mãe assim.

Kira funga, ao ouvido da filha.

– Não mereces esta vida, meu amor, não mereces...

Maya segura no rosto da mãe e beija-a na testa com ternura.

– Eu sei que eras capaz de matar por mim, mamã. Sei que darias a vida por mim. Mas vamos ultrapassar isto, nós as duas. Porque eu sou tua filha. Também tenho sangue de loba.

Peter leva-as para o *Vo/vo*. Primeiro a filha, depois a mulher. Liga o motor e faz marcha atrás lentamente pela rua acima. Até casa.

As bicicletas ficam caídas na neve; no dia seguinte, já desapareceram. Nenhum dos residentes da rua falará alguma vez do sucedido.

A manhã chega a Björnstad, indiferente às vidinhas das pessoas lá em baixo. Um cartão foi colado ao interior de uma janela partida; uma irmã e um irmão dormem, exaustos, lado a lado, em colchões no corredor, longe de todas as janelas da casa. Leo aconchega-se mais a Maya enquanto dorme, como fazia quando tinha quatro anos e se ia enfiar na cama dela depois de um pesadelo.

Peter e Kira estão sentados na cozinha, de mãos dadas.

– Achas que sou menos homem por não ser capaz de lutar? – murmura ele.

– Achas que sou menos mulher por lutar? – pergunta ela.

– Temos de levar os miúdos daqui – murmura ele.

– Não podemos protegê-los. Não interessa onde estivermos, querido, não podemos protegê-los sempre – responde ela.

– Não podemos viver assim.

– Eu sei.

Depois, beija-o, sorri e sussurra:

– Mas não és menos homem por isso. És muito, muito, muito homem em tantas outras coisas. Por exemplo, NUNCA admites que estás errado.

Ele responde, com a boca encostada ao cabelo dela:

– E tu és muito mulher. A mulher mais mulher que já conheci. Por exemplo, NUNCA posso confiar em ti num jogo de pedra-papel-tesoura.

Riem-se os dois. Mesmo numa manhã como esta. Porque podem rir, porque têm de o fazer. Ainda possuem essa bênção.

Ramona está à porta do Urso Pardo, a fumar. A rua está deserta, o céu escuro, mas mesmo assim vê o cachorro a uma grande distância, apesar de o tempo estar mau. Começa a tossir quando Sune aparece; talvez fosse uma risada se ela fumasse menos. Quarenta ou cinquenta anos menos.

Sune chama o cachorro e este ignora-o por completo. Salta para as calças de ganga de Ramona e exige, ávido, a sua atenção.

– Meu velho idiota, então agora tens um cachorro? – pergunta ela com um sorriso.

– E é um filho da mãe desobediente. Qualquer dia vai para a panela – resmunga Sune, mas o seu amor pela criaturinha peluda já é mais do que evidente.

Ramona tosse.

– Café?

– Pode ser com um cheirinho de uísque?

Ela assente. Entram e batem os pés e bebem, enquanto o cachorro se dedica a roer metodicamente uma das cadeiras.

– Presumo que já ouviste dizer – começa Sune com tristeza.

– Sim – responde Ramona.

– Uma vergonha. Uma vergonha, é o que é.

Ramona serve-lhe mais bebida. Sune olha para o copo.

– O Peter esteve aqui?

Ela abana a cabeça.

– E tu, falaste com ele? – pergunta-lhe.

Sune abana a cabeça.

– Não sei o que lhe dizer.

Ramona não responde. Compreende bem de mais. É ao mesmo tempo fácil e difícil oferecer café a alguém.

– O clube já não é trabalho teu, Sune – murmura.

– Ainda não fui oficialmente despedido. Parece que se esqueceram de mim no meio disto tudo. Mas sim, claro que tens razão. Já não é trabalho meu.

Ramona serve mais uísque. Junta-lhe um pouco de café e suspira.

– Então, de que é que havemos de falar? Uma velha e um velho, aqui sentados a dar à língua. Por amor de Deus, despeja de uma vez!

Sune sorri com ar triste.

– Sempre tiveste queda para psicóloga, não foi?

– Sou só uma empregada de balcão. Tu é que sempre foste demasiado sovina para pagar a um psicólogo a sério.

- Tenho saudades do Holger.
- Só sentes falta dele quando eu estou a gritar contigo.

Sune ri-se, tão alto que o cachorro dá um salto e solta um latido irritado antes de continuar a roer a mobília.

- Tenho mesmo saudades de te ouvir a gritar com o Holger.
- Também eu.

Mais uísque. Mais uma gota de café. Silêncio e memórias, palavras contidas e frases reprimidas. Até que Sune diz, por fim:

– É uma vergonha, o que o Kevin fez. Uma autêntica vergonha. E estou preocupado com o clube. Já existe há quase setenta anos, mas não apostaria tudo o que tenho em como ainda cá estará daqui a um ano. Tenho receio de que as pessoas tentem pôr a culpa das ações do rapaz no hóquei, se ele for considerado culpado. Vai acabar por ser tudo culpa do hóquei.

Ramona dá-lhe uma palmada na orelha com tanta força que o velho homem quase cai do banco. A velha mulher do outro lado do balcão rosna:

– É por isso que estás aqui? Para falar sobre isso? Valha-me Deus... vocês, homens. A culpa nunca é vossa, pois não? Quando é que vão admitir que não é o hóquei que educa estes rapazes, são vocês? Toda a vida me cruzei com homens que põem a culpa da sua estupidez nas merdas que eles próprios inventaram. «A religião causa guerras», «as armas matam pessoas»... É tudo a mesma treta!

– Não era isso que... – tenta Sune defender-se, mas tem de se desviar quando ela ameaça bater-lhe de novo.

– Fecha a matraca quando eu estou a falar! Raio dos homens! O problema são VOCÊS! A religião não guerreia, as armas não matam, e é preciso deixar bem claro que o hóquei nunca violou ninguém! Mas sabes quem é que faz essas coisas? Quem é que luta e mata e viola?

Sune pigarreia.

- Os homens?
- Os HOMENS! Sempre o raio dos homens!

Sune agita-se, atrapalhado. O cachorro enrosca-se a um canto, com um ar envergonhado. Ramona ajeita o cabelo com cuidado,

esvazia o copo e admite a si própria que talvez não seja assim tão complicada, esta história do café.

Depois, enche outra vez os dois copos, vai buscar um pedaço de salame para o cachorro, contorna o balcão e senta-se ao pé de Sune. Suspira e admite, com alguma relutância:

– Também tenho saudades do Holger. E sabes o que ele diria se aqui estivesse?

– Não.

– Que tu e eu já sabemos muito bem o que está certo. Portanto, ele não precisa de nos dizer nada.

Sune sorri.

– Sempre foi um filho da mãe arrogante, o teu homem.

– Isso é verdade.

Noutra parte da cidade, Zacharias sai do apartamento da família sem acordar ninguém. Leva uma mochila às costas e um balde na mão. Auscultadores nos ouvidos, música no corpo todo. Faz hoje dezasseis anos e toda a sua vida foi gozado e rejeitado. Por tudo. Pela aparência, pelos pensamentos, pela forma de falar, pelo sítio onde mora. Em todo o lado. Na escola, no balneário, *online*. Acaba por desgastar. Nem sempre é óbvio, porque as pessoas que rodeiam uma criança maltratada partem do princípio de que acaba por se tornar habitual, ao fim de algum tempo. Mas não. Nunca. Nunca nos habituamos a isso. Arde constantemente, como fogo. Só que ninguém sabe o comprimento do rastilho, nem mesmo nós.

Jeanette acorda com um telefonema do irmão a dizer-lhe que o alarme disparou outra vez. Ensonada e irritada, mete-se no carro e dirige-se à escola. Revista o edifício inteiro com a lanterna sem encontrar nada. Prepara-se para dizer ao irmão que está na altura de desistir, convencida de que terá sido outra vez a neve num dos sensores, quando pisa qualquer coisa molhada.

A segunda melhor caçadora de Björnstad está a lavar o sangue de alce da parte de trás de uma carrinha enferrujada. A rapariga e o

pai seguiram-lhe o rasto a noite toda, até encontrarem o animal gravemente ferido, caído por terra; arrastara-se até às profundezas da floresta. Concederam-lhe um fim humano e rápido. Ana puxa a lona sobre a caixa da carrinha e vai buscar as duas espingardas à parte da frente, verificando-as com as mãos experientes de um caçador muito mais velho.

Alguns miúdos de sete ou oito anos estão a jogar hóquei mais ao fundo da rua. Um dos vizinhos, um homem de oitenta e tal anos, está parado ao lado da caixa de correio. O reumatismo faz com que os seus movimentos sejam penosos, como se arrastasse blocos de pedra invisíveis atrás de si. Quando volta para casa, para de súbito e olha para Ana. Vivem lado a lado desde sempre. O vizinho costumava ir à caça com o pai dela até há alguns anos; quando Ana era pequena, ele oferecia-lhe caramelos caseiros pelo Natal. Nenhum dos dois diz nada agora; o homem limita-se a cuspir com desdém para o chão à sua frente. Quando entra em casa, bate a porta com tanta força que a bandeira verde com o logótipo do urso baloiça no seu suporte.

Os rapazes que jogam hóquei erguem os olhos. Um deles veste uma camisola com o número 9. Olham para Ana com expressões que revelam aquilo de que os pais falam em casa. Um dos rapazes cospe também para o chão. Depois, viram-lhe as costas.

O pai de Ana aproxima-se e pousa a mão no ombro da filha. Sente-a tremer sob os seus dedos, e não sabe se é por estar prestes a chorar ou a gritar.

Durante quase metade da sua vida, Zacharias pensou em pôr-lhe fim. Reviu os detalhes inúmeras vezes na cabeça. Fá-lo-ia num sítio onde o pudessem ver. Obrigaria os filhos da mãe a viver com essa imagem. «Foram vocês que fizeram isto.» Não é preciso muito: uma corda, algumas ferramentas, qualquer coisa onde se empoleirar. Um banco seria bom, mas um balde virado ao contrário também serve. Tem o balde na mão. Tem tudo o resto de que precisa dentro da mochila.

A única coisa que o impediu de o fazer mais cedo, há vários anos, foi Amat. Um único amigo como ele, por vezes, é o suficiente. Lifa e Zacharias nunca foram amigos da mesma maneira, apenas através de Amat; por isso, quando Amat avançou para os juniores e escolheu uma vida diferente, Zacharias perdeu tudo.

Amat foi a razão pela qual permaneceu vivo. Era Amat que lhe dizia, em todas as noites mais escuras e difíceis: «Um dia, Zach, terás mais dinheiro e influência do que todos esses malditos. E farás grandes coisas. Porque sabes como custa não ter poder nenhum. Não os magoarás, mesmo que tenhas oportunidade. E isso tornará o mundo um lugar melhor.»

Nunca mais encontramos amigos como os que temos aos quinze anos. Zacharias faz dezasseis hoje. Invade a escola sem se importar com o alarme. Põe o balde no chão.

Jeanette olha para baixo, com o coração aos saltos. É uma grande poça, que se espalha em frente dela. Está perto da entrada, junto às filas de cacifos dos alunos. Sente um cheiro acre, que lhe entope as narinas. O irmão aproxima-se e as duas lanternas apontam na mesma direção.

– O que é isto no chão? – pergunta ele.

Ana range os dentes com tanta força que o pai ouve e murmura:

– Eles estão apenas assustados, Ana, à procura de um bode expiatório.

Ana tem vontade de gritar. Quer abrir a porta da casa do vizinho, arrancar a bandeira verde e gritar: «Porque é que não é o KEVIN o bode expiatório, hã? Hã?» Quer gritar tão alto que todos os outros vizinhos a oiçam, dali até aos Montes. Gritar que adora hóquei. ADORA hóquei! Mas é uma rapariga, portanto, o que é que acontece se disser isso a um rapaz? Ele responde: «A sério? És uma rapariga e gostas de hóquei? Está bem, então quem é que ganhou a Taça Stanley em 1983? Hã? E quem é que ficou em sétimo lugar do campeonato em 1994? Bom, se gostas de hóquei, devias saber responder!»

Em Björnstad, as raparigas não podem gostar de hóquei nem um bocadinho. O ideal seria que não gostassem mesmo nada. Porque se gostam do desporto devem ser lésbicas, e se gostam dos jogadores são umas vadias. Ana tem vontade de empurrar o vizinho contra a parede e de lhe dizer que os balneários onde aqueles rapazes se sentam a contar anedotas estúpidas acabam por os conservar, como os enlatados. Faz com que amadureçam mais devagar, e alguns chegam mesmo a apodrecer. Não têm amigas do sexo feminino, e não há equipas femininas em Björnstad; por isso, aprendem que o hóquei lhes pertence apenas a eles, e os treinadores ensinam-lhes que as raparigas são «uma distração». Aprendem que as raparigas servem apenas para serem levadas para a cama. Ana quer gritar ao vizinho que todos os velhos da cidade elogiam esses rapazes por serem «lutadores» e por «nunca desistirem», mas nem um único desses filhos da mãe lhes diz que, quando uma rapariga diz não, é NÃO! E o problema com aquela merda de cidade é que não só um rapaz violou uma rapariga, como toda a gente está a fingir que ele NÃO a violou. Portanto, agora, todos os outros rapazes vão pensar que não há problema nenhum com o que ele fez. Porque ninguém quer saber. Ana quer subir para o telhado e gritar: «Ninguém quer saber da Maya! E também ninguém quer saber do Kevin! Porque eles não são pessoas para vocês, são apenas objetos de valor. E o valor dele é muito superior ao dela!»

Quer fazer tanta coisa. Mas a rua está deserta, e fica em silêncio. E odeia-se a si própria por isso.

O pai de Ana ainda tem os dedos pousados no ombro dela quando entram em casa, mas ela afasta-se. Ele vê-a levar as espingardas para a cave. Vê o ódio que há dentro dela. Lembrar-se-á de pensar: «De todos os homens no mundo em cujo lugar eu não gostaria de estar, quem eu menos quereria ser era o tipo que magoou a melhor amiga desta rapariga.»

– O que é isso no chão? – repete o irmão de Jeanette.

– Água – responde ela.

Sabe que não há muitos alunos na escola que saibam como entrar quando ela está fechada, mesmo que o alarme dispare. Não sabe se a pessoa que fez aquilo conseguiu sair antes de ela e o irmão chegarem, ou se se estava a marimbar para ser ou não apanhado.

A primeira aula de Jeanette na manhã seguinte é de substituição de um dos professores de uma turma do nono ano. Nota que Zacharias tem tinta nas mãos. E cheira um pouco a diluente. No corredor há um cacifo no qual já não está pintada a palavra «PUTA», porque ele passou parte da noite a esfregá-lo. Porque sabe como é ser aquele que os outros magoam, só porque podem. Porque sabe o que os fortes fazem aos fracos naquela cidade.

Jeanette não diz nada a Zacharias. Sabe que aquele foi o seu protesto silencioso. E a decisão de não contar a ninguém quem entrou na escola na noite anterior é o protesto silencioso de Jeanette.

Quando uma criança aprende a caçar, aprende também que na floresta existem dois tipos de animais: os predadores e as presas. Os predadores têm os olhos juntos, virados para a frente, porque só precisam de se concentrar na presa. As presas, por outro lado, têm os olhos mais afastados, de ambos os lados da cabeça, porque a sua única hipótese de sobrevivência é verem os predadores a aproximarem-se.

Quando Ana e Maya eram pequenas, costumavam passar horas em frente ao espelho, a tentar perceber a qual destas categorias pertenciam.

O Janota está sentado no escritório. O supermercado ainda não abriu, mas o seu gabinete está cheio. Os homens reuniram-se ali porque não querem ser vistos juntos no ringue. Estão nervosos e paranoicos. Falam de jornalistas a bisbilhotar. Usam várias vezes palavras como «responsabilidade» e explicam ao Janota que agora têm de «permanecer unidos, para que isto não se descontrole». São patrocinadores, membros da direção; mas hoje, claro, são apenas amigos preocupados, pais, cidadãos. Todos querem apenas o melhor para a cidade. Para o clube. Todos querem apenas que a verdade venha ao de cima. Uma voz preocupada diz:

– Alguém faz ideia... Quer dizer, porque é que o Kevin havia de fazer uma coisa dessas? É óbvio que foi voluntário e ela mudou de ideias. Se pudéssemos ter tratado disto a nível interno...

Outro acrescenta:

– Mas é óbvio que temos de pensar em ambas as famílias, com certeza. A rapariga deve estar assustada. Afinal de contas, são apenas miúdos. Mas a verdade tem de vir ao de cima. Antes que isto se descontrole.

No fim da reunião, o pai de Kevin levanta-se e dirige-se à cidade com o Janota. Começa a bater às portas, uma após outra.

Maya acordou cedo. Está sozinha na garagem, a tocar guitarra. Nunca conseguirá explicar o que lhe está a acontecer. Como começou por estar destruída, ao ponto de não conseguir fazer mais nada senão chorar nos braços da mãe, no chão da casa de banho, e agora sente... aquilo que sente. Mas algo mudou na noite anterior. A pedra atirada pela janela, os vidros partidos no chão. «PUTA» em letras vermelhas. É algo que afeta uma pessoa. Maya ainda tem tanto medo do escuro que se sente como se as trevas lhe estivessem a puxar as roupas quando entra numa divisão onde as luzes estão apagadas, mas nessa manhã apercebeu-se de uma coisa: a única maneira de deixar de ter medo do escuro é encontrar dentro de si uma escuridão ainda maior. Nunca encontrará justiça em Björnstad, portanto, só há uma solução. Um dos dois, ou ela ou Kevin, tem de morrer.

Ramona está a beber o pequeno-almoço quando eles chegam. O pai de Kevin, o tal do Erdahl, entra no bar como entra em todo o lado: como se lhe pertencesse. O Janota entra atrás dele, aos tropeções, como se os sapatos lhe estivessem largos.

– Está fechado – informa Ramona.

O Janota sorri. *Tal e qual o pai*, pensa Ramona. O pai do Janota era tão alto, gordo e estúpido como o filho.

– É só para conversar um bocadinho – diz ele.

– De forma não oficial – acrescenta Erdahl.

Tem os olhos muito juntos.

O escritório de Kira está cheio de caixas, a sua secretária submersa sob uma montanha de papéis. A colega pousa uma caneca de café e promete:

– Estamos a fazer tudo o que podemos, Kira. Toda a gente nesta empresa fará o que puder. Mas tens de estar preparada. Na maior parte destes casos, quando é a palavra de uma pessoa contra a palavra de outra... já sabes como acaba.

Kira tem os olhos injetados de sangue, as roupas amarrotadas. Algo que nunca aconteceu antes.

– Eu devia ser uma advogada a sério. Devia ter-me especializado nisto. Devia... Desperdicei a vida inteira com leis comerciais e merdas dessas quando devia...

A colega senta-se em frente dela.

– Queres ouvir a verdade?

– Sim.

– Até podias ter o maior especialista mundial em casos de agressões sexuais, Kira. Mesmo assim, nada te garante que isso fizesse alguma diferença. É a palavra de um contra a palavra de outro. A polícia só foi informada uma semana depois, não há provas forenses, não há testemunhas... O mais provável é que as autoridades encerrem a investigação preliminar nos próximos dias.

Kira salta da cadeira, furiosa, e só com grande esforço se consegue controlar para não atirar com o café à parede.

– Não vou permitir que eles vençam! Se não conseguir vencer em tribunal, tenho de arranjar outra maneira!

– O que queres dizer? – pergunta a colega, ansiosa.

– Vou atacar a empresa do pai dele, as empresas dos amigos, desenterrar toda a porcaria que tiverem escondido, todas as contas, todas as declarações fiscais, e vou cair-lhes em cima. Nem que se tenham esquecido apenas de pagar imposto por uma caneta há dez anos, hei de destruí-los!

A colega não diz nada. A voz de Kira enche o escritório:

– Vou atacar tudo e todos que forem importantes para eles, e vou proteger os meus filhos, ouviste? **VOU PROTEGER OS MEUS FILHOS!**

A colega levanta-se. Há um tom de desilusão na sua voz quando lembra:

– É assim que começam as guerras. Um dos lados protege-se, por isso o outro lado tem de se proteger ainda mais, e depois trocamos o medo por ameaças. E começamos a disparar uns contra os outros.

É então que a caneca de café atinge a parede.

– É A MINHA FILHA, MERDA!

A colega fecha os olhos. São bastante afastados.

– Talvez seja altura de pensares bem na diferença entre vingança e justiça.

Ana abre a porta. O pai foi com os cães ao veterinário, a casa está vazia. Maya está do outro lado da porta, com os braços apertados sobre o peito. É difícil para ambas saber se hão de rir ou chorar, gritar ou fazer piadas – não sabem qual das reações lhes dará a melhor hipótese de sobrevivência.

– Tenho saudades da tua cara irritante – murmura Maya por fim.

Ana sorri.

– Tenho saudades do teu péssimo gosto em música.

O lábio inferior de Maya estremece.

– Não quero que sejas apanhada nisto. Só quero poupar-te.

Ana põe as mãos nos ombros de Maya.

– Sou tua irmã. Não posso estar mais metida nisto do que já estou.

Maya olha para ela até lhe arderem os olhos.

– Estou só a tentar proteger-te.

– Tens tentado proteger-me a vida inteira e... posso dizer-te uma coisa? Não tens jeito nenhum para isso! É mais do que óbvio que não sou boa da cabeça! Achas mesmo que me tens conseguido proteger de alguma coisa?

Desatam a rir as duas.

– És tão parva – funga Maya.

– Mas ninguém gosta tanto de ti como eu, sua parva. Ninguém!

– Eu sei. – Com os olhos a brilhar, Maya pergunta: – Podemos ir dar uns tiros para a floresta? Preciso de me afastar durante um bocado, Ana. Preciso de... Disparar é relaxante. Pensei que talvez me ajudasse a libertar parte da... da minha raiva.

Está a mentir, e nunca mentiu a Ana. Ana fita-a em silêncio durante muito tempo. Mas é uma verdadeira amiga, por isso vai buscar duas espingardas sem fazer perguntas.

Ramona pousa as mãos no balcão e observa os dois homens.

– Isto é um estabelecimento comercial.

– O quê? – questiona o Janota, sem perceber.

Erdahl, por outro lado, senta-se numa cadeira e sorri com ar tolerante.

– Ela quer que mandemos vir alguma coisa. Muito bem: dois uísques grandes, do melhor, e depois falamos.

Ela serve as bebidas e Erdahl não perde tempo.

– Sabe quem eu sou?

Ramona solta uma fungadela desdenhosa e despeja o resto do copo de um trago. Erdahl presume que a resposta é afirmativa. Leva o copo aos lábios e quase cospe o conteúdo para cima do balcão quando o líquido lhe toca na língua.

– Mas que... este é o seu MELHOR uísque?

Ramona abana a cabeça.

– É o meu pior uísque.

O Janota esvazia o copo sem pestanejar. Parece quase satisfeito. Mas tem as papilas gustativas tão avariadas como o controlo de volume da voz. Erdahl empurra o copo para longe, com uma careta repugnada.

– Nesse caso, pode servir-nos um copo do melhor, por favor? Isto parece diluente.

Ramona assente, obediente, e vai buscar dois copos lavados. Serve uísque da mesma garrafa. Erdahl olha para ela. O Janota não consegue conter um sorriso.

– É o único uísque que há no Urso Pardo.

Maya e Ana caminham até a floresta as engolir. Tão longe que até o pai de Ana demoraria vários dias a encontrar os seus corpos. Por fim, param e disparam as armas, tiro após tiro. Ana corrige de vez em quando a postura de Maya, posicionando-lhe o ombro e o cotovelo, e recorda-lhe que deve sustentar a respiração mas sem deixar de respirar. Ana pergunta:

– Então e esta? Preferias viver a vida toda em Björnstad até seres velha, ou mudares-te para o sítio que quisesses, mas morrer ao fim de um ano?

Maya franze a testa, o rosto inteiro, como um guardanapo usado.

– É uma pergunta estúpida? – quer Ana saber.

– Bastante estúpida.

– Vamos sair daqui, Maya. Não vou permitir que fiquemos aqui presas para sempre. Vamos mudar-nos para Nova Iorque. Vais conseguir um contrato com uma editora discográfica e eu vou ser a tua agente.

Maya ri-se; não pensava que ainda conseguisse rir-se assim, mas o som brota-lhe dos lábios com espontaneidade.

– Não, não, não... Nem penses que vais ser a minha agente.

– O quê? Eu seria uma agente FANTÁSTICA! – responde Ana, ofendida.

– Serias terrível. Terrível. Nem sequer consegues tomar conta do teu próprio telemóvel.

– Claro que consigo!

Maya ergue as sobrancelhas.

– Está bem. Onde é que ele está?

Ana começa a apalpar todos os bolsos com gestos frenéticos.

– Talvez não saiba dele neste PRECISO momento! Mas... pronto, está bem! Posso ser a tua estilista, então. E acredita, tu PRECISAS de uma estilista!

– Que mal tem o meu estilo? – quer saber Maya.

Ana mira-a de cima a baixo.

– Desculpa. Não tens dinheiro suficiente para pagar os meus honorários. Voltamos a falar quando assinares o tal contrato.

Maya ri-se com vontade.

– És mesmo doida.

– Ou então podia ser a tua nutricionista! Descobri uma nova dieta de sumos que limpa os intestinos! O que acontece é...

Maya tapa os ouvidos, vira-se e penetra mais na floresta.

– Desculpa, a rede aqui é péssima... *tchhhhh*... estou? Estou?

Encosta o telemóvel ao ouvido e finge falar com alguém.

Ana olha para ela com ar desconfiado.

– Isso é o meu telemóvel? Onde é que o encontraste?

– Estou a entrar num túnel! – grita Maya.

Ana corre atrás dela, tenta tirar-lhe o telemóvel. Depois abraçam-se e veem o sol nascer. Maya murmura:

– Posso dormir em tua casa uma destas noites?

Ana não sabe o que responder. Maya nunca dormiu em sua casa, nem uma vez; foi sempre ao contrário. Mas é uma amiga verdadeira, portanto, claro que responde:

– Nem precisas de pedir.

Ramona esvazia o copo. O Janota esvazia o seu. Erdahl semicerra os olhos.

– Muito bem, deixemos as amabilidades de lado. Sabe porque estou aqui?

Ramona fita-o com curiosidade.

– Não, mas aposto que trouxe ouro consigo. O Janota trouxe incenso. E há um terceiro mago lá fora com as calças atafalhadas de mirra. É mais ou menos isso?

Erdahl respira fundo e indica o bar com um gesto desdenhoso.

– Este... bar... é um dos mais antigos patrocinadores do Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad. É óbvio que não contribui com uma soma significativa, mas todos respeitamos a tradição. E presumo que foi informada de que vai haver uma reunião extraordinária de sócios... à luz dos eventos recentes.

O Janota tosse distraidamente e acrescenta:

– Só queremos falar, Ramona. Os patrocinadores, todos nós, achamos que é importante estarmos unidos na reunião. Pelo bem do clube.

– E o que é que isso quer dizer? – questiona Ramona com falsa docilidade.

Erdahl já está farto. Levanta-se e informa-a:

– É preciso mudar parte dos órgãos de gestão. O Peter Andersson vai ser destituído do cargo de diretor-geral e substituído por alguém mais indicado. Tanto a direção como os patrocinadores estão de acordo, mas respeitamos todos os sócios e queremos que a proposta venha diretamente deles. A nossa presença aqui é apenas um gesto de boa vontade.

Ramona sorri e observa, com sarcasmo:

– Sim, você parece-me sem dúvida o tipo de pessoa que faz muitos gestos de boa vontade. O que fez o Peter de tão inapropriado, se é que posso perguntar?

Erdahl rosna entre dentes:

– Sabe perfeitamente o que aconteceu.

– Não, não sei. E vocês também não sabem, parece-me. É por isso que há uma investigação policial em curso.

– Sabe aquilo de que o meu filho foi acusado – diz Erdahl.

– Quem o oiça falar, até parece que ele é que é a vítima – comenta Ramona.

Erdahl perde finalmente a compostura. O Janota nunca viu tal coisa acontecer, e assusta-se tanto que derruba o seu copo e o de Ramona. Erdahl grita:

– O meu filho É a vítima! Faz alguma ideia de como é ser acusado de uma coisa assim? FAZ?

Ramona responde, sem mover um músculo:

– Não. Mas, assim de repente, parece-me que a única coisa pior do que uma pessoa ser acusada de violação, é ser realmente violada.

– Então vai partir do princípio de que a maldita rapariga está a dizer a verdade? – rosna Erdahl.

– Tenho a liberdade de não partir do princípio de que a rapariga resolveu mentir só porque o seu filho é jogador de hóquei. E ela tem nome. Chama-se Maya – responde Ramona.

Erdahl solta uma risada condescendente.

– Então é uma dessas pessoas que vai tentar culpar o hóquei por tudo isto?

Ramona assente com expressão séria e pergunta:

– Alguma vez jogou hóquei?

– Só até aos doze anos – admite Erdahl.

– Nesse caso, tem razão. Nesse caso, culpo realmente o hóquei. Porque se tivesse jogado hóquei mais alguns anos, talvez tivesse aprendido a perder como um homem. Talvez tivesse aprendido que o seu filho pode cometer erros e que, quando isso acontecer, tanto você como ele deviam levantar a cabeça e aceitar a

responsabilidade, como homens. E não atirar as culpas todas para cima de uma miúda de quinze anos e do pai dela.

Erdahl abre os braços, exasperado, e derruba a cadeira. Pode não o ter feito com intenção, mas também não se esforça para a apanhar. Tem a respiração acelerada. Os seus olhos procuram os dela, atira uma nota de mil coroas para cima do balcão e conclui com igual dose de desdém e ameaça:

– Pode ser dona deste bar, mas não é dona do prédio. Se fosse a si, não me esquecia disso.

Bate com a porta com força, fazendo estremecer as janelas.

Ana e Maya entram em casa. Ana vai buscar a chave do armário das armas e arruma as espingardas que levaram para a floresta. Maya observa cada pormenor – como estão arrumadas, onde fica a chave guardada.

– O que é isso? – pergunta, em tom inocente, apontando para uma caçadeira de canos duplos.

– É uma caçadeira – responde Ana.

– É difícil de carregar? – pergunta Maya.

Primeiro Ana ri-se, mas depois fica desconfiada.

– Porquê?

Maya encolhe os ombros.

– O que é que foi? És da polícia? Estou só curiosa. Parece fixe; não podemos disparar com essa para a próxima?

Ana sorri e dá-lhe um encontrão.

– *Tu* é que és da polícia, sua doida!

Vai buscar os cartuchos e ensina Maya a abrir, carregar e soltar a patilha de segurança da caçadeira, porque adora as raras ocasiões em que é melhor do que a amiga em alguma coisa. Por fim acrescenta, em tom condescendente:

– É tão fácil que até tu eras capaz.

Maya ri-se.

– Quantos cartuchos leva? – pergunta.

– Dois – responde Ana.

Abre novamente a arma, tira os cartuchos, guarda-os e tranca o armário. Saem as duas da cave. Maya não diz nada. Mas o que está a pensar é: «Só preciso de um.»

O Janota ainda está sentado no Urso Pardo, e apanha com cuidado os dois copos.

- Foi só uma... uma discussão, Ramona – murmura.
 - O teu pai teria vergonha – responde ela secamente.
 - Estou apenas a tentar não... não escolher lados.
- Ela solta uma risada desdenhosa.
- Não parece.

O Janota vira-se, aperta o casaco e sai com ar miserável. Minutos depois volta a entrar. Para em frente ao balcão, como o rapazinho infeliz que foi em tempos, quando costumava entrar ali com Peter, antes de serem sequer adolescentes, para virem buscar os pais embriagados.

- O Robbie Holts ainda costuma aparecer por aqui? – murmura.
- Quase todos os dias, desde que ficou sem emprego – confirma Ramona.

O Janota acena com a cabeça.

- Diz-lhe que ligue para a loja e fale com o responsável do armazém para marcar uma entrevista.

Ramona inclina a cabeça. Podiam ter dito mais um ao outro. Mas são ambos de Björnstad.

Ao final do dia, Kevin corre pelo trilho de *jogging* que contorna os Montes. Cada vez mais depressa, com o boné puxado para baixo sobre a testa e o capuz da camisola na cabeça. Até vestiu roupas largas sem logótipos de ursos, para que ninguém o reconhecesse. Não é preciso, claro; toda a gente dos Montes foi à reunião no ringue para votar. Mas Kevin sente, apesar disso, que alguém o observa na floresta. É imaginação sua, claro. Está apenas a ser paranoico. É o que diz a si próprio.

O sol já se pôs. Maya está na floresta, a tremer, mas as árvores escondem-na. A escuridão deixa-a quase em pânico, mas está decidida a fazer dela uma amiga. Uma aliada. Observou Kevin a andar de um lado para o outro dentro da casa iluminada; ele não a conseguia ver, mas ela, sim, o que a encheu de uma súbita e embriagante sensação de poder.

Quando ele saiu e começou a correr, ela cronometrou-o. Um circuito demora três minutos e vinte e quatro segundos. Mais um circuito. E outro circuito. Outra vez, outra vez, outra vez.

Maya toma nota dos tempos. Levanta os braços como se segurasse uma espingarda invisível. Tenta ver qual o melhor sítio para se posicionar.

Um deles vai morrer. Mas ela ainda não decidiu quem.

Lutar não é difícil. O que é difícil é começar e parar. Depois de a luta começar, desenrola-se de forma mais ou menos instintiva. O que é complicado é ter coragem de desferir o primeiro soco, e depois, quando a luta está vencida, conter-se para não desferir o último.

O carro de Peter ainda continua estacionado em frente ao ringue. Ninguém o incendiou, embora ele suspeite que uma ou duas pessoas pensaram nisso. Raspa o gelo das janelas e entra, sem ligar o motor.

Sempre invejou os bons treinadores de hóquei mais do que qualquer outra pessoa; aqueles que têm capacidade de se erguer em frente de um grupo e fazer com que os demais os sigam. Peter não possui esse carisma. Foi capitão de equipa, em tempos, e liderava pelo jogo, mas não por palavras. Não consegue explicar o hóquei a ninguém; simplesmente, calhou ser um bom jogador de hóquei. Na música chama-se «timbre perfeito» e no desporto chama-se, por vezes, «inteligência física». Vemos alguém fazer uma coisa e o nosso corpo compreende de imediato como fazer o mesmo. Patinar, disparar um disco, tocar violino. Há pessoas que treinam a vida inteira sem aprender, e outras limitam-se a fazê-lo sem saber como.

Peter era bom o suficiente para não precisar de aprender a lutar. Essa foi a sua salvação. Não tem uma posição filosófica, nunca chegou a uma conclusão racional sobre se não acredita em violência. Simplesmente, não é assim. Falta-lhe esse instinto.

Quando Leo começou a jogar hóquei, Peter envolveu-se numa discussão com um treinador que estava sempre aos berros. O treinador argumentou: «Temos de meter medo aos miúdos para eles nos ouvirem!»

Peter não lhe respondeu. Mas no carro, a caminho de casa, virou-se para Leo e explicou: «Quando eu era pequeno, o meu pai batia-me quando eu entornava o leite, Leo. Isso não me ensinou a

não entornar coisas. Só me deixou com medo de leite. Lembra-te disso.»

À sua volta, o parque de estacionamento enche-se gradualmente de carros. Há pessoas a chegar vindas de todas as direções. Algumas veem Peter, mas fingem que não o viram. Ele espera até terem entrado todos. Até a reunião ter começado. Pensa em ligar o carro e ir para casa, fazer as malas da família, arrumar tudo no porta-bagagens e levá-los para tão longe dali quanto possível. Em vez disso, sai do carro, atravessa o parque de estacionamento, empurra a porta pesada do ringue e entra.

Lutar não é difícil. O que é difícil é saber quando desferir o primeiro soco.

Ann-Katrin está sentada ao lado do Javali numa das últimas filas de cadeiras. Parece que a cidade inteira se reuniu no refeitório do ringue. Todas as cadeiras estão ocupadas, mas continuam a entrar pessoas, que se encostam às paredes. À frente, em cima de uma pequena plataforma, estão sentados os membros da direção. Na primeira fila de cadeiras, os patrocinadores e os pais dos jogadores da equipa de juniores. No centro, os pais de Kevin. Ann-Katrin vê pessoas que ela conheceu a vida toda aproximarem-se da mãe de Kevin como se aquele evento fosse um funeral e estivessem a dar-lhe os pêsames pela terrível tragédia que sofrera.

O Javali aperta a mão de Ann-Katrin quando vê para onde ela está a olhar.

– Não podemos envolver-nos, Anki. Metade destas pessoas são nossos clientes.

– Isto não é uma votação, é um linchamento – murmura ela.

– Temos de esperar até sabermos o que aconteceu. Não sabemos tudo, Anki. Não sabemos tudo – insiste o marido.

Ela sabe que ele tem razão. Por isso esperam. Esperam todos.

O Janota está de pé no meio do parque de estacionamento, e não escondido nas sombras ou atrás de uma árvore. Naturalmente, a última coisa que quer é parecer ameaçador.

Quando o pequeno carro com o logótipo do jornal local entra no parque, acena-lhe alegremente. Os ocupantes são uma jornalista e um fotógrafo, e o Janota faz-lhes sinal para abrirem a janela.

– Olá, olá! Acho que não nos conhecemos, pois não? Sou o Janota... o dono do supermercado!

A jornalista aperta-lhe a mão através da janela.

– Olá, viemos para a reun...

O Janota inclina-se para a frente e coça o queixo.

– A reunião, não é? Queria só dar-vos uma palavrinha em relação a isso. De forma... não oficial, se é que me entendem.

A jornalista inclina a cabeça.

– Não.

O Janota pigarreja.

– Oh, sabe como é. Às vezes as pessoas ficam nervosas quando veem um repórter. O que aconteceu foi muito traumatizante para toda a cidade, como deve compreender. Portanto, gostaríamos de nos assegurar de que o seu artigo... bom, de que não veio aqui à procura de problemas onde eles não existem.

A jornalista não faz ideia de como responder, mas a forma como o homem enorme se inclina para a janela do carro ao falar deixa-a pouco à vontade. O Janota, claro, sorri, deseja-lhe uma boa-noite e afasta-se.

A jornalista e o fotógrafo aguardam alguns minutos antes de o seguirem. Quando abrem a porta do ringue e começam a percorrer o corredor, dois homens saem das sombras. Entre os vinte e cinco e os trinta anos, blusões pretos, mãos nos bolsos.

– Esta reunião é exclusiva para sócios – diz um deles.

– Somos jornalistas... – começa a jornalista.

Os homens bloqueiam-lhes o caminho. São mais altos do que o fotógrafo, muito mais altos do que a jornalista. Não dizem mais nada; um deles dá um curto passo em frente, uma indicação subtil do seu potencial para a violência. O edifício está mal iluminado e a parte onde se encontram, silenciosa e deserta.

O fotógrafo pega na manga do casaco da jornalista. Ela vê como ele está pálido. A jornalista não é daquelas bandas, tem apenas um

contrato temporário com o jornal, mas o fotógrafo vive em Björnstad. Tem família ali. Puxa-a e regressam ao carro. Ligam-no e arrancam.

Fatima está sentada na cozinha. Ouve a campainha, mas Amat insiste em ir abrir. Como se já soubesse quem era. Do outro lado da porta estão dois rapazes enormes. Fatima não ouve o que estão a dizer, mas vê um deles encostar o indicador ao peito de Amat. Quando o filho fecha a porta, recusa-se a contar à mãe o que se passa. Diz apenas que «está relacionado com a equipa», e fecha-se no quarto.

Bobo caminha um pouco atrás de William Lyt. Não gosta daquilo que estão a fazer, mas não sabe como se opor.

– O Amat é um de nós, então porque é que estás tão furioso? – perguntou enquanto se dirigiam a casa do rapaz mais novo.

– É agora que ele tem de o provar – respondeu Lyt secamente.

Quando Amat abre a porta, Lyt espeta-lhe o dedo no peito e ordena:

– Há uma reunião de sócios no rinque. Toda a equipa vai estar cá fora para mostrarmos o nosso apoio ao Kevin. Tu também.

– Vou tentar – murmura Amat.

– Não vais tentar, vais lá estar! Temos de estar unidos! – declara Lyt.

Bobo tenta estabelecer contacto visual com Amat antes de se virem embora, mas sem sucesso.

A reunião decorre como é habitual nestas situações: começa de forma hesitante e, depois, descontrola-se rapidamente. O presidente do clube pigarreia e pede a atenção de todos, numa débil tentativa de acalmar a ansiedade geral.

– Em primeiro lugar, quero esclarecer que apenas a direção pode despedir o diretor-geral. Os sócios não podem começar a despedir unilateralmente membros do pessoal. Não é assim que funcionam os estatutos do clube.

Um homem levanta-se da cadeira de dedo no ar.

– Mas os sócios podem depor a direção, e quero que fique bem claro que é isso que faremos se forem contra a vontade da cidade!

– Esta é uma organização democrática. Não nos ameaçamos uns aos outros – responde o presidente em tom severo.

– Ameaçar? Quem é que está a ameaçar quem? São os nossos filhos que estão a ser arrastados do autocarro da equipa pela polícia! – exclama o homem.

Uma mulher levanta-se, com as mãos cruzadas à frente do corpo, e olha para os membros da direção com ar compreensivo.

– Isto não é uma caça às bruxas. Estamos apenas a tentar proteger os nossos filhos. A minha filha estava na festa do Kevin e agora a polícia chamou-a para «prestar declarações». Por amor de Deus, estes miúdos conhecem-se desde sempre, e de repente querem que eles testemunhem uns contra os outros? Mas o que vem a ser isto?

A seguir, é um homem que se levanta.

– Não queremos acusar ninguém. Mas todos sabemos que... o que pode acontecer... Esta jovem quis juntar-se ao grupo. Talvez estivesse à procura de atenção. Tudo o que quero dizer é isto: porque é que o Kevin faria uma coisa dessas? Todos o conhecemos. Não é esse tipo de rapaz. Nem pouco mais ou menos.

Outro homem fala, mesmo sem se levantar:

– Toda a gente vê que ela quer é atenção. Há uma mentalidade de adoração em torno destes rapazes, é perfeitamente natural. Não digo que ela o tenha feito de propósito... deve ser uma coisa psicológica. É uma adolescente, por amor de Deus, todos sabemos o que acontece às hormonas nos adolescentes. Mas se ela se embebedada e entra com um rapaz no quarto dele, está a colocar-se numa posição complicada, não é? Uma posição muito complicada. Não admira que o rapaz interprete os sinais de determinada forma!

Maggan Lyt levanta-se e olha em volta com expressão triste.

– Eu também sou mulher. Levo muito a sério a palavra «violação». Muito, muito a sério! E é por isso que penso que temos de educar os nossos filhos de modo a compreenderem que é algo com que não se brinca, nem se mente. E todos sabemos que ela está a mentir, esta jovem. As provas a favor do rapaz são

esmagadoras, e não há a mínima razão para que ele fizesse aquilo de que está a ser acusado. Não pretendemos prejudicar a jovem, não desejamos mal à sua família; mas que sinal estamos a dar se não tivermos uma atitude de firmeza neste caso? Não estaremos a dizer que todas as raparigas podem acusar um rapaz de violação sempre que o seu afeto não for retribuído? Eu também sou mulher, e é por isso que levo isto muito a sério. Porque toda a gente sabe que o pai da jovem está a tentar usar a situação com intuítos políticos. É óbvio que não conseguiu lidar com o facto de haver na equipa estrelas maiores do que ele foi...

Peter está parado à porta. Demora alguns instantes até a primeira pessoa reparar nele, e então, de repente, todas as cabeças se viram. Um mar de olhos que ele conheceu a vida inteira. Amigos de infância, colegas de escola, paixonetas de adolescente, colegas, vizinhos, pais das crianças com quem os seus filhos brincaram. Ao fundo, encostados a uma parede, rodeados de uma aura ameaçadora criada apenas pela sua mera presença, duas dúzias de homens com blusões pretos. Não dizem nada, mas nenhum deles tira os olhos de Peter. Peter sente o seu ódio, mas não se mexe, de costas direitas e queixo erguido, e olha para Maggan Lyt.

– Por favor, continue, não quero interromper – diz.

A sala está tão silenciosa que todos ouvem quando o coração dele se parte.

A jornalista e o fotógrafo falam com o editor-chefe ao regressarem à redação; a jornalista espera que o editor-chefe os mande regressar de imediato ao ringue de hóquei. Porém, ele resmunga entre dentes qualquer coisa como:

– Não sei se podemos mesmo chamar-lhes «ameaçadores»... as pessoas estão nervosas... é preciso compreender... se calhar não devíamos... enfim...

O fotógrafo pigarreia e sugere:

– Procurar problemas onde eles não existem?

O editor-chefe acena afirmativamente e exclama:

– Exato!

A jornalista não diz nada; é demasiado jovem, está preocupada com o seu emprego, mas lembrar-se-á do medo nos olhos dos dois homens. E durante muito tempo, depois disso, lembrar-se-á também daquilo que Kevin Erdahl lhe disse quando o entrevistou, a seguir à meia-final. O que todos os desportistas aprendem a responder quando um colega de equipa faz algo errado. A surpresa fingida, a linguagem corporal tensa, a resposta abrupta: «Desculpe, mas não vi esse incidente.»

Fatima não bate à porta do filho desta vez, como é seu hábito. Quando entra, Amat está sentado na cama com um cartão de visita na mão. Ela declara com firmeza:

– Um rapaz pode ter segredos da sua mãe. Mas não quando é tão mau a escondê-los.

– Não é nada. Não precisas de... Não te preocupes, mãe – responde ele.

– O teu pai... – começa, mas ele interrompe-a. Algo que nunca costuma fazer.

– Não me digas o que o meu pai faria. Ele não está aqui!

Fatima mantém as mãos no colo. Amat tem a respiração acelerada. Tenta dar-lhe o cartão. Ela não o aceita.

– É um emprego – consegue ele dizer, num tom entre a esperança de um rapaz e a fúria de um homem.

– Eu já tenho emprego.

– É um emprego melhor – argumenta ele.

A mãe ergue as sobrancelhas, surpreendida.

– Sim? É um emprego onde há um rink de gelo no interior onde eu posso ver o meu filho treinar todos os dias?

Ele baixa a cabeça.

– Não.

– Então, não é melhor para mim. Eu já tenho um emprego. Não te preocupes comigo.

Os olhos dele faíscam.

– Então quem é que se vai preocupar, mãe? Olha em volta! Quem é que vai cuidar de nós quando as tuas costas não aguentarem mais?

– Eu. Como sempre fiz – promete ela.

Amat tenta enfiar-lhe o cartão de visita na mão, mas ela recusa. Ele grita:

– Não somos ninguém se estivermos sozinhos no mundo, mãe!

Fatima não responde. Fica sentada ao lado dele até o filho começar a chorar. Entre soluços, Amat diz:

– É demasiado difícil, mãe. Não compreendes o quanto eu... não posso...

Fatima retira as mãos das dele. Levanta-se. Recua. E diz em tom severo:

– Não sei o que tu sabes. Mas, seja lá o que for, é evidente que há quem morra de medo de que tu fales. E deixa-me dizer-te uma coisa, meu querido filho: não preciso de homem nenhum. Não preciso que um homem me leve ao ringue de manhã num carro caro, e não preciso que um homem me ofereça um emprego que não quero. Não preciso que um homem me pague as contas, e não preciso que um homem me diga o que devo pensar e sentir e acreditar. Só há um homem de quem preciso: o meu filho. E não estás sozinho. Nunca estiveste sozinho. Só precisas de ser melhor a escolher as tuas companhias.

Deixa-o. Fecha a porta atrás de si. Não leva o cartão.

Maggan Lyt ainda está em pé, demasiado orgulhosa para recuar agora. Vira-se para a direção e exige:

– Acho que devíamos fazer uma votação nominal.

O presidente do clube dirige-se a todos os presentes:

– Bom, sinto-me obrigado a recordar que, de acordo com os estatutos, qualquer pessoa aqui presente tem o direito de exigir uma votação por voto secreto...

Tarde de mais, apercebe-se de que era precisamente isso que Maggan queria. Ela vira-se para trás e pergunta:

– Compreendo. Há aqui alguém que não esteja disposto a dar a cara pela sua opinião? Que não consiga fitar-nos nos olhos e dizer aquilo que pensa? Por favor, levante-se e peça para votar de forma anónima!

Ninguém se mexe. Peter dá meia-volta e sai. Podia ter ficado para se defender, mas opta por não o fazer.

Amat coloca os auscultadores nos ouvidos. Percorre o seu bairro e o resto da cidade. Passa por toda a sua infância, uma vida inteira. Haverá sempre pessoas que não compreenderão a sua decisão. Que lhe chamarão fraco ou desonesto ou desleal. São provavelmente pessoas que têm vidas seguras, que estão rodeados por outros que partilham as suas opiniões, que só falam com quem reforça a sua visão do mundo. É fácil para eles julgarem-no – é sempre mais fácil dar sermões de moral aos outros quando nunca tivemos de responder por nada.

Dirige-se ao ringue. Aproxima-se dos colegas de equipa. Pode ter deixado o seu país natal, devastado pela guerra, antes mesmo de saber falar, mas nunca deixou de ser um refugiado. O hóquei é a única coisa que o fez sentir-se parte de um grupo. Normal. Bom em alguma coisa.

William Lyt dá-lhe uma palmada nas costas. Amat fita-o nos olhos.

Ramona está no corredor, à espera de Peter. Apoiada à bengala, a cheirar a uísque. É a primeira vez numa década que ele a vê a mais do que cinco passos do Urso Pardo. Ela resmunga:

– Vão acabar por ficar envergonhados. Um dia, lembrar-se-ão de que, quando foi a palavra de um rapaz contra a de uma rapariga, eles acreditaram cegamente no rapaz. E terão vergonha.

Peter dá-lhe uma palmadinha no ombro.

– Ninguém está a pedir... ninguém, Ramona... Não tens de te envolver nisto por mim ou pela minha família – murmura ele.

– Podes ir à merda se achas que tens o direito de me dizer o que eu posso ou não posso fazer, rapaz.

Ele acena, beija-a na face e sai. Já está ao pé do carro quando ela abre a porta do refeitório com a bengala. Um dos homens da direção, de fato e gravata, está a desapertar a gravata e a dizer, talvez a brincar, talvez a sério:

– E como é que podia ter acontecido, de qualquer maneira? Já pensaram nisso? Já viram as calças de ganga que estas jovens usam hoje em dia? Apertadas como uma segunda pele! Elas próprias mal as conseguem despir; que hipóteses teria um rapaz adolescente de lhas tirar contra a vontade dela?

Ri-se da sua própria esperteza e alguns juntam-se-lhe, mas o estrondo quando a porta se abre silencia a sala, e todos se viram para trás. Ramona, bêbada e furiosa, aponta-lhe a bengala.

– A sério, pequeno Lennart? É isso que está a fazer-te confusão? E se apostássemos... o teu salário de um ano, por exemplo... que eu consigo despir-te esse fato todo contra a tua vontade sem que um único filho da mãe aqui dentro consiga fazer seja o que for para me impedir?

Bate com a bengala numa cadeira, enraivecida, pregando um susto de morte ao pobre homem inocente lá sentado, que sustém a respiração e leva a mão ao peito. Depois, agita a bengala no ar.

– Esta não é a minha cidade. Vocês não são a minha cidade. Deviam ter vergonha.

Um homem levanta-se e grita:

– Cale-se, Ramona! Não sabe nada do que se passa!

Três homens de blusões pretos saem silenciosamente das sombras junto à parede. Um deles atravessa a sala com vários passos rápidos, para em frente do homem que falou e diz:

– Se a mandar calar outra vez, quem o cala sou eu. De vez.

Amat para em frente ao ringue e fita os companheiros de equipa nos olhos. Depois, respira fundo, vira-lhes costas e começa a andar. O primeiro passo é hesitante, o segundo mais confiante. Ouve Lyt começar a gritar atrás de si, mas continua e entra no ringue, sem se dar ao trabalho de fechar a porta. Passa pelo gelo, sobe as escadas, entra no refeitório, abre caminho entre as filas de cadeiras,

para em frente da mesa da direção e fita cada um dos membros nos olhos. Em primeiro lugar, e mais demoradamente, um homem chamado Erdahl. E começa a falar.

– Chamo-me Amat. Vi o que o Kevin fez à Maya. Eu estava bêbado e estou apaixonado por ela, e digo-o já para que vocês, seus mentirosos, não tenham de o dizer nas minhas costas quando eu sair daqui. O Kevin Erdahl violou a Maya Andersson. Amanhã tenciono ir à polícia, e sei que dirão que não sou uma testemunha fiável. Mas agora vou contar-vos tudo. Tudo o que o Kevin fez, tudo o que eu vi. E nunca se esquecerão. Sabem que os meus olhos funcionam melhor do que os de qualquer outra pessoa aqui. Porque é a primeira coisa que aprendemos no Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad, não é? «Essa maneira de ver não se ensina. É algo que nasce com a pessoa.»

Então, conta-lhes tudo. Todos os pormenores. Tudo o que estava no quarto de Kevin: os *posters* nas paredes, a disposição exata dos troféus nas prateleiras, os riscos no chão, a cor das roupas da cama, o sangue na mão do rapaz, o terror no rosto da rapariga, os gritos abafados por detrás da palma da mão dele, as nódoas negras, a violência, a natureza incompreensível, hedionda e imperdoável do que se passou. Conta-lhes tudo. E ninguém ali presente alguma vez se esquecerá.

Quando acaba, deixa-os. Não bate com a porta, não corre pelas escadas, não grita com ninguém à saída. William atira-se a ele assim que chega ao parque de estacionamento.

– O que é que fizeste? O que é que fizeste, meu cabrãozinho de merda, O QUE É QUE FIZESTE?

As mãos que os separam têm metade do tamanho das de Lyt. Na verdade, são mais pequenas até do que as de Amat, mas mantêm os dois rapazes afastados como se possuíssem uma força infinita.

– Chega! – ruge Ann-Katrin a William.

Bobo, a poucos metros, vê a mãe intimidar um rapaz com o dobro do seu tamanho. Nunca se sentiu mais estúpido. Nunca se sentiu mais orgulhoso.

Dentro do refeitório, a mãe de Filip levanta-se. Espera até o burburinho se silenciar. Une as mãos. Olha para a direção e diz:

– Qualquer pessoa pode exigir uma votação anónima?

O presidente faz que sim com a cabeça.

– Escrutínio por voto secreto. Sim, claro. De acordo com os estatutos, basta que seja uma pessoa a pedi-lo.

– Nesse caso, peço um escrutínio por voto secreto – declara a mãe de Filip, e volta a sentar-se.

A sua melhor amiga está sentada ao lado dela e puxa-lhe o braço, insultada e indignada.

– O que estás a fazer? O que é que estás a...

E é então que a mãe de Filip diz duas palavrinhas, algo que todos os melhores amigos têm de dizer uns aos outros de vez em quando:

– Cala-te, Maggan.

Amat afasta-se sem olhar para os ex-colegas. De qualquer maneira, sabe o que eles estão a pensar. Põe os auscultadores, olha pela última vez para o interior do ringue e vê o gelo a tremeluzir sob uma lâmpada fluorescente. Sabe que está a colocar-se do lado dos derrotados – nunca vencerá. Talvez nunca mais possa jogar. Se alguém lhe tivesse perguntado naquele momento se valeu a pena, teria murmurado: «Não sei». Às vezes, a vida não nos permite que escolhamos as nossas batalhas. Apenas as nossas companhias.

Atravessa de novo a cidade. Há neve no chão, mas o ar cheira a primavera. Amat sempre detestou esta época do ano, porque significa que a temporada de hóquei acabou. Pouco antes de chegar a casa, entra no prédio ao lado do seu, sobe até ao terceiro andar e toca à campainha.

Zacharias tem o comando de um jogo de vídeo na mão quando abre a porta. Olham um para o outro até a neve derreter à volta dos sapatos de Amat. Ele está ofegante e sente a pulsação a latejar nos ouvidos.

– Parabéns.

Zacharias recua para o deixar entrar. Amat pendura o casaco no mesmo cabide onde o pendurou todos os dias desde que teve idade suficiente para lá chegar sozinho. Zacharias está sentado na cama, no seu quarto, a jogar. Amat senta-se ao lado dele, a ver, durante meia hora. Por fim, Zacharias levanta-se, dirige-se à prateleira, pega noutro comando e coloca-o no colo do amigo.

Jogam sem falar. Nunca precisaram de palavras.

Entretanto, numa reunião num rínque, os sócios de um clube votam para decidir o futuro de um diretor-geral. Mas também o futuro da sua cidade. E deles próprios. De todos.

Ramona está sentada a um canto, ao lado de um homem de blusão preto. Ele tem um urso tatuado no pescoço e gira a chave do carro entre os dedos, com gestos nervosos. Ramona dá-lhe uma palmadinha na cara.

– Não era preciso teres ameaçado que o calavas. Eu dava conta do recado. Mas obrigada.

O homem sorri debilmente. Tem os nós dos dedos cobertos de cicatrizes, num dos braços a marca de uma facada, e Ramona nunca o admirou nem o julgou por isso. Ele e os outros homens dos blusões pretos cresceram no Urso Pardo. Ramona esteve do lado deles quando todas as outras pessoas se afastavam, defendeu-os mesmo quando não concordava com eles, foi-lhes leal mesmo quando gritava com eles. Todos gostam dela. Mesmo assim, ele diz:

– Não sei se consigo pôr os rapazes a votar como queres.

Ela acena e passa-lhe a mão pelo cabelo rapado.

– Esta noite, olhei o Amat nos olhos. Confio nele. E vou agir de acordo com isso. Vocês agirão como entenderem. Sempre assim foi.

O homem baixa a cabeça. A tatuagem no pescoço ondula quando engole em seco.

– Não sei se posso envolver-me nisto. A Matilha e a equipa têm de vir primeiro.

Ramona levanta-se lentamente mas, antes de ir votar, dá-lhe uma palmada no joelho e pergunta:

– De quem é este clube?

O homem, sentado, vê-a afastar-se. Gira a chave do carro entre os dedos; o logótipo da Saab aparece e desaparece na palma da sua mão. Depois, percorre a sala com o olhar e detém-se num homem sentado numa cadeira na fila da frente. Viu-o no Covão, com Amat. O pai de Kevin Erdahl. O homem do blusão preto enfia a mão no bolso. Ainda lá tem as cinco notas de mil coroas amarrotadas, as que apanhou da neve.

Ainda não decidiu o que vai fazer com elas.

O amor dos pais pelos filhos é estranho. Há um ponto em que começa o nosso amor por qualquer outra pessoa, mas não por um filho. Um filho é uma pessoa que sempre amámos, que já amávamos antes mesmo de existir. Por mais bem preparados que estejam, todas as mães e pais passam por um momento de choque total quando essa vaga de sentimentos os invade pela primeira vez e os derruba e deixa sem ar. É incompreensível porque não há nada com que o comparar. É como tentar descrever a sensação da areia entre os dedos dos pés, ou de flocos de neve na língua, a alguém que viveu a vida inteira numa sala escura. Dá asas à alma.

David pousa a mão na barriga da namorada, consciente de que este amor por alguém que ainda nem conhece se apoderou de toda a sua vida. A mãe sempre disse que cada filho é como um transplante de coração, e agora ele compreende.

A namorada acaricia-lhe a nuca com as pontas dos dedos. David passou a noite a falar ao telefone, a saber o que aconteceu na reunião, as decisões que foram tomadas. Recebeu uma oferta com a qual sonha desde que começou a treinar os infantis.

- Não sei o que fazer.
- Tens de confiar no teu coração – diz a namorada.
- Sou treinador de hóquei. É tudo o que quero ser. O resto é política. Não tem nada a ver com desporto.

A namorada beija-lhe a mão.

- Então, vai ser um treinador de hóquei.

Maya toca à campainha de Ana. Não lhe diz que viu Kevin no trilho de *jogging*, não fala sobre nada. Há bem pouco tempo, a ideia de ter segredos de Ana era impensável, e agora é perfeitamente natural. É uma sensação terrível. Voltam para casa de Maya. Peter, Kira e Leo estão sentados na cozinha. Esperam que os seus telefones toquem, que alguém lhes diga como correram as coisas na reunião. Mas, até agora, está tudo silencioso. Assim, fazem a

única coisa que podem fazer. Maya vai buscar a guitarra, Peter vai buscar as baquetas, Ana pergunta se pode cantar. É uma cantora horrível. Canta tão mal que ajuda uma família inteira a aguentar a espera.

Noutra parte da cidade, num rince a caminho do lago, uma reunião dos sócios de um clube de hóquei está a chegar ao fim. Uma votação terminou. Os resultados foram contabilizados. Toda a gente está a lidar com as consequências.

Vários homens de blusões pretos estão espalhados pelo recinto da reunião. Alguns com as famílias, outros sozinhos. Homens e mulheres desaparecem no parque de estacionamento. Toda a gente fala, mas ninguém diz nada. Vai ser uma longa noite em casas onde todas as luzes estão apagadas, mas toda a gente está acordada.

O presidente do clube fica sentado à mesa no refeitório muito depois de todos saírem. O Janota está sozinho, em pé, na bancada sombria. O clube é a vida deles, mas nenhum dos dois sabe a quem o clube pertence agora.

Amat está sentado ao lado de Zacharias quando o seu telefone vibra. Uma mensagem de texto. Uma única palavra. De Maya.

«Obrigada.»

Amat responde também com uma única palavra: «Desculpa.»

O agradecimento dela é por aquilo que ele fez. O pedido de desculpa dele é pelo tempo que demorou a arranjar coragem para o fazer.

Os pais de Kevin são os primeiros a deixar a reunião. O pai aperta a mão a algumas pessoas, troca breves palavras. A mãe não diz nada. Entram em carros separados, seguem em direções diferentes.

Sune vai para casa. Dá comida ao cachorrinho. Quando o telefone toca, fica ao mesmo tempo surpreendido e nada surpreendido. Do outro lado da linha, está o presidente de um clube de hóquei. Sune não se deita depois de desligar. Desconfia que em breve receberá uma visita.

A mãe de Kevin para o carro. Desliga o motor e pensa em voltar a ligá-lo logo a seguir. Apaga os faróis, mas não se mexe. Não tem energia. Sente-se febril, mal consegue segurar o volante com os dedos. Tem as entranhas reduzidas a cinzas, o corpo é apenas um invólucro – é assim que se lembrará de se sentir.

Sai do carro, entra no bairro residencial, encontra a casa que procura e toca à campainha. É o último prédio antes do Covão.

O cachorro ouve o visitante antes de ele bater à porta. Sune abre e tenta enxotar o pequeno animal, mas o seu tom de voz não consegue disfarçar quem detém já todo o poder naquela relação.

– Há alguma diferença entre jogadores de hóquei e cães? – pergunta David, com um sorriso triste.

– Pelo menos os jogadores de hóquei de vez em quando fazem o que lhes mandamos – resmunga Sune.

Os dois homens fitam-se. Em tempos, foram mentor e aluno. Em tempos, o amor entre eles era inabalável. Os tempos mudam.

– Quis vir cá para que o ouvisses diretamente da minha boca... – começa David.

– Ofereceram-te o cargo de treinador da equipa principal – interrompe Sune com um aceno.

– O presidente ligou-te?

– Sim.

– Não é nada pessoal, Sune. Mas eu sou treinador de hóquei. É o que fazemos.

O pé engessado de Benji já não é um pé engessado, agora é uma perna de pau. Tem uma pala preta sobre um olho, o seu quarto é um navio pirata e os filhos da irmã são o inimigo. Estão a esgrimir

com *sticks* de hóquei, perdidos de riso enquanto ele os persegue, ao pé-coxinho. Tiram a colcha e o lençol da cama, e atiram-nos para cima dele, fazendo com que tropece e quase derrube a cómoda. Gaby está à porta, de braços cruzados, com a sua cara especial de mãe.

– Merda – pragueja um dos miúdos.

– A culpa foi quase toda do tio Benji! – exclama o outro sem hesitar.

– Eh! Não fazemos queixinhas dos amigos! – grita Benji, enquanto tenta libertar-se das roupas da cama.

Gaby aponta para os filhos e manda em voz severa:

– Têm cinco minutos para arrumar isto tudo. Depois vão lavar as mãos para ir jantar. A avó está quase pronta. E tu também, Benji!

Benji resmunga debaixo das roupas. Os sobrinhos ajudam-no. Gaby sai para o corredor para que eles não a vejam rir. O riso é algo muito necessário nesta cidade, esta noite.

Sune respira fundo, inspira até às profundezas do peito largo. Olha para David.

– Odeias mesmo o Peter ao ponto de não poderes ficar no clube se ele lá estiver?

David solta um suspiro de frustração.

– Não tem nada a ver com ele. Apenas não posso aceitar aquilo que ele representa. Isto é hóquei; temos de ser capazes de pôr o interesse do clube à frente do nosso.

– E achas que o Peter não o fez?

– Eu vi-o, Sune. Vi-o no parque de estacionamento quando a polícia tirou o Kevin do autocarro da equipa. O Peter foi de propósito ao ringue porque queria ver aquilo acontecer. Foi vingança.

– Não terias feito o mesmo no lugar dele?

David ergue os olhos e abana a cabeça.

– No lugar dele, se calhar até tinha levado uma arma. Mas não é disso que estou a falar.

– Então, do que é que estás a falar? – pergunta Sune.

– Estou a dizer que o hóquei só funciona bem se existir num mundo à parte. Se não houver uma data de porcarias do exterior a interferir. Se a família do Peter tivesse esperado até ao dia depois da final para denunciar o Kevin à polícia, ele teria sofrido EXATAMENTE as mesmas consequências judiciais. Polícia, acusação, julgamento, tudo, teria acontecido tudo precisamente da mesma maneira, só que um dia mais tarde.

– E o Kevin teria conseguido jogar. E talvez os juniores tivessem ganhado a final – conclui Sune, embora seja evidente que não concorda.

David não se deixa demover.

– A justiça é isso, Sune. É para isso que a sociedade tem leis. O Peter podia ter esperado até depois da final, porque aquilo que o Kevin fez não teve nada a ver com hóquei, nada a ver com o clube, mas o Peter optou por impor o seu próprio castigo. E assim prejudicou a equipa e o clube. A cidade inteira.

O ar assobia ao encher os pulmões de Sune. É velho, mas os seus olhos não envelheceram.

– Lembras-te, David, pouco depois de entrares na equipa principal, quando um dos jogadores sofreu três traumatismos graves em duas épocas? Toda a gente sabia que se sofresse mais um, teria de deixar de jogar. Fomos jogar contra uma equipa que tinha um tipo enorme na defesa, e ele sabia o que se passava e assim que pôde procurou atingir a cabeça do nosso jogador, de propósito.

– Eu lembro-me – responde David.

– E lembras-te do que fizeste ao outro tipo?

– Caí-lhe em cima.

– Sim. O nosso jogador sofreu outro traumatismo. Aquele foi o seu último jogo. E o árbitro nem sequer marcou falta. Por isso, tu caíste-lhe em cima. Porque, às vezes, os árbitros enganam-se, e às vezes há uma diferença entre violar as regras e ir contra as normas morais, e tu achaste que tinhas o direito de impor a tua própria justiça ali no gelo.

– Isto não é a mesma coisa – responde David, com mais confiança do que a que de facto sente.

Sune pensa durante um longo momento, faz festas ao cachorro, coça a sobancelha.

– David, acreditas que o Kevin violou a Maya?

David demora uma eternidade a refletir na sua resposta. Tem estado a pensar nisso sem parar desde que a polícia deteve Kevin. Tenta ver a questão de todos os ângulos e acaba por decidir ser racional. Responsável. Portanto, diz:

– Não me cabe a mim decidir. Cabe ao tribunal. Eu sou treinador de hóquei.

Sune fica desolado.

– Eu respeito-te, David, mas não respeito essa atitude.

– E eu não posso respeitar o Peter por se armar em Deus com a equipa e o clube e a cidade, só porque isto envolve a filha dele. Deixa-me fazer-te uma pergunta, Sune: se o Kevin tivesse sido acusado de violar outra rapariga, se não fosse a filha dele, achas que o Peter teria encorajado a família da rapariga a denunciá-lo à polícia no dia da final?

Sune encosta a cabeça à ombreira da porta.

– Deixa-me responder-te com outra pergunta, David: e se não fosse o Kevin que foi denunciado à polícia? E se fosse outro tipo qualquer? Se fosse um rapaz do Covão? Continuarias a pensar o mesmo?

– Não sei – responde David com franqueza.

Sune deixa-o absorver as palavras. Porque, no fundo, é tudo o que se pode pedir a alguém. Que esteja disposto a admitir que não sabe tudo. Sune afasta-se para o lado.

– Queres um café?

A campainha da porta da família Andersson toca. Demora muito tempo até alguém vir abrir. Kira e Leo estão a jogar às cartas na cozinha e o som de uma guitarra elétrica e de uma bateria ecoam na garagem. A campainha toca outra vez. Por fim, Peter, com a camisa manchada de suor e um par de baquetas na mão, abre a porta e vê o presidente do clube.

– Tenho más notícias. E boas notícias.

David e Sune estão sentados frente a frente à mesa da cozinha. David nunca ali tinha estado; viram-se um ao outro todos os dias no ringue durante quase quinze anos, mas esta é a primeira vez que um deles está dentro da casa do outro.

– Então sempre conseguiste o teu lugar na equipa principal – observa Sune em tom magnânimo.

– Só não foi aquele de que estava à espera – responde David em voz baixa.

Sune serve o café. Depois da reunião dos sócios, Sune estava sem dúvida à espera do telefonema de um presidente de um clube, o clube que ia oferecer a David um emprego como treinador da equipa principal – mas esperava que fosse em Björnstad.

– Leite? – oferece Sune.

– Não, simples está bom – responde o novo treinador da equipa principal do Clube de Hóquei no Gelo de Hed.

O presidente pigarreia. Kira aparece no corredor. Leo e Maya estão um pouco mais atrás. O irmão pega na mão da irmã mais velha.

– Os sócios votaram. Não querem despedir-te – comunica-lhe o presidente.

As suas palavras não são recebidas com júbilo. Nem sequer com um sorriso. Peter limpa o suor da testa.

– O que é que isso significa?

O presidente levanta as mãos e encolhe os ombros.

– O David apresentou a carta de demissão. Ofereceram-lhe o cargo de treinador principal em Hed. Vai levar consigo os melhores jogadores dos juniores: o Lyt, o Filip, o Benji, o Bobo... Eles não jogam pela equipa, Peter, nunca jogaram. Jogam pelo David. Seguem-no para onde quer que ele vá. E, sem eles, podemos esquecer os nossos planos de reforçar a equipa principal. Praticamente todos os patrocinadores me ligaram esta noite a cancelar os contratos de apoio.

– Podemos processá-los – sugere Kira, mas o presidente abana a cabeça.

– Eles contribuíram o ano passado partindo do princípio de que os juniores formariam uma boa equipa principal. E agora podemos esquecer isso... nem sequer conseguiremos pagar os salários. Nem sei se teremos alguma equipa na próxima época. A câmara não vai investir, não querem trazer a academia de hóquei para cá depois do... do escândalo.

Peter acena.

– E a família Erdahl?

– O pai do Kevin também vai retirar o seu dinheiro, claro. Passará para Hed. Quer liquidar-nos, claro está. E se o Kevin não for condenado em tribunal por... tudo o que aconteceu, então... bom, então irá jogar também para Hed. Todos os nossos melhores jogadores o seguirão.

Peter encosta-se à parede com um sorriso triste.

– Não disseste que havia boas e más notícias?

– As boas notícias são que ainda és diretor-geral. As más são que não sei se haverá sequer algum clube do qual ser diretor-geral na próxima época.

Vira-se para partir, mas muda de ideias. Olha por cima do ombro e acrescenta:

– E devo-te um pedido de desculpas.

Peter suspira e abana a cabeça devagar.

– Não tem de me pedir desculpa, eu...

– Não estou a falar contigo – interrompe o presidente. E olha para além de Peter, para o corredor, fitando Maya nos olhos.

David segura na caneca com ambas as mãos. Olha para a mesa.

– Não quero parecer uma velha sentimental, Sune, mas quero que saibas que agradeço tudo o que fizeste por mim. Tudo o que me ensinaste.

Sune faz festas ao cachorrinho. Fixa os olhos no pelo.

– Devia ter sido mais compreensivo. Fui demasiado orgulhoso muitas vezes. Não queria admitir que o jogo estava a evoluir mais depressa do que eu.

David bebe um gole de café. Olha para a janela.

– Vou ser pai. É... bom, é uma parvoíce, dadas as circunstâncias, mas queria que fosses o primeiro a saber.

Por alguns instantes, Sune não consegue falar. Depois levanta-se, abre um armário e volta com uma garrafa.

– Acho que vamos precisar de café mais forte.

Fazem um brinde. David solta uma risada breve, mas depressa volta a ficar em silêncio.

– Não sei se ser treinador de hóquei fará de mim um pai melhor ou pior – considera.

– Bom, eu acho que ser pai fará de ti um treinador melhor – responde Sune.

David bebe, pousa a caneca vazia.

– Não posso ficar num clube que mistura hóquei e política. Foste tu que me ensinaste isso.

Sune volta a encher-lhe a caneca.

– Eu não tenho filhos, David. Mas queres saber qual é o meu melhor conselho sobre paternidade?

– Sim.

– «Eu estava errado.» São palavras que devemos saber dizer.

David sorri debilmente e bebe mais um gole.

– Compreendo que fiques do lado do Peter. Ele sempre foi o teu melhor aluno.

– O segundo melhor – corrige Sune.

Não olham um para o outro. Têm ambos os olhos brilhantes. Sune diz, por fim:

– É a filha dele, David. O Peter quer apenas justiça.

David abana a cabeça.

– Não. Não é justiça que ele quer. Quer vencer. Quer que a família do Kevin sofra mais do que a dele. Isso não é justiça, é vingança.

Sune reabastece as canecas. Brindam com gestos contidos. Bebem com ar pensativo. Depois, Sune diz:

– Vem falar comigo quando o teu filho fizer quinze anos. Talvez nessa altura vejas as coisas de maneira diferente.

David levanta-se. Despedem-se com um abraço forte, mas rápido. No dia seguinte dirigir-se-ão a riques diferentes, um em

Hed e outro em Björnstad. Na próxima época serão adversários.

Adri está de pé na cozinha da mãe. Katia e Gaby discutem enquanto põem a mesa, sobre quais as tigelas a usar, quais as velas. Quando Benji entra na cozinha, a mãe beija-o na face, diz-lhe que o ama e que ele é a luz da sua vida, e depois ralha novamente com ele pelo que fez ao pé e informa-o de que mais valia ter partido o pescoço, uma vez que é evidente que não usa a cabeça para nada.

A campainha da porta toca. A mulher do outro lado pede desculpa por estar a incomodar àquelas horas. A pele dela parece demasiado grande, o esqueleto mal consegue suportá-la. Tem de passar dez minutos a convencer a mãe de Benji de que não precisa de a convidar para jantar, mas, mesmo assim, a mãe de Benji dá um toque a Adri e sussurra:

– Vai buscar mais um prato.

Adri dá uma cotovelada a Gaby e murmura:

– Vai buscar um prato.

E Gaby dá um pontapé na canela de Katia e resmunga:

– Prato!

Katia vira-se para Benji, mas estaca a meio do movimento quando vê a expressão na cara dele.

A mãe de Kevin continua parada à porta e consegue dizer, numa voz fraca e muito diferente da sua voz habitual:

– Desculpem. Queria só dar uma palavrinha ao Benjamin.

Kevin está no quintal atrás da casa. A disparar disco após disco. *Bang-bang-bang-bang-bang*. Dentro de casa, o pai está sentado com uma garrafa de uísque acabada de abrir à sua frente. Não conseguiram tudo o que queriam nessa noite, mas também não perderam. Amanhã, o advogado começará a preparar todos os argumentos para explicar que um rapaz bêbado e apaixonado pela jovem acusadora não é uma testemunha credível. Kevin começará a jogar no Clube de Hóquei no Gelo de Hed e levará o resto da equipa consigo, bem como quase todos os patrocinadores, e os seus

planos para a vida permanecerão intactos. Um dia, muito em breve, toda a gente à volta deles limitar-se-á a fingir que nada disto aconteceu. Porque nesta família não há perdedores. Nem mesmo quando perdem. *Bang-bang-bang-bang-bang*.

Benji está sentado num banco do lado de fora da casa. A mãe de Kevin está sentada ao seu lado, com a cabeça inclinada para trás, a olhar para as estrelas.

– Lembro-me daquela ilha onde tu e o Kevin costumavam ir no bote a remos, no verão – diz.

Benji não responde, mas também tem pensado nisso. Descobriram-na quando eram pequenos. Não fica no lago grande atrás do rink, onde toda a gente da cidade vai nadar no verão; aí nunca teriam sossego. Tinham de caminhar horas pela floresta até chegarem a outro lago mais pequeno, onde não havia doca nem pessoas. No meio da água havia uma ilhota coberta de pedras e árvores que, vista da margem, parecia apenas uma pilha de blocos de pedra dominados pela vegetação. Os rapazes arrastaram um bote através da floresta, remaram até lá e limparam o interior da pequena ilhota até terem espaço suficiente para montar uma tenda. E esse era o seu lugar secreto. No primeiro verão passaram lá apenas uma noite, no segundo verão, alguns dias. Quando chegaram à adolescência, ficavam lá semanas. Cada segundo que o hóquei não precisava deles, até os treinos de verão começarem. Evaporavam-se numa nuvem de fumo e desapareciam da cidade. Nadavam nus no lago, secavam-se ao sol em cima das rochas, pescavam para o jantar, dormiam debaixo do céu estrelado.

Benji ergue agora os olhos para esse mesmo céu. A mãe de Kevin fita-o atentamente.

– Sabes, Benjamin, acho tão estranho que tantas pessoas nesta cidade estejam convencidas de que foi a minha família que cuidou de ti quando o teu pai morreu. Porque, na verdade, foi o contrário. O Kevin passou mais tempo na casa da tua mãe do que tu na nossa. Eu sei que costumavam desarrumar a casa antes de nós voltarmos para pensarmos que o Kevin tinha dormido lá, mas...

– Você sabia? – Benji inclina a cabeça.

Ela sorri.

– Também sei que dás pontapés aos meus tapetes, de propósito, para desalinhar as franjas.

– Desculpe.

Ela olha para as mãos. Respira fundo.

– Era a tua mãe que lavava o equipamento de hóquei do Kevin juntamente com o teu quando vocês eram pequenos, que fazia o jantar para os dois, e quando os rapazes mais velhos se metiam com vocês na escola, eram...

– Eram as minhas irmãs que iam resolver o assunto.

– Tens boas irmãs.

– Tenho três irmãs malucas.

– São uma bênção, Benjamin.

Ele pisca os olhos devagar e faz força com o pé partido no chão para que essa dor seja pior do que a outra. A mulher morde o lábio.

– É difícil para uma mãe admitir certas coisas, Benjamin. Reparei que não foste ter connosco à esquadra. Não tens aparecido lá em casa e também não estiveste na reunião desta noite. Eu...

Aperta a cana do nariz entre o indicador e o polegar, engole em seco e murmura:

– Desde que tu e o Kevin eram pequenos, sempre que vocês se metiam em sarilhos, os professores e os outros pais diziam sempre que eras tu que começavas e punham as culpas no facto de não teres «um bom exemplo masculino». E eu nunca soube o que responder a isso. Porque nunca ouvi nada tão estúpido em toda a minha vida.

Benjamin ergue o rosto para ela, surpreendido. Ela abre os olhos, estende a mão e toca-lhe suavemente na face.

– Aquela equipa de hóquei... aquela maldita equipa de hóquei... Eu sei que vocês gostam todos uns dos outros. Sei como são leais. Às vezes, não sei se isso é bom ou mau. Lembro-me de quando fizeram catapultas, quando tinham nove anos, e o Kevin partiu a janela do vizinho... lembras-te? Foste tu que arcaste com as culpas. Porque quando todos os outros rapazes fugiram, tu ficaste onde estavas. Porque sabias que alguém tinha de assumir a

responsabilidade e que as consequências seriam piores para o Kevin do que para ti.

Benji limpa os olhos. Ela ainda tem a mão no rosto dele. Dá-lhe uma palmadinha e sorri.

– Podes não ser um anjo, Benjamin, eu sei. Mas, Deus do Céu, não tiveste falta nenhuma de um exemplo masculino! Todas as tuas melhores qualidades vêm do facto de teres sido criado numa casa cheia de mulheres.

Aproxima-se mais. Todo o corpo do rapaz está a tremer. Abraça-o com força e diz:

– O meu filho nunca conseguiu mentir-te, Benjamin, pois não? O Kevin consegue mentir a toda a gente e sempre o fez. Ao pai. A mim. Mas nunca a ti.

Ficam ali sentados, abraçados, por um minuto das suas vidas. Depois, a mãe de Kevin levanta-se e entra no carro.

Benji tenta acender um cigarro. Tem as mãos a tremer demasiado para segurar o isqueiro. As suas lágrimas extinguem a chama.

O pai ainda está sentado na cozinha. A garrafa de uísque está aberta, mas continua intacta. *Bang-bang-bang-bang-bang*. A mãe chega a casa, olha para o marido e detém-se no corredor a olhar para uma das fotografias na parede. Uma fotografia de família emoldurada. Está torta, com a moldura partida, vidros espalhados pelo chão. Uma das mãos do pai está a sangrar. A mãe não diz nada; varre os vidros em silêncio e deita-os fora. Depois, sai para o quintal. *Bang-bang-bang-bang-bang*. Quando Kevin vai apanhar os discos, ela pega-lhe no braço. Não com força, não com raiva, apenas para o obrigar a virar-se. Fita-o nos olhos e, quando ele baixa a cabeça, segura-lhe no queixo e obriga-o a levantá-la. Para que o filho tenha de olhar para si. Até a mãe saber.

Porque nesta família não há perdedores. Mas precisam de saber a verdade.

A família Andersson está sentada na cozinha. Os cinco, incluindo Ana. Estão a jogar um jogo de cartas infantil. Ninguém está a ganhar porque estão todos a tentar deixar os outros ganhar. A campainha toca outra vez. Peter vai abrir. Fica ali parado em silêncio, a olhar. Kira segue-o, mas para quando vê quem é. Por último, vem Maya.

A mãe de Kevin está lá fora, abatida, como se estivesse a afogar-se dentro das próprias roupas. Tem as pernas a tremer, até que por fim cedem debaixo dela. Informaram-na de que passou demasiado tempo para que a polícia possa utilizar seja o que for como provas fiáveis. A rapariga devia ter tirado fotografias, não devia ter tomado banho, devia ter apresentado queixa logo após o incidente. Agora é tarde de mais – é o que dizem. Mas as nódoas negras ainda são visíveis no pescoço e nos pulsos dela. A mãe de Kevin vê-as. As marcas deixadas por dedos fortes a forçá-la. A segurá-la. A impedi-la de gritar.

Cai de joelhos aos pés da rapariga e estende a mão como se quisesse tocar-lhe, mas os seus braços trémulos não chegam lá. Maya fica ali parada muito tempo, vazia, a olhar. Fecha as pálpebras, sustém a respiração; a sua pele está muda, os seus canais lacrimais tão entorpecidos que o corpo não parece pertencer-lhe. Depois, com um cuidado infinito, estende os dedos e acaricia o cabelo da mulher, enquanto ela soluça descontroladamente, agarrada às suas pernas.

– Desculpa... – murmura a mãe de Kevin.

– A culpa não é sua – responde Maya.

Uma delas cai. A outra recomeça a levantar-se.

Bang-bang-bang.

Há poucas palavras mais difíceis de explicar do que «lealdade». É sempre encarada como uma característica positiva, porque quase toda a gente diria que muitas das melhores coisas que as pessoas fazem umas pelas outras se devem precisamente à lealdade. O único problema é que muitas das piores coisas que fazemos uns aos outros também.

Bang-bang-bang.

Amat está junto à janela no quarto de Zacharias e vê os primeiros aparecerem entre os edifícios. Capuz na cabeça, rostos escondidos atrás de cachecóis. Zacharias está na casa de banho. Amat podia pedir-lhe que saísse com ele. Ou podia ficar ali escondido a noite toda. Mas sabe que as figuras encapuçadas lá em baixo andam à sua procura, e sabe que vêm mais a caminho. Defendem-se uns aos outros – é a fundação sobre a qual se constrói uma equipa, e o seu ódio agora não tem nada a ver com aquilo em que acreditam ou não que Kevin fez. Tem a ver com o facto de Amat ter ido contra a equipa. São um exército. Precisam de um inimigo.

Assim, Amat sai silenciosamente para o corredor e veste o casaco. Não vai deixar que Zacharias seja espancado por sua causa, e não pode correr o risco de que alguém tente entrar à força no apartamento da mãe à procura dele.

Quando Zacharias regressa ao quarto, o seu melhor amigo desapareceu. Por uma questão de lealdade.

Bang. Bang.

Ann-Katrin está de pé junto à janela da cozinha quando os rapazes aparecem entre as árvores. Lyt à frente, com mais oito ou nove atrás dele. Alguns são da equipa de juniores – ela reconhece-os – e outros são irmãos mais velhos, ainda maiores do que eles. Todos vestem camisolas de capuz e têm cachecóis escuros. Não

são uma equipa, não são um gangue – são uma turba preparada para um linchamento.

Bobo sai para a neve, ao seu encontro. Ann-Katrin, à janela, vê o filho de cabeça baixa enquanto Lyt lhe pousa a mão no ombro, explica a estratégia, dá ordens. A vida inteira, Bobo quis apenas uma coisa: pertencer. A mãe vê o filho tentar explicar algo a Lyt, mas Lyt já está para lá de qualquer argumentação. Grita e empurra Bobo, encosta-lhe o indicador à testa e, mesmo da janela, Ann-Katrin consegue ler-lhe a palavra «traição» nos lábios. Os rapazes puxam os capuzes para cima, tapam a cara com os cachecóis e desaparecem entre as árvores. O filho de Ann-Katrin fica ali sozinho, até que muda de ideias.

O Javali está debruçado sobre o motor de um carro quando Bobo entra na oficina. O pai endireita-se, e pai e filho entreolham-se sem que nenhum dos dois fite diretamente o outro. O pai volta a debruçar-se sobre o motor, sem dizer nada. Bobo pega numa camisola de capuz e num cachecol.

Bang.

Filip está a jantar com os pais. Nenhum deles fala muito. Filip é o melhor defesa da equipa; um dia, será muito mais do que isso. Quando era pequeno e estava muito atrasado em relação aos outros meninos da sua idade em todos os aspetos do desenvolvimento físico, toda a gente esperava que ele deixasse de jogar, mas a única coisa que ele nunca deixou de fazer foi lutar. Quando era o mais fraco da equipa, aprendeu a compensar com uma boa leitura do jogo, estando sempre no sítio certo, na altura certa. Agora, é um dos mais fortes. E um dos mais leais. Seria uma força a ter em conta, vestido com uma camisola de capuz e com um cachecol na cara.

O restaurante em Hed não é lá muito bom, mas a mãe insistiu para que viessem ali jantar hoje, a seguir à reunião, a família toda. Ficam até o estabelecimento fechar. Assim, quando os rapazes – a quem Filip nunca conseguiu negar nada quando lhe pedem alguma

coisa – batem à porta da casa deles, Filip, como acontece sempre no hóquei, está no sítio certo, na altura certa. E não é em casa.

Bang.

Amat estremece ao vento, mas fica parado debaixo de um dos candeeiros de rua, de propósito. Quer que o vejam à distância, para que não haja necessidade de envolver mais ninguém. Nunca conseguirá explicar onde foi buscar a coragem para o fazer, mas talvez uma pessoa acabe por se faltar de ter medo, quando passa demasiado tempo assustada.

Não sabe quantos são enquanto avançam entre os prédios, mas parecem tão violentos, de forma tão óbvia, que sabe que não conseguirá desferir um único soco antes que lhe caiam em cima. Tem o coração quase a saltar pela boca. Não sabe se querem só assustá-lo, transformá-lo num exemplo, ou se virão talvez com intenção de garantir que ele nunca mais jogará hóquei na vida. Um deles tem qualquer coisa na mão – um taco de basebol, talvez. Quando passam sob o candeeiro antes do dele, vê a luz refletida num cano metálico na mão de outro. Amat protege-se do primeiro golpe com o antebraço, mas o segundo atinge-o na parte lateral da cabeça, e depois uma dor ardente percorre-lhe as costas quando o cano o atinge na coxa. Defende-se e morde e debate-se no meio dos seus atacantes, mas isto não é uma luta, é uma agressão coordenada. Quando cai sobre a neve, já está a sangrar.

Bang.

Bobo nunca foi bom em muita coisa, exceto a lutar. É algo pelo qual é fácil ser admirado quando se cresce em determinadas companhias. Não é apenas forte e muito resistente, mas o seu tempo de reação é também bastante espantoso, tendo em conta como é lento e atrasado noutras áreas. Contudo, nunca foi muito ágil; é demasiado pesado para conseguir correr grandes distâncias, por isso tem dificuldade em acompanhar os outros sem ficar esbaforido antes mesmo de lá chegar. Sabe que não terá muitos

segundos para lhes mostrar quem de facto é. Como pode ser leal, corajoso, altruísta.

Abrandam o passo quando veem Amat. O rapaz de quinze anos está à espera deles, sozinho.

– Tem tomates, tenho de admitir, por não fugir a esconder-se – resmunga Lyt.

Quando o primeiro golpe o atinge, Amat protege-se com o antebraço, mas não vê muito mais do que acontece a seguir. Bobo tem alguns segundos para abrir caminho a partir de trás e dar um soco na cara de Lyt com todas as suas forças, um soco que lhe arranca o cachecol da cara e o atira contra uma parede. Depois, dá uma cotovelada a outro tipo – com quem joga hóquei desde que ambos mal sabiam patinar –, e o nariz deste espirra uma chuva de sangue.

Tem apenas alguns segundos antes de os colegas perceberem o que ele é. Um traidor. Amat está caído no chão e Bobo luta como um animal selvagem, às cabeçadas e joelhadas e a brandir os punhos como martelos. Por fim, sucumbe à inferioridade numérica e ao peso coletivo dos atacantes. Lyt senta-se no seu peito e desfere soco após soco, enquanto berra, na escuridão:

– Cabrão! Cabrão de merda! Seu traidor miserável e covarde!

Bang.

Um carro para a vinte metros, entre os prédios. É alguém que, obviamente, não se quer envolver, mas que, mesmo assim, liga os faróis nos máximos. Por alguns instantes, a cena fica iluminada. Uma voz grita ao ouvido de Lyt:

– Vem aí alguém! Vamos! Vamos!

E os rapazes dispersam. Alguns a praguejar, outros a coxear, as botas marcham pela noite fora e desaparecem.

Amat fica enroscado em posição fetal durante muito tempo, sem se atrever a acreditar que o espancamento acabou. Devagar, muito devagar, mexe os membros, um depois do outro, para verificar se tem alguma coisa partida. Vira ligeiramente a cabeça para o lado; a

dor é latejante e tem a visão turva, mas vê o colega caído na neve ao seu lado.

– Bobo?

O rapaz enorme tem a cara tão ensanguentada como os punhos. Pelo menos um ou dois dos outros tiveram com certeza muita dificuldade em sair dali pelo próprio pé, sem a ajuda de alguém. Quando Bobo abre a boca, um fio de sangue escorre de onde devia estar um dente.

– Estás bem? – pergunta Bobo.

– Sim... – geme Amat.

Bobo sorri.

– Outra vez?

Amat funga e, com grande esforço, responde:

– OUTRA VEZ!

– OUTRA VEZ! – grita Bobo.

A sorrir, ficam, deitados na neve, trémulos e ofegantes.

– Porquê? Porque é que me ajudaste? – quer saber Amat.

Bobo cospe saliva ensanguentada para o chão.

– Bom... eu nunca teria lugar na equipa principal de Hed, de qualquer maneira. Mas assim talvez a de Björnstad seja tão má na próxima época que até eu tenho uma hipótese.

Amat desata a rir, mas não devia tê-lo feito, porque só então percebe que é provável que tenha uma costela partida. Grita e Bobo só não se ri mais ainda porque lhe dói o maxilar.

Bang. Bang. Bang.

O carro a curta distância, um *Saab*, apaga os faróis. Lá dentro, dois homens de blusões pretos hesitam alguns momentos. É sempre difícil saber em quem confiar, em Björnstad. Mas os homens dos blusões pretos cresceram no Urso Pardo, onde a lealdade é, talvez, valorizada acima de tudo o resto. E são homens violentos, sabem como aterrorizar as pessoas, portanto, talvez tenham dado valor à coragem de alguém que sabe que vai levar uma tarefa e, mesmo assim, não foge. Assim, acabam por sair do carro e

aproximam-se deles. Amat fita-os por entre as pálpebras inchadas quando se debruçam sobre ele.

– Eram vocês que estavam no carro? – murmura.

Eles assentem com um aceno quase impercetível. Amat tenta sentar-se.

– Salvaram-nos a vida. Obrigado.

Um dos homens aproxima-se mais e diz, com maus modos:

– Não nos agradeças a nós, agradece à Ramona. Raios, nós ainda não sabemos bem se podemos confiar em ti ou não. Mas podias ter ficado de boca calada na reunião; tinhas muito a perder ao contar tudo aquilo sobre o Kevin. E a Ramona olhou para os teus olhos. Ela confia em ti. E nós confiamos nela.

Estende um envelope a Amat. Quando o faz, o segundo homem olha fixamente para o rapaz e diz, talvez a brincar, talvez a sério:

– Espero bem que faças tudo para seres tão bom jogador como toda a gente acha que vais ser.

Quando o *Saab* recomeça a trabalhar e os dois homens desaparecem na noite, Amat espreita para dentro do envelope e vê cinco notas amachucadas de mil coroas.

É difícil saber em quem confiar em Björnstad; o homem do blusão preto que conduz o *Saab* sabe disso tão bem como qualquer outra pessoa. Assim, julga-as por aquilo que vê: viu o pai de Kevin ir ao Covão e dar a Amat dinheiro suficiente para a mãe pagar a renda desse mês, e viu o rapaz atirar o dinheiro para a neve. Viu esse mesmo rapaz levantar-se na reunião, em frente da cidade inteira, com tudo a perder, sem vacilar. E viu o rapaz hoje, quando sabia que ia ser atacado. Não fugiu – ficou ali parado, à espera.

O homem do blusão preto não sabe se isso é suficiente para confiar em alguém, mas a única pessoa em quem confia mesmo neste mundo é em Ramona, e só tentou mentir-lhe uma vez, quando era adolescente. Ela perguntou-lhe se ele tinha encontrado uma carteira perdida ao pé da mesa de *snooker*, ele respondeu que não e ela acusou-o logo de estar a mentir. Quando o rapaz lhe perguntou como é que ela sabia, Ramona bateu-lhe na cabeça com

o cabo de uma vassoura e berrou: «Fedelho estúpido, eu tenho um BAR! Não achas que tenho alguma experiência a saber se os homens me estão a mentir ou não?»

Talvez um dia o homem do blusão preto pense também nisso: por que razão só questionou se era Kevin ou Amat que estava a dizer a verdade. Por que razão a palavra de Maya nunca foi suficiente.

Bang. Bang. Bang.

Numa sala de ensaios em Hed, um rapaz pousa um instrumento para abrir uma porta na qual alguém bateu. Benji está do outro lado, apoiado nas muletas, com um par de patins na mão. O baixista desata a rir. Dirigem-se a um pequeno ringue exterior, atrás do ringue interior de Hed. Benji equilibra-se melhor nas muletas do que o baixista nos patins. Beijam-se pela primeira vez em cima do gelo.

Bang.

Duas raparigas caminham por uma floresta negra como breu. Param numa clareira e acendem as lanternas. Fazem o seu aperto de mão secreto. Joram lealdade uma à outra. Depois, cada uma levanta uma caçadeira e disparam tiro após tiro sobre o lago.

Bang.

No ringue em Björnstad, um pai está parado no círculo central. Olha para o urso pintado nele. Quando era pequeno, no seu primeiro dia na aula de patinagem, estava cheio de medo do urso.

Às vezes, ainda tem medo.

Bang-bang-bang.

Chega outra manhã. Como chega sempre. O tempo move-se sempre ao mesmo ritmo; só os sentimentos têm velocidades diferentes. Cada dia pode assinalar uma vida inteira ou um único segundo, conforme a pessoa com quem o passamos.

O Javali está na garagem, a limpar óleo das mãos a um trapo, a coçar a barba. Bobo está sentado numa cadeira, com uma chave-inglesa na mão, a olhar para o vazio, com a cara coberta de cortes e nódoas negras. Vão levá-lo ao dentista no dia seguinte; o hóquei já causou falhas na sua boca antes, mas isto é diferente. A respiração do pai parece tensa quando puxa um banco.

– Falar sobre sentimentos não é natural para mim – começa, de olhos postos no chão.

– Não te preocupes – murmura o filho.

– Tento mostrar de outras maneiras que... que te amo. A ti, ao teu irmão e à tua irmã.

– Nós sabemos, pai.

O Javali pigarreia e prossegue, quase sem mover os lábios por detrás da barba:

– Temos de conversar mais, tu e eu. Depois desta história do Kevin... devia ter falado contigo. Sobre... raparigas. Tens dezassete anos, és praticamente um homem feito, e és muito forte. Isso acarreta uma certa responsabilidade. Tens de... de te comportar como deve ser.

Bobo acena com a cabeça.

– Eu nunca faria... a uma rapariga... Nunca seria capaz de...

O Javali interrompe-o.

– Não é só uma questão de não magoar ninguém. É também uma questão de saber quando abrir a boca. Eu fui um cobarde. Devia ter-me erguido. E tu... Céus, rapaz...

Dá uma palmadinha ao de leve nas nódoas negras da face do filho. Não quer dizer que está orgulhoso dele, porque Ann-Katrin o

proibiu de se orgulhar do filho por lutar. Como se fosse possível proibir o orgulho.

– O que o Kevin fez, pai, eu nunca... – murmura Bobo.

– Acredito em ti.

O rapaz engasga-se, com vergonha.

– Mas não percebes... eu ainda nunca... com uma rapariga, sabes...

O pai esfrega as têmporas, atrapalhado.

– Não tenho jeito nenhum para isto, Bobo. Mas... estás a tentar dizer que...

– Ainda sou virgem.

O pai esfrega a barba e tenta fingir que não preferia levar uma martelada na cabeça a ter aquela conversa.

– Está bem; mas sabes tudo sobre... bom, os pássaros e as abelhas e essas tretas... Sabes como tudo se passa?

– Já vi pornografia, se é disso que estás a falar – admite Bobo, com os olhos muito abertos e ar inocente.

O pai tosse baixinho.

– Tenho de... bem, nem sei por onde começar. Era mais fácil explicar-te como funciona um motor.

Bobo aperta a chave-inglesa nas grandes mãos. Os seus ombros em breve serão tão largos como os do pai, mas a sua voz ainda soa muito jovem quando pergunta:

– Está bem, eu... Achas que sou totó se... se quiser casar primeiro? Quer dizer, gostava que fosse especial, a primeira vez... quero estar apaixonado, não quero que seja só... foder. Achas que isso faz de mim um totó?

A gargalhada do pai ecoa pela garagem e Bobo larga a chave-inglesa. Riso não é um som a que estejam habituados na oficina.

– Não, rapaz, não, não. Céus! Não sejas parvo. Era isso que querias saber? Isso não faz de ti coisa nenhuma. É a tua vida privada e ninguém tem nada a ver com o assunto.

Bobo acena.

– Então, posso fazer outra pergunta?

– Está bem.

– Como é que sabemos se temos uma pila gira?

O pai fecha os olhos e esfrega a testa.

– Preciso de uísque para esta conversa.

Ann-Katrin está escondida atrás de uma das portas, fora da oficina. Ouve tudo. Nunca esteve mais orgulhosa de nenhum deles. Os seus dois totós.

Fatima apanha o autocarro que atravessa a floresta com o filho. Vão a Hed. Ela fica sentada na sala ao lado, enquanto ele presta o seu depoimento. Nunca se sentiu mais assustada, tanto por si como por ele. A polícia pergunta-lhe se estava bêbado, se o quarto estava escuro, se cheirava a marijuana, se ele tem algum sentimento especial pela jovem em questão. Amat não hesita num único pormenor, não se atrapalha com as respostas, não desvia os olhos.

Poucas horas depois, Kevin senta-se na mesma sala. Perguntam-lhe se mantém a sua versão da história, se continua a afirmar que a jovem teve relações sexuais com ele de sua livre vontade. Kevin olha para o advogado. Depois, para o pai. E a seguir fita o agente da polícia nos olhos e acena afirmativamente. Promete. Jura. Mantém a sua história.

Ao longo de toda a vida, as raparigas ouvem dizer que tudo o que têm de fazer é dar o seu melhor. Que será suficiente, desde que deem tudo o que têm. Quando se tornam elas próprias mães, garantem às filhas que é verdade: que se fizermos o melhor que podemos, se formos honestas e trabalharmos arduamente, se cuidarmos da família e nos amarmos uns aos outros, correrá tudo bem. Não há motivos para ter medo. As crianças precisam dessa mentira para conseguirem ter coragem de dormir na sua própria cama, os pais precisam dela para se conseguirem levantar de manhã.

Kira está sentada no escritório e olha para a colega quando ela entra. A colega traz o telemóvel na mão; tem um amigo na esquadra de Hed e vem corada de raiva e desgosto. Não consegue dizer as palavras a Kira. Escreve-as num papel. Quando Kira lho tira da mão

a colega não quer largá-lo, e quando o corpo de Kira cai por terra, a colega está lá para a apanhar. Grita com ela. Escreveu duas frases no papel. Seis palavras. «Investigação preliminar arquivada. Falta de provas.»

Passamos a vida a tentar proteger aqueles que amamos. Não é suficiente. Não conseguimos.

Kira dirige-se ao carro com as pernas bambas. Conduz até à floresta, o mais longe que consegue. A neve abafa o som entre as árvores quando sai do carro e bate a porta com tanta força que faz uma mozza no metal.

Depois, ali no meio do nada, uiva, com um eco que nunca se silenciará no seu coração.

À hora de almoço, a mãe de Kevin sai para ir pôr o lixo. Todas as casas estão silenciosas, todas as portas fechadas. Ninguém a convida para um café. O advogado enviou-lhe um *e-mail* hoje, duas frases e seis palavras que afirmam que o filho dela é inocente.

Mas a rua está silenciosa. Porque sabe a verdade. Tal como ela. E a mãe de Kevin nunca se sentiu mais sozinha do que neste momento.

A voz é gentil, a mão pousa no seu ombro com empatia.

– Anda beber um café – convida-a Maggan Lyt.

Quando a mãe de Kevin se senta na cozinha da casa da vizinha, uma casa acolhedora e confortável, com as fotografias de família um pouco tortas nas paredes sem que ninguém pareça importar-se com isso, Maggan diz-lhe:

– O Kevin é inocente. Esta cidade moralista acha que pode criar as suas próprias leis e aplicar a sua própria justiça, mas o Kevin é inocente. Foi a polícia que o disse, não foi? Tu e eu sabemos que ele nunca faria aquilo de que o estão a acusar. Nunca! O nosso Kevin? Nem pensar! Esta maldita cidade... hipócritas e polícias da moral. Vamos tomar conta do clube de Hed, o teu marido e o meu marido e os outros patrocinadores, os rapazes da equipa, e esmagar o Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad. Porque quando esta cidade tenta oprimir-nos, temos de nos unir, não é?

A mãe de Kevin assente silenciosamente. Bebe o café. Pensa o mesmo, uma e outra vez: «Não somos ninguém neste mundo se estivermos sozinhos.»

Nessa tarde, Benji vai outra vez a caminho de Hed. Está quase a chegar à sala de ensaios do baixista quando recebe uma mensagem. Aperta o telemóvel na mão até o ecrã ficar húmido de suor. Pede a Katia para dar meia-volta ao carro. Ela quer perguntar porquê, mas percebe, pela expressão no rosto do irmão, que não vale a pena. Ele sai no meio da floresta, pega nas muletas e desaparece entre as árvores. Ninguém vê a mensagem e, de qualquer modo, ninguém a compreenderia. Diz apenas: «Ilha?»

O baixista está sentado num banco, na sala de ensaio. Não está a tocar nenhum instrumento. Tem um par de patins na mão e espera horas por alguém que nunca aparece.

Faltam ainda dois meses para o verão, mas a água do lago já começou a despertar do seu sono de inverno, e o gelo à superfície revela novas rachas todos os dias. Da margem, ainda é uma paisagem pacífica de centenas de tons de branco, mas aqui e ali há pequenas promessas de verde. Uma nova estação chegará, à qual se seguirá um novo ano; a vida continuará e as pessoas esquecerão. Às vezes porque não se lembram, outras vezes porque não querem lembrar-se.

Kevin está sentado numa pedra, a olhar para a ilha que é dele e de Benji, o sítio secreto que, por isso, é também o único local onde nunca guardaram segredos um do outro. Kevin perdeu o seu clube, mas não a sua equipa. Consegue ver o futuro. Passará um ano a jogar no Clube de Hóquei no Gelo de Hed, depois aceitará a oferta de uma das grandes equipas e então irá para a América do Norte. Será recrutado pela NHL e as equipas profissionais ignorarão a investigação policial por ser um «problema exterior ao gelo». Farão uma ou duas perguntas sobre o assunto, mas eles sabem como é, claro. Há sempre raparigas que querem atenção; tem de se deixar

que os tribunais e a polícia lidem com este tipo de coisas, que nada têm a ver com o desporto. Kevin conseguirá tudo aquilo que sempre quis. Falta apenas uma coisa.

Maya está à espera nos degraus em frente de casa quando a mãe chega. A mãe ainda aperta na mão o bilhete que a colega lhe deu, amachucado numa bola, como uma granada. Ela e a filha encostam a testa uma à outra. Não dizem nada, porque não teriam ouvido nada de qualquer maneira, já que o eco dos gritos nos seus corações é ensurdecedor.

Benji atravessa a floresta, pela neve, em cima do pé partido. Sabe exatamente o que Kevin quer. Quer provas de que Benji ainda lhe pertence, ainda é leal, de que tudo pode voltar a ser como era antes. Quando Benji aparece e olha para o seu melhor amigo, ambos sabem que isso é possível. Kevin ri-se e abraça-o.

A mãe pouisa as mãos nas faces da filha. Limpam os olhos uma da outra.

– Ainda podemos fazer algumas coisas. Podemos pedir novos interrogatórios; estive a falar com um advogado especializado em agressões sexuais. Podemos mandá-lo vir para cá, podemos... – balbucia Kira. Maya cala-a com ternura.

– Mamã, temos de parar. Tu tens de parar. Não podemos vencer. A voz de Kira treme.

– Não vou permitir que estes filhos da mãe levem a melhor, não vou...

– Temos de viver, mãe. Por favor. Não deixes que ele me tire também a minha família, não deixes que ele nos leve a nossa vida. Eu nunca voltarei a estar bem, mãe, nada voltará a ser como antes, nunca deixarei de ter medo do escuro... mas temos de começar a tentar. Não quero viver num permanente estado de guerra.

– Não quero que penses que eu... que não podemos... que estou a desistir... sou ADOGADA, Maya, é isto que eu faço! O

meu trabalho é proteger-te! O meu trabalho é vingar-te, o meu trabalho... é o raio do meu trabalho...

Maya está ofegante, mas tem as mãos calmas quando toca no rosto da mãe.

– Ninguém podia ter uma mãe melhor. Ninguém.

– Podemos mudar-nos, meu amor. Podemos...

– Não.

– Porque não? – grita a mãe.

– Porque esta também é a merda da minha cidade – responde a rapariga.

Maya entra na casa de banho e olha para o seu reflexo no espelho. Espantada por ver como aprendeu a fingir que é forte. Espantada com o número de segredos que consegue guardar agora. De Ana, da mãe, de todos. A angústia e o terror rugem dentro da sua cabeça, mas fica calma e tranquila quando pensa no seu segredo: «Uma bala. Só preciso de uma.»

Peter chega a casa e senta-se à mesa da cozinha ao lado de Kira. Não sabem se alguma vez deixarão de se sentir envergonhados por terem sido obrigados a desistir. Como é possível sofrer uma derrota destas e não morrer? Como é possível ir dormir à noite, sair da cama de manhã?

Maya entra, para atrás do pai, abraça-se ao pescoço dele. Ele está a tentar conter as lágrimas.

– Falhei-te, Maya. Como pai... como diretor do clube... Falhei-te como...

A filha aperta-o mais. Quando era pequena, costumavam contar um ao outro segredos em vez de histórias antes de dormir. O pai confessava, num murmúrio: «Comi a última bolacha.» E a filha respondia: «Fui eu que escondi o comando da televisão.» Fizeram-no durante anos. Agora ela inclina-se e diz-lhe ao ouvido:

– Queres saber um segredo, pai?

– Quero, joaninha.

– Adoro hóquei.

As lágrimas deslizam pelas faces dele quando admite:

– Eu também, joaninha. Eu também.

– Fazes uma coisa por mim, pai?

– O que quiseres.

– Constrói um clube melhor. Fica e faz com que o desporto seja melhor. Para toda a gente.

Ele promete. Ela vai ao quarto e volta com dois embrulhos que coloca na mesa em frente dos pais.

Depois, vai ter com Ana. As duas raparigas levam as caçadeiras e caminham pela neve até estarem tão longe que ninguém as ouvirá. Disparam contra garrafas de plástico cheias de água, veem-nas explodir quando são atingidas. Disparam por motivos diferentes. Uma fá-lo para descarregar a raiva. A outra está a treinar.

Benji sempre sentiu que tem versões diferentes de si próprio para as várias pessoas na sua vida. Sempre soube que também existem versões diferentes de Kevin: o Kevin no gelo, o Kevin na escola, o Kevin quando estão só os dois. Acima de tudo, há um Kevin na ilha e esse pertence apenas e só a Benji.

Estão ambos sentados nas pedras, a olhar para a ilha. A sua ilha. Kevin pigarreia.

– Vamos fazer em Hed tudo o que queríamos fazer em Björnstad. A equipa principal, a seleção nacional, a NHL... ainda podemos ter tudo isso! E esta cidade pode ir para o inferno!

Sorri, com uma autoconfiança que só a presença de Benji lhe consegue dar.

Benji apoia o pé partido na neve, faz força, reúne a dor.

– Queres dizer que tu podes ter tudo – corrige.

– Como assim? – pergunta Kevin.

– Tu vais ter o que queres. Consegues sempre aquilo que queres.

Kevin abre mais os olhos e aperta os lábios.

– O que estás a querer dizer?

Benji vira-se, até os seus rostos estarem a menos de um metro.

– Nunca conseguiste mentir-me. Não te esqueças disso.

Os olhos de Kevin escurecem e levanta o dedo na direção de Benji, furioso.

– A polícia arquivou a investigação. Falaram com toda a gente e ARQUIVARAM-NA! Portanto, não houve violação nenhuma! Nem sequer comeces, porque tu não estavas lá.

Benji inclina a cabeça.

– Pois não. E também não devia estar aqui.

Quando se levanta, a expressão no rosto de Kevin muda numa fração de segundo: de ódio para terror, de ameaça para súplica.

– Vá lá, Benji, fica! Desculpa, está bem? DESCULPA! O que queres que diga? Que preciso de ti? Está bem, eu preciso de ti. PRECISO DE TI!

Levanta-se, de braços abertos. Benji apoia mais e mais peso no pé partido. Kevin dá um passo em frente e não é o Kevin que toda a gente em Björnstad conhece, é o Kevin da ilha. O Kevin de Benji. Os seus passos são suaves sobre a neve, e toca ao de leve no rosto de Benji.

– Desculpa, está bem? Desculpa... Vai... vai correr tudo bem.

Mas Benji recua. Fecha os olhos. Sente a face arrefecer. Murmura:

– Espero que o encontres, Kev.

Kevin franze a testa, confuso, e o vento sopra-lhe nos olhos.

– Quem?

Benji apoia as muletas na neve e saltita cuidadosamente sobre as pedras, afastando-se na direção da floresta, para longe do seu melhor amigo neste mundo. Para longe da sua ilha.

– QUEM? Esperas que eu encontre quem? – grita Kevin, enquanto ele se afasta.

Benji responde tão baixinho que até o vento parece dar meia-volta para levar as palavras de modo a que cheguem à beira de água.

– O Kevin que procuras.

Numa cozinha, numa casa, estão sentados um pai e uma mãe, ambos a abrir um presente da filha. No de Kira, uma caneca de café

com um lobo. No de Peter, uma máquina de café expresso.

Há quem diga que as crianças não agem como os adultos lhes dizem para agir, mas sim como veem os adultos comportar-se. Talvez seja verdade. No entanto, as crianças também vivem em boa parte como os adultos lhes dizem.

O baixista acorda com uma pancada na porta. Abre, em tronco nu. Benji ri-se.

– Vais precisar de mais roupa do que isso se queres ir patinar.

– Esperei por ti a noite inteira ontem. Podias ter ligado – murmura o baixista, desiludido.

– Desculpa – pede-lhe Benji.

E o baixista perdoa-lhe. Mesmo contra a sua vontade. Como pode não perdoar um rapaz que olha para ele daquela maneira?

O Urso Pardo, como sempre, cheira a uma mistura de animal molhado e comida escondida atrás de um radiador. Há homens sentados às mesas, apenas homens. Kira sabe que todos deram pela sua chegada, mas ninguém olha para ela. Sempre se orgulhou do facto de não ser uma pessoa fácil de assustar, mas a imprevisibilidade daquele grupo causa-lhe arrepios na espinha. Vê-los no ringue durante os jogos da equipa principal já é mau, quando gritam coisas horríveis a Peter no final de cada época fracassada. Vê-los ali, num espaço confinado, depois de a maioria deles ter estado a beber, deixa-a mais nervosa do que gostaria de admitir.

Ramona, atrás do balcão, estende-lhe a mão. A mulher mais velha mostra os dentes tortos num sorriso.

– Kia! O que fazes aqui? Fartaste-te finalmente das parvoíces de abstémio do Peter?

Kira sorri de forma quase impercetível.

– Não. Vim só agradecer. Contaram-me o que fez na reunião, o que disse.

– Não é preciso – murmura Ramona.

Kira para junto ao balcão e insiste:

– É preciso, sim. Deu a cara quando mais ninguém o fez, e queria olhá-la nos olhos e agradecer-lhe. Apesar de saber que, nesta cidade, toda a gente fica embaraçada com agradecimentos.

Ramona ri-se e tosse.

– Mas tu nunca foste rapariga de grandes embaraços.

– Pois não – sorri Kira.

Ramona dá-lhe uma palmadinha na cara.

– Esta cidade nem sempre sabe ver a diferença entre o certo e o errado, admito. Mas sabemos a diferença entre o bem e o mal.

Kira crava as unhas na madeira do balcão. Não veio apenas agradecer. Veio porque precisa de saber a resposta para uma pergunta. Não queria ter de a fazer ali, admite. Por outro lado, também nunca foi uma rapariga tímida.

– Porque é que o fez, Ramona? Porque é que a Matilha votou para o Peter manter o cargo?

Ramona olha para ela. O silêncio abate-se sobre o bar.

– Não sei o que estás a... – começa Ramona, mas Kira levanta as mãos, num gesto exausto.

– Por favor, poupe-me a essas tretas. Não me diga que não existe Matilha nenhuma. Eles não só existem como odeiam o Peter.

Não se vira, mas sente os olhares dos homens fixos na sua nuca. Por isso, tem a voz a tremer quando continua:

– Sou uma mulher inteligente, Ramona, e sei fazer contas. O Peter nunca teria reunido os votos necessários se os membros da Matilha... e quem tem influência sobre eles... não tivessem votado a favor dele.

Ramona fita-a durante muito tempo sem pestanejar. Nenhum dos homens se levanta. Ninguém move um músculo. Por fim, Ramona acena lentamente com a cabeça.

– Tal como eu disse, Kira: as pessoas por estes lados nem sempre sabem a diferença entre certo e errado, mas sabemos a diferença entre bem e mal.

O peito de Kira sobe e desce ao ritmo da sua respiração; sente uma artéria a latejar no pescoço, as unhas deixam marcas na madeira. De súbito, o seu telemóvel toca; dá um salto e começa a remexer na mala. É um cliente importante. Hesita: deixa-o tocar sete

vezes e rejeita a chamada. Respira fundo entre os dentes cerrados. Quando levanta de novo a cabeça, vê uma cerveja em cima do balcão.

– Para quem é isso? – pergunta.

– Para ti, sua cabra doida. Não tens mesmo medo de nada, pois não, rapariga? – Ramona suspira.

– Não precisa de me oferecer cerveja – diz Kira, atrapalhada.

– Não fui eu que a ofereci – esclarece Ramona, e dá-lhe uma palmadinha na mão.

Kira demora alguns instantes a compreender. Mas já vive na floresta há tempo suficiente para saber que o melhor é pegar na cerveja e não fazer mais perguntas. Enquanto bebe, ouve os homens de blusões pretos brindarem em silêncio atrás de si. As pessoas não costumam agradecer em Björnstad. Nem pedir desculpa. Mas esta é a maneira que têm de mostrar que algumas pessoas da cidade conseguem na realidade ter mais do que um pensamento na cabeça ao mesmo tempo. Que é possível querer dar um murro no nariz de um homem e, ao mesmo tempo, não permitir que ninguém faça mal aos filhos dele.

E que é possível respeitar uma cabra doida que entra naquele bar sem ter medo. Seja ela quem for.

Lá fora, Robbie Holts aproxima-se. Para à porta do Urso Pardo e sorri. Depois, continua a andar sem entrar. Amanhã tem de ir trabalhar.

David está deitado na cama com as duas pessoas que ama, a rir enquanto uma delas tenta pensar em nomes para a outra. Aos ouvidos de David, todos parecem nomes de personagens de desenhos animados, ou do avô de alguém. Mas sempre que ele sugere um nome, a namorada pergunta: «Porquê?» E ele encolhe os ombros e responde: «Só porque é bonito, mais nada.» E logo a seguir a namorada vai à *internet* e procura esse nome, juntamente com as palavras «jogador de hóquei», para saber onde é que ele foi buscar a ideia.

– Estou aterrorizado – confessa David.

– Na verdade, é ridículo que o mundo permita que nós os dois sejamos responsáveis por uma pessoa nova sem termos de pedir autorização a alguém – ri-se ela.

– E se formos pais terríveis?

– E se não formos?

Ela segura a mão dele sobre a barriga, toca-lhe no relógio e acrescenta:

– Em breve, terás alguém a quem deixar isso.

Jeanette fica muito tempo junto à cerca, a olhar para tudo.

– Meu Deus! O teu próprio canil, como costumávamos sonhar. Quando éramos miúdas e tu não te calavas com isso, nunca acreditei que viesse mesmo a acontecer.

Adri endireita-se, apesar de as suas palavras serem um pouco depreciativas:

– Oh, mal dá para as despesas. Se me aumentarem mais uma vez o valor dos seguros, tenho de dar os cães e fechar a porta. Mas por enquanto é meu.

– É teu. Estou orgulhosa de ti. Tem graça... às vezes gostava de não ter voltado para cá, e outras vezes gostava de nunca de cá ter saído. Sabes o que quero dizer?

Adri, que sempre teve uma forma muito simples de comunicar, responde:

– Nem por isso.

Jeanette sorri. Tem saudades dessa simplicidade. Quando deixaram de jogar hóquei, Adri mudou-se para o meio da floresta e Jeanette mudou-se para Hed e fundou um pequeno clube de boxe. Quando Adri comprou a velha quinta, Jeanette mudou-se para uma cidade maior e começou a praticar artes marciais – todo o tipo a que tinha acesso. Quando Adri arranjou os primeiros cachorros, Jeanette começou a participar em competições. Durante um ano demasiado curto, foi lutadora profissional. Depois, vieram as lesões, e por isso tirou o curso de professora, para ter alguma coisa que fazer enquanto as lesões saravam. Quando as lesões sararam era uma

boa professora, mas já não era uma boa lutadora. O seu instinto fora-se. Quando o pai morreu e a mãe precisou de mais ajuda do que a que o irmão conseguia dar-lhe, regressou a casa. Ia ser apenas por alguns meses, mas agora ali está ela, professora na escola local e de novo parte da cidade. Björnstad tem uma maneira de agarrar as pessoas que é difícil de explicar. Por um lado, há tudo o que tem de mau – e é, sem dúvida, uma longa lista –, mas, por outro, há algumas coisas tão boas que conseguem brilhar mesmo no meio da porcaria. As pessoas, acima de tudo. Resistentes como a floresta, duras como o gelo.

– Posso arrendar um dos teus anexos? – pergunta Jeanette.

David toca à campainha da casa de Benji. A mãe do rapaz, cansada e acabada de chegar do trabalho, abre e diz-lhe que não sabe onde anda o filho. Possivelmente, está com a irmã no Celeiro, em Hed, sugere. David vai até lá. Katia está atrás do balcão e hesita antes de dizer que não sabe onde ele está. David percebe que ela está a mentir, mas não insiste.

Quando se prepara para sair, um dos porteiros chama-o.

– Você é o treinador de hóquei, não é? Anda à procura do Benji?

David assente. O porteiro aponta para o ringue.

– Vi-o ir para aqueles lados com o amigo. Levavam patins. O gelo no lago já não está em condições, portanto devem estar no ringue exterior, atrás do pavilhão.

David agradece. Ainda está escuro quando vira a esquina; os rapazes não o veem, mas ele vê-os. Benji e o outro. A beijarem-se.

David treme da cabeça aos pés. Sente-se envergonhado e desiludido.

– Um anexo? Para quê? – quer saber Adri.

– Quero montar um clube de artes marciais – responde Jeanette. Adri ri-se.

– Esta é uma cidade de hóquei.

Jeanette suspira.

– Eu sei. Céus, toda a gente sabe disso. Mas à luz do que aconteceu... acho que esta cidade não precisa de menos desporto, mas sim de mais. E precisa de conhecer as artes marciais. Eu posso dar isso aos miúdos.

– Artes marciais? Pontapés e porrada... achas mesmo que seria bom termos isso? – questiona Adri.

– Não é pontapés e porrada, é um desporto tão sério como... – começa Jeanette a explicar, zangada, e então percebe que Adri está a brincar.

– Tens assim tantas saudades das artes marciais? – pergunta.

– Todos os dias – admite Jeanette com um sorriso.

Adri abana a cabeça. Tosse e relembra:

– Esta é uma cidade de hóquei.

– Emprastas-me o anexo ou não?

– Emprstar? Há um minuto querias arrendá-lo!

As mulheres olham uma para a outra. Sorriem. Há amigos que temos aos quinze anos que, por vezes, voltamos a encontrar mais tarde.

Um dia, quando Benji e Kevin eram pequenos, entraram às escondidas na sala do treinador e remexeram nas coisas de David. Eram crianças, nem sequer sabiam do que andavam à procura – só queriam saber mais sobre o treinador que idolatravam. Quando David os encontrou, estavam sentados, distraídos, a brincar com o relógio dele, até que Kevin o deixou cair no chão de cimento e partiu o vidro do mostrador. David correu para eles e perdeu a cabeça numa fração de segundo; isso quase nunca acontecia, mas dessa vez gritou-lhes até as paredes do ringue estremecerem.

«É o relógio do meu PAI, seus fedelhos malditos!»

As palavras ficaram-lhe presas na garganta quando viu a expressão nos olhos dos rapazes. O sentimento de culpa por esse momento de descontrolo nunca o abandonou por completo. Não voltaram a falar no assunto, mas David incentivou um ritual entre ele e os dois rapazes. De vez em quando – até podia não ser mais do que uma vez durante a temporada inteira –, quando um deles fazia

um jogo excecional, quando ia muito além do habitual, quando mostrava coragem e lealdade, ele emprestava o seu relógio ao rapaz e ele podia usá-lo até ao jogo seguinte. Ninguém sabia da pequena competição exceto Benji e Kevin, mas durante essa semana, uma vez por ano, quando um deles o conseguia, tornava-se imortal aos olhos do outro. Tudo parecia maior nesses sete dias, até o próprio tempo.

David não se lembra quando deixaram de o fazer. Os rapazes cresceram, ele esqueceu-se. Ainda usa o relógio todos os dias, mas duvida que algum dos jovens ainda se lembre dele.

Crescem tão depressa. Tudo muda tão depressa. Já todos os melhores jogadores da equipa de juniores ligaram para David, e todos querem ir jogar para ele em Hed. Vai construir uma equipa sénior em Hed, a equipa principal que sempre quis construir. Terão Kevin, Filip e Lyt, com um coletivo de jogadores leais à volta deles. Com patrocinadores fortes e o apoio da câmara, conseguirão construir algo em grande. Falta apenas uma peça. E esse rapaz está agora em cima do gelo, com os lábios encostados aos de outro rapaz. David sente-se como se tivesse levado um pontapé no estômago.

O relógio do pai brilha sob a luz do candeeiro de rua quando vira costas e desaparece sem ser visto pelos dois rapazes. Não consegue encarar Benji. Não sabe se alguma vez voltará a conseguir encará-lo.

Todas aquelas horas nos balneários que um jogador e um treinador passam juntos, todas as noites a caminho de torneios e jogos fora, de que valem, afinal? Todos os risos e piadas, tão mais obscenas quanto mais longas as viagens, e David sempre achou que isso fortalecia a equipa. Às vezes eram piadas sobre loiras, outras vezes, sobre as pessoas de Hed, outras, sobre gays. Todos se riam. Olhavam uns para os outros e riam-se com vontade. Eram uma equipa, confiavam uns nos outros, não tinham segredos. No entanto, apesar disso, um deles tinha. O último que alguém calcularia. É uma traição.

Jeanette pendura um saco de areia do teto e abre um tapete macio sobre o chão do anexo à medida que a noite cai. Adri ajuda-a, entre resmungos, com relutância. Quando termina, Adri atravessa a floresta e desce até à cidade, às casas geminadas. É tarde; por isso, quando Sune abre a porta e a vê, não consegue conter uma exclamação:

– Aconteceu alguma coisa ao Benji?

Adri abana a cabeça com impaciência e pergunta:

– O que é que é preciso fazer para criar uma equipa de hóquei?

Confuso, Sune coça a barriga. Pigarreia.

– Bom... não é assim tão difícil. É só arranjar jogadores. Há sempre rapazes que querem jogar hóquei.

– E se forem raparigas?

Sune franze a testa várias vezes. Sopra entre dentes.

– Há uma equipa de raparigas em Hed.

– Nós não estamos em Hed – recorda-lhe Adri.

Ele disfarça um sorriso e murmura:

– Provavelmente não é a melhor altura para criar uma equipa de raparigas em Björnstad. Já temos problemas que cheguem.

Adri cruza os braços.

– Tenho uma amiga, a Jeanette... é professora na escola. Ela quer montar um clube de artes marciais num dos meus anexos.

Os lábios de Sune parecem formar as palavras com hesitação.

– Artes... marciais?

– Sim, artes marciais. Ela é boa. Já competiu a nível profissional. Os miúdos vão adorá-la.

Sune está agora a coçar a barriga com as duas mãos. A tentar perceber o que parece estar a acontecer.

– Mas... artes marciais? Esta não é uma cidade de artes marciais. É uma...

Adri vira costas e começa a afastar-se. O cachorrinho segue-a. Sune segue-os aos dois, a praguejar entre dentes.

Quando David era pequeno, o seu pai era um super-herói invencível. Como todos os pais são, normalmente. Pergunta a si

próprio se o será também para o filho. O pai ensinou-o a patinar, com paciência e calma. Nunca se metia em lutas. David sabia que outros pais às vezes se metiam em lutas, mas o dele nunca. O pai lia histórias e cantava canções de embalar, não lhe gritou quando o filho fez chichi nas calças no supermercado, não lhe gritou quando partiu uma janela com uma bola. O pai de David era um homem grande na vida quotidiana e um gigante no gelo, implacável e invulnerável.

«Um homem a sério!», costumavam chamar-lhe os treinadores, em tom de admiração.

David, junto às tábuas, absorvia todos os elogios como se lhe fossem dirigidos. O pai tinha um motivo para tudo o que fazia. Nunca hesitava, quer fosse no hóquei, quer fosse nas suas opiniões.

«Podes ser tudo aquilo que quiseses, desde que não sejas *gay*», costumava dizer a rir. Mas às vezes, à mesa da cozinha, falava mais a sério: «A homossexualidade é uma arma de destruição maciça, David, nunca te esqueças disso. Não é natural. Se toda a gente fosse *gay*, a humanidade extinguiu-se numa geração.»

Os anos passaram, e já depois de velho, ele costumava ver as notícias e gritar: «Não é uma orientação sexual, é uma moda! E dizem-se uma minoria oprimida? Têm um DESFILE só para eles! Como é que são oprimidos?»

Quando bebia, costumava fazer um círculo com os dedos e o polegar de uma mão, e enfiar nele o indicador da outra mão. «Isto funciona, David!» Depois, encostava a ponta dos dois indicadores. «Mas isto não!»

Sempre que uma coisa era má, mesmo má, para o pai de David era «*gay*». Quando algo não funcionava, era «*gay*». Era mais do que um conceito: era um advérbio, um adjetivo, uma arma gramatical.

David regressa a Björnstad. Fica sentado no carro, a chorar de raiva. Tem vergonha. Está revoltado. Consigo próprio. Passou a vida toda no hóquei a treinar um rapaz, amou-o como um filho e, em troca, foi amado como um pai. Não há jogador mais leal do que Benji. Ninguém com um coração maior do que o dele. Quantas vezes David abraçou o número 16 depois de um jogo e o elogiou:

«És o filho da mãe mais corajoso que conheço, Benji. O filho da mãe mais corajoso que conheço.» E depois de todas essas horas nos balneários, de todas essas noites no autocarro da equipa, de todas as conversas e todas as piadas e todo o sangue, suor e lágrimas, o rapaz não teve coragem de partilhar com o treinador o seu maior segredo.

É traição. David sabe que se trata de uma enorme traição. Porque nada mostra mais o quanto um homem adulto falhou como pessoa, do que quando esse homem percebe que um rapaz que é um guerreiro acha que o seu treinador se orgulharia menos dele por ser *gay*.

David odeia-se a si próprio por não ser melhor do que o pai. Porque é esse o trabalho dos filhos.

Adri e Sune vão de casa em casa e, sempre que alguém abre a porta e olha para o céu escuro, como que a indicar que já é um bocadinho tarde para andar a bater à porta de pessoas decentes, Sune pergunta:

– Tem alguma menina pequena?

Adri contará essa história como se fosse uma lenda, no tom de quem relata que o faraó procurou Moisés por todo o Egito. O conhecimento que Adri tem da Bíblia é bastante incompleto, é preciso que se diga, mas é boa noutras coisas.

Em todas as casas, ouvem a mesma resposta:

– Mas já há uma equipa de raparigas em Hed, não há?

E de todas as vezes respondem o mesmo. Até que tocam a uma campainha e a porta é aberta do outro lado por uma menina que mal chega à maçaneta.

Não deve ter mais de quatro anos e está num corredor sem luzes, numa casa cheia de nódoas negras. Tem as mãos assustadas e está em bicos de pés, como se estivesse sempre preparada para fugir, com as orelhas arrebitadas à escuta de passos nas escadas. Mas os seus olhos estão bem abertos e olha para Adri sem pestanejar.

O coração de Adri tem tempo para se partir muitas vezes enquanto se agacha para ficar ao nível da criança. Apoia os cotovelos nos joelhos dobrados e olha para a menina. Adri já viu guerra, já viu sofrimento, mas ninguém se habitua a isso. Ninguém sabe o que dizer a uma criança de quatro anos que sofre e pensa que isso é normal, porque a vida nunca lhe mostrou outra coisa.

– Sabes o que é o hóquei? – pergunta-lhe Adri.

A menina faz que sim com a cabeça.

– Sabes jogar? – pergunta-lhe Adri.

Ela abana a cabeça. O coração de Adri não aguenta e, quando fala, a voz sai-lhe embargada.

– É o melhor jogo do mundo. O melhor do mundo. Gostavas de aprender?

A menina assente afirmativamente.

David deseja, com todas as suas forças, poder voltar a Hed, abraçar o rapaz e dizer-lhe que já sabe. Mas não consegue forçar-se a desmascarar alguém que, como deixou bem óbvio, não quer falar no assunto. Os grandes segredos fazem de nós homens pequenos, especialmente quando somos o homem de quem os outros escondem os segredos.

Assim, David vai para casa, pousa a mão na barriga da namorada e finge que está a chorar de emoção por causa do bebé. Terá uma vida de sucesso, alcançará tudo aquilo com que sempre sonhou – carreira, sucesso e títulos –, treinará equipas imbatíveis em clubes lendários em vários países, mas nunca mais deixará nenhum jogador, em nenhuma dessas equipas, usar o número 16. Nunca perderá a esperança de que, um dia, Benji apareça para reivindicar a sua camisola.

Em cima de uma lápide, no cemitério em Björnstad, está um disco de hóquei. Escreveu em letras pequenas, para caber tudo o que queria dizer. «Ainda és o filho da mãe mais corajoso que conheço.» Ao lado do disco, um velho relógio.

Maya e Ana estão sentadas cada uma na sua pedra. Tão escondidas na floresta que demorariam dias a encontrá-las.

– Falaste com a terapeuta? – pergunta Ana.

– Ela diz que eu não devia guardar tudo dentro de mim – responde Maya.

– Achas que ela presta para alguma coisa?

– Não é má. Mas fala mais do que os meus pais. Alguém devia dizer-lhe que se calhar não lhe fazia mal guardar mais qualquer coisa dentro dela – sugere Maya.

– Já te fez aquela pergunta de: «Onde é que te vês daqui a dez anos»? O psicólogo com quem falei depois de a minha mãe se ir embora adorava essa.

Maya abana a cabeça.

– Não.

– O que responderias? Onde é que te vês daqui a dez anos? – quer Ana saber.

Maya não responde. Ana também não diz mais nada. Voltam juntas para casa de Ana, deitam-se na mesma cama e respiram em sintonia durante horas, até que Ana acaba por adormecer. Então, Maya sai silenciosamente, vai à cave, procura uma chave e abre um armário. Pega na caçadeira e sai para a escuridão lá fora, com uma escuridão ainda maior dentro do peito.

O hóquei é, ao mesmo tempo, complicado e descomplicado. Pode ser difícil perceber as regras, é um desafio viver nessa cultura, e quase impossível fazer com que todas as pessoas que o adoram não puxem em direções diferentes com força suficiente para o destruir. No entanto, na sua essência mais básica, é simples.

– Só quero jogar, mãe – implora Filip com lágrimas nos olhos.

Ela sabe. Têm de decidir como é que ele o vai fazer a partir de agora. Se vai ficar no Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad ou passar para Hed com Kevin, Lyt e os outros. A mãe de Filip sabe a

diferença entre certo e errado, entre bem e mal, mas também é mãe. E qual é o trabalho de uma mãe?

O Janota está sentado à mesa, a almoçar, rodeado pelos melhores amigos. Um deles aponta para o seu alfinete de gravata e ri-se.

– Se calhar está na altura de tirares isso, não achas, Janota?

O Janota olha para o alfinete. Diz «Hóquei no Gelo de Björnstad.» Olha em volta, para os outros homens. Nenhum deles demorou muito a tirar os seus e a substituí-los por alfinetes que dizem «Hóquei no Gelo de Hed». Foi muito fácil para eles. Como se não passasse de um clube.

A mãe ajuda Filip a arrumar o saco, não porque ele não tenha idade para o fazer sozinho, mas porque gosta. Pousa-lhe a mão no peito e sente o coração do filho bater como o de uma criança, embora o rapaz de dezasseis anos seja tão alto que tem de se inclinar para a beijar.

Lembra-se de cada centímetro. Cada batalha. Pensa nas sessões de treino de verão, no ano em que Filip correu até vomitar tanto que tiveram de o levar ao hospital com uma desidratação grave. No dia seguinte, estava no treino à hora marcada.

«Não tens de vir ao treino hoje», disse-lhe então David. «Por favor?», implorou Filip. David segurou-lhe nos ombros e acrescentou, com franqueza: «No outono tenho de escolher a melhor equipa. É possível que nem sequer chegues a jogar.»

«Deixe-me treinar. Eu só quero jogar. Por favor. Só quero jogar», suplicou Filip.

Foi arrasado em cada jogada de um para um, perdeu todos os exercícios, mas continuou a voltar. No final do verão, David foi falar com a mãe de Filip. Sentou-se na cozinha dela e conversaram sobre um estudo que mostrava quantos jogadores de elite nunca tinham estado entre os cinco melhores na equipa de juniores, e que muitas vezes é o sexto ou o décimo segundo melhor jogador dos juniores

que tem sucesso ao nível sénior. Porque esses são os que tiveram de lutar mais. Não se vão abaixo perante os obstáculos.

«Se o Filip alguma vez duvidar das suas possibilidades, não tem de lhe prometer que um dia será o melhor da equipa. Só tem de o convencer que é capaz de lutar até ao décimo segundo lugar», concluiu David.

Ele nunca saberá o que isso significou para a família, porque não há palavras que o expliquem. Mudou tudo, apenas isso.

Agora, a mãe encosta a testa ao peito do filho de dezasseis anos. Será um dos melhores jogadores que Björnstad já viu. E ele só quer jogar. Ela também.

O Janota está no parque de estacionamento. Os homens despedem-se com apertos de mão e a maioria entra nos carros e segue em direção a Hed. Dois ficam para trás com o Janota, a fumar, e um pergunta:

– Algum jornalista?

O outro encolhe os ombros.

– Já ligaram um ou dois, mas não estamos a dar resposta. De qualquer maneira, o que é que eles vão fazer? Não há história nenhuma. O Kevin foi ilibado. Com certeza que nem os jornalistas se podem colocar acima da lei.

– Não tens alguma influência no jornal local?

– O editor-chefe e eu jogamos golfe no verão. Se calhar, para a próxima devia deixá-lo ganhar.

Riem-se. Apagam os cigarros e o Janota pergunta:

– O que acham que vai acontecer ao Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad?

Os homens lançam-lhe um olhar curioso. Não por ser uma pergunta estranha. Mas porque o Janota é o único que está interessado na resposta.

Maggan Lyt está sentada no carro, à espera. William está ao seu lado, vestido com um fato de treino com as palavras «Hóquei no Gelo de Hed» nas costas. Filip sai para a rua com o saco na mão e

hesita durante o que parece uma eternidade. Depois olha para a mãe, larga-lhe a mão e abre o porta-bagagens do carro da família Lyt. Entra para o banco de trás. A mãe abre a porta do passageiro e fita William nos olhos.

– Estás no meu lugar.

William protesta, mas Maggan empurra-o de imediato para fora. Os dois rapazes trocam um olhar no banco de trás. As mulheres fazem o mesmo à frente. Maggan engole em seco.

– Eu sei que às vezes vou longe de mais, mas tudo o que faço... é tudo pelos nossos filhos.

A mãe de Filip acena com a cabeça. Passou a noite inteira a tentar persuadir-se a si própria, e a Filip, que ele devia ficar no Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad. Mas o filho só quer jogar, só quer ter oportunidade de ser o melhor que consegue, e qual é o trabalho de uma mãe, afinal? Dar ao filho as melhores oportunidades. Repete estas palavras para si própria, porque sabe o que teve de fazer para ser boa esquiadora. Às vezes teve de treinar com idiotas e lembrar-se de que a vida lá fora não tinha nada a ver com o desporto. Filip e William jogam juntos desde que estavam no jardim de infância, e ela e Maggan conhecem-se desde sempre. Assim, dirigem-se a Hed. Porque a amizade é uma coisa complicada e, ao mesmo tempo, nada complicada.

O Janota chega a casa. Ouve a voz do filho; tem agora doze anos e adora hóquei, mas o Janota ainda se lembra de como o rapaz detestava treinar quando tinha seis. Costumava suplicar para não ter de ir aos treinos. O Janota levava-o na mesma, e explicava-lhe, uma e outra vez, que Björnstad era uma cidade de hóquei. Mesmo quando Elisabeth murmurava ao jantar: «Mas se ele não quer jogar, querido, vamos mesmo obrigá-lo?» Mesmo assim, o Janota continuou a levá-lo aos treinos, porque queria muito que o filho compreendesse o amor do pai pelo hóquei. O hóquei talvez não tivesse salvado a vida do Janota, mas não havia dúvida de que lhe dera uma vida. Dera-lhe autoconfiança e uma sensação de pertença. Sem o hóquei, teria sido apenas um miúdo gordo com

uma «personalidade hiperativa», mas o desporto ensinou-o a focar a energia. Fala uma língua que ele entende, num mundo que acha compreensível.

Tinha medo de que o filho não quisesse jogar hóquei, porque isso o deixaria de fora. O Janota morria de medo de que o rapaz optasse por um desporto sobre o qual ele não soubesse nada, o que faria dele o pai perdido nas bancadas, a confundir as regras todas, o pai que não podia participar nas discussões. Não queria que o filho tivesse vergonha dele.

– Dá-me o carregador! – está o filho a gritar à irmã mais velha.

É quase adolescente. Antes, era preciso arrastá-lo para os treinos, e agora tem de o arrastar de lá, e começa também a pedir outras coisas. Nos últimos dias, começou a implorar para que o deixassem ir jogar hóquei para Hed. Como os melhores jogadores todos vão fazer.

– O carregador não é TEU, estúpida, é MEU! – continua o rapaz a gritar à irmã quando esta entra no quarto e fecha a porta com estrondo.

O Janota estica o braço para lhe tocar e dizer alguma coisa, mas o rapaz ainda não viu o pai e tem tempo para dar um pontapé à porta e gritar:

– Dá-me o carregador, CABRA de merda! De qualquer maneira, não tens rapaz nenhum que queira falar contigo! Toda a gente sabe que GOSTAVAS de ter sido violada, mas ninguém QUER violar-te!

O Janota não se lembra exatamente o que aconteceu depois disso. Lembra-se de Elisabeth a tentar desesperadamente puxar-lhe os braços por trás das costas, obrigá-lo a parar. O filho está suspenso, horrorizado, nas mãos enormes do pai, e o Janota empurra-o contra a parede uma e outra vez, aos gritos. A filha abre a porta, entorpecida pelo choque. Por fim, Elisabeth consegue derrubar o marido de cento e dez quilos para o chão, onde ele fica deitado, abraçado ao filho. Estão os dois a chorar, um de medo e o outro de vergonha.

– Não podes tornar-te um homem desses. Não permito... Amo-te, gosto tanto de ti, filho... tens de ser melhor do que eu... – repete o Janota, uma e outra vez, ao ouvido do filho, sem o largar.

Fatima, hesitante, engata a marcha-atrás no pequeno carro. Foi emprestado pelos pais de Bobo, que tiveram de insistir para que ela o aceitasse. Viu a cara esmurrada de Bobo, tal como a de Amat, mas não disse nada. Continua sem dizer nada. Passa por Hed, atravessa a floresta, conduz o filho até uma cidade que tem o tipo de loja que ele procura. Quando passam por uma loja de desporto, pergunta-lhe se precisa de «coisas para o hóquei». Ele diz que não com a cabeça, mas não lhe conta que é possível que nem sequer tenha uma equipa onde jogar quando chegar o outono. E que a mãe também pode estar desempregada nessa altura. Nenhum deles menciona ao outro o que poderiam fazer com cinco mil coroas. Ela espera em frente da loja enquanto ele entra. O empregado, com paciência, ajuda-o a escolher o melhor artigo para o preço que pode pagar, e por fim Amat sai da loja carregado, com cuidado porque ainda sente que a costela partida lhe vai perfurar o pulmão a cada passo que dá.

Voltam para Björnstad e viram um pouco antes de chegarem ao Covão, no meio das casas no centro da cidade. Fatima espera no carro enquanto Amat vai deixar a sua compra nos degraus.

Maya não está em casa. A guitarra estará à sua espera quando chegar. «Não podias comprar um instrumento melhor do que este por cinco mil coroas. Ela ainda vai adorá-la daqui a dez anos!», prometeu o empregado da loja.

O Janota entra no Urso Pardo. Para em frente ao balcão, de boné nas mãos, cabelo desgrenhado. Ramona apoia as mãos no balcão.

– Então?

O Janota pigarreia.

– Quantos patrocinadores é que o Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad tem neste momento?

Ramona tosse e finge contar pelos dedos.

– Parece-me que, no total, será um.

– Queres companhia? – pergunta ele, com o maxilar contraído.

Ramona lança-lhe um olhar cético. Depois, vira costas e vai atender outro cliente. Quando volta, enche dois copos, põe um em frente do Janota e esvazia o outro de um trago.

– És um homem de negócios, rapaz. Vai patrocinar o clube de Hed; será bom para o supermercado que tens lá.

– O Clube de Hóquei no Gelo de Hed não é o meu clube.

Ela franze o nariz.

– Não sei se tens dinheiro suficiente para salvar o teu clube.

Ele morde o lábio, fecha os olhos, volta a abri-los com um ar infeliz.

– Vou vender a loja de Hed. A Elisabeth está sempre a queixar-se de que trabalho de mais, de qualquer maneira.

– Farias isso por um clube de hóquei?

– Faria isso por um clube de hóquei melhor.

– Então, o que queres de mim? Não sei o que pensas que eu vendo aqui, mas podes ter a certeza de que não é ouro.

– Quero eleger-te para a direção.

– Estás bêbado, rapaz?

– Nesta altura, será preciso um homem forte para salvar o clube. E não há nenhum homem mais forte do que tu em Björnstad, Ramona.

Ela solta uma risada rouca.

– Sempre foste um bocado duro de ideias. Até parece que és guarda-redes.

– Obrigado – murmura o Janota, genuinamente sensibilizado.

Porque Holger foi guarda-redes. No Urso Pardo, isso é um elogio.

Ramona vai atender outro cliente. Quando volta, põe uma cerveja em frente do Janota e vai buscar um café para ela.

Ao ver o ar surpreendido do Janota, resmunga:

– Se vou fazer parte da direção, se calhar devia esforçar-me por estar sóbria. E tendo em conta o que me fartei de beber nos últimos quarenta anos, isso ainda é capaz de demorar uns dois meses.

Benji e o baixista estão deitados lado a lado, de costas, na sala de ensaios. Rodeados por instrumentos nas paredes, vigiados por música adormecida. Às vezes, é fácil aprender a tocar seja o que for; basta não tocar, e depois parar de fazer isso.

– Tenho de ir para casa em breve – diz o baixista.

Não se refere ao apartamento em Hed. Está a falar do seu lar. Benji não diz nada e o baixista gostava muito que ele dissesse alguma coisa.

– Podias... vir também... – ouve a sua boca convidar, mesmo contra vontade.

Não quer ouvir a resposta. De qualquer maneira, não obtém resposta alguma. Benji levanta-se e começa a vestir-se. O baixista senta-se, acende um cigarro, sorri com tristeza.

– Podias sair daqui, sabes. Há outras vidas, outros lugares.

Benji beija-lhe o cabelo.

– Não sou como tu.

Quando Benji sai para o último nevão do ano, e a porta se fecha devagar atrás de si, o baixista pensa que isso é bem verdade. Benji não é como ele, mas também não é como as pessoas que vivem por aquelas bandas. Benji não é como ninguém. E é impossível não amar alguém assim.

Quando a noite cai em Björnstad, Kevin corre sozinho pelo circuito de *jogging* iluminado. Uma volta, outra, outra. Até as dores nos seus músculos serem maiores do que tudo o resto que lhe dói. À volta, à volta, à volta. Até a adrenalina ser mais forte do que a insegurança, para que a raiva derrote a humilhação. Outra vez, outra vez, outra vez.

Ao princípio, pensa que é imaginação sua, que as sombras lhe estão a pregar partidas. Por um momento, passa-lhe pela cabeça que o cansaço o está a fazer alucinar. Abranda, ofegante. Limpa o suor do rosto com a manga. E só então vê a rapariga. E a caçadeira nas mãos dela. A morte nos seus olhos.

Já ouviu os caçadores descreverem como os animais se comportam quando temem pela vida. Só agora compreende o que

isso significa.

Ana acorda e olha em volta, murmura distraidamente e ensonada alguns segundos antes de saltar da cama e bater com a cabeça na mesa de cabeceira. Levanta as mantas, na esperança de encontrar Maya escondida debaixo delas, mas quando se apercebe do que aconteceu, o terror dilacera-a como as garras de um animal selvagem. Desce as escadas a correr, precipita-se para a cave, grita com os lábios apertados como se as veias da cabeça lhe estivessem a rebentar, uma a uma, quando abre o armário e vê o que falta.

Dentro do armário, está um bilhete. Redigido na letra de Maya.

«Feliz, Ana. Daqui a dez anos, vejo-me a ser feliz. E tu também.»

Daqui a dez anos, uma mulher de vinte e cinco, numa grande cidade muito longe de Björnstad, atravessará o parque de estacionamento de um centro comercial. Ao lado, há um belo ringue de gelo, mas ela nem sequer olhará para lá, porque não faz parte da sua vida. Antes de entrar no carro, olhará para o marido por cima do tejadilho. Ele guardará os sacos de compras no porta-bagagens e soltará uma gargalhada ao ver que ela está a observá-lo. Ele também não olhará para o ringue; não está interessado. A mulher apoiará o queixo no tejadilho do carro por um momento, ele fará o mesmo. Rir-se-ão e ela pensará que isto é tudo o que quer, tudo o que sempre desejou, e que ele é perfeito para ela. Está grávida. E feliz. Daqui a dez anos.

O trilho de *jogging* iluminado está silencioso, mas não deserto. Kevin só consegue ver uma silhueta à distância, e abranda sem parar. Quando Maya sai para a luz, ele não tem tempo para fugir. Quando vê a caçadeira, é tarde de mais. Ela para a três metros dele, levanta calmamente a caçadeira, com a respiração tranquila e relaxada. Os olhos não se desviam dele nem por um instante, não pestaneja, a sua voz é fria e implacável quando o manda ajoelhar-se.

Daqui a dez anos, numa grande cidade muito longe de Björnstad, um cartaz iluminado brilhará sobre um ringue, exibindo o nome de um artista. Nessa noite, em vez de um jogo de hóquei, há um concerto. Para a mulher no parque de estacionamento, tanto faz; ela entrará no carro e dará a mão ao marido por cima do banco. Não tem quaisquer ilusões de que o amor é simples; cometeu muitos erros e sofreu muito, e sabe que o mesmo é verdade em relação ao marido. Mas quando olha para ela, ele vê-a, vê dentro dela; e mesmo que não seja perfeito, é perfeito para ela.

Kevin ajoelha-se sobre a neve, a pele fria sob o vento, os braços a tremer, e baixa a cabeça para o chão. Maya encosta-lhe o cano da caçadeira à testa e murmura:

– Olha para mim. Quero ver os teus olhos quando te matar.

As lágrimas correm dos olhos dele. Tenta falar entre os soluços, mas não consegue. Ranho e saliva pingam-lhe do queixo. Quando o metal frio do cano se encosta à sua pele, ergue-se no ar um cheiro acre a amoníaco. A mancha nas calças de fato de treino cinzentas cobre-lhe as coxas. Perdeu o controlo da bexiga, com o terror.

Maya estava à espera de se sentir nervosa. Talvez até assustada. Mas não sente nada. O plano era simples: sabia que Kevin não conseguiria dormir nessa noite, e esperava que ele saísse para correr. E assim foi. Só teve de esperar algum tempo em frente à casa dele. Como cronometrara os circuitos da última vez, sabia exatamente quanto tempo ele demoraria a dar uma volta completa. Onde havia de se esconder. Quando sairia das sombras. A caçadeira leva dois cartuchos, mas ela sempre soube que precisaria apenas de um. A testa dele encostada ao cano. Depois desta noite, acabou-se tudo.

Esperava sentir-se hesitante. Mudar de ideias. Poupá-lo àquele momento, apesar de tudo. Mas não é o que acontece.

Quando puxa o gatilho com o indicador, ele tem os olhos fechados, mas os dela estão bem abertos.

Daqui a dez anos, um homem fará marcha atrás para sair do estacionamento. Ao olhar pela janela lateral do carro, ficará paralisado e gelado. Uma mulher de costas direitas, com um estojo de guitarra na mão, sairá de um outro carro. O instrumento foi-lhe oferecido por um amigo quando ela tinha quinze anos, e ainda se recusa a tocar outro. Ela verá o homem dentro do carro e parará, e por alguns segundos terríveis estarão de novo numa pequena cidade no meio de uma floresta distante. Dez anos antes. Quando o homem era um rapaz ajoelhado na neve, a implorar pela vida, e ela estava de pé em frente dele com uma caçadeira na mão, e puxou o gatilho.

Kevin cai por terra. Tem tempo para compreender que está a morrer. O seu cérebro está convencido de que explodiu numa chuva de sangue e ranho. O coração para de bater. Quando recomeça, bate com tanta força que lhe rebenta o peito. Está a gritar, lavado em lágrimas, com a histeria e o pânico descontrolados de um bebé.

Maya ainda está em frente dele. Baixa a caçadeira. Do bolso, tira o cartucho e atira-o para a neve. Agacha-se e obriga-o a fitá-la nos olhos quando diz:

– Agora, tu também vais ter medo do escuro, Kevin. Para o resto da vida.

Daqui a dez anos, o parque de estacionamento estará cheio de pessoas. A mulher de Kevin estará grávida. Maya encontrar-se-á a poucos metros do carro, com todas as possibilidades no mundo de acabar com a vida dele. Pode aproximar-se e desmascará-lo, humilhá-lo e aniquilá-lo em frente da pessoa que ele mais ama. Nesse momento, ela terá nas mãos todo o poder, mas deixá-lo-á partir. Não o desculpará, não lhe perdoará, mas poupá-lo-á. E ele sempre saberá disso.

E ela terá a certeza de que, dez anos depois, ele ainda dorme de luz acesa.

Quando arranca, trémulo e suado, a mulher perguntar-lhe-á quem era. E Kevin contar-lhe-á a verdade. Toda a verdade.

Daqui a dez anos, Maya caminhará em direção ao ringue. Os seguranças afastarão mãos excitadas e tentarão acalmar as vozes que chamam o nome dela, mas Maya parará e, pacientemente, assinará tudo o que lhe derem para assinar, tirará fotografias com todas as pessoas que lho pedirem. No cartaz, por cima do ringue, a palavra «Esgotado» pisca por baixo do nome da artista que vai atuar nessa noite.

O nome dela.

Ana corre pela noite, sem saber para onde vai. Os seus olhos procuram, em pânico, até que vê as luzes do trilho de *jogging* e ouve o grito. Quando chega à orla da floresta, assiste a tudo. Kevin e a sua melhor amiga. Ele está de joelhos, a chorar, histérico. Maya vira costas e deixa-o, enfia-se por entre as árvores, mas estaca de repente ao avistar Ana. As duas raparigas de quinze anos olham uma para a outra. Depois, abraçam-se, sem palavras, e voltam para casa.

Na manhã seguinte, Ana vai apanhar o cartucho caído no trilho de *jogging*. Volta a arrumá-lo com os outros no armário das munições do pai. Se alguém lhe perguntar onde esteve nessa noite, responderá: «Em casa.» Se alguém insistir e a questionar sobre o que a sua melhor amiga estava a fazer, ela retorquirá: «Desculpe, mas não vi esse incidente.»

A porta do ringue abre-se. Um rapaz de muletas entra. Peter, que percorre o corredor em frente aos balneários, em sentido contrário, para surpreendido.

– Benjamin...

Não sabe o que mais dizer depois disso. Nunca foi bom nesse tipo de coisas. Assim, tudo o que lhe sai é:

– Como está o pé?

Benjamin olha para além dele, para o ringue. Como todas as pessoas que amam aquele último centímetro em que o chão se transforma em gelo, sente o bater das asas mesmo de onde está. Olha para Peter e responde:

– Estará bom a tempo do primeiro jogo da equipa principal. Se o Sune achar que eu estou preparado.

Peter franze a testa. Pigarreia, atrapalhado.

– Benji... nem sequer vamos conseguir pagar ordenados à equipa principal. Céus, pode nem sequer haver clube no outono.

Benji apoia o peso no pé. No bom, desta vez, não no que está partido.

– Eu só quero jogar.

Peter ri-se.

– Está bem; mas, meu Deus, Benji, com o teu talento e a tua paixão, podias mesmo *ser* alguém. Estou a falar a sério. Podias estar a jogar ao nível de elite dentro de dois anos. O clube em Hed vai ter uma equipa fantástica, recursos financeiros, terás muito mais oportunidades de desenvolvimento lá.

Benji encolhe os ombros, com indiferença. A sua resposta é breve e perentória:

– Mas eu sou de Björnstad.

Nesse ano, quando as aulas de patinagem começam no rink, quatro adolescentes foram convidados para instrutores. Estão no círculo central, vestidos com as cores da equipa: verde, branco e castanho, como a floresta, o gelo e a terra. Este lugar construiu um clube igual a si próprio. Duro e inflexível, tanto no amor, como em tudo o resto.

Os rapazes olham para o urso pintado por baixo dos seus pés. Quando eram pequenos, tinham medo dele, e às vezes ainda têm. Amat, Zacharias, Bobo e Benjamin: dois acabam de fazer dezasseis anos, dois em breve terão dezoito. Daqui a dez anos, dois deles jogarão como profissionais. Um será pai. Outro estará morto.

O telefone de Benji toca. Ele não atende. Toca de novo, ele tira-o do bolso e olha para o número. Suspira, um suspiro profundo, e desliga-o. Numa paragem de autocarro, está um baixista com uma mala. Liga para o mesmo número, pela última vez. Depois, entra no autocarro e deixa a cidade. Nunca mais voltará, mas daqui a dez anos verá um dia o rosto de Benjamin na televisão e lembrar-se-á instantaneamente de tudo. Dedos e olhares. Copos no balcão de um bar, fumo numa floresta silenciosa. A sensação da neve na pele quando cai em março, e o rapaz de olhos tristes e coração selvagem que o ensinou a patinar.

Quando as crianças entram no gelo, desequilibradas, quando passam aquele último centímetro e perdem o controlo, os rapazes no círculo central riem-se e ajudam-nas a levantar-se. Tentam ensinar-lhes que há outras maneiras de parar sem ser ir de cabeça contra as tábuas.

Nenhum deles vê os primeiros movimentos da criança que é a última a entrar no gelo. Tem quatro anos. Uma menina escanzelada, de luvas demasiado grandes para ela, com nódoas negras que toda a gente vê, mas que ninguém questiona. O capacete cai-lhe para os olhos, mas a expressão no seu olhar é clara.

Adri e Sune vêm atrás dela, preparados para a ajudar, mas percebem que não é preciso. Os quatro rapazes no círculo central construirão uma nova equipa principal na temporada seguinte, mas isso não interessa, porque daqui a dez anos não serão os nomes deles que encherão de orgulho as pessoas de Björnstad.

E todos mentirão e dirão que estavam ali e que o viram acontecer. Os primeiros passos sobre o gelo da menina que será a jogadora mais talentosa que este clube alguma vez conheceu. Todos dirão que perceberam logo.

Porque, por estes lados, as pessoas reconhecem o urso.

As cerejeiras cheiram sempre a cerejeiras.

É o que acontece nas cidades de hóquei.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, quero agradecer a todas as pessoas que me ajudaram com as partes mais difíceis desta história, mas que por motivos vários pediram para não serem identificadas. A minha dívida é gigante.

Uma vénia especialmente sentida para todos os jogadores, treinadores, árbitros e pais do hóquei que me deixaram assistir a jogos e treinos e fazer perguntas esquisitas.

Quero enviar um agradecimento especial ao meu amigo e colega autor Niklas Natt och Dag, à minha editora Sofia Brattselius Thunfors, à editora Vanja Vinter e ao meu agente Tor Johansson. Além da minha família, vocês os quatro foram as pessoas mais importantes para a conclusão deste livro. Obrigado por estarem comigo até ao fim.

Quero também manifestar a minha imensa gratidão às seguintes pessoas – sem a vossa ajuda, este livro não seria mais do que uma ideia e uma resma de papel: Tobias Stark, historiador e investigador sobre hóquei no gelo do Instituto de Ciência Desportiva da Universidade de Linnaeus. Isabel Boltenstern e Jonathan Lindquist, fontes inesgotáveis de conhecimento e diversão, que foram críticos duros, mas justos, mesmo quando isso feria o ego frágil de um escritor. Erika Holst, John Lind, Johan Forsberg, Andreas Haara, Ulf Engman e Fredrik Glader, especialistas em hóquei que foram tão generosos com o seu tempo quando as minhas ideias eram assustadoramente vagas. Anders Dalenius, pelas conversas informativas sobre cães e armas. Sofia B. Karlsson, pelas conversas abrangentes e respostas sábias sobre desporto e vida. Robert Pettersson, por uma loonga e paciente troca de *e-mails*. Attila Terek, pelos conhecimentos especializados sobre Química. Isac e Rasmus da Monkeysports em Södertälje, por me deixarem vaguear pela loja um dia inteiro, e pela lição sobre equipamento de hóquei.

Lina «Lince» Eklund e Pancrase Gym, por me deixarem fazer visitas de esclarecimento e ouvir falar sobre o amor pelo desporto. Johan Zillén, por nunca ter vergonha de dar a sua opinião. E ainda: todos os especialistas jurídicos num grande leque de áreas que me ajudaram com pormenores e terminologia, bem como todas as outras pessoas que, de várias formas, leram e pensaram e deram sugestões quando vos enviei partes do manuscrito. São tantos que não consigo mencionar todos, mas espero que saibam que eu sei.

Obrigada também a Anna Svensson e Lina Kåberg Stene da Kult PR, pelo seu trabalho árduo e gargalhadas durante tardes de autógrafos caóticas, e a Karin Wahlén por tudo o resto: aventuras, ideias, debates acalorados e longos desvios em bons quiosques de cachorros-quentes. Nils Olsson, por todo o tempo e energia que dedicou a quatro capas fantásticas, que são a primeira impressão que um livro deixa em quem o vê. Eric Thunfors, que captou tanto do que eu queria dizer sobre o Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad quando desenhou o logótipo do urso. A Agência Salomonsson, por me deixar ver o mundo. Pelle Silveby, Bengt Karlsson e Christina Thulin, que mantiveram a papelada em ordem. Oskar Ollerup, pela *playlist* «mais alto-mais alto» (e por todas as outras ideias brilhantes que lhe devo ter roubado ao longo dos anos). Riad Haddouche, Junes Jaddid e Erik Edlund, por tudo o que me deram e tudo o que aturaram em quase vinte anos de amizade.

Por fim, quero agradecer a todos na minha editora sueca, Piratförlaget, por acreditarem na minha ideia. Sobretudo a Ann-Marie Skarp, que me ouviu e confiou em mim, a Anna Hirvi Sigurdsson, que inspecionou e examinou todas as partes do texto, e a Mattias Boström, que respondeu a *e-mails* a meio da noite quando eu estava de cabeça perdida em junho.

Mas, acima de tudo: aos meus filhos. Obrigado por esperarem enquanto eu escrevia isto. AGORA podemos ir jogar *Minecraft*.